

Do autor de O caçador de pipas
e O silêncio das montanhas

Edição
comemorativa do
10º
ANIVERSÁRIO
com prefácio
do autor exclusivo
para o Brasil

A cidade do sol



Khaled Hosseini

GLOBALLIVROS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Do autor de O caçador de pipas
e O silêncio das montanhas

Edição
comemorativa do
10º
ANIVERSÁRIO
com prefácio
do autor exclusivo
para o Brasil

A cidade do sol



Khaled Hosseini

GLOBAL LIVROS



Khaled Hosseini

A CIDADE DO SOL

Tradução: Claudio Carina

GLOBOLIVROS



ELENA SEIBERT

KHALED HOSSEINI é um dos romancistas mais lidos de todo o mundo, com mais de 40 milhões de exemplares vendidos. Nasceu em Cabul, filho de uma professora e um diplomata, e, por isso, mudou-se muitas vezes para outros países quando criança. Até que, em 1980, quando a família se preparava para retornar à vida na capital do Afeganistão, o país sofreu um golpe de Estado e Khaled foi mandado ao exílio nos Estados Unidos, onde vive até hoje.

Também autor dos best-sellers *O caçador de pipas* e *O silêncio das montanhas*, Khaled tem seus livros publicados em mais de setenta países. Foi nomeado Representante Voluntário do Alto Comissariado de Refugiados das Nações Unidas (unhcr), a agência de refugiados da onu, em 2006. Inspirado por uma viagem que fez ao Afeganistão com o órgão, criou a Fundação Khaled Hosseini, uma instituição sem fins lucrativos que oferece assistência humanitária aos afegãos.

www.khaledhosseini.com www.khaledhosseinifoundation.org

SUMÁRIO

[Pular sumário \[» » \]](#)

Dedicatória
[Prefácio à segunda edição brasileira](#)

PARTE UM

[Um](#)
[Dois](#)
[Três](#)
[Quatro](#)
[Cinco](#)
[Seis](#)
[Sete](#)
[Oito](#)
[Nove](#)
[Dez](#)
[Onze](#)
[Doze](#)
[Treze](#)
[Catorze](#)
[Quinze](#)

PARTE DOIS

[Dezesseis](#)
[Dezessete](#)
[Dezoito](#)
[Dezenove](#)
[Vinte](#)
[Vinte e um](#)
[Vinte e dois](#)
[Vinte e três](#)
[Vinte e quatro](#)
[Vinte e cinco](#)
[Vinte e seis](#)

PARTE TRÊS

[Vinte e sete](#)

Vinte e oito
Vinte e nove
Trinta
Trinta e um
Trinta e dois
Trinta e três
Trinta e quatro
Trinta e cinco
Trinta e seis
Trinta e sete
Trinta e oito
Trinta e nove
Quarenta
Quarenta e um
Quarenta e dois
Quarenta e três
Quarenta e quatro
Quarenta e cinco
Quarenta e seis
Quarenta e sete

PARTE QUATRO

Quarenta e oito
Quarenta e nove
Cinquenta
Cinquenta e um

Posfácio
Agradecimentos
Créditos

*Este livro é dedicado a Haris e Farah, as duas noor dos meus
olhos, e às mulheres do Afeganistão.*

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO BRASILEIRA

HISTÓRIAS COMEÇAM COM PEQUENAS IDEIAS. Por exemplo, o meu terceiro romance, *O silêncio das montanhas*, surgiu a partir de uma única imagem: um homem cruzando um deserto, puxando atrás dele uma carrocinha vermelha na qual havia uma menina. Esse instantâneo mental deu origem à história de Abdullah e Pari e aos acontecimentos em cadeia que impactaram a vida de tantos personagens. *O caçador de pipas* teve início com uma imagem de dois meninos em uma laje empinando pipas durante o inverno em Cabul. O restante da trama fluiu a partir dessa cena. Meus livros começam pequenos e vão tomando corpo como em uma avalanche.

A cidade do sol, por sua vez, teve uma trajetória completamente oposta, já que surgiu em minha cabeça a partir de uma ideia muito maior e mais genérica: a vida das mulheres no Afeganistão. Enquanto dava os toques finais em *O caçador de pipas*, um triângulo amoroso entre três personagens do sexo masculino, eu já tinha noção de que gostaria de centrar um segundo romance em uma história sobre as tragédias que há várias décadas assolam as mulheres afegãs. Era uma trama para a qual não havia espaço suficiente em *O caçador de pipas*, que possuía uma grande importância para mim como afegão e que me tocava profundamente como ser humano.

Eu já fazia uma boa ideia sobre o assunto a partir do que assistia nos noticiários e de relatos de meus compatriotas. As penúrias sofridas pelas afegãs, em particular nas últimas três turbulentas décadas e em especial durante as guerras entre milícias e o governo do Talibã, incluíam espancamentos, estupro, prostituição forçada, casamentos arranjados, sequestros e não se limitavam apenas a essas atrocidades. As mulheres eram utilizadas como espólio de guerra. Elas perderam seus direitos básicos, sua liberdade de ir e vir, o acesso à proteção legal e à educação. Elas foram banidas de prestar qualquer contribuição significativa à sociedade. Isso me chocou, pois cresci em uma Cabul completamente diferente. Nas décadas de 1960 e 1970, as mulheres da cidade tinham cargos públicos. Elas trabalhavam como advogadas e médicas. Davam aulas em universidades. Escreviam livros e eram estrelas de concertos. Assistir à queda dessas mulheres foi alarmante.

E então, na primavera de 2003, voltei a Cabul pela primeira vez em vinte e sete anos, após deixar a cidade como um garoto de onze anos e retornando como o pai de dois meninos. As transformações pelas quais a cidade passara chocaram os meus olhos. Muitos bairros haviam desaparecido. Tive a

impressão de que todas as paredes tinham marcas de tiros e diversas casas foram reduzidas a paredes sem um teto e pilhas de escombros. Os museus haviam sido vandalizados. Por todos os lados eu via poeira e armas.

Uma das cenas mais constantes que presenciei foi a das viúvas que pediam esmolas pelas ruas. Mulheres cobertas por burcas nas esquinas, cercadas por quatro, cinco, seis crianças vestidas com farrapos, implorando por qualquer trocado. Eu me perguntei como a vida poderia ter levado essas mulheres àquele ponto. Por trás do tecido pregueado de cada burca havia uma pessoa viva, um ser humano com suas complicações, seus medos, suas esperanças, seus desejos, suas decepções. E eu pensava comigo mesmo: o que ela teve de abandonar? Quem ela havia perdido? Onde ela estaria em cinco anos?

Quando comecei a escrever *A cidade do sol* mais tarde naquele ano, minha mente retornava o tempo todo até aquelas afegãs tão resilientes. Apesar de nenhuma das mulheres que conheci em Cabul ter inspirado Laila ou Mariam, a verdade é que todas elas foram minhas fontes de inspiração. Suas vozes, seus rostos, suas histórias de sobrevivência e sua busca pela dignidade em meio ao caos permaneceram comigo. Recorri muitas vezes às suas experiências coletivas ao longo do processo de escrita deste romance. Eu queria capturar algo que ia além das manchetes dos jornais, além da imagem icônica da mulher totalmente coberta por véus. A humanidade por trás de tudo isso era o que me conduzia até a minha escrivãzinha.

O décimo aniversário de *A cidade do sol* é uma boa ocasião para que eu reflita sobre onde mulheres como Laila e Mariam se posicionam na sociedade afegã de hoje. A questão é bastante heterogênea. A verdade é que mudanças culturais realmente transformadoras não acontecem da noite para o dia, em especial em um país pobre como o Afeganistão. O progresso é inegável, mas limitado apenas a regiões urbanas como Cabul. No interior do país, o casamento infantil e os abusos domésticos ainda são um problema. Mulheres como Mariam lutam por trabalho, educação, por uma legislação que as defenda e por tratamentos de saúde adequados. Em cidades como Cabul, entretanto, as mulheres participam da administração pública, assumindo cargos de governadoras de províncias, são membros do parlamento e fazem parte da polícia e do exército, assim como também trabalham em escolas e hospitais. As mulheres podem votar e se candidatar. Um grande número de meninas retornou às salas de aula. De algumas maneiras, sua situação não se compara com os dias draconianos do Talibã descritos nas páginas deste romance. Ainda assim, o sonho de Laila e Mariam por autonomia e uma individualidade propriamente dita permanecem como metas inatingíveis para muitas afegãs e ainda há muito trabalho a ser feito. Encontrei encorajamento e esperança na geração atual de jovens urbanos afegãos, tanto homens quanto mulheres, que estão conectados com o resto do mundo por meio da tecnologia como nenhuma outra geração antes dela e que são atraídos pelos modernos ideais

democráticos. A minha esperança é que eles continuem a trabalhar para tornar realidade seu objetivo de assegurar que as mulheres tenham espaço para contribuir na reconstrução de sua nação como cidadãos em pé de igualdade com os homens, livres do medo de retaliações ou de perseguição.

O décimo aniversário deste romance também coincide com um período em que muitas pessoas nos Estados Unidos, meu país adotivo, e em todo o resto do mundo têm se envolvido em debates controversos, desagregadores e muitas vezes virulentos a respeito dos refugiados. Personagens como Mariam, Laila, Tariq, Aziza e Zalmai, pessoas comuns que fogem da perseguição e do extremismo, são rotineiramente vilipendiadas e desvirtuadas. Espero que a leitura de *A cidade do sol* sirva como um lembrete de que não devemos confundir o agressor com a vítima. Que as experiências humanas essenciais unem a todos nós, independentemente de diferenças raciais, religiosas e culturais. Que há em todos os corações humanos uma ânsia por comunidade, por pertencimento, por um quinhão de paz, amor e dignidade. Que fechar os olhos ao que nos conecta só diminui nossa própria humanidade.

Ao longo desta última década tenho me impressionado com a paixão que este romance inspira em meus leitores brasileiros. Recebo regularmente cartas de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Salvador. Essas cartas geram em mim uma imensa satisfação. Vejo nessas cartas a habilidade única da ficção de nos conectar, independentemente de orarmos em uma igreja, em uma mesquita, em um templo ou mesmo em nenhum desses lugares. Gostaria de agradecer sinceramente a vocês, meus leitores brasileiros, pelos dez anos durante os quais vocês me honram com seu amor, apoio e encorajamento. Como costumamos a dizer no Afeganistão, *Tashakor!*

Paz,
Khaled Hosseini
Fevereiro, 2017

PARTE UM

UM

MARIAM TINHA CINCO ANOS quando ouviu a palavra *harami* pela primeira vez.

Aconteceu numa quinta-feira. Devia ser, pois Mariam se lembrava de estar inquieta e preocupada naquele dia, do jeito como só se sentia nas quintas-feiras, o dia em que Jalil a visitava na *kolba*. Para passar o tempo até a hora de se encontrar com ele, acenando ao atravessar a grama alta da clareira, Mariam tinha subido numa cadeira e derrubado o conjunto de chá chinês de sua mãe. O conjunto de chá era a única relíquia que a mãe de Mariam, Nana, tinha da própria mãe, que morrera quando Nana tinha dois anos. Nana adorava todas as peças azuis e brancas de porcelana, a curva graciosa da alça do bule, os tentilhões e crisântemos pintados à mão, o dragão no açucareiro para espantar o mal.

Foi essa última peça que escorregou dos dedos de Mariam, caiu nos tacos de madeira da *kolba* e estilhaçou.

Quando Nana viu o açucareiro, seu rosto ficou vermelho, o lábio superior tremeu, e os olhos, tanto o estrábico como o bom, fitaram Mariam de uma forma estável, sem piscar. Nana parecia tão furiosa que Mariam teve medo que o *jini* entrasse no corpo da mãe de novo. Mas o *jini* não apareceu, não dessa vez. Em vez disso, Nana agarrou Mariam pelos pulsos, puxou-a para perto e disse, por entre os dentes cerrados:

— Você é uma pequena *harami* desastrada. Essa é minha recompensa por tudo que aguentei. Uma pequena *harami* que quebra a herança da minha família.

Na época, Mariam não entendeu. Não sabia o significado da palavra *harami* — bastarda. Nem tinha idade para avaliar a injustiça, ver que os genitores desses *haramis* eram os culpados, não os *haramis*, cujo único pecado era terem nascido. Mariam suspeitava, pela maneira como Nana dizia a palavra, que era uma coisa feia e odiosa ser uma *harami*, como um inseto, como as baratas rastejantes que Nana estava sempre xingando e mantendo afastadas da *kolba*.

Mais tarde, já mais velha, Mariam conseguiu entender. Era o jeito que Nana pronunciava a palavra — mais cuspindo do que dizendo — que fazia Mariam sentir toda a maldade. Entendia então o que Nana estava dizendo, que uma *harami* era uma coisa não desejada; que ela, Mariam, era uma pessoa ilegítima que nunca teria um direito legítimo sobre as coisas que outras pessoas tinham, como amor, família, um lar e aceitação.

Jalil nunca chamou Mariam desse nome. Jalil dizia que ela era uma

florzinha. Gostava de sentá-la no colo e contar histórias, como da vez em que disse a ela que Herat, a cidade em que Mariam tinha nascido, em 1959, já fora considerada o berço da cultura persa, lar de escritores, pintores e sufistas.

— Não se podia esticar a perna sem chutar a bunda de um poeta — ele disse, dando risada.

Jalil contou a ela a história da rainha Gauhar Shad, que havia erguido os famosos minaretes como uma ode de amor a Herat no século xv. Descreveu os campos verdes de Herat, os pomares, as vinhas prenes de uvas graúdas, os bazares de tetos abobadados cheios de gente.

— Há uma árvore de pistache — disse Jalil um dia —, e debaixo dela, Mariam *jo*, está enterrado o grande poeta Jami. — Inclinou-se para sussurrar: — Jami viveu há mais de quinhentos anos. Mesmo. Eu levei você lá uma vez, até a árvore. Você era pequena. Não deve se lembrar.

Era verdade. Mariam não se lembrava. E apesar de ter morado os primeiros quinze anos de vida a uma distância de Herat que podia ser percorrida a pé, ela nunca veria a árvore daquela história. Não veria os famosos minaretes de perto, e nunca colheria frutas nos pomares de Herat ou caminharia por seus campos de trigo. Mas sempre que Jalil falava essas coisas, Mariam ouvia com encantamento. Admirava Jalil por seu vasto conhecimento do mundo. Vibrava de orgulho de ter um pai que sabia todas aquelas coisas.

— Que ricas mentiras! — dizia Nana quando Jalil ia embora. — Um homem rico contando ricas mentiras. Ele nunca levou você a árvore nenhuma. E não se deixe encantar por ele. Ele nos traiu, o seu querido pai. Nos expulsou. Nos expulsou de sua grande casa luxuosa como se não significássemos nada para ele. Teve prazer em fazer isso.

Mariam ouvia aquilo resignadamente. Nunca se atreveu a dizer a Nana como não gostava que ela falasse sobre Jalil daquele jeito. A verdade é que, perto de Jalil, Mariam não se sentia em nada como uma *harami*. Por uma ou duas horas, todas as quintas-feiras, quando Jalil vinha visitá-la, todo sorrisos, presentes e cortesias, Mariam se sentia merecedora de toda a beleza e das recompensas que o mundo tinha a dar. E, por isso, Mariam amava Jalil.

Mesmo que tivesse que dividi-lo com outras pessoas.

Jalil tinha três esposas e nove filhos, nove filhos legítimos, dos quais nenhum conhecia Mariam. Era um dos homens mais ricos de Herat. Era dono de um cinema, que Mariam nunca tinha visto, mas que por sua insistência Jalil havia descrito a ela, por isso sabia que a fachada era feita de tijolos de terracota azuis e beges, que tinha cadeiras numeradas no balcão e teto de treliça. As portas duplas de vaivém se abriam para um saguão coberto, com cartazes de filmes indianos em molduras de vidro. Nas terças-feiras, contou Jalil um dia, as crianças ganhavam sorvete de graça na lojinha do cinema.

Nana sorria com reservas quando ele dizia isso. Esperava até ele ir embora da *kolba* para dar uma risadinha e dizer:

— Os filhos de estranhos ganham sorvete. E o que você ganha, Mariam? Histórias de sorvetes.

Além do cinema, Jalil era proprietário de terras em Karokh e em Farah, de três lojas de tapetes, uma loja de roupas e um Buick Roadmaster preto 1956. Era um dos homens mais bem relacionados de Herat, amigo do prefeito e do governador da província. Tinha um cozinheiro, um motorista e três criadas.

Nana era uma das governantas. Até sua barriga começar a crescer.

Quando aquilo aconteceu, disse Nana, o sobressalto coletivo da família de Jalil sugou o ar de Herat. Seus parentes juraram que ia correr sangue. As esposas exigiram que ela fosse expulsa. O próprio pai de Nana, um humilde entalhador de pedras de uma aldeia próxima, Gul Daman, a rejeitou. Caído em desgraça, ele fez as malas, tomou um ônibus para o Irã e nunca mais foi visto nem deu notícias.

— Às vezes — disse Nana cedo numa manhã, enquanto alimentava as galinhas perto da *kolba* —, eu queria que meu pai tivesse tido tutano para amolar uma de suas facas e fazer a coisa certa. Teria sido melhor para mim. — Jogou outro punhado de sementes na cesta, fez uma pausa e olhou para Mariam. — E melhor para você também, talvez. Teria poupado a tristeza de você ser o que é. Mas ele foi um covarde, o meu pai. Não teve o *dil*, o coração, para isso.

Jalil tampouco teve *dil* para fazer a coisa certa, dizia Nana. Para enfrentar a família, as esposas e os parentes, e assumir a responsabilidade pelo que havia feito. Preferiu acertar um rápido acordo a portas fechadas para livrar a cara. No dia seguinte, fez com que ela pegasse suas coisas nos aposentos dos criados, onde ela vivia, e a mandou embora.

— Sabe o que ele disse às esposas para se defender? Que eu me joguei para cima dele. Que foi culpa minha. *Didi*? Está vendo? É nisso que dá ser mulher neste mundo.

Nana pôs a cesta de grãos para as galinhas no chão. Ergueu o queixo de Mariam com um dedo.

— Olhe para mim, Mariam.

Relutante, Mariam olhou.

Nana falou:

— Aprenda isso agora e aprenda bem, minha filha: assim como a agulha de uma bússola aponta para o norte, o dedo acusador dos homens sempre encontra uma mulher. Sempre. Lembre-se disso, Mariam.

Dois

— PARA JALIL E SUAS ESPOSAS, eu era um matinho. Uma tiririca. Você também. E nem tinha nascido ainda.

— O que é uma tiririca? — perguntou Mariam.

— Uma erva daninha — respondeu Nana. — Uma coisa que você arranca e joga fora.

Mariam fez uma careta interna. Jalil não a tratava como uma erva daninha. Nunca tinha tratado. Mas Mariam achou melhor suprimir esse protesto.

— Eu não sou como as ervas, sabe, eu precisava ser replantada, alimentada e regada. Por sua causa. Esse foi o acordo que Jalil fez com a família.

Nana disse que tinha se recusado a morar em Herat.

— Para quê? Pra ficar vendo ele passear de carro o dia inteiro com as esposas *kinchini* dele pela cidade?

Disse que também não iria morar na casa vazia do pai dela, na aldeia de Gul Daman, que ficava numa colina íngreme dois quilômetros ao norte de Herat. Disse que queria morar em algum lugar mais distante, afastado, onde os vizinhos não ficassem olhando para a barriga dela, apontando, dando risadinhas ou, pior ainda, agredindo-a com uma falsa bondade.

— E, acredite em mim — continuou Nana —, foi um alívio para o seu pai ficar longe de mim. Foi perfeito para ele.

Foi Muhsin, o filho mais velho de Jalil com sua primeira mulher, Khadija, que sugeriu a clareira. Ficava nos arredores de Gul Daman. Para chegar lá, pegava-se uma estrada de terra íngreme e esburacada que saía da estrada principal entre Herat e Gul Daman. A estrada era ladeada por um mato alto até os joelhos e tufo de flores brancas e amarelas. Ela subia sinuosa a montanha e chegava a um terreno plano onde plantações de álamos e de algodão se estendiam, e arbustos silvestres cresciam em aglomerados. De lá, podia-se ver as pontas das pás enferrujadas do moinho de Gul Daman à esquerda, e, à direita, toda a amplidão de Herat. A estrada terminava perpendicular a um riacho amplo, cheio de truta, que descia das montanhas de Safid-koh que cercavam Gul Daman. Duzentos metros riacho acima, em direção às montanhas, havia um bosque circular de salgueiros-chorões. No centro, sob a sombra dos salgueiros, estendia-se a clareira.

Jalil foi até lá para dar uma olhada. Quando voltou, contou Nana, ele parecia um carcereiro se gabando das paredes limpas e do assoalho encerado

de sua prisão.

— E foi assim que seu pai construiu esta ratoeira para nós.

Nana quase tinha se casado uma vez, quando tinha quinze anos. O pretendente era um rapaz de Shindand, um jovem vendedor de periquitos. Mariam ouviu a história da própria Nana e, embora a mãe rechaçasse o episódio, Mariam podia dizer, por seu olhar radiante, que ela tinha sido feliz. Talvez a única vez em sua vida, durante aqueles dias precedentes ao casamento, Nana tivesse sido genuinamente feliz.

Enquanto Nana contava a história, Mariam sentou no seu colo e visualizou a mãe se preparando para um vestido de casamento. Imaginou-a num cavalo, sorrindo timidamente atrás de um véu matrimonial verde, as palmas vermelhas pintadas de hena, o cabelo repartido com purpurina, as tranças fixadas por seiva de árvore. Imaginou músicos tocando flautas *shahnai* e batucando tambores *dohol*, crianças na rua gritando e correndo atrás.

Então, uma semana antes do dia do casamento, um *jini* entrou no corpo de Nana. Mariam não precisava de uma descrição disso. Já tinha testemunhado o processo muitas vezes com os próprios olhos: Nana desmaiando de repente, os braços e as pernas estremecendo como se alguma coisa a estivesse sufocando por dentro, a espuma nos cantos da boca, branca, às vezes rosada de sangue. Depois o entorpecimento, a assustadora desorientação, os murmúrios incoerentes.

Quando a notícia chegou a Shindand, a família do vendedor de periquitos cancelou o casamento.

— Eles ficaram assustados — era como Nana definia.

O vestido de casamento foi guardado. Depois disso, não surgiram outros pretendentes.

Na clareira, Jalil e dois de seus filhos, Farhad e Muhsin, construíram a pequena *kolba* onde Mariam passaria os primeiros quinze anos de sua vida. Foi construída com tijolos secos ao sol e revestida com barro e punhados de palha. Tinha duas camas, uma mesa de madeira, duas cadeiras de espaldar reto, uma janela e prateleiras pregadas nas paredes, onde Nana guardava painéis de cerâmica e seu adorado conjunto de chá chinês. Jalil instalou uma estufa nova de ferro batido para o inverno e armazenou lenha cortada atrás da *kolba*. Acrescentou um *tandoor* no lado de fora para fazer pão e um galinheiro cercado. Trouxe alguns carneiros, construiu uma manjedoura. Mandou Farhad e Muhsin cavarem um buraco fundo a cem metros do círculo de salgueiros e construírem uma casinha em cima.

Jalil poderia ter contratado operários para construir a *kolba*, disse Nana, mas não fez isso.

— É a ideia de penitência dele.

Segundo o relato de Nana, ninguém veio para ajudar no dia em que ela deu à luz Mariam. Aconteceu num dia úmido e encoberto na primavera de 1959, no vigésimo sexto ano do quase tedioso reinado de quarenta anos do rei Zahir Shah. Ela contou que Jalil não se preocupou em chamar um médico, nem uma parteira, apesar de saber que o *jini* poderia entrar no corpo dela e fazer com que sofresse um acesso durante o parto. Ficou sozinha no piso da *kolba*, uma faca ao lado, o corpo encharcado de suor.

— Quando a dor aumentava, eu mordida um travesseiro e gritava até ficar rouca. Mesmo assim ninguém vinha enxugar o meu rosto ou me dar um gole de água. E você, Mariam *jo*, não teve pressa. Você me fez ficar naquele chão duro e frio por quase dois dias. Eu não comi nem dormi, só fazia força e rezava para você sair.

— Desculpe, Nana.

— Eu mesma cortei o cordão umbilical. Por isso eu estava com a faca.

— Desculpe.

A essa altura Nana sempre abria um sorriso lento e pesado, expressando uma recriminação persistente ou um perdão relutante, Mariam nunca sabia dizer. Não ocorria à jovem Mariam refletir sobre a injustiça de se desculpar daquela maneira pelo próprio nascimento.

Quando aquele pensamento lhe ocorreu, mais ou menos quando completou dez anos, Mariam não acreditava mais naquela história do seu nascimento. Acreditava na versão de Jalil, que estava fora, mas tinha arranjado para Nana ser levada a um hospital de Herat, onde foi atendida por um médico. Estava acomodada numa cama limpa e apropriada em um quarto bem iluminado. Jalil balançou a cabeça com tristeza quando Mariam contou a história da faca.

Mariam também começou a duvidar de que havia feito a mãe sofrer durante dois dias inteiros.

— Eles me disseram que tudo terminou em menos de uma hora — disse Jalil. — Você foi uma boa filha, Mariam *jo*. Já era uma boa filha quando nasceu.

— Ele nem estava aqui! — esbravejou Nana. — Estava em Takht-e-Safar, cavalgando com seus preciosos amigos.

Quando foi informado de que tinha uma nova filha, contou Nana, Jalil deu de ombros, continuou afagando a crina de seu cavalo e ficou em Takht-e-Safar por mais duas semanas.

— A verdade é que ele só foi segurar você no colo quando já estava com um mês. E então só olhou para você uma vez, comentou sobre o seu rosto comprido e a devolveu para mim.

Mariam também veio a desacreditar dessa parte da história. Sim, admitiu Jalil, ele estava andando a cavalo em Takht-e-Safar, mas não vacilou quando soube da notícia. Montou na sela e cavalgou até Herat. Embalou-a nos braços, passou o polegar sobre suas sobrancelhas flocosas e cantou uma canção de ninar. Mariam não conseguia imaginar Jalil dizendo que o rosto

dela era comprido, apesar de ser mesmo.

Nana disse que ela é que tinha escolhido o nome Mariam por ser o nome de sua mãe. Jalil disse que escolheu o nome porque Mariam era o nome de uma linda flor tuberosa.

— É a sua favorita? — perguntou Mariam.

— Bem, uma das favoritas — ele respondeu sorrindo.

TRÊS

UMA DAS PRIMEIRAS LEMBRANÇAS DE MARIAM era o rangido das rodas de ferro de um carrinho de mão rolando nas pedras. O carrinho de mão vinha uma vez por mês, cheio de arroz, farinha, chá, açúcar, óleo de cozinha, sabão, pasta de dentes. Era empurrado por dois meios-irmãos de Mariam, geralmente Muhsin e Ramin, às vezes Ramin e Farhad. Passando pelo caminho de terra, por cima de pedras e pedregulhos, desviando de arbustos e buracos, os garotos se revezavam para empurrar o carrinho até chegarem ao riacho. Lá, o carrinho de mão tinha de ser esvaziado e os artigos carregados à mão até a outra margem. Depois os garotos transportavam o carrinho de mão pela água e o carregavam de novo. Mais duzentos metros de força se seguiam, dessa vez pelo capim alto e denso e ao redor de amontoados de arbustos. Sapos saíam do caminho. Os irmãos espantavam mosquitos dos rostos suados.

— Ele tem empregados — dizia Mariam. — Poderia mandar um empregado.

— É a ideia de penitência dele — dizia Nana.

O som do carrinho de mão atraía Mariam e Nana para fora da casa. Mariam sempre se lembraria da aparência de Nana no Dia dos Mantimentos: uma mulher alta, angulosa e descalça encostada na porta, o olho estrábico apertado, os braços cruzados de um jeito zombeteiro e desafiador. O cabelo curto e iluminado pelo sol, sempre descoberto e despenteado. Usava uma camisa cinzenta que não lhe caía bem, abotoada até a garganta. Os bolsos eram cheios de pedras do tamanho de nozes.

Os meninos sentavam perto do riacho e esperavam que Mariam e Nana transportassem os mantimentos para a *kolba*. Sabiam que não deveriam ficar a menos de trinta passos de distância, mesmo que a pontaria de Nana fosse ruim e a maioria das pedras não atingisse seus alvos. Nana gritava com os garotos enquanto levava as sacas de arroz para dentro, xingava de nomes que Mariam não entendia. Amaldiçoava suas mães, fazia expressões de ódio para eles. Os garotos nunca retribuíam os insultos.

Mariam sentia pena dos meninos. Como seus braços e pernas deveriam se cansar, pensava com dó, de empurrar todo aquele peso. Gostaria de poder oferecer água para eles. Mas não dizia nada, e se fizessem algum aceno, ela não respondia. Uma vez, para agradar Nana, Mariam chegou a gritar com Muhsin, dizendo que a boca dele parecia o traseiro de um lagarto — e depois foi consumida pela culpa, pela vergonha e pelo medo de que contassem a

Jalil. Nana, porém, ria tanto, os dentes apodrecidos totalmente expostos, que Mariam chegou a achar que ela poderia sofrer um de seus ataques. Depois olhou para Mariam e disse:

— Você é uma boa filha.

Quando o carrinho de mão ficava vazio, os garotos se aproximavam e o levavam embora. Mariam esperava para vê-los desaparecer no capim alto e entre as flores.

— Você vem?

— Sim, Nana.

— Eles caçoam de você. Caçoam mesmo. Eu escuto.

— Já estou indo.

— Não acredita em mim?

— Já estou aqui.

— Você sabe que eu te amo, Mariam *jo*.

De manhã, as duas acordavam com o balido distante dos carneiros e com o apito alto da flauta dos pastores de Gul Daman levando seus rebanhos para pastar na encosta da colina. Mariam e Nana ordenhavam as cabras, alimentavam as galinhas e recolhiam os ovos. Faziam pão juntas. Nana mostrou a ela como sovar a massa, como acender o *tandoor* e achatar a massa nas paredes internas. Nana também a ensinou a costurar, a cozinhar arroz com todos os diferentes acompanhamentos: guisado de *shalqam* com nabo, *sabzi* de espinafre, couve-flor com gengibre.

Nana não fazia segredo da sua aversão a visitantes — e, aliás, às pessoas em geral —, mas abria exceções a uns poucos selecionados. Assim, lá estava o líder de Gul Daman, o *arbab* da aldeia, Habib Khan, um homem de barba e cabeça pequena com um barrigão que vinha mais ou menos uma vez por mês, seguido por um serviçal que trazia uma galinha, às vezes um pote de arroz *kichiri* ou um cesto de ovos pintados para Mariam.

Havia também uma velha gorda que Nana chamava de Bibi *jo*, cujo finado marido era um entalhador de pedra e amigo do pai de Nana. Bibi *jo* vinha invariavelmente seguida por uma de suas seis damas de companhia e um ou dois netos. Mancava e bufava no caminho para a clareira e fazia um espalhafato esfregando o quadril para se abaixar, com um suspiro de dor, e sentar na cadeira que Nana puxava para ela. Bibi *jo* sempre trazia alguma coisa para Mariam, uma caixa de doce de *dishlemeh*, um cesto de marmelos. Para Nana, primeiro ela trazia reclamações sobre sua saúde frágil, depois fofocas de Herat e Gul Daman, transmitidas com detalhes e prazer, enquanto sua nora ficava escutando em respeitoso silêncio atrás dela.

Mas a visita favorita de Mariam, depois de Jalil, é claro, era o mulá Faizullah, o ancião professor de Corão da aldeia, seu *akhund*. Ele vinha de Gul Daman uma ou duas vezes por semana para ensinar a Mariam as cinco orações *namaz* diárias e orientá-la nas récitas do Corão, como havia ensinado Nana ainda menina. Foi o mulá Faizullah que ensinou Mariam a ler, que

ficava espiando com paciência por cima do ombro dela enquanto seus lábios formavam as palavras sem som, o indicador pairando sobre as palavras, apertando até a unha ficar branca, como se pudesse espremer o significado dos símbolos. Foi o mulá Faizullah quem tinha segurado a mão dela, guiando o lápis pela curva ascendente de cada *alef*, a curva de cada *beh*, os três pontinhos de cada *seh*.

Era um velho magro e curvado com um sorriso banguela e uma barba branca que descia até o umbigo. Em geral vinha até a *kolba* sozinho, embora algumas vezes viesse com seu filho Hamza, de cabelos ruivos, alguns anos mais velho que Mariam. Quando ele aparecia na *kolba*, Mariam beijava a mão do mulá Faizullah — que era o mesmo que beijar um feixe de gravetos cobertos por uma camada de pele — e ele beijava sua testa antes de entrarem para a lição do dia. Depois, os dois sentavam fora da *kolba*, comendo pinhões e bebericando chá verde, observando os rouxinóis voando de árvore em árvore. Às vezes saíam caminhando entre as folhas caídas avermelhadas e os amieiros, margeando o regato em direção às montanhas. O mulá Faizullah dedilhava as contas de seu rosário *tasbeh* enquanto passeavam e, em sua voz trêmula, contava a Mariam histórias de todas as coisas que tinha visto na juventude, como a cobra de duas cabeças que encontrou no Irã, a ponte de Trinta e Três Arcos de Isfahan ou a melancia que tinha aberto certa vez na porta da Mesquita Azul em Mazar, encontrando sementes que formavam as palavras *Allah* numa metade e *Akbar* na outra.

Mulá Faizullah admitiu a Mariam que, às vezes, não entendia o significado das palavras do Corão. Mas disse que gostava dos sons mágicos que as palavras em árabe faziam ao rolar pela língua. Disse que aquilo o confortava, acalmava seu coração.

— Elas vão confortar você também, Mariam *jo* — falou. — Você pode lembrá-las em seus momentos de necessidade, e elas não vão falhar. As palavras de Deus nunca a trairão, minha menina.

Mulá Faizullah também ouvia histórias, não só as contava. Quando Mariam falava, a atenção dele nunca se desviava. Aquiescia lentamente e sorria com uma expressão de beatitude, como se estivesse recebendo um privilégio. Era fácil contar ao mulá Faizullah coisas que Mariam não se atrevia a contar para Nana.

Um dia, enquanto caminhavam, Mariam disse a ele que gostaria de poder ir à escola.

— Quero dizer, uma escola de verdade, *akhund* sahib. Uma sala de aula. Como os outros filhos do meu pai.

Mulá Faizullah parou de andar.

Na semana anterior, Bibi *jo* tinha trazido a notícia de que as filhas de Jalil, Saideh e Naheed, iriam para a Escola Mehri para meninas em Herat. Desde então, imagens de salas de aula e de professoras agitavam-se na cabeça de Mariam, imagens de cadernos com folhas pautadas, colunas de números e canetas que faziam marcas escuras e pesadas. Imaginava-se numa

sala de aula com outras meninas de sua idade. Mariam ansiava por ajustar uma régua numa página e traçar linhas que parecessem importantes.

— É isso o que você quer? — perguntou mulá Faizullah, olhando para ela com seus olhos mansos e aguados, as mãos atrás das costas curvadas, a sombra do turbante caindo num canteiro de ranúnculos ericados.

— Sim.

— E você quer que eu peça permissão para sua mãe.

Mariam sorriu. Com exceção de Jalil, ela achava que ninguém mais no mundo a entendia tão bem quanto seu velho tutor.

— Então, o que posso fazer? Deus, em Sua sabedoria, conferiu fraquezas a cada um de nós, e entre as minhas a principal é não ter forças para recusar um pedido seu, Mariam *jo* — ele respondeu, tocando o rosto dela com um dedo artrítico.

Porém, mais tarde, quando ele abordou Nana, ela largou a faca com que descascava cebolas.

— Para quê?

— Se a garota quer aprender, deixe, minha querida. Deixe a garota receber uma educação.

— Aprender? Aprender o quê, mulá sahib? — perguntou Nana com rispidez. — O que há para aprender? — Lançou um olhar em direção a Mariam.

Mariam olhou para as próprias mãos.

— Qual é o sentido de educar uma menina como você? É como arear uma escarradeira. E você não vai aprender nada de valor nessas escolas. Só existe uma habilidade, uma só, que mulheres como você e eu precisamos na vida, e eles não ensinam isso na escola. Olhe para mim.

— Você não devia falar assim com ela, minha filha — observou mulá Faizullah.

— Olhe para mim.

Mariam olhou.

— Só uma habilidade. E é esta: *tahamul*. Aguentar.

— Aguentar o quê, Nana?

— Ah, nem se preocupe com isso — respondeu Nana. — Não vão faltar motivos.

Começou a descrever como as esposas de Jalil a chamavam de filha de um pedreiro feia e sem classe. Como a faziam lavar roupa fora de casa no frio até seu rosto adormecer e os dedos queimarem.

— É o nosso destino na vida, Mariam. De mulheres como nós. Nós aguentamos. É só o que temos. Você entende? Além disso, eles vão rir de você na escola. Vão rir. Vão chamar você de *harami*. Vão dizer coisas terríveis a seu respeito. Eu não vou permitir.

Mariam aquiesceu.

— E chega de falar em escola. Você é tudo que eu tenho. Não vou perder você para eles. Olhe pra mim. Chega de falar em escola.

— Seja razoável. Vamos. Se a garota quer... — começou a falar mulá Faizullah.

— E o senhor, *akhund* sahib, com todo o respeito, deveria saber que não deve encorajar essas ideias malucas dela. Se realmente quer o bem de Mariam, faça com que ela entenda que precisa ficar em casa com a mãe. Não há nada para ela lá fora. Nada além de rejeição e mágoas. Eu sei, *akhund* sahib. Eu sei.

QUATRO

MARIAM ADORAVA RECEBER VISITAS na *kolba*. O *arbab* da aldeia e seus presentes, Bibi *jo* com suas dores nos quadris, as fofocas intermináveis e, claro, o mulá Faizullah. Mas não havia ninguém, ninguém que Mariam mais ansiava por encontrar do que Jalil.

A ansiedade começava nas noites de terça-feira. Mariam dormia mal, temendo que alguma complicação nos negócios pudesse impedir Jalil de vir na quinta-feira, que teria de esperar mais uma semana inteira para vê-lo. Nas quartas, ela ficava andando lá fora, ao redor da *kolba*, jogando farelos no galinheiro distraidamente. Saía andando sem rumo, catando pétalas de flores e batendo nos mosquitos que picavam seus braços. Finalmente, nas quintas-feiras ela só conseguia ficar encostada num muro, os olhos grudados no regato, esperando. Se Jalil comesse a atrasar, um medo terrível a envolvia pouco a pouco. Os joelhos enfraqueciam, ela precisava ir sentar em algum lugar.

Então Nana anunciava:

— E lá está ele, seu pai. Em toda a sua glória.

Mariam levantaria correndo ao avistá-lo, saltando pelas pedras, atravessando o riacho, toda sorrisos e coração aberto. Mariam sabia que Nana observava a cena, mensurando suas reações, e era preciso se esforçar para ficar na porta, esperando, assistindo à lenta aproximação dele, sem correr em sua direção. Ela se continha, olhando pacientemente o pai andando pelo mato alto, o paletó jogado no ombro, a brisa levantando a gravata vermelha.

Quando entrava na clareira, Jalil jogava o paletó no *tandoor* e abria os braços. Mariam andava um pouco e finalmente corria em sua direção. Ele a pegava nos braços e a jogava para cima. Mariam dava gritinhos.

Suspensa no ar, Mariam via o rosto de Jalil lá embaixo virado para cima, o sorriso largo e brincalhão, o bico de viúva, a cova do queixo — um bolso perfeito para a ponta do dedinho dela —, os dentes, uma brancura numa cidade cheia de molares apodrecendo. Gostava do bigode aparado e gostava de ele estar sempre de terno em suas visitas, fosse qual fosse o clima — marrom-escuro, sua cor predileta, com o triângulo branco de um lenço no bolso do peito —, e abotoaduras também, e gravata, em geral vermelha, que ele deixava aberta no colarinho. Mariam também podia se ver, refletida nos olhos castanhos de Jalil: o cabelo ondulado, o rosto ardente de entusiasmo, o céu atrás dela.

Nana dizia que um dia ele cometeria um deslize, que Mariam escorregaria pelos dedos dele, cairia no chão e quebraria um osso. Mas Mariam não acreditava que Jalil a derrubaria. Acreditava que sempre pousaria em segurança nas mãos limpas e bem manicuradas do pai.

Os dois sentavam fora da *kolba*, na sombra, e Nana servia chá. Jalil e ela se cumprimentavam com uma anuência e um sorriso nervoso. Jalil nunca comentava os xingamentos e as pedras atiradas por Nana.

Apesar das reclamações quando ele não estava presente, Nana era submissa e educada quando Jalil as visitava. O cabelo estava sempre lavado. Escovava os dentes, usava o seu melhor *hijab*. Sentava-se em silêncio numa cadeira em frente dele, mãos dobradas no colo. Não olhava diretamente para ele e nunca usava palavras rudes em sua presença. Quando ria, cobria a boca com o punho para esconder o dente estragado.

Nana perguntou sobre os negócios. E sobre as esposas também. Quando disse que tinha ouvido falar, através de Bibi *jo*, que sua esposa mais nova, Nargis, estava esperando o terceiro filho, Jalil sorriu com delicadeza e anuiu.

— Puxa. Você deve estar feliz — observou Nana. — Quantos você tem agora? Dez, não é, *mashallah*? Dez?

Jalil disse que sim, dez.

— Onze, se você contar Mariam, é claro.

Depois, quando Jalil tá tinha ido embora, Mariam e Nana tiveram uma pequena briga a respeito. Mariam disse que foi um golpe baixo falar sobre aquilo.

Depois do chá com Nana, Mariam e Jalil sempre iam pescar no riacho. Ele mostrava como jogar a linha, como recolher a truta. Ensinava a maneira certa de eviscerar a truta, limpar, arrancar a carne do espinho num só movimento. Desenhava figuras para ela enquanto esperavam uma fígada, mostrava como desenhar um elefante numa linha só sem erguer o lápis do papel. Ensinava versos. Os dois cantavam juntos:

*Lili lili passarinho,
Sentada perto de um ninho,
Peixinho subiu na beira e bebeu,
Escorregou, e pela água desceu.*

Jalil trazia recortes do jornal de Herat, o *Ittifaq-i Islam*, e lia para ela. Era um vínculo para Mariam, a prova de que existia um mundo maior, além da *kolba*, além de Gul Daman e também de Herat, um mundo de presidentes com nomes impronunciáveis, de trens, museus e futebol, foguetes que orbitavam a Terra e pousavam na Lua, e, todas as quintas-feiras, Jalil trazia um pedaço desse mundo junto com ele para a *kolba*.

Foi ele quem contou, no verão de 1973, quando Mariam tinha catorze anos, que o rei Zahir Shah, que tinha governado de Cabul por quarenta anos, fora deposto num golpe branco.

— O primo dele, Daoud Khan, fez isso enquanto o rei estava em

tratamento médico na Itália. Você se lembra de Daoud Khan, certo? Eu já falei sobre ele. Era primeiro-ministro em Cabul quando você nasceu. Enfim, o Afeganistão não é mais uma monarquia, Mariam. Você entende, agora é uma república, e Daoud Khan é o presidente. Correm boatos de que os socialistas de Cabul o ajudaram a subir ao poder. Não que ele próprio seja socialista, veja bem, mas eles o ajudaram. Pelo menos é o que dizem os boatos.

Mariam perguntou o que era um socialista e Jalil começou a explicar, mas Mariam mal o ouvia.

— Está prestando atenção?

— Estou.

Percebeu que ela estava olhando para o volume no bolso lateral do paletó.

— Ah. Claro. Bem. Certo, então. Sem mais delongas...

Pegou uma caixinha do bolso e deu a ela. Ele fazia isso de vez em quando, trazer presentinhos. Um bracelete de cornalina, uma gargantilha de lápis-lazúli. Naquele dia, Mariam abriu a caixa e encontrou um pingente em forma de folha, com moedinhas penduradas com luas e estrelas gravadas.

— Experimente, Mariam *jo*.

Ela experimentou.

— O que você acha?

Jalil abriu um sorriso.

— Acho que você parece uma rainha.

Quando ele saiu, Nana viu o pingente no pescoço de Mariam.

— Bijuteria de nômades — falou. — Eu já vi como fazem isso. Eles derretem moedas que as pessoas jogam para eles e fazem joias. Vamos ver se ele traz ouro da próxima vez, o seu precioso pai. Vamos ver.

Quando chegava a hora de Jalil ir embora, Mariam sempre ficava na porta observando enquanto ele saía da clareira, desanimada diante da perspectiva de uma semana imensa, como um objeto imóvel, entre ela e a próxima visita. Mariam sempre prendia a respiração quando o via indo embora. Ela prendia a respiração e, em silêncio, contava os segundos. Fazia de conta que, para cada segundo sem respirar, Deus proveria a ela mais um dia com Jalil.

À noite, Mariam ficava na cama pensando em como seria a casa dele em Herat. Imaginava como seria morar com ele, ver o pai todos os dias. Imaginava a si mesma entregando uma toalha para ele se barbear, observando quando ele se cortava. Prepararia chá para ele. Pregaria os botões que caíssem. Os dois fariam passeios por Herat juntos, iriam ao bazar abobadado onde Jalil disse que se podia encontrar qualquer coisa que se desejasse. Andariam no carro dele, e as pessoas apontariam e diriam: “Vejam só, Jalil e a filha”. Ele mostraria para ela a famosa árvore sob a qual um poeta estava enterrado.

Qualquer dia, em breve, Mariam resolveu, ela contaria essas coisas para Jalil. E quando ele ouvisse, quando percebesse o quanto ela sentia sua falta

quando ia embora, com certeza a levaria com ele. Levaria Mariam para Herat, para morar na casa dele, com seus outros filhos.

CINCO

— JÁ SEI O QUE EU QUERO — disse Mariam a Jalil.

Era primavera de 1974, o ano em que Mariam completou quinze anos. Os três estavam do lado de fora da *kolba*, na sombra projetada pelos salgueiros, sentados em cadeiras de armar dispostas num triângulo.

— No meu aniversário... já sei o que eu quero.

— Sabe? — perguntou Jalil, com um sorriso encorajador.

Duas semanas antes, sob a insistência de Mariam, Jalil tinha falado de um filme americano que estava passando no cinema de que era dono. Era um filme especial, que ele chamava de desenho animado. O filme todo era uma série de desenhos, explicou, milhares de desenhos, de forma que quando se transformava numa película e era projetado na tela, a gente tinha a ilusão de que os desenhos se moviam. Jalil disse que o filme contava a história de um velho fabricante de brinquedos sem filhos, que era sozinho e desejava desesperadamente um filho. Então ele esculpe um boneco, um garoto, que ganha vida magicamente. Mariam pediu para ele contar mais, e Jalil disse que o velho e seu boneco viviam muitas aventuras, que havia um lugar chamado Ilha dos Prazeres e que garotos malvados viravam jumentos. No final, eles chegam a ser engolidos por uma baleia, o boneco e o pai. Mariam contou tudo sobre o filme ao mulá Faizullah.

— Eu quero que você me leve ao cinema — falou Mariam. — Quero ver o desenho animado. Quero ver o garoto boneco.

Com isso, Mariam sentiu uma mudança na atmosfera. O pai e a mãe se agitaram nas cadeiras. Mariam sentiu que se entreolharam.

— Não é uma boa ideia — observou Nana. Sua voz era calma, tinha a entonação educada e controlada que usava perto de Jalil, mas Mariam pôde perceber seu olhar duro e acusador.

Jalil se mexeu na cadeira. Tossiu, limpou a garganta.

— Sabe de uma coisa — começou a dizer —, a qualidade da imagem não é tão boa. Nem o som. E o projetor andou dando defeito ultimamente. Talvez sua mãe tenha razão. Talvez seja melhor pensar em outro presente, Mariam jo.

— *Aneh* — disse Nana. — Está vendo? Seu pai concorda comigo.

Porém, mais tarde, no riacho, Mariam falou:

— Me leva.

— Vamos fazer uma coisa — disse Jalil. — Eu mando alguém vir buscar

você. Arranjo um bom lugar no cinema e todos os doces que você quiser.

— *Nay*. Eu quero ir com *você*.

— Mariam *jo*...

— E quero que convide meus irmãos e minhas irmãs também. Quero conhecer eles. Quero ir junto com todos. É isso que eu quero.

Jalil suspirou. Estava olhando ao longe, para além das montanhas.

Mariam lembrou que ele tinha dito que na tela um rosto humano ficava grande como uma casa, que quando um carro colidia, a gente sentia o metal retorcendo os seus ossos. Imaginou-se sentada nos lugares especiais do balcão, chupando sorvete, junto com Jalil e os irmãos.

— É isso que eu quero — insistiu.

Jalil olhou para ela com uma expressão de desalento.

— Amanhã. Ao meio-dia. Encontro você neste mesmo lugar. Tudo bem? Amanhã?

— Vem cá — disse Jalil. Agachou-se, puxou-a para si e ficaram abraçados muito, muito tempo.

No começo, Nana ficou andando de um lado para o outro na *kolba*, abrindo e fechando os punhos.

— De todas as filhas que eu poderia ter, por que Deus me deu uma ingrata como você? Tudo que aguentei por você! Como se atreve? Como se atreve a me abandonar desse jeito, sua *harami* traçoeira!

Depois caçoou.

— Que garota imbecil você é! Acha que é importante para ele, que ele quer você na casa dele? Você acha que é uma filha para ele? Que ele vai receber você? Deixa eu dizer uma coisa. O coração dos homens é uma coisa desprezível, desprezível, Mariam. Não é como o útero de uma mãe. Não sangra, não aumenta para dar lugar para você. Eu sou a única que te ama. Eu sou tudo o que você tem neste mundo, Mariam, e quando eu for embora você não vai ter nada. Não vai ter nada. Você não é nada!

Depois tentou a culpa.

— Eu vou morrer se você for. O *jini* vai aparecer, eu vou ter um dos meus acessos. Você vai ver, vou engolir a língua e morrer. Não vá embora, Mariam *jo*. Por favor, fique. Eu vou morrer se você for.

Mariam não dizia nada.

— Você sabe que eu te amo, Mariam *jo*.

Mariam disse que ia dar uma volta.

Tinha medo de dizer coisas dolorosas se ficasse: que sabia que o *jini* era uma mentira, que Jalil havia contado que o problema de Nana era uma doença que tinha um nome e que poderia melhorar com comprimidos. Poderia perguntar por que Nana se recusava a consultar os médicos de Jalil, que ele havia insistido para ela consultar, por que não tomava os comprimidos que ele trazia para ela. Se conseguisse articular, poderia ter dito a Nana que estava cansada de ser um instrumento, de ouvir mentiras, de ser

cobrada, de ser usada. Que estava cansada de Nana distorcer as verdades da vida das duas e virar Mariam, outra de suas mazelas, contra o mundo.

Você está com medo, Nana, ela poderia ter dito. Você está com medo de que eu possa encontrar a felicidade que você nunca teve. E você não quer que eu seja feliz. Não quer que eu tenha uma vida boa. É você quem tem o coração desprezível.

* * *

Havia um promontório onde Mariam gostava de ir, no limite da clareira. Era onde estava agora, na grama seca e morna. Herat era visível de lá, espalhada embaixo como o tabuleiro de um jogo infantil: o Jardim das Mulheres ao norte da cidade, o bazar de Char-suq e as ruínas da antiga cidadela de Alexandre, o Grande, no sul. Conseguia divisar os minaretes à distância, como pés de gigantes empoeirados, e as ruas que imaginava estarem repletas de gente, carroças e mulas. Via andorinhas voando em círculos acima. Tinha inveja daqueles pássaros. Eles conheciam Herat. Tinham voado pelas mesquitas, pelos bazares. Talvez pousassem no muro da casa de Jalil, nos degraus da entrada do seu cinema.

Mariam reuniu dez pedregulhos e organizou-os verticalmente, em três colunas. Era um jogo que jogava sozinha às vezes, quando Nana não estava vendo. Dispôs quatro pedregulhos na primeira coluna, para os filhos de Khadija, três para os de Afsoon e três na terceira coluna para os filhos de Nargis. Depois acrescentou uma quarta coluna. Um décimo primeiro pedregulho solitário.

Na manhã seguinte, Mariam usou um vestido creme que ia até os joelhos, calças de algodão e um *hijab* verde sobre o cabelo. Afligiou-se um pouco com o *hijab*, por ser verde e não combinar com o vestido, mas teria de ser esse mesmo — o branco estava furado por traças.

Olhou para o relógio. Era um antigo relógio com corda manual, números pretos sobre um mostrador verde-hortelã, um presente do mulá Faizullah. Eram nove horas. Ponderou onde estaria Nana. Pensou em sair para procurar por ela, mas teve medo do confronto, os olhares de repreensão. Nana a acusaria de traição. Caçoaria de suas ambições equivocadas.

Mariam sentou. Tentou fazer o tempo passar desenhando um elefante com um só traço, do jeito que Jalil tinha mostrado várias vezes. Sentiu-se rígida de tanto ficar sentada, mas não deitou de medo de amassar o vestido.

Quando finalmente os ponteiros marcaram onze e meia, Mariam embolsou os onze pedregulhos e saiu. A caminho do riacho, viu Nana sentada numa cadeira, na sombra, debaixo da copa arredondada de um salgueiro-chorão. Mariam não soube dizer se Nana a viu ou não.

No riacho, Mariam esperou no local onde tinha combinado no dia

anterior. No céu, pairavam algumas nuvens cinzentas em forma de couve-flor. Jalil tinha ensinado que as nuvens cinzentas tinham essa cor por serem muito densas, que a parte superior absorvia a luz do sol e projetava a sombra na base. *É isso que você vê, Mariam* jo, explicou, *o escuro do ventre delas.*

Algun tempo se passou.

Mariam voltou à *kolba*. Dessa vez, contornou pelos limites da clareira voltada para o oeste, para não ter de passar por Nana. Consultou o relógio. Era quase uma hora.

Ele é um homem de negócios, pensou Mariam. *Deve ter acontecido alguma coisa.*

Voltou para o riacho e esperou um pouco mais. Melros circulavam acima, mergulhando mais à frente no capim. Ficou olhando uma lagarta subir lentamente por um broto de cardo.

Esperou até as pernas enrijecerem. Dessa vez, ela não voltou para a *kolba*. Arregaçou as pernas da calça até os joelhos, atravessou o regato e, pela primeira vez em sua vida, desceu a colina em direção a Herat.

Nana estava errada quanto a Herat também. Ninguém apontou para ela. Ninguém riu. Mariam passou por avenidas barulhentas cheias de gente e ladeadas por ciprestes, em meio a um fluxo regular de pedestres, ciclistas e *garis* puxados por mulas, e ninguém atirou uma pedra nela. Ninguém a chamou de *harami*. Quase ninguém olhou para ela. Inesperadamente, maravilhosamente, ela era uma pessoa comum ali.

Por um tempo, Mariam ficou perto de um lago oval no centro de um grande parque onde caminhos de cascalho se cruzavam. Admirada, passou os dedos pelos lindos cavalos de mármore na beira do lago e olhou para a água com olhos opacos. Viu um grupo de garotos conduzindo barquinhos de papel. Mariam via flores em toda parte, tulipas, lírios, petúnias, as pétalas agitando-se ao sol. Pessoas andavam pelos caminhos, sentavam-se em bancos e tomavam chá.

Mariam mal podia acreditar que estava ali. O coração pulsava de entusiasmo. Gostaria que o mulá Faizullah a visse agora. Como ele iria considerá-la corajosa. Quanta bravura! Entregou-se à nova vida que a esperava nessa cidade, uma vida com um pai, com irmãos e irmãs, uma vida em que poderia amar e ser amada, sem reservas ou agenda, sem vergonha.

Animada, ela voltou para a grande avenida perto do parque. Passou por velhos vendedores com rostos enrugados sentados à sombra de álamos, olhando-a impassíveis atrás de pirâmides de cerejas e montanhas de uvas. Garotos descalços perseguiram carros e ônibus, agitando sacos de marmelos. Mariam parou numa esquina e ficou olhando os passantes, incapaz de entender como eles podiam ser tão indiferentes diante daquelas maravilhas ao redor.

Um tempo depois, criou coragem para perguntar ao proprietário mais velho de um *gari* puxado a cavalo se ele sabia onde morava Jalil, o dono do

cinema. O velho tinha bochechas redondas e usava um *chapan* com as cores do arco-íris.

— Você não mora em Herat, não é? — perguntou amistosamente. — Todo mundo sabe onde Jalil Khan mora.

— O senhor pode me indicar?

Ele abriu uma bala de caramelo embrulhada em papel-alumínio e disse:

— Você está sozinha?

— Estou.

— Suba. Eu levo você até lá.

— Mas eu não posso pagar. Não tenho dinheiro.

O velho deu uma bala a ela. Disse que não fazia uma corrida havia duas horas e estava mesmo pensando em ir para casa. A casa de Jalil ficava no caminho.

Mariam subiu no *gari*. Seguiram em silêncio, lado a lado. No caminho, Mariam viu lojas de ervas e cubículos de frente para a rua, onde os passantes compravam laranjas e peras, livros, xales, até falcões. Crianças jogavam bola de gude em círculos desenhados na terra. Fora das casas de chá, em plataformas de madeira atapetadas, homens tomavam chá e fumavam tabaco em narguilés.

O velho virou numa rua larga, ladeada por coníferas. Parou o cavalo no meio do trajeto.

— Ali. Parece que você está com sorte, *dokhtar jo*. Aquele é o carro dele.

Mariam desceu. Ele deu um sorriso e continuou.

* * *

Mariam nunca tinha tocado num carro. Passou os dedos pelo capô do automóvel de Jalil, que era preto, brilhante, com rodas metálicas onde Mariam via uma versão achatada e alargada de si mesma. Os bancos eram de couro branco. Atrás do volante, ela viu painéis de vidro redondos com agulhas nos mostradores.

Por um momento, Mariam ouviu a voz de Nana em sua cabeça, caçoando, empanando o brilho profundo de suas esperanças. Com as pernas tremendo, Mariam aproximou-se da porta da frente da casa. Pôs as mãos no muro. Eram muros altos, imponentes. Teve de esticar o pescoço para ver as copas dos ciprestes despontando do outro lado. As folhas balançavam na brisa, e ela imaginou que poderiam estar dando as boas-vindas. Mariam apurou-se diante das ondas de desânimo que a assolavam.

Uma jovem descalça abriu a porta. Tinha uma tatuagem debaixo do lábio inferior.

— Gostaria de falar com Jalil Khan. Meu nome é Mariam. Eu sou filha dele.

Uma expressão de confusão passou pelo rosto da garota. Depois, um lampejo de reconhecimento. Houve um sorriso débil nos seus lábios e um ar

de ansiedade, de antecipação.

— Espere aqui — disse a garota rapidamente.

Fechou a porta.

Alguns minutos se passaram. Depois um homem abriu a porta. Era alto e forte, com olhos sonolentos e um rosto tranquilo.

— Eu sou o chofer de Jalil Khan — falou, com certa delicadeza.

— O quê dele?

— O motorista. Jalil Khan não está em casa.

— Eu estou vendo o carro dele — falou Mariam.

— Ele está fora cuidado de um negócio urgente.

— Quando ele vai voltar?

— Ele não informou.

Mariam disse que iria esperar.

O homem fechou o portão. Mariam sentou-se e encostou os joelhos no peito. Já começava a anoitecer e ela estava com fome. Comeu a bala dada pelo velho do *gari*. Pouco depois, o motorista apareceu outra vez.

— Você precisa ir para casa agora — falou. — Vai escurecer em menos de uma hora.

— Eu estou acostumada com o escuro.

— Vai fazer frio também. Por que não me deixa levar você de carro até sua casa? Eu digo a ele que você esteve aqui.

Mariam só olhou para ele.

— Então eu levo você até um hotel. Você pode dormir lá com todo o conforto. Vamos ver o que podemos fazer amanhã de manhã.

— Quero entrar na casa.

— Fui instruído a não permitir isso. Olha, ninguém sabe quando ele vai voltar. Pode demorar dias.

Mariam cruzou os braços.

O motorista soltou um suspiro e olhou para ela com um ar de delicada censura.

Nos anos que se seguiram, Mariam teria muitas ocasiões para pensar sobre como as coisas poderiam ter se dado se tivesse deixado o motorista levá-la de volta à *kolba*. Mas ela não voltou. Passou a noite na porta da casa de Jalil. Viu o céu escurecer, a escuridão engolfar as fachadas das casas vizinhas. A garota tatuada trouxe um pouco de pão e um prato de arroz, que Mariam disse que não queria. A garota deixou o prato perto de Mariam. De vez em quando, ela ouvia passos na rua, portas se abrindo, cumprimentos abafados. Luzes elétricas se acenderam e janelas se iluminaram. Cães latiram. Quando não conseguiu mais resistir à fome, Mariam comeu o prato de arroz e o pão. Depois ficou ouvindo os grilos cantando nos jardins. Acima, nuvens passavam por uma lua pálida.

De manhã, Mariam foi acordada com um pequeno empurrão. Viu que durante a noite alguém a tinha coberto com uma manta.

Era o motorista balançando-a pelo ombro.

— Agora já chega. Você já deu o seu espetáculo. *Bas*. Está na hora de ir embora.

Mariam sentou-se e esfregou os olhos. As costas e o pescoço doíam.

— Eu vou ficar esperando por ele.

— Olhe para mim — disse o motorista. — Jalil Khan disse que eu preciso levar você para casa agora. Neste instante. Você entende? Jalil Khan disse isso.

Abriu a porta traseira do automóvel.

— *Bia*. Entre — disse com suavidade.

— Eu quero falar com ele — disse Mariam. Os olhos começaram a lacrimejar.

O motorista suspirou.

— Preciso levar você para casa. Vamos, *dokhtar jo*.

Mariam levantou e andou na direção dele. Porém, na última hora, mudou de direção e correu para o portão da frente. Sentiu os dedos do motorista tentarem agarrar seu ombro. Conseguiu se desvencilhar e passou pelos portões.

Nos poucos segundos em que esteve no jardim de Jalil, os olhos de Mariam registraram uma estrutura de vidro brilhante com plantas dentro, vinhas subindo por treliças de madeira, um lago de peixes construído com blocos de pedra cinza, árvores frutíferas e arbustos com flores coloridas em toda parte. Seu olhar passou por todas essas coisas antes de encontrar um rosto, do outro lado do jardim, numa janela no segundo andar. O rosto ficou lá só por um instante, um vislumbre, mas foi o suficiente. O suficiente para Mariam ver os olhos arregalarem, a boca se abrir. E logo saiu de cena. Apareceu uma mão e puxou um cordão com aflição. As cortinas se fecharam.

Em seguida duas mãos se enfiaram em suas axilas e ela foi erguida do chão. Mariam começou a chutar. Os pedregulhos caíram do bolso dela. Mariam continuou chutando e gritando enquanto foi levada até o carro e enfiada no banco de couro traseiro.

O motorista falava num tom baixo e consolador enquanto dirigia. Mariam não o ouvia. Durante todo o percurso, chorou enquanto se revirava no banco traseiro. Eram lágrimas de tristeza, de raiva, de decepção. Mas principalmente lágrimas de uma vergonha muito, muito profunda, de como tinha sido tola em se abrir para Jalil, o quanto tinha pensado sobre qual vestido usar, sobre o *hijab* descombinado, de andar até lá, se recusar a ir embora, dormir na rua como um cão abandonado. E sentia vergonha da maneira como tinha descartado os olhares de advertência da mãe, os olhos inchados. Nana, que a havia alertado, que estava certa o tempo todo.

Mariam continuou pensando no rosto dele na janela do segundo andar. Ele a deixou dormir na rua. *Na rua*. Mariam chorava estirada no banco. Não se sentou, não queria ser vista. Imaginou que todos em Herat sabiam que tinha sido desgraçada naquela manhã. Queria que o mulá Faizullah estivesse

ali para poder descansar a cabeça em seu colo e ser consolada.

Depois de algum tempo, a estrada ficou esburacada e o ruído do carro aumentou. Estavam subindo a colina entre Herat e Gul Daman.

O que ela diria a Nana, ponderava Mariam. Como poderia se desculpar? Como conseguiria encarar Nana agora?

O automóvel parou e o motorista a ajudou a descer.

— Eu acompanho você — falou.

Deixou que ele a ajudasse a atravessar a estrada e percorrer a trilha. Madressilvas cresciam no caminho e copos-de-leite também. Abelhas zumbiam sobre o emaranhado de flores silvestres. O motorista pegou na mão dela e a ajudou a atravessar o riacho. Depois a soltou e começou a falar sobre os famosos ventos de cento e vinte dias de Herat que logo começariam a soprar, do meio da manhã até o crepúsculo, e como as moscas da areia ficavam famintas, e de repente ele se postou na sua frente, tentando cobrir seus olhos, empurrando-a pelo caminho de volta e dizendo:

— Volte! Não. Não olhe. Vire para trás. Volte!

Mas ele não foi suficientemente rápido. Mariam viu. Uma lufada de vento soprou e abriu os galhos pendentes do salgueiro-chorão como uma cortina, e Mariam viu de relance o que estava atrás da árvore: a cadeira de encosto reto tombada. A corda pendurada num galho alto. Nana suspensa na ponta.

SEIS

NANA FOI ENTERRADA NUM CANTO DO CEMITÉRIO de Gul Daman. Mariam ficou ao lado de Bibi jo, com as mulheres, enquanto o mulá Faizullah recitava preces no túmulo e os homens desciam o corpo amortalhado de Nana na terra.

Depois, Jalil levou Mariam até a *kolba*, onde, diante dos aldeões que os acompanhavam, fez uma grande demonstração de como estava cuidando de Mariam. Recolheu as poucas coisas dela, guardou numa valise. Sentou ao lado da cama onde ela estava deitada, abanando seu rosto. Acariciou sua testa e, com uma expressão desolada no rosto, perguntou se ela precisava de alguma coisa? *Qualquer coisa?* — disse assim, duas vezes.

— Eu quero o mulá Faizullah — disse Mariam.

— É claro. Ele está lá fora. Eu vou chamar.

Só quando a figura esguia e encurvada do mulá Faizullah apareceu na porta da *kolba*, Mariam chorou pela primeira vez naquele dia.

— Ah, Mariam jo.

O mulá sentou ao seu lado e tomou seu rosto entre as mãos em concha.

— Pode chorar, Mariam jo. Vamos. Não se envergonhe por isso. Mas lembre-se, minha menina, do que o Corão diz: “Abençoado seja Ele em Cujas mãos está o reino, Ele que tem o poder sobre todas as coisas, que criou a morte e a vida e que pode pôr todos à prova”. O Corão diz a verdade, minha menina. Atrás de cada sentença e de cada tristeza que Ele nos faz suportar, Deus tem uma razão.

Mas Mariam não conseguiu se consolar com as palavras de Deus. Não naquele dia. Não naquele momento. Só conseguia ouvir Nana dizendo *Eu vou morrer se você for embora. Eu simplesmente vou morrer*. Só conseguia chorar e chorar e deixar as lágrimas molharem a pele fina como papel das mãos do mulá Faizullah.

No caminho para sua casa, Jalil foi no banco de trás do automóvel com Mariam, o braço sobre os seus ombros.

— Você pode ficar comigo, Mariam jo — falou. — Já pedi para preparem um quarto para você. É no andar de cima. Você vai gostar, acho. Tem vista para o jardim.

Pela primeira vez, Mariam conseguiu ouvi-lo com os ouvidos de Nana. Agora podia distinguir claramente a insinceridade que sempre se escondeu por trás, as garantias falsas e ocas. Não conseguia olhar para ele.

Quando o carro parou na frente da casa de Jalil, o motorista abriu a porta para eles e levou a mala de Mariam. Jalil a conduziu, as mãos pousadas nos ombros dela, pelos mesmos portões diante dos quais ela tinha dormido na calçada dois dias antes, esperando por ele. Dois dias antes — quando Mariam não conseguia pensar em nada que desejasse mais no mundo do que caminhar naquele jardim com Jalil. Parecia outra vida. Como a vida dela podia ter virado de cabeça para baixo em tão pouco tempo?, Mariam se perguntou. Manteve os olhos no chão, nos próprios pés, pisando no caminho de cascalho cinza. Sentiu a presença de pessoas no jardim, murmurando, saindo de lado enquanto ela e Jalil passavam. Sentiu o peso dos olhares sobre ela, pairando das janelas do andar de cima.

Dentro da casa, Mariam também manteve os olhos baixos. Andou pelo tapete castanho com uma estampa padronada azul e amarela, viu com os cantos dos olhos as bases de mármore das estátuas, as metades inferiores dos vasos, as franjas das tapeçarias ricamente coloridas penduradas nas paredes. A escada que ela e Jalil subiram era larga e forrada com um tapete parecido, pregado na base de cada degrau. No alto da escada, Jalil a levou para a esquerda, por outro longo corredor atapetado. Parou diante de uma das portas, abriu-a e a deixou entrar.

— Às vezes suas irmãs Niloufar e Atieh brincam aqui — disse Jalil —, mas em geral só o usamos como quarto de hóspedes. Você vai ficar confortável aqui, acho. É bonito, não é?

O quarto tinha uma cama com uma manta tecida com flores verdes, em forma de colmeia. As cortinas, abertas para mostrar o jardim abaixo, combinavam com a manta. Além da cama, havia uma cômoda de três gavetas com um vaso de flores em cima. Prateleiras nas paredes, com fotografias emolduradas de pessoas que Mariam não reconhecia. Em uma das prateleiras, Mariam viu uma coleção de bonecas de madeira idênticas, arranjadas numa fila em ordem de tamanho decrescente.

Jalil percebeu que ela estava olhando.

— São bonecas *matrioska*. Eu comprei em Moscou. Pode brincar com elas, se quiser. Ninguém vai achar ruim.

Mariam sentou-se na cama.

— Você quer alguma coisa? — perguntou Jalil.

Mariam deitou. Fechou os olhos. Depois de algum tempo, ouviu-o fechar a porta bem devagar.

A não ser quando precisava usar o banheiro no fim do corredor, Mariam não saía do quarto. A garota com a tatuagem, a que tinha aberto o portão para ela, trazia as refeições numa bandeja: *kebab* de carneiro, *sabzi*, sopa de *aush*. Não comia quase nada. Jalil vinha diversas vezes por dia, sentava na cama ao seu lado, perguntava se estava bem.

— Você pode comer lá embaixo com todos nós — falou, mas sem muita convicção. Concordou depressa demais quando Mariam disse que preferia

comer sozinha.

Da janela, Mariam observava impassível o que tinha imaginado e desejado ver a maior parte de sua vida: as idas e vindas da vida cotidiana de Jalil. Serviçais entravam e saíam pelos portões da frente. Um jardineiro estava sempre aparando os arbustos, regando as plantas na estufa. Automóveis de capôs lustrosos chegavam da rua. Deles saíam homens de terno, com *chapans* e gorros de astracã, mulheres de *hijabs*, crianças com os cabelos bem penteados. E quando Mariam via Jalil apertar a mão daqueles estranhos, quando o via cruzar as mãos no peito e se inclinar para as mulheres, sabia que Nana tinha dito a verdade. Ela não pertencia àquele lugar.

Mas qual é o meu lugar? O que eu vou fazer agora?

Eu sou tudo o que você tem neste mundo, Mariam, e quando eu for embora você não vai ter nada. Você não vai ter nada. Você não é nada!

Assim como o vento que passava pelos salgueiros ao redor da *kolba*, lufadas de uma escuridão inexpressável atravessavam Mariam.

Ao completar dois dias na casa de Jalil, uma garotinha veio até o quarto.

— Eu preciso pegar uma coisa — falou.

Mariam sentou na cama e cruzou as pernas, cobrindo o colo com a manta.

A garota correu pelo quarto e abriu a porta do armário. Pegou uma caixa cinzenta quadrada.

— Sabe o que é isso? — perguntou. Abriu a caixa. — Chama-se gramofone. *Gramo. Fone*. É pra tocar discos. Você sabe, música. Um gramofone.

— Você é Niloufar. Tem oito anos.

A garotinha sorriu. Tinha o sorriso de Jalil e sua covinha no queixo.

— Como você sabe?

Mariam deu de ombros. Não queria dizer à garota que já tinha dado o nome dela a um pedregulho.

— Você quer ouvir uma música?

Mariam deu de ombros mais uma vez.

Niloufar ligou o gramofone na tomada. Pegou um disquinho de um compartimento debaixo da tampa. Pôs o disco, abaixou a agulha. A música começou a tocar.

Vou usar uma pétala de flor como papel,

E escrever uma carta de amor,

Você é o sultão do meu coração,

O sultão do meu coração.

— Você conhece?

— Não.

— É de um filme iraniano. Eu assisti no cinema do meu pai. Ei, quer ver uma coisa?

Antes de Mariam conseguir responder, Niloufar encostou a testa e as palmas das mãos no chão. Esticou as pernas e ficou de ponta-cabeça, apoiada na cabeça, numa postura sobre três pontos.

— Você consegue fazer isso? — perguntou depressa.

— Não.

Niloufar baixou as pernas e arrumou a blusa.

— Eu posso te ensinar — disse, afastando o cabelo da testa ruborizada.

— Então, quanto tempo você vai ficar aqui?

— Não sei.

— Minha mãe diz que você não é minha irmã como diz ser.

— Eu nunca disse que era — mentiu Mariam.

— Ela falou que você disse. Eu não me importo. Quero dizer, não me importo se você disse ou se é minha irmã. Eu não me importo.

Mariam deitou.

— Eu estou um pouco cansada.

— Minha mãe diz que foi um *jini* que fez sua mãe se enforcar.

— Agora você já pode parar com isso — disse Mariam, virando para o lado dela. — Quero dizer, com a música.

Bibi *jo* veio visitá-la naquele dia também. Estava chovendo quando ela chegou. Acomodou seu corpo pesado na cadeira ao lado da cama, com uma careta.

— Essa chuva, Mariam *jo*, é mortal para os meus quadris. Simplesmente mortal, vou dizer. Espero que... Ah, vem cá, querida. Vem cá com a Bibi *jo*. Não chore. Pronto, pronto. Coitadinha. *Tsc*. Coitadinha de você.

Naquela noite, Mariam demorou muito a dormir. Ficou na cama olhando para o céu, ouvindo os passos lá embaixo, as vozes abafadas pelas paredes e as rajadas de chuva castigando as janelas. Quando conseguiu cochilar, foi acordada por gritos. Vozes no andar de baixo, estridentes e raivosas. Mariam não conseguiu discernir as palavras. Alguém bateu uma porta.

Na manhã seguinte, o mulá Faizullah veio visitá-la. Quando viu seu amigo na porta, a barba branca e o sorriso banguela e amigável, Mariam sentiu lágrimas queimarem os olhos mais uma vez. Lançou os pés para fora da cama e correu até ele. Beijou sua mão e, como sempre, ele beijou a testa dela. Puxou uma cadeira para ele.

O mulá mostrou o Corão que tinha trazido e abriu numa página.

— Achei que não fazia sentido quebrar a nossa rotina, não é?

— Você não precisa mais me dar lições, mulá sahib. Você já me ensinou todos os *surrah* e *ayats* do Corão anos atrás.

Ele sorriu, erguendo as mãos num gesto de rendição.

— Então eu confesso. Fui descoberto. Mas poderia pensar numa desculpa pior para visitar você.

— Você não precisa de desculpa nenhuma. Você, não.

— Muita bondade sua dizer isso, Mariam *jo*.

Entregou o Corão para ela. Como ele a tinha ensinado, ela o beijou três

vezes — encostando-o na ponta do nariz entre cada beijo — e o devolveu.

— Como você está, minha menina?

— Eu continuo... — começou Mariam. Teve que parar, sentindo como se uma pedra tivesse se alojado em sua garganta. — Continuo pensando no que ela disse para mim no dia em que fui embora. Ela...

— *Nay, nay, nay*. — Mulá Faizullah encostou a mão no joelho dela. — Sua mãe, que Alá a perdoe, era uma mulher perturbada e infeliz, Mariam *jo*. Fez uma coisa terrível consigo mesma. Para si mesma, para você e também para Alá. Ele vai perdoá-la, pois é todo perdão, mas Alá ficou triste com o que ela fez. Ele não aprova que se tire uma vida, seja de outro ou de si mesmo, pois Ele diz que a vida é sagrada. Sabe... — Puxou a cadeira para mais perto, tomou a mão de Mariam nas suas. — Sabe, eu conheci sua mãe antes de você nascer, quando era uma garotinha, e posso dizer que ela já era infeliz. A semente do que ela fez foi plantada muito tempo atrás, temo. O que estou querendo dizer é que isso não foi culpa sua. Não foi culpa sua, minha menina.

— Eu não devia ter deixado ela sozinha. Não devia...

— Pare com isso. Esses pensamentos não são bons, Mariam *jo*. Está ouvindo, garota? Não são bons. Vão destruir você. Não foi culpa sua. Não foi culpa sua. Não.

Mariam aquiesceu; no entanto, por mais que desejasse, não conseguia acreditar nisso.

Uma tarde, uma semana depois, alguém bateu na porta e uma mulher alta entrou. Tinha a pele clara, cabelos avermelhados e dedos longos.

— Eu sou Afsoon — anunciou. — A mãe de Niloufar. Por que não se lava, Mariam, e vamos lá para baixo?

Ela disse que preferia ficar no quarto.

— Não, *na fahmidi*, você não entendeu. Você *precisa* descer. Nós precisamos falar com você. É importante.

SETE

ELES SENTARAM EM FRENTE A MARIAM, Jalil e suas mulheres, a uma mesa comprida e marrom. Entre eles, no centro da mesa, havia um vaso de cristal com cravos recém-colhidos e um suarento jarro de água. A mulher de cabelo ruivo que tinha se apresentado como a mãe de Niloufar, Afsoon, sentava à direita de Jalil. As outras duas, Khadija e Nargis, estavam à esquerda. Todas usavam uma echarpe preta transparente que não cobria a cabeça, mas pendia solta do pescoço como um lembrete. Mariam, que não podia imaginar por que usavam preto por Nana, deduziu que uma das três havia feito a sugestão, ou talvez Jalil, só porque ela tinha sido chamada.

Afsoon serviu água do jarro e pôs o copo diante de Mariam sobre um aparador xadrez.

— Ainda estamos na primavera e já está calor — comentou. Fez um movimento de se abanar com as mãos.

— Você está bem acomodada? — perguntou Nargis, que tinha um queixo pequeno e cabelos escuros cacheados. — Esperamos que esteja confortável. Essa... provação... deve ser difícil para você. Muito difícil.

As outras duas anuíram. Mariam aceitou as sobranceiras erguidas, os sorrisos finos e tolerantes que lançaram sobre ela. A cabeça de Mariam fazia um zunido desagradável. A garganta ardia. Tomou um gole de água.

Pela janela lateral atrás de Jalil, Mariam podia ver uma fileira de macieiras em flor. Na parede ao lado da janela havia um gabinete de madeira com um relógio e uma fotografia emoldurada de Jalil e três garotos segurando um peixe. O sol refletia nas escamas do peixe. Jalil e os garotos sorriam.

— Bem — começou Afsoon. — Eu... quer dizer, nós... chamamos você aqui porque temos notícias muito boas a lhe dar.

Mariam ergueu os olhos.

Percebeu uma rápida troca de olhares entre as mulheres por sobre Jalil, que afundou na cadeira, invisível como o jarro em cima da mesa. Foi Khadija, que parecia a mais velha das três, que olhou para Mariam, e Mariam teve a impressão de que aquela decisão tinha sido discutida e aprovada antes que a tivessem mandado chamar.

— Você tem um pretendente — disse Khadija.

O estômago de Mariam revirou.

— Um o quê? — indagou com os lábios subitamente dormentes.

— Um *khastegar*. Um pretendente. O nome dele é Rasheed — continuou Khadija. — É um parceiro de negócios e amigo de seu pai. É

pashtun, originalmente de Kandahar, mas mora em Cabul, no bairro de Deh-Mazang, numa casa própria de dois andares.

Afsoon concordou com a cabeça.

— E ele fala persa, como nós, como você. Então você não vai precisar aprender pashtun.

O peito de Mariam se contraiu. A sala subia e descia, o chão fugia de seus pés.

— É um sapateiro — dizia agora Khadija. — Mas não do tipo normal desses *moochi* nas calçadas, não, não. Tem uma oficina própria e é um dos mais procurados sapateiros de Cabul. Faz sapatos para diplomatas, membros da família presidencial... esse tipo de gente. Então, você pode ver que ele não vai ter problema em prover seu sustento.

Mariam fixou os olhos em Jalil, o coração fazendo piruetas no peito.

— Isso é verdade? O que ela está dizendo é verdade?

Mas Jalil não olhava para ela. Continuou mastigando o canto do lábio inferior e olhando para o jarro.

— Só que ele é *um pouco* mais velho que você — interveio Afsoon. — Mas não deve ter mais que... quarenta. Quarenta e cinco no máximo. Não é, Nargis?

— Sim. Mas já vi garotas de nove anos serem entregues a homens vinte anos mais velhos que o seu pretendente, Mariam. Todas já vimos isso. Quantos você tem, quinze? É uma boa idade para um bom casamento de uma garota.

Houve anuências entusiasmadas àquela afirmação. Mariam não deixou de notar que ninguém mencionou suas meias-irmãs Saideh ou Naheed, ambas com a mesma idade, ambas estudantes na Escola Mehri em Herat, ambas com planos para se matricular na Universidade de Cabul. Evidentemente, para elas, quinze anos não era uma boa idade para um bom casamento.

— E tem mais — prosseguiu Nargis —, ele também teve uma grande perda na vida. A esposa, segundo soubemos, morreu de parto dez anos atrás. Em seguida, três anos depois, o filho se afogou num lago.

— É muito triste, sim. Ele está procurando uma noiva já há alguns anos, mas não encontrou a pessoa certa.

— Eu não quero — disse Mariam. Olhou para Jalil. — Eu não quero isso. Não me obriguem. — Odiou o tom choroso e suplicante da própria voz, mas não conseguiu se conter.

— Vamos, seja razoável, Mariam — falou uma das mulheres.

Mariam não sabia mais quem estava dizendo o quê. Continuou olhando para Jalil, esperando que se manifestasse, dissesse que nada daquilo era verdade.

— Você não pode passar o resto da vida aqui.

— Não quer ter sua própria família?

— Sim. Um lar, filhos?

— Você precisa seguir a vida.

— É verdade que seria preferível se casar com um local, um tadjique, mas Rasheed é rico e está interessado em você. Tem um trabalho e casa própria. Isso é tudo que importa, não é? E Cabul é uma cidade linda e animada. Você pode nunca mais ter uma oportunidade tão boa.

Mariam olhou para as mulheres.

— Eu posso morar com o mulá Faizullah — falou. — Ele vai me aceitar. Eu sei que vai.

— Isso não é bom — observou Khadija. — Ele é velho e está tão... — Procurou a palavra certa, e Mariam sabia que o que ela queria dizer era: *Ele está muito perto*. Entendia muito bem o que elas queriam fazer. *Você pode nunca mais ter uma oportunidade tão boa*. E elas também. Foram desonradas pelo nascimento dela, e era a chance de apagar, de uma vez por todas, a última marca do escandaloso erro do marido. Estava sendo mandada embora porque era a personificação ambulante e respiratória da vergonha delas.

— Ele está tão velho e fraco — disse afinal Khadija. — E o que você vai fazer quando ele se for? Vai ser um peso para a família dele.

Como você é para nós. Mariam quase ouviu as palavras não ditas saírem da boca de Khadija, como vapor num dia frio.

Mariam imaginou a si mesma em Cabul, uma cidade grande, estranha e cheia de gente, Jalil já tinha falado uma vez, a mais ou menos seiscentos e cinquenta quilômetros a leste de Herat. *Seiscentos e cinquenta quilômetros*. O mais longe que tinha chegado da *kolba* foi a caminhada de dois quilômetros que fez até a casa de Jalil. Imaginou-se morando lá, em Cabul, na outra ponta daquela distância inimaginável, vivendo na casa de um estranho, onde teria de ceder aos seus humores e às suas exigências. Teria de limpar o que esse homem, Rasheed, sujasse, cozinhar para ele, lavar suas roupas. E haveria ainda outras tarefas — Nana tinha falado sobre o que os maridos faziam com as esposas. Era o pensamento dessas intimidades em particular, que ela imaginava como dolorosos atos de perversão, que a enchia de temor e a fazia suar.

Virou-se mais uma vez para Jalil.

— Diga a elas. Diga que não vai deixá-las fazerem isso.

— Na verdade, seu pai já deu a resposta a Rasheed — disse Afsoon. — Rasheed está aqui em Herat; saiu de Cabul para vir aqui. A *nikka* será amanhã de manhã, e tem um ônibus que sai para Cabul ao meio-dia.

— Diga a elas! — gritou Mariam.

As mulheres ficaram em silêncio. Mariam sentiu que o estavam observando também. Esperando. Um silêncio desceu sobre a sala. Jalil continuou girando a aliança, com uma expressão amuada e impotente no rosto. Dentro do gabinete, o relógio continuava tiquetaqueando.

— Jalil *jo* — disse afinal uma das mulheres.

Os olhos de Jalil se ergueram devagar, encontraram os de Mariam, pairaram por um momento e baixaram. Abriu a boca, mas só conseguiu

emitir um grunhido de dor.

— Diga alguma coisa — falou Mariam.

Afinal Jalil falou, numa voz fina e combalida.

— Que coisa, Mariam, não faça isso comigo — como se fosse ele que estivesse sendo prejudicado.

Com isso, Mariam sentiu a tensão desaparecer da sala.

Quando as esposas de Jalil começaram uma nova — e mais animada — rodada de garantias, Mariam olhou para a mesa. Seus olhos percorreram a forma esguia das pernas da mesa, as curvas sinuosas dos cantos, o brilho reflexivo da superfície marrom. Notou que cada vez que respirava a superfície embaçava, e ela sumia da mesa.

Afsoon a levou de volta para cima. Quando ela fechou a porta, Mariam ouviu o chacoalhar de uma chave girando na fechadura.

OITO

DE MANHÃ, MARIAM RECEBEU UM VESTIDO verde-escuro de mangas compridas para usar sobre calças de algodão brancas. Afsoon deu a ela um *hijab* verde e um par de sandálias combinando.

Foi levada à sala com a mesa marrom comprida, só que agora havia uma travessa de bombons de amêndoa recobertos de açúcar no meio da mesa, um Corão, um véu verde e um espelho. Dois homens que Mariam jamais vira — testemunhas, ela presumiu — e um mulá que não reconheceu já estavam à mesa.

Jalil indicou uma cadeira. Usava um terno leve marrom e gravata vermelha. O cabelo estava lavado. Quando puxou a cadeira para ela, tentou sorrir de forma animadora. Dessa vez, Khadija e Afsoon sentaram-se ao lado de Mariam à mesa.

O mulá apontou para o véu, e Nargis arranjou-o na cabeça de Mariam antes de se sentar. Mariam olhou para as próprias mãos.

— Pode chamá-lo agora — disse Jalil para alguém.

Mariam sentiu seu cheiro antes de vê-lo. Fumaça de cigarro e uma colônia doce e encorpada, não suave como a de Jalil. O aroma invadiu as narinas de Mariam. Através do véu, com o canto dos olhos, Mariam viu um homem alto, barrigudo e de ombros largos, encurvado na soleira da porta. O tamanho dele quase a fez engasgar e ela teve de baixar os olhos, o coração batendo forte. Sentiu-o pairando perto da porta. Depois, seus movimentos, os passos pesados atravessando o cômodo. A travessa de bombons sobre a mesa tilintou em sintonia com os passos. Com um grunhido grave, jogou-se numa cadeira ao lado dela. Fazia barulho ao respirar.

O mulá deu as boas-vindas aos dois. Disse que aquela não seria uma *nikka* tradicional.

— Sei que Rasheed *agha* tem passagens para o ônibus para Cabul que sai daqui a pouco. Por isso, por causa do tempo, vamos adiantar alguns dos passos tradicionais para agilizar os procedimentos.

O mulá fez algumas bênçãos, disse algumas palavras sobre a importância do casamento. Perguntou se Jalil tinha alguma objeção àquela união, e Jalil abanou a cabeça. Depois o mulá perguntou se Rasheed queria realmente participar de um contrato de casamento com Mariam. Rasheed disse “Sim”, e a voz áspera e roufenha lembrou Mariam do som de folhas secas de outono sendo esmagadas sob os pés.

— E você, Mariam *jan*, aceita este homem como seu marido?

Mariam ficou quieta. Pigarros foram emitidos.

— Ela aceita — respondeu uma voz de mulher à mesa.

— Na verdade — observou o mulá —, ela mesma tem de responder. E deve esperar até eu perguntar três vezes. A questão é que foi ele quem a procurou, não o contrário.

O mulá formulou a pergunta mais duas vezes. Quando Mariam não respondeu, perguntou mais uma vez, agora com mais premência. Mariam sentiu Jalil ao seu lado se mexendo na cadeira, cruzando e descruzando os pés embaixo da mesa. Houve mais pigarros. Uma mão branca e pequena apareceu e limpou uma poeirinha da mesa.

— Mariam — sussurrou Jalil.

— Sim — ela respondeu com a voz trêmula.

Um espelho foi passado por baixo do véu. Nele, Mariam viu primeiro o próprio rosto, as sobrancelhas retas e desgrenhadas, o cabelo liso, os olhos verdes e melancólicos, tão próximos um do outro que alguém poderia pensar que era estrábica. A pele era áspera e tinha uma aparência opaca e pintada. Considerava a própria testa larga demais, o queixo estreito demais, os lábios finos demais. A impressão geral era de um rosto comprido, um semblante triangular, meio canino. Mas ainda assim Mariam viu que, estranhamente, o conjunto dessas partes inexpressivas formava um rosto que não era bonito, mas que, de alguma forma, tampouco era desagradável à vista.

No espelho, Mariam teve seu primeiro vislumbre de Rasheed: uma cara grande, vermelha e retangular; o nariz adunco; bochechas rosadas que passavam uma impressão de alegria marota; os olhos vermelhos e aquosos; os dentes tortos, os dois da frente encavalados como uma raiz enroscada; a testa impossivelmente estreita, menos de dois centímetros acima das sobrancelhas; a muralha de cabelos grisalhos, grossos e ásperos.

Seus olhares se encontraram brevemente no espelho e se desviaram.

Este é o rosto do meu marido, pensou Mariam.

Trocaram as finas alianças de ouro que Rasheed tirou do bolso do paletó. As unhas dele eram de um amarelo queimado, como o interior de uma maçã apodrecendo, e algumas pontas vergavam para fora. As mãos de Mariam tremeram quando ela tentou enfiar a aliança no dedo dele, e Rasheed teve de ajudar. A aliança estava um pouco apertada, mas Rasheed não teve problema em forçar para passar pelas juntas.

— Pronto — falou.

— É uma bela aliança — disse uma das mulheres. — É muito bonita, Mariam.

— Agora só falta assinar o contrato — disse o mulá.

Mariam assinou o nome — o *meem*, o *reh*, o *ya* e depois o *meem* outra vez — consciente de todos os olhares em sua mão. Na próxima vez que Mariam assinasse o nome em um documento, vinte e sete anos depois, seria mais uma vez na presença de um mulá.

— Agora vocês são marido e mulher — disse o mulá. — *Tabreek*.

Congratulações.

Rasheed já estava à espera no ônibus multicolorido. Mariam não conseguia vê-lo de onde estava com Jalil, perto do para-choque traseiro, só a fumaça do cigarro volteando pela janela aberta. Ao redor deles, mãos se cumprimentavam e despedidas eram realizadas. Livros do Corão eram beijados, passados de mão em mão. Garotos descalços esbarravam nos viajantes, os rostos invisíveis atrás das bandejas de goma de mascar e cigarros.

Jalil estava dizendo a Mariam como Cabul era bonita, que o imperador mogol Babur quis ser enterrado lá. Em seguida, Mariam já sabia, ele ia falar dos jardins de Cabul, das lojas, das árvores e do ar e, pouco depois, ela estaria no ônibus e ele andando ao lado, acenando com carinho, incólume, a salvo.

Mariam não se conformava em deixar isso acontecer.

— Eu venerava você — declarou.

Jalil parou no meio da frase. Cruzou e descruzou os braços. Um jovem casal indiano, a esposa com um bebê no braço, o marido arrastando uma mala, passou entre eles. Jalil pareceu grato à interrupção. Pediram desculpas e ele sorriu, delicado.

— Nas quintas-feiras, eu ficava horas esperando você. Ficava muito preocupada que não aparecesse.

— Vai ser uma viagem longa. É melhor você comer alguma coisa. — Ofereceu-se para comprar um pão e queijo de cabra.

— Eu pensava em você o tempo todo. Chegava a rezar para que vivesse até os cem anos. Eu não sabia. Não sabia que você tinha vergonha de mim.

Jalil olhou para baixo e, como uma criança grande, escavou alguma coisa com a ponta do sapato.

— Você tinha vergonha de mim.

— Eu vou te visitar — ele murmurou. — Eu vou a Cabul para ver você. Nós...

— Não. Não — ela interrompeu. — Não venha. Eu não vou te receber. Não venha. Não quero nunca mais ouvir falar de você. Nunca mais. *Nunca*.

Jalil fez uma expressão amuada.

— É o fim entre mim e você. Faça suas despedidas.

— Não vá embora desse jeito — ele falou numa voz fraca.

— Você nem teve a decência de dar um tempo para eu me despedir do mulá Faizullah.

Deu meia-volta e contornou o ônibus. Ouviu que ele a seguia. Quando chegaram às portas hidráulicas, ela o ouviu atrás.

— Mariam *jô*.

Subiu a escada, e, apesar de achar que poderia ver Jalil com o canto dos olhos andando ao seu lado, ela não olhou pela janela. Seguiu pelo corredor até a parte de trás, onde estava Rasheed com a valise dela entre os pés. Não

se virou quando as palmas das mãos de Jalil apertavam o vidro, quando as juntas batiam e batiam. Quando o ônibus arrancou, ela não virou para vê-lo se afastando, até desaparecer numa nuvem de fumaça e poeira.

Rasheed, que ocupava o lugar da janela e o assento do meio, pôs a mão áspera na mão dela.

— Pronto, garota. Pronto. Pronto — falou. Desviou os olhos para a janela enquanto dizia isso, como se algo mais interessante tivesse captado sua atenção.

NOVE

A NOITE JÁ CAÍA QUANDO ELES CHEGARAM no dia seguinte à casa de Rasheed.

— Estamos em Deh-Mazang — ele anunciou. Estavam do lado de fora, na calçada. Ele segurava a mala dela numa das mãos e destrancava o portão de madeira da frente da casa com a outra. — Na zona sudoeste da cidade. O zoológico é aqui perto, a universidade também.

Mariam aquiesceu. Já havia percebido que, mesmo conseguindo entender o que dizia, era preciso prestar muita atenção quando ele falava. Não estava habituada ao dialeto persa de Cabul, nem ao adjacente sotaque pashtun, o idioma de sua Kandahar nativa. Por outro lado, ele parecia não ter dificuldade para entender o persa de Herat.

Mariam logo avaliou a rua estreita e não pavimentada em que se situava a casa de Rasheed. As casas da rua eram amontoadas e tinham muros em comum, com pequenos jardins cercados na frente separando-as da rua. A maioria das casas tinha telhados achatados e era feita de tijolo queimado, alguns de argila da mesma cor poeirenta das montanhas que rodeavam a cidade. Bueiros alagados de água barrenta dos dois lados separavam a rua da calçada. Mariam viu pequenos enxames de moscas do lixo espalhados pela rua. A casa de Rasheed tinha dois andares. Mariam percebeu que já tinha sido azul.

Quando Rasheed abriu o portão da frente, Mariam entrou num pequeno jardim malcuidado, onde o mato amarelado se aglomerava em tufozinhos ralos. Mariam viu uma casinha do lado direito, um corredor lateral e, no lado esquerdo, um poço com uma bomba manual e uma fileira de plantas morrendo. Perto do poço havia um barracão, e uma bicicleta estava encostada na parede.

— Seu pai me contou que você gosta de pescar — disse Rasheed enquanto atravessavam o jardim até a casa. Não havia um quintal nos fundos, percebeu Mariam. — Tem uns vales ao norte daqui. Rios com muitos peixes. Talvez eu leve você até lá algum dia.

Destrancou a porta da frente e ela entrou na casa.

A casa de Rasheed era muito menor do que a de Jalil, mas, comparada com a *kolba* de Mariam e Nana, era uma mansão. Havia um corredor, uma sala de estar no andar de baixo e uma cozinha, onde ele apontou os caldeirões e as panelas, a panela de pressão e um *ishtop* de querosene. A sala de estar tinha um sofá cor de pistache, com um rasgo na lateral remendado de forma desajeitada. As paredes eram nuas. Havia uma mesa, duas cadeiras

de junco, duas cadeiras dobráveis e, no canto, uma estufa preta de ferro fundido.

Mariam ficou no meio da sala, olhando ao redor. Na *kolba*, ela conseguia tocar o teto com a ponta dos dedos. Deitava na cama e conseguia dizer a hora pelo ângulo da luz do sol entrando pela janela. Sabia até que ponto a porta se abria antes de as dobradiças começarem a ranger. Conhecía todas as fissuras e rachaduras em cada uma das trinta tábuas de madeira. Agora todas aquelas coisas conhecidas não mais existiam. Nana estava morta e ela estava ali, numa cidade estranha, separada da vida que conhecia por vales e cadeias de montanhas nevadas e desertos inteiros. Na casa de um estranho, com aposentos diferentes e seu cheiro de fumaça de cigarro, com armários desconhecidos cheios de utensílios estranhos, as cortinas pesadas e escuras e um teto que não conseguia alcançar. Aquele espaço sufocava Mariam. Sentiu pontadas de saudades de Nana, do mulá Faizullah, de sua antiga vida.

E começou a chorar.

— Por que esse choro? — perguntou Rasheed, meio ríspidamente. Enfiou a mão no bolso da calça, abriu os dedos de Mariam e pôs um lenço em sua mão. Acendeu um cigarro e encostou na parede. Ficou olhando enquanto Mariam enxugava os olhos com o lenço.

— Pronto?

Mariam fez que sim com a cabeça.

— Tem certeza?

— Tenho.

Pegou-a pelo cotovelo e conduziu-a para a janela da sala de estar.

— Essa janela dá para o norte — falou, tamborilando o vidro com a unha recurvada do indicador. — Aquela montanha bem na nossa frente é o monte Asmai... está vendo? E ali, à esquerda, é o monte Ali Abad. A universidade fica ao pé da montanha. Atrás de nós, no leste, não dá para ver daqui, fica o monte Shir Darwaza. Todos os dias, ao meio-dia, eles disparam um canhão de lá. Agora pare de chorar. Estou falando sério.

Mariam enxugou os olhos.

— Isso é uma coisa que não consigo aguentar, o som de uma mulher chorando — observou, com uma carranca. — Sinto muito. Não tenho paciência pra isso.

— Eu quero voltar pra casa — disse Mariam.

Rasheed deu um suspiro de irritação. Uma lufada de fumaça bateu no rosto de Mariam.

— Eu não vou levar isso para o lado pessoal. Não desta vez.

Novamente, ele a pegou pelo cotovelo, agora levando-a ao andar de cima.

Havia um corredor estreito e mal iluminado e dois quartos. A porta do quarto maior estava aberta. Mariam pôde ver que era esparsamente mobiliado, assim como o resto da casa: cama num canto, com um cobertor marrom e um travesseiro, um armário, um gaveteiro. As paredes eram nuas, com exceção de um pequeno espelho. Rasheed fechou a porta.

— Este é o meu quarto.

Disse que ela podia ficar no quarto de hóspedes.

— Espero que não se incomode. Estou acostumado a dormir sozinho.

Mariam não disse o quanto ficou aliviada, pelo menos quanto àquilo.

O quarto que seria de Mariam era muito menor do que o que ocupara na casa de Jalil. Tinha uma cama, uma velha penteadeira marrom-acinzentada, um pequeno armário. A janela dava para o quintal e, depois, para a rua lá embaixo. Rasheed pôs a mala dela num canto.

Mariam sentou na cama.

— Você nem notou — ele falou. Estava em pé na soleira da porta, um pouco curvado para caber lá. — Olhe o parapeito da janela. Sabe que flores são essas? Eu pus aí antes de viajar para Herat.

Só agora Mariam viu um cesto na janela. Angélicas brancas transbordavam pelos lados.

— Gostou? São do seu agrado?

— Sim.

— Então pode me agradecer.

— Obrigada. Desculpe. *Tashakor...*

— Você está tremendo. Talvez assustada comigo. Eu assusto você? Está com medo de mim?

Mariam não estava olhando para ele, mas detectou alguma coisa levemente brincalhona naquelas perguntas, como uma provocação. Logo abanou a cabeça no que reconheceu como a primeira mentira do seu casamento.

— Não? Que bom. Bom para você. Bem, esta é a sua casa agora. Você vai gostar daqui. Vai ver. Eu já disse que nós temos eletricidade? A maior parte do dia e todas as noites?

Fez menção de sair do quarto. Parou na porta, deu uma longa tragada, estreitou os olhos na fumaça. Mariam achou que ia dizer alguma coisa. Mas ele não disse nada. Fechou a porta e deixou-a sozinha com sua mala e suas flores.

DEZ

NOS PRIMEIROS DIAS, MARIAM MAL SAÍA do quarto. Acordava todas as manhãs para as orações com o chamado distante da *azan*, depois do qual voltava para a cama. Ainda estava na cama quando ouvia Rasheed no banheiro, se lavando, quando entrava no quarto dela para vê-la antes de sair para a loja. Da janela, ela o via lá embaixo, guardando seu almoço no bagageiro da bicicleta, depois empurrando-a pelo quintal e saindo para a rua. Ficava observando enquanto pedalava, via sua silhueta de ombros largos desaparecer na virada da esquina no final da rua.

Na maior parte dos dias, Mariam ficava na cama, sentindo-se perdida e desamparada. Às vezes descia até a cozinha, passava as mãos na bancada pegajosa e engordurada, nas cortinas de vinil estampadas de flores que cheiravam como refeições queimadas. Olhava as gavetas desarrumadas, colheres e facas que não combinavam, o escorredor e as espátulas de madeira lascadas, os pretensos instrumentos de sua nova vida cotidiana, tudo remetendo ao turbilhão que atingiu sua vida, fazendo com que se sentisse desenraizada, deslocada, como uma intrusa na vida de outra pessoa.

Na *kolba*, seu apetite era previsível. Aqui, seu estômago quase nunca gemia por comida. Às vezes levava um prato de sobras de arroz com uma fatia de pão até a sala de estar, perto da janela. De lá, podia ver os tetos das casas térreas da rua. Podia ver os jardins também, as mulheres pendurando roupas nos varais e ralhando com os filhos, galinhas ciscando a terra, pás e enxadas, vacas amarradas às árvores.

Lembrou com saudade das noites de verão em que ela e Nana dormiam no telhado plano da *kolba*, vendo a lua brilhar sobre Gul Daman, a noite tão quente que suas blusas colavam no peito como uma folha molhada numa janela. Sentia falta das tardes de inverno com as leituras com o mulá Faizullah na *kolba*, o estalido dos pingentes de gelo caindo das árvores no telhado, os corvos piando nos galhos nevados do lado de fora.

Sozinha na casa, Mariam ficava inquieta, andando da cozinha até a sala, subia a escada até o quarto e descia outra vez. Acabava voltando ao quarto, fazendo suas orações ou ficando sentada na cama, com saudade da mãe, sentindo-se nauseada e longe de casa.

Era quando o sol se arrastava para o oeste que realmente a angústia de Mariam aumentava. Os dentes se cerravam quando ela pensava na noite, no momento em que Rasheed poderia afinal resolver fazer com ela o que os maridos faziam com as esposas. Deitava na cama, uma pilha de nervos, enquanto ele comia no andar de baixo.

Ele sempre passava pelo quarto dela e enfiava a cabeça.

— Você não pode já estar dormindo. São só sete horas. Está acordada? Responda. Vamos, responda.

Continuava fazendo pressão até Mariam responder, do escuro:

— Estou aqui.

Abaixava-se e sentava no umbral da porta. Da cama, Mariam via seu corpo volumoso, as pernas compridas, a fumaça volteando ao redor do perfil aquilino, a ponta âmbar do cigarro brilhando e escurecendo.

Ele falava sobre o seu dia ocupado. Um par de sapatos que tinha feito para o ministro do Exterior temporário, que, disse Rasheed, só comprava calçados dele. Uma encomenda de sandálias de um diplomata polonês e da mulher. Contou sobre a superstição que as pessoas tinham com sapatos: que deixar sapatos na cama era um convite a uma morte na família, que se alguém calçasse primeiro o pé esquerdo do sapato entraria em alguma discussão.

— A não ser que isso seja feito sem intenção numa sexta-feira — explicou. — E sabe que pode ser um mau presságio amarrar dois sapatos e pendurar num prego?

Rasheed não acreditava em nada disso. Na sua opinião, superstições eram uma preocupação feminina.

Relatava coisas que tinha ouvido na rua, como que o presidente americano Richard Nixon tinha renunciado por causa de um escândalo.

Mariam, que nunca tinha ouvido falar de Nixon, nem do escândalo que forçara sua renúncia, não comentava nada. Esperava ansiosamente até Rasheed acabar de falar, esmagar o cigarro e sair. Só quando o ouvia atravessar o corredor, a porta abrir e fechar, só então o punho de metal que apertava sua barriga afrouxava.

Então, uma noite ele apagou o cigarro e, em vez de dizer boa-noite, botou a cabeça para dentro do quarto.

— Algum dia você vai desfazer essa coisa? — perguntou, apontando a mala dela com a cabeça. Cruzou os braços. — Imaginei que você precisava de um tempo. Mas isso é absurdo. Já se passou uma semana e... Bem, a partir de amanhã de manhã espero que você comece a se comportar como uma esposa. *Fahmidi*? Está entendido?

Mariam começou a bater o queixo.

— Eu quero uma resposta.

— Sim.

— Ótimo — ele falou. — O que você estava pensando? Que isso é um hotel? Que sou uma espécie de gerente de hotel? Bem, está... Oh. Oh. *La illah u ilillah*. O que eu falei sobre chorar? Mariam. O que eu falei sobre chorar?

Na manhã seguinte, quando Rasheed saiu para o trabalho, Mariam desfez a mala e guardou as roupas no armário. Foi buscar um balde de água no poço

e, com um pedaço de pano, lavou as vidraças do quarto e as janelas da sala de estar no andar de baixo. Limpou o assoalho, espanou as teias de aranha fluando nos cantos do teto. Abriu as janelas para arejar a casa.

Colocou três xícaras de lentilha de molho num caldeirão, encontrou uma faca e fatiou algumas cenouras e duas batatas, deixando tudo de molho. Procurou farinha, encontrou no fundo de um dos armários atrás de uma fileira de potes de temperos encardidos, e fez pão fresco sovado como Nana tinha ensinado, empurrando a massa com as palmas das mãos, dobrando as pontas, virando e amassando de novo. Depois de salpicar farinha na massa, enrolou tudo num pano úmido, vestiu um *hijab* e saiu para o *tandoor* comunitário.

Rasheed tinha explicado onde era, na rua de baixo, à esquerda e logo depois à direita, mas Mariam só precisou seguir o bando de mulheres e crianças andando na mesma direção. As crianças que Mariam viu, correndo atrás das mães ou na frente delas, usavam camisas muito remendadas. Vestiam calças que pareciam grandes ou pequenas demais, sandálias com tiras esfarrapadas que estalavam para a frente e para trás. Rolavam pneus de bicicleta descartados com bastões.

As mães caminhavam em grupos de três ou quatro, algumas de burca, outras não. Mariam ouvia seus cantos em tons agudos, as estrepitosas risadas. Enquanto caminhava de cabeça baixa, entreouviu parte das conversas, parecendo que sempre diziam respeito a filhos doentes ou maridos preguiçosos e ingratos.

Como se o jantar cozinhasse sozinho.

Wallah o billah, não se tem um momento de descanso!

E aí ele me disse, juro que é verdade, ele me disse isso mesmo...

Aquelas conversas intermináveis, o tom queixoso, porém estranhamente divertido, fluíam em círculo. Seguiam rua abaixo, viravam a esquina, faziam fila no *tandoor*. Maridos que jogavam. Maridos que adoravam as mães, mas não gastavam uma rupia com as esposas. Mariam pensou em quantas mulheres podiam sofrer a mesma sorte miserável, terem se casado, todas elas, com homens horríveis. Ou seria um jogo conjugal que ela não conhecia, um ritual diário, como botar o arroz de molho ou fazer massa de pão? Será que esperavam que ela participasse daquilo?

Na fila para o *tandoor*, Mariam recebeu olhares de soslaio, ouviu cochichos. Suas mãos começaram a suar. Imaginou que todas sabiam que ela era uma *harami* de nascença, motivo de vergonha para o pai e a família. Todos sabiam que tinha traído a própria mãe e se desgraçado.

Com a borda do *hijab*, enxugou a transpiração acima dos lábios e tentou controlar os nervos.

Por alguns minutos, tudo foi bem.

Depois, alguém bateu no seu ombro. Mariam virou-se e viu uma mulher gordinha, de pele clara, usando um *hijab* igual ao dela. Tinha cabelo curto e crespo e um rosto bem-humorado quase perfeitamente redondo. Os lábios

eram bem mais cheios que os de Mariam, o lábio inferior ligeiramente caído, como que puxado pela grande verruga escura logo abaixo da boca. Os olhos grandes e esverdeados se dirigiram a Mariam com um brilho convidativo.

— Você é a nova esposa de Rasheed *jan*, não é? — perguntou a mulher, com um sorriso largo. — A que veio de Herat. Você é tão nova! Mariam *jan*, não é? Meu nome é Fariba. Eu moro na sua rua, cinco casas à esquerda, uma com a porta verde. Este é meu filho Noor.

O garoto ao seu lado tinha feições suaves e alegres e o cabelo crespo como o da mãe. Um tufo de pelos pretos aparecia no lóbulo da sua orelha. Os olhos tinham um brilho malicioso e inquieto. Levantou a mão.

— *Salaam, khala jan*.

— Noor está com dez anos. Tenho um garoto mais velho também, Ahmad.

— Ele tem treze — disse Noor.

— Treze, quase catorze — riu Fariba. — O nome do meu marido é Hakim — continuou. — Ele é professor em Deh-Mazang. Você deveria nos visitar qualquer dia, vamos tomar uma xícara de...

E de repente, como se encorajadas, as outras mulheres contornaram Fariba e formaram um círculo ao redor de Mariam numa velocidade alarmante.

— Então você é a nova jovem esposa de Rasheed *jan*...

— Está gostando de Cabul?

— Já fui a Herat. Tenho um primo lá.

— Você quer ter um menino ou uma menina primeiro?

— Os minaretes! Ah, que beleza! Que cidade maravilhosa!

— É melhor um menino, Mariam *jan*, eles continuam o nome da família...

— Bah! Meninos se casam e vão embora. As meninas ficam e tomam conta da gente quando ficamos velhas.

— Nós ouvimos dizer que você vinha.

— Melhor ter gêmeos. Um de cada! Assim todo mundo fica feliz.

Mariam recuou. Sentiu-se zozza. Os ouvidos zuniam, o pulso tremelicava, os olhos adejavam de um rosto para o outro. Recuou um pouco mais, mas não havia para onde ir — ela estava no meio do círculo. Avistou Fariba, com a testa enrugada, percebendo que ela estava aflita.

— Deixem-na em paz! — disse Fariba. — Afastem-se, abram espaço! Vocês estão deixando ela assustada!

Mariam apertou a massa de pão no peito e abriu caminho entre as mulheres ao redor.

— Aonde você vai, *hamshira*?

Abriu caminho até se ver livre e saiu correndo pela rua. Só quando chegou à esquina percebeu que tinha corrido na direção contrária. Ela deu meia-volta e correu, de cabeça baixa, tropeçando e esfolando bastante o joelho, depois se levantou e correu, passando depressa pelas mulheres.

— Qual é o seu problema?

— Você está sangrando, *hamshira*!

Mariam virou uma esquina, depois outra. Encontrou a rua certa, mas de repente não conseguia lembrar qual era a casa de Rasheed. Ficou andando para cima e para baixo na rua, ofegante, quase chorando, tentando cegamente encontrar a porta certa. Algumas estavam trancadas, outras abriram para revelar jardins desconhecidos, cães latindo, galinhas assustadas. Imaginou Rasheed chegando em casa e encontrando-a no caminho, o joelho sangrando, perdida na rua em que morava. Começou a chorar. Empurrou portas, murmurando orações em pânico, o rosto molhado de lágrimas, até uma porta se abrir e ela ver, com alívio, a casinha lá fora, o poço, o barracão. Bateu a porta atrás de si e passou a tranca. Depois ficou de quatro, perto do muro, tentando vomitar. Quando acabou, saiu engatinhando, sentou encostada à parede, com as pernas esticadas à frente. Nunca na vida tinha se sentido tão só.

Quando Rasheed voltou para casa naquela noite, trouxe um saco de papel pardo. Mariam ficou desapontada por ele não ter notado as janelas limpas, o assoalho varrido, a ausência de teias de aranhas. Mas ele ficou contente por ela já ter servido seu prato em cima de uma *sofrah* limpa estendida no piso da sala de estar.

— Eu fiz *daal* — disse Mariam.

— Que bom. Eu estou com muita fome.

Despejou água de um *aftawa* para ele lavar as mãos. Enquanto ele as enxugava numa toalha, ela serviu uma cuia de *daal* e uma bandeja de arroz branco bem soltinho. Era a primeira refeição que preparava para ele, e Mariam gostaria de estar em melhor estado quando fez isso. Continuava abalada pelo incidente no *tandoor* enquanto cozinhava, e ficou o dia inteiro cismada com a consistência do *daal*, com a cor, preocupada que ele achasse que tivesse gengibre demais ou que faltasse açafrão.

Ele mergulhou a colher no *daal* cor de ouro.

Mariam sentiu-se ansiosa. E se ele ficasse desapontado ou zangado? E se empurrasse o prato com uma atitude de desgosto?

— Cuidado — conseguiu dizer. — Está quente.

Rasheed fez um bico e soprou, levou a colher à boca.

— Está bom — falou. — Falta um pouco de sal, mas está bom. Talvez mais do que bom, até.

Aliviada, Mariam ficou observando enquanto ele comia. Um lampejo de orgulho pegou-a desprevenida. Ela tinha se saído bem — *talvez mais do que bom, até* — e ficou surpresa com a emoção que sentiu com aquele pequeno cumprimento. As circunstâncias desagradáveis do início do dia amainaram um pouco.

— Amanhã é sexta-feira — disse Rasheed. — O que você acha de conhecer a cidade?

— Cabul?

— Não. Calcutá.

Mariam piscou, surpresa.

— É uma piada. Claro que é Cabul, onde mais? — Pegou o saco de papel pardo. — Mas, antes, preciso dizer uma coisa.

Tirou uma burca azul-clara da sacola. O tecido plissado espalhou-se pelos joelhos dele escorrendo da mão. Enrolou a burca e olhou para Mariam.

— Eu tenho clientes, Mariam, homens, que trazem as esposas à minha loja. As mulheres vêm descobertas, falam diretamente comigo, me olham nos olhos sem se envergonhar. Usam maquiagem e saias que mostram os joelhos. Às vezes põem os pés na minha frente, as mulheres fazem isso, para tomar medida, e os maridos ficam ali assistindo. Permitem essas coisas. Não acham nada de um estranho tocar os pés descalços de suas mulheres! Acham que estão sendo homens modernos, intelectuais, porque são cultos, imagino. Não veem que estão arruinando seu senso de *nang* e *namoos*, de honra e orgulho.

Abanou a cabeça.

— Quase todos moram nos bairros mais ricos de Cabul. Vou levar você lá. Você vai ver. Mas também estão por aqui, Mariam, aqui neste bairro, esses homens frouxos. Tem um professor que mora aqui nesta rua, o nome dele é Hakim, e também sempre vejo Fariba, a mulher dele, andando sozinha na rua só com um lenço na cabeça. Eu fico envergonhado, francamente, de ver um homem perder o controle sobre a mulher.

Lançou um olhar duro para Mariam.

— Mas eu sou de uma estirpe diferente de homens, Mariam. No lugar onde nasci, um olhar errado, uma palavra imprópria, e sangue é derramado. Onde eu nasci, o rosto de uma mulher é só do marido. Quero que não se esqueça disso. Está entendendo?

Mariam aquiesceu. Quando ele estendeu a sacola, ela pegou.

O prazer que sentiu pela aprovação do prato que tinha preparado evaporou. Foi substituído por uma sensação de encolhimento. A vontade daquele homem pareceu a Mariam tão imponente e imóvel quanto as montanhas de Safid-koh pairando sobre Gul Daman.

Rasheed entregou a sacola de papel.

— Então estamos entendidos. Agora vou comer um pouco mais desse *daal*.

ONZE

MARIAM NUNCA HAVIA VESTIDO UMA BURCA. Rasheed teve de ajudar. O capuz acolchoado apertava e pesava na cabeça, e era estranho ver o mundo através de uma malha entrelaçada. Praticou andar vestida daquele jeito pela sala, sempre tropeçando na barra e cambaleando. A perda da visão periférica era inquietante, e ela não gostou da maneira sufocante que o tecido plissado colava em sua boca.

— Você vai se acostumar — disse Rasheed. — Com o tempo, aposto que vai até gostar.

Os dois pegaram um ônibus até um local que Rasheed chamava de parque Shar-e-Nau, onde crianças se empurravam nos balanços e batiam bolas de vôlei sobre redes esfarrapadas amarradas a galhos de árvores. Passearam juntos, observando garotos empinando pipas, Mariam andando ao lado de Rasheed, de vez em quando tropeçando na bainha da burca. Na hora do almoço, Rasheed a levou a uma pequena casa de *kebab* perto de uma mesquita que ele chamou de Haji Yaghoub. O piso era pegajoso e o ar, esfumaçado. As paredes tinham um leve aroma de carne crua e a música, que Rasheed definiu como *logari*, estava muito alta. Os cozinheiros eram garotos magricelas que abanavam espetinhos com uma das mãos enquanto espantavam mosquitos com a outra. Mariam, que nunca tinha entrado num restaurante, primeiro achou estranho estar numa sala cheia de gente desconhecida e ter de levantar a burca para levar porções de comida até a boca. Uma insinuação da mesma ansiedade que sentiu no dia do *tandoor* revolveu seu estômago, mas a presença de Rasheed era reconfortante de certa maneira, e depois de algum tempo ela não se incomodou mais com a música, com a fumaça e nem mesmo com as pessoas. E a burca, ela percebeu com surpresa, também era reconfortante. Era como uma janela de mão única. Dentro, ela era uma observadora, vedada dos olhos curiosos dos estranhos. Não se preocupou mais que as pessoas conhecessem, só de olhar para ela, todos os vergonhosos segredos de seu passado.

Andando pelas ruas, Rasheed apontava os edifícios com autoridade: essa é a embaixada americana, falou, aquele é o Ministério do Exterior. Apontava os automóveis, dizia as marcas e onde eram fabricados: os Volga soviéticos, os Chevrolet americanos, os Opel alemães.

— De qual você mais gosta? — perguntou.

Mariam hesitou, apontou para um Volga, e Rasheed deu risada.

Cabul era bem mais movimentada do que o pouco que Mariam tinha

visto de Herat. Havia menos árvores e menos *garis* puxados a cavalo, porém mais automóveis, edifícios mais altos, mais sinais de trânsito e mais ruas pavimentadas. E em toda parte Mariam ouvia o dialeto peculiar da cidade: “querida” era *jan* em vez de *jo*, “irmã” se tornava *hamshira* em vez de *hamshireh*, e assim por diante.

Rasheed comprou sorvete para ela de um vendedor ambulante. Era a primeira vez que tomava sorvete, e Mariam nunca imaginou os efeitos que teria sobre seu paladar. Devorou o copo inteiro, o pistache crocante da cobertura, os pequenos rolinhos de arroz do fundo. Ficou extasiada com aquela textura encantadora, aquela doçura em camadas.

Andaram até um lugar chamado Kocheh-Morgha, a rua das Galinhas. Era um bazar estreito e movimentado num bairro que Rasheed definiu como um dos mais abastados de Cabul.

— É por aqui que moram os diplomatas estrangeiros, ricos homens de negócios, membros da família real, esse tipo de gente. Diferentes de mim e de você.

— Eu não vejo galinha nenhuma — disse Mariam.

— Isso é uma coisa que você não vai ver na rua das Galinhas — riu Rasheed.

A rua era ladeada de lojas e barraquinhas que vendiam gorros de pele de carneiro e *chapans* coloridos. Rasheed parou numa loja para examinar uma adaga de prata entalhada e, numa outra, uma antiga espingarda que o vendedor afirmou a Rasheed que era uma relíquia da primeira guerra contra os britânicos.

— E eu sou o Moshe Dayan — resmungou Rasheed. Abriu um meio sorriso, e pareceu a Mariam que era um sorriso destinado apenas a ela. Um sorriso particular, de homem casado.

Os dois passaram por lojas de tapetes, lojas de artesanato, lojas de doces, lojas de flores, lojas que vendiam ternos para homens e vestidos para mulheres e, nelas, atrás de cortinas laceadas, Mariam viu garotas jovens pregando botões e passando colarinhos a ferro. De vez em quando, Rasheed cumprimentava um lojista conhecido, às vezes em persa, outras vezes em pashtun. Enquanto eles trocavam um aperto de mão e se beijavam nas bochechas, Mariam ficava a certa distância. Rasheed não fez um sinal para que se aproximasse, não a apresentou a ninguém.

Rasheed pediu que ela esperasse na porta de uma loja de rendas.

— Eu conheço o dono — falou. — Só vou entrar um minuto para dizer um *salaam*.

Mariam ficou esperando na calçada cheia de gente. Via os carros subindo a rua das Galinhas, abrindo caminho pela horda de mascates e pedestres, buzinando para crianças e jumentos que não se mexiam. Observou os vendedores com ar de tédio em suas barraquinhas, fumando, ou cuspidando em escarradeiras de latão, de vez em quando tirando o rosto da sombra para oferecer têxteis e casacos de *poostin* com golas de pele para os passantes.

Mas eram as mulheres que mais chamavam a atenção de Mariam.

Naquela parte de Cabul elas eram de um tipo diferente das dos bairros mais pobres — como o que Rasheed morava, onde muitas cobriam o corpo inteiro. Aquelas eram — qual tinha sido mesmo a palavra usada por Rasheed? — *modernas*. Sim, mulheres afegãs modernas casadas com homens afegãos modernos que não se incomodavam de suas esposas andarem no meio de estranhos com o rosto maquiado e sem cobrir a cabeça. Mariam as via desfilando desinibidas pela rua, às vezes com um homem, às vezes sozinhas, às vezes com crianças de bochechas rosadas, sapatos lustrosos e relógios com pulseiras de couro, que andavam de bicicleta com guidom alto e rodas de raias douradas — diferentes das crianças de Deh-Mazang, com os rostos marcados pela mosca da areia, rolando velhos pneus de bicicletas com bastões.

Todas aquelas mulheres balançavam bolsas de mão e usavam saias farfalhantes. Mariam chegou a ver uma fumando ao volante de um automóvel. Usavam unhas compridas, pintadas de rosa ou laranja, os lábios vermelhos como tulipas. Andavam de salto alto e depressa, como se estivessem sempre cuidando de algum assunto urgente. Usavam óculos escuros e, quando passavam perto, Mariam sentia o bafejo de seus perfumes. Deduziu que todas deviam ser formadas na faculdade, que trabalhavam em prédios de escritórios, atrás de suas próprias mesas, onde datilografavam, fumavam e davam telefonemas para pessoas importantes. Aquelas mulheres eram um mistério para Mariam. Faziam com que ela percebesse a própria solidão, sua aparência simples, sua falta de aspirações, sua ignorância de tantas coisas.

Logo depois Rasheed estava batendo no ombro dela e oferecendo alguma coisa.

— Toma.

Era um xale de seda marrom-escuro, com franjas ornadas de miçangas e a barra de bordados dourados.

— Você gosta?

Mariam ergueu o olhar. Rasheed teve então uma atitude comovente. Piscou os olhos e desviou o olhar.

Mariam pensou em Jalil, no jeito jovial e enfático com que a presenteava com joias, a afetividade subjugante que não dava lugar a nada a não ser uma humilde gratidão. Nana tinha razão quanto aos presentes de Jalil. Eram sinais de penitência disfarçada, gestos corruptos destinados mais à sua própria satisfação do que à dela. Esse xale, percebeu Mariam, era um verdadeiro presente.

— É lindo — ela respondeu.

Naquela noite, Rasheed foi novamente ao quarto de Mariam. Mas em vez de ficar fumando na porta, entrou e sentou ao lado dela na cama. As molas rangeram quando a cama cedeu do lado dele.

Houve um momento de hesitação, depois a mão dele estava no pescoço dela, os dedos grossos apertando devagar sua nuca. O polegar deslizou para baixo e começou a acariciar o oco da omoplata, depois a pele abaixo. Mariam começou a tremer. A mão dele desceu mais ainda, um pouco mais, e os dedos chegaram ao algodão de sua blusa.

— Não consigo — ela ofegou, observando o perfil dele ao luar, os ombros largos e o peito estufado, os tufos de cabelos grisalhos saindo pelo colarinho aberto.

A mão dele pousou no seio direito dela, apertando com força através da blusa, e ela pôde ouvir que respirava fundo pelo nariz.

Entrou embaixo das cobertas ao seu lado. Sentiu sua mão abrir o próprio cinto, puxar os cordões da calça dela. Mariam agarrou os lençóis. Ele rolou para cima dela, ajeitando-se no movimento, e ela soltou um suspiro. Mariam fechou os olhos, cerrou os dentes.

A dor foi repentina e espantosa. Os olhos de Mariam se arregalaram. Respirou fundo pela boca e mordeu a junta do polegar. Passou o braço livre pelas costas de Rasheed e cravou os dedos em sua camisa.

Rasheed enterrou o rosto no travesseiro, e Mariam ficou olhando para o teto atrás dos ombros dele, olhos arregalados, tremendo, lábios apertados, sentindo o calor de sua respiração ofegante no ombro. O ar entre os dois cheirava a tabaco, a cebola e ao carneiro grelhado que tinham comido mais cedo. De vez em quando, a orelha dele roçava sua face, e pelo atrito ela percebeu que ele tinha feito a barba.

Quando acabou, ele rolou de cima dela, ofegante. Cobriu a testa com o antebraço. No escuro, Mariam conseguia ver os ponteiros azuis do relógio dele. Ficaram deitados por algum tempo, de costas, sem olhar um para o outro.

— Não há vergonha nenhuma nisso, Mariam — ele falou, ronronando um pouco. — É o que as pessoas casadas fazem. É o que até mesmo o Profeta fazia com suas esposas. Não há vergonha.

Momentos depois, ele empurrou as cobertas e saiu do quarto, deixando-a com a marca de sua cabeça no travesseiro, esperando passar a dor lá embaixo, olhando para as estrelas congeladas no céu e para uma nuvem que cobriu a face da lua como um véu matrimonial.

DOZE

O RAMADÃ CHEGOU NO OUTONO DAQUELE ANO, 1974. Pela primeira vez na vida, Mariam viu como a imagem da lua crescente podia transformar uma cidade inteira, alterar seu ritmo e estado de espírito. Percebeu um silêncio modorrento invadir Cabul. O tráfego ficou mais lânguido, esparso, até tranquilo. As lojas se esvaziaram. Restaurantes apagaram as luzes, fecharam as portas. Mariam não via fumantes nas ruas, nem xícaras de chá fumegando nos parapeitos das janelas. E no *iftar*, quando o sol mergulhou no oeste e o canhão disparou do monte Shir Darwaza, a cidade quebrou o jejum, assim como Mariam, com pão e tâmaras, experimentando pela primeira vez nos seus quinze anos a doçura da comunhão de uma experiência comunitária.

A não ser por uns poucos dias, Rasheed não manteve o jejum. As poucas vezes que manteve, chegava em casa de mau humor. A fome o tornava áspero, irritável, impaciente. Uma noite, Mariam atrasou o jantar em alguns minutos, e ele começou a comer pão com rabanetes. Mesmo depois de Mariam ter servido seu prato de arroz com carneiro e *qurma* de quiabo, Rasheed não tocou nele. Não disse nada, continuou comendo o pão, as tâmporas repuxando, as veias da testa intumescidas e iradas. Continuou mastigando e olhando para a frente, e quando Mariam falou que ele parecia estar olhando para ela sem vê-la, ele enfiou outro pedaço de pão na boca.

Mariam sentiu-se aliviada quando o Ramadã terminou.

Quando ainda morava na *kolba*, nos primeiros três dias da comemoração do Eid-ul-Fitr, que se seguia ao Ramadã, Jalil visitava Mariam e Nana. De terno e gravata, ele vinha trazer os presentes de Eid. Uma vez, ele deu a Mariam uma echarpe de lã. Os três estavam se sentando para tomar chá quando Jalil pediu licença e foi embora.

— Vai comemorar o Eid com sua verdadeira família — disse Nana enquanto atravessava o riacho e acenava.

O mulá Faizullah também vinha. Trazia bombons de chocolate para Mariam embrulhados em papel-alumínio, uma cesta cheia de ovos cozidos coloridos, bolachas. Quando ele ia embora, Mariam subia em um dos salgueiros com suas guloseimas. Empoleirada num galho alto, comia os chocolates do mulá Faizullah e jogava as embalagens de alumínio até se espalharem pelo tronco da árvore como botões prateados. Quando acabava o chocolate, ela começava a comer as bolachas e, com um lápis, desenhava rostos nos ovos que o mulá tinha trazido de presente. Mas sentia pouco prazer naquilo. Mariam detestava o Eid, aquele período de hospitalidade e

cerimônias, quando as famílias vestiam os melhores trajes e se visitavam. Imaginava o ar em Herat crepitando de alegria e felicidade, pessoas de olhos brilhantes trocando votos de estima e boa vontade. Era tomada por uma sensação de desamparo que só passava quando o Eid terminava.

Naquele ano, pela primeira vez, Mariam viu com os próprios olhos o Eid que imaginava na sua infância.

Rasheed e ela saíram para a rua. Mariam nunca tinha andado em meio a tanta animação. Indiferentes ao clima frio, famílias inundavam a cidade em seus frenéticos turnos de visitas a parentes. Na rua onde morava, Mariam viu Fariba e o filho Noor, que estava de terno. Usando uma echarpe branca, Fariba andava ao lado de um homem miúdo e de aparência tímida, de óculos. O filho mais velho também estava junto — por alguma razão, Mariam se lembrava de Fariba ter mencionado seu nome, Ahmad, no *tandoor* naquela primeira vez. Tinha olhos fundos e reflexivos, e o rosto era mais pensativo, mais solene do que o do irmão mais novo, um rosto que sugeria uma maturidade precoce, enquanto o irmão mantinha a puerilidade. No pescoço de Ahmad havia um pingente brilhante escrito ALÁ.

Fariba deve tê-la reconhecido, andando de burca ao lado de Rasheed. Acenou, chamando-a:

— *Eid mubarak!*

Dentro da burca, Mariam retribuiu com um imperceptível aceno.

— Então você conhece essa mulher, a esposa do professor? — perguntou Rasheed.

Mariam disse que não.

— É melhor se manter afastada. É uma fofoqueira enxerida, essa mulher. E o marido se acha um intelectual de cultura. Mas é um rato. Olha só para ele. Não parece um rato?

Os dois foram a Shar-e-Nau, onde os garotos apareciam de camisas novas e colares e coletes coloridos, e comparavam os presentes do Eid. Mulheres brandiam pratos de doces. Mariam viu lanternas festivas penduradas nas vitrines das lojas, ouviu música soando de alto-falantes. Estranhos desejavam “*Eid mubarak*” quando passavam por ela.

Naquele noite eles foram ao *Chaman* e, atrás de Rasheed, Mariam viu fogos de artifício iluminarem o céu em clarões de verde, rosa e amarelo. Sentiu falta de estar com o mulá Faizullah na porta da *kolba*, assistindo aos fogos explodirem sobre Herat à distância, os súbitos clarões de cores refletindo nos olhos mansos e recobertos de catarata do tutor. Mas, acima de tudo, sentiu saudade de Nana. Mariam gostaria que a mãe estivesse viva para ver isso. Para ver a filha no meio daquilo tudo. Ver afinal que a alegria e a beleza não eram coisas inatingíveis. Mesmo para pessoas como elas.

Eles receberam visitas na casa durante o Eid. Eram todos homens, amigos de Rasheed. Quando batiam na porta, Mariam sabia que era hora de subir a escada, ir para o quarto e se trancar. Ficava lá, enquanto os homens tomavam

chá no andar de baixo com Rasheed, fumavam, conversavam. Rasheed disse a Mariam que ela só deveria descer quando as visitas fossem embora.

Mariam não se incomodava. Na verdade, sentia-se até lisonjeada. Rasheed via algo sagrado no que os dois tinham juntos. Para ele, a honra dela, sua *namoos*, era algo que valia a pena ser reservado para ele. Sentia-se valorizada por essa proteção. Preciosa e importante.

No terceiro e último dia do Eid, Rasheed saiu para visitar alguns amigos. Mariam, que tinha sentido o estômago enjoado a noite toda, ferveu um pouco de água e preparou um chá verde salpicado de cardamomo esmagado. Na sala de estar, recolheu as sobras das visitas a Rasheed na noite anterior: xícaras emborçadas, sementes de abóbora parcialmente mastigadas entre as almofadas, pratos encrostados com restos da refeição da última noite. Mariam começou a limpar a bagunça, espantada com o quanto os homens tinham energia para a preguiça.

Não pretendia ir ao quarto de Rasheed. Mas a limpeza a levou da sala para a escada, depois para o corredor do segundo andar e até a porta e, quase sem perceber, entrou no quarto dele pela primeira vez e sentou na cama, sentindo-se uma invasora.

Observou as cortinas verdes pesadas, os pares de sapatos engraxados alinhados na parede, a porta do guarda-roupa, onde a pintura cinza estava lascada e revelava a madeira por baixo. Viu um maço de cigarros sobre a mesa de cabeceira. Pôs um nos lábios e ficou em frente ao espelho oval na parede. Tragou o cigarro apagado diante do espelho e fez movimentos de bater as cinzas. Devolveu o cigarro ao maço. Nunca conseguiria ter a graça e a desenvoltura com que as mulheres de Cabul fumavam. Nela, parecia uma coisa grosseira, ridícula.

Sentindo-se culpada, Mariam abriu a gaveta superior da mesa de cabeceira.

Primeiro ela viu a arma. Era preta, com uma coronha de madeira e um cano curto. Mariam fez questão de lembrar o lado para que estava virada antes de pegá-la. Virou a arma nas mãos. Era muito mais pesada do que parecia. A coronha pareceu lisa na mão, e o cano era frio. Era inquietante que Rasheed tivesse uma coisa cujo único propósito era matar outra pessoa. Mas com certeza era uma questão de segurança. Segurança dela.

Embaixo da arma havia diversas revistas com as beiradas dobradas. Ela abriu uma delas. Alguma coisa desabou dentro de Mariam. O queixo caiu como se tivesse vontade própria.

Todas as páginas mostravam mulheres, mulheres bonitas, que não usavam blusa, nem calças, nem meias, nem calcinhas. Não vestiam absolutamente nada. Recostavam-se em camas em meio a lençóis amassados olhando para Mariam com olhos semicerrados. Na maioria das imagens, as pernas estavam abertas, e Mariam tinha uma visão total do lugar escuro entre elas. Em algumas, as mulheres estavam prostradas como se — que Deus perdoe o pensamento — em *sujda* para rezar. Olhavam para trás, por cima

dos ombros, com uma expressão de desdém tedioso.

Mariam guardou depressa a revista onde a encontrou. Sentiu-se drogada. Quem eram aquelas mulheres? Como podiam se deixar fotografar daquela maneira? O estômago revirou enjoado. Então era isso que ele fazia, nas noites em que não a visitava no quarto? Será que ela o desapontava nesse aspecto em particular? E toda aquela conversa de honra e sobriedade, de repreensão às clientes mulheres que, afinal de contas, só estavam mostrando os pés para serem calçados? *O rosto de uma mulher*, ele dissera, *é só do marido*. Com certeza as mulheres daquela revista tinham maridos, pelo menos algumas. No mínimo, tinham irmãos. Se era assim, por que Rasheed insistia para que *ela* se cobrisse, enquanto não achava nada de mais em ver as partes privadas das esposas e irmãs de outros homens?

Mariam sentou na cama dele, confusa e envergonhada. Enfiou o rosto entre as mãos e fechou os olhos. Ficou respirando fundo até se sentir mais calma.

Lentamente, apresentou-se uma explicação. Ele era um homem, afinal, vivendo sozinho durante muitos anos antes de ela vir morar ali. Suas necessidades eram diferentes das dela. Para Mariam, todos esses meses depois, o coito continuava sendo um exercício de tolerância à dor. O apetite dele, por outro lado, era feroz, às vezes beirando a violência. A forma como a subjugava, os apertos fortes nos seios, como os quadris eram vorazes. Ele era um homem. Todos esses anos sem uma mulher. Será que poderia culpá-lo por ser da forma como tinha sido criado por Deus?

Mariam sabia que jamais poderia falar com ele a respeito. Era algo não mencionável. Mas seria imperdoável? Só precisava pensar no outro homem da sua vida. Jalil, marido de três mulheres e pai de nove filhos na época, tendo relações com Nana fora do casamento. O que era pior, a revista de Rasheed ou o que Jalil tinha feito? E que direito tinha ela, uma *harami*, de fazer juízo de alguém?

Mariam tentou a gaveta de baixo da mesa de cabeceira.

Foi lá que achou a foto do garoto, Yunus. Em preto e branco. Parecia ter uns quatro, cinco anos. Usava uma camisa listrada e gravata-borboleta. Era um garotinho bonito, de nariz afilado, cabelos castanhos e olhos escuros levemente fundos. Parecia distraído, como se algo tivesse chamado sua atenção assim que a câmera disparou.

Mais embaixo, Mariam encontrou outra foto, também em preto e branco, essa um pouco mais granulada. De uma mulher sentada e, atrás dela, um Rasheed mais magro e mais jovem, de cabelo preto. A mulher era linda. Não tanto quanto as mulheres da revista, talvez, mas muito bonita. Com certeza mais bonita que ela, Mariam. Tinha o queixo delicado e os cabelos repartidos ao meio. Malares altos e uma testa delicada. Mariam visualizou o próprio rosto, os lábios finos e o queixo comprido, e sentiu uma pontada de ciúme.

Ficou olhando a foto por muito tempo. Havia algo vagamente perturbador na forma como Rasheed pairava acima da mulher. As mãos nos

ombros dela. Seu sorriso de lábios apertados e o rosto taciturno, ao lado da mulher que não sorria. A forma como o corpo dela se inclinava para a frente de maneira sutil, como se tentasse se livrar daquelas mãos.

Mariam guardou tudo nos locais onde tinha encontrado.

Mais tarde, enquanto lavava a roupa, lamentou ter bisbilhotado o quarto dele. Para quê? Que aspecto substancial tinha aprendido sobre ele? Que tinha uma arma, que era um homem com as necessidades de um homem? E não devia ter ficado olhando tanto tempo a foto dele com a mulher. Seus olhos tinham interpretado significados no que era uma postura corporal aleatória captada num instante de tempo.

O que Mariam sentia agora, enquanto o varal de roupas balançava pesado diante dela, era pena de Rasheed. Ele também tivera uma vida difícil, uma vida marcada pela perda e por tristes reviravoltas do destino. Seus pensamentos se voltaram para o garoto Yunus, que tinha feito bonecos de neve naquele quintal, cujos pés tinham pisado esses mesmos degraus. O lago o tinha arrebatado de Rasheed, engolindo seu filho como uma baleia engolira o profeta de mesmo nome no Corão. Era uma dor para Mariam — e uma dor considerável — imaginar Rasheed indefeso e em pânico, andando pelas margens do lago, implorando para que o filho fosse expelido de volta a terra firme. E sentiu pela primeira vez um parentesco com o marido. Disse a si mesma que os dois seriam bons companheiros, afinal.

TREZE

NO TRAJETO DE ÔNIBUS VOLTANDO DO MÉDICO, aconteceu a coisa mais estranha com Mariam. Para onde ela olhava, via cores brilhantes: nos edifícios de apartamentos de concreto pardo, nas lojas de tetos de zinco à beira da calçada, nas águas lamacentas saindo dos esgotos. Era como se um arco-íris tivesse derretido em seus olhos.

Rasheed tamborilava os dedos enluvados e cantarolava uma canção. Cada vez que o ônibus passava num buraco com um solavanco, a mão dele despontava para proteger a barriga da esposa.

— E quanto a Zalmi? — ele perguntou. — É um bom nome pashtun.

— E se for uma menina? — retrucou Mariam.

— Acho que vai ser menino. Sim. Um menino.

Um murmúrio percorreu o ônibus. Alguns passageiros apontavam alguma coisa, enquanto outros se inclinavam nos bancos para ver melhor.

— Olha — disse Rasheed, batendo a junta dos dedos no vidro. Estava sorrindo. — Ali. Está vendo?

Na rua, Mariam viu pessoas parando de repente. Nos sinais de trânsito, rostos emergiam das janelas dos carros, voltados para os flocos que caíam. O que havia na primeira nevasca de uma estação, pensou Mariam, que fosse tão empolgante? Seria a oportunidade de ver algo ainda imaculado, inexplorado? Observar a graça fugaz de uma nova estação, um adorável começo, antes que fosse repisada e corrompida?

— Se for menina — disse Rasheed — e não vai ser, mas, *se* for menina, você pode escolher o nome que quiser.

Mariam acordou na manhã seguinte sob o som de serrotes e marteladas. Enrolou um xale nos ombros e saiu para o jardim recoberto de neve. A pesada nevasca da noite anterior tinha parado. Agora só uma revoada de flocos finos roçava suas faces. O ar estava parado e cheirava a carvão queimado. Cabul estava envolvida num misterioso silêncio amortalhado de branco, com filetes de fumaça serpenteando aqui e ali.

Encontrou Rasheed no barracão de ferramentas, martelando pregos numa tábua de madeira. Quando a viu, ele tirou um prego do canto da boca.

— Ia ser uma surpresa. Ele vai precisar de um berço. Você só ia ver quando estivesse pronto.

Mariam gostaria que ele não fizesse isso, depositasse tanta esperança de que fosse um menino. Por mais que se sentisse feliz com a gravidez, a

expectativa do marido pesava sobre ela. Ontem, Rasheed tinha saído e voltado para casa com um casaco de camurça de menino, forrado de pele de carneiro, as mangas brocadas com fios de seda vermelhos e amarelos.

Rasheed ergueu uma tábua comprida e estreita. Quando começou a serrá-la ao meio, falou que a escada o preocupava.

— Alguma coisa vai ter de ser feita sobre isso mais tarde, quando ele tiver idade para subir.

A estufa também o preocupava, comentou. As facas e os garfos teriam de ser escondidos em algum lugar onde ele não alcançasse.

— Todo cuidado é pouco. Os garotos são criaturas inquietas.

Mariam se enrolou mais no xale para se proteger do frio.

Na manhã seguinte, Rasheed disse que queria convidar os amigos para um jantar comemorativo. A manhã inteira, Mariam limpou lentilhas e umedeceu arroz. Fatiou berinjelas para o *borani* e cozinhou alho-poró e carne moída para o *aushak*. Varreu o chão, bateu as cortinas, arejou a casa, apesar de ter começado a nevar outra vez. Ajeitou colchões e almofadas ao longo das paredes da sala de estar, organizou tijelas com balas e amêndoas torradas na mesa.

Já estava no quarto no começo da noite, antes de os primeiros homens chegarem. Ficou deitada na cama até os brados, risadas e vozes zombeteiras começarem a aumentar no andar de baixo. Não conseguia parar de alisar a barriga com as mãos. Pensava no que estava crescendo lá dentro, e uma felicidade a invadia como uma lufada de vento abrindo uma porta. Os olhos aguavam.

Mariam pensou na viagem de ônibus de seiscentos e cinquenta quilômetros com Rasheed, desde Herat no oeste, perto da fronteira com o Irã, até Cabul no leste. Os dois tinham passado por grandes e pequenas cidades, inúmeras aldeiazinhas que pareciam surgir uma atrás da outra. Passaram por montanhas e desertos calcinados, de uma província para a seguinte. E aqui estava ela, nessas colinas rochosas e ressecadas, na casa dela, com um marido, em direção a uma província final e querida: a maternidade. Como era delicioso pensar nesse bebê, no filho *dela*, no filho *deles*. Como era glorioso saber que seu amor por ele já tinha tornado insignificante tudo o que já sentira por outros seres humanos, saber que não havia mais necessidade de brincadeiras de pedrinhas.

Lá embaixo, alguém estava afinando um harmônio. Depois o clangor de um martelete afinando uma tabla. Alguém pigarreou. Depois houve assobios, batidas de palmas, urras e cantorias.

Mariam sentiu a suavidade da sua barriga. *Não maior que uma unha*, o médico tinha dito.

Eu vou ser mãe, pensou.

— Eu vou ser mãe — falou. Depois começou a rir sozinha, repetindo muitas vezes aquelas deliciosas palavras.

Quando Mariam pensava no bebê, o coração inchava dentro do peito. Inchava e inchava até que todas as perdas, toda a tristeza, toda a solidão e desamparo de sua vida se dissipavam. Essa era a razão por ter sido trazida por Deus até aqui, desde o outro lado do país. Agora sabia disso. Lembrou um verso do Corão que mulá Faizullah havia ensinado: *E Alá é o Leste e o Oeste, portanto para onde você olhar lá estará o propósito de Alá...* Estendeu seu tapete de orações e fez a *namaz*. Quando terminou, pôs as mãos em concha na frente do rosto e pediu a Deus para não deixar sua boa sorte abandoná-la.

Foi ideia de Rasheed ir ao *hamam*. Mariam nunca tinha ido a uma casa de banhos, mas ele disse que não havia nada melhor do que sair e tomar aquela primeira rajada de ar frio, sentir o calor subindo da pele.

No *hamam* feminino, figuras se movimentavam no vapor ao redor de Mariam, um relance de quadril aqui, o contorno de um ombro ali. Os gritinhos das meninas, os gemidos das mulheres mais velhas e o gotejar da banheira ecoavam pelas paredes enquanto costas eram esfregadas e cabelos ensaboados. Mariam sentou sozinha num canto distante, passando pedrapomes nos calcanhares, isolada dos vultos que passavam por uma muralha de vapor.

Depois viu sangue e começou a gritar.

Ouviu o som de pés batendo na laje molhada. Rostos olhando para ela através da névoa. Línguas estalando.

Mais tarde naquela noite, na cama, Fariba contou ao marido que ouviu o grito e correu para encontrar a mulher de Rasheed encolhida num canto, abraçando os joelhos, uma poça de sangue aos seus pés.

— Dava para ouvir os dentes da pobre garota batendo, Hakim, de tanto que ela tremia.

Quando Mariam a viu, contou Fariba, ela perguntou, numa voz suplicante: *É normal, não é? Não é? Não é normal?*

Mais uma viagem de ônibus com Rasheed. Nevando outra vez. Agora com a neve mais densa. Empilhando nas calçadas, nos tetos, aglomerando-se em montes nos troncos das árvores esparsas. Mariam observava os comerciantes tirando neve da frente das lojas. Um grupo de garotos corria atrás de um cachorro preto. Acenaram alegremente para o ônibus. Mariam olhou para Rasheed. Os olhos dele estavam fechados. Não estava cantarolando. Mariam reclinou a cabeça e também fechou os olhos. Queria tirar as meias de inverno, se livrar do suéter de lã molhado que pinicava sua pele. Queria descer daquele ônibus.

Em casa, Rasheed cobriu-a com uma manta quando ela deitou no sofá, mas havia algo rígido e superficial naquele gesto.

— Que espécie de resposta é essa? — ele disse outra vez. — Isso é o que os mulás costumam dizer. Quando a gente paga o preço de um médico, é

preciso uma resposta melhor do que a “vontade de Deus”.

Mariam encolheu as pernas debaixo da manta e disse que ele devia descansar um pouco.

— Vontade de Deus — fumegou.

Ficou no quarto fumando o resto do dia.

Mariam ficou no sofá, as mãos entre os joelhos, observando os redemoinhos de neve retorcendo e girando pela janela. Lembrou-se de Nana dizendo uma vez que cada floco de neve representava o suspiro de uma mulher magoada em algum lugar do mundo. Que todos os suspiros subiam ao céu, reuniam-se em nuvens, depois se partiam em pedacinhos que caíam em silêncio nas pessoas abaixo.

Como uma lembrança de quanto mulheres como nós sofrem, explicara. Como aguentamos em silêncio tudo o que se abate sobre nós.

CATORZE

A TRISTEZA CONTINUOU SURPREENDENDO MARIAM. Bastava pensar no berço inacabado no barracão, ou no casaco de camurça no armário de Rasheed. Nesses momentos, o bebê ganhava vida e ela podia ouvi-lo, ouvir seus grunhidos de fome, os arrulhos e as tagarelices. Sentia-o farejando seus seios. A tristeza era avassaladora como uma onda, deixando-a de ponta-cabeça. Mariam ficou atônita de conseguir sentir tanta falta de um ser que nunca havia visto.

Depois havia dias em que o abatimento não parecia tão inexorável a Mariam. Dias em que o mero pensamento de retomar os antigos padrões de sua vida não parecia tão exaustivo, quando não era necessário um esforço enorme para levantar da cama, para fazer as preces, para lavar a roupa ou preparar as refeições de Rasheed.

Mariam tinha muito medo de sair. De repente, sentia inveja das mulheres da vizinhança e de seus filhos saudáveis. Algumas tinham sete ou oito e não compreendiam o quanto eram afortunadas, como eram abençoadas por seus filhos terem florescido em seus úteros, vivido para chorar em seus braços e mamar o leite de seus seios. Filhos que não tinham saído como sangue misturado com água e sabão e sujeira corpórea de estranhos por algum ralo de casa de banho. Mariam se incomodava quando as ouvia reclamar sobre os filhos malcomportados e as filhas preguiçosas.

Uma voz dentro dela tentava tranquilizá-la com um consolo bem-intencionado, porém equivocado.

Você pode ter outros filhos, Inshallah. Você ainda é jovem, vai ter muitas outras oportunidades.

Mas a tristeza de Mariam era direcionada e específica. Mariam chorava por *esse* filho, essa criança específica, que a tinha feito tão feliz por um tempo.

Em alguns dias, acreditava que o bebê havia sido uma graça não merecida, que estava sendo castigada pelo que tinha feito com Nana. Não era verdade que era como se ela tivesse posto aquela corda ao redor do pescoço da mãe? Filhas traidoras não merecem ser mães, e aquilo era simplesmente um castigo. Tinha sonhos espasmódicos, em que o *jini* de Nana entrava no quarto dela à noite, enterrava as garras no seu útero e roubava o seu filho. Nesses sonhos, Nana gargalhava com o prazer da vingança.

Em outros dias, Mariam era tomada pela raiva. Era culpa de Rasheed,

por sua comemoração prematura. Por sua tola convicção de que ela estava grávida de um menino. Dar um nome ao menino, como tinha feito. Considerando a vontade de Deus como certa. Culpa dele, por tê-la levado àquela casa de banhos. Alguma coisa lá, o vapor, a água suja, o sabonete, alguma coisa lá tinha feito aquilo acontecer. Não. Rasheed, não. *Ela* era a culpada. Ficava furiosa consigo mesma por ter dormido na posição errada, por comer alimentos muito temperados, por não ingerir muitas frutas, por tomar chá demais.

Foi culpa de Deus, por escarnecer dela como tinha feito. Por não conceder o que concedia a todas as outras mulheres. Por acenar, de forma tão hipnótica, com o que Ele sabia que poderia propiciar-lhe a maior felicidade, só para negá-la depois.

Mas não fazia nenhum bem todas aquelas camadas de culpas, aquelas arengas de acusações ricocheteando na cabeça. Era um *kofr*, um sacrilégio, ter esses pensamentos. Alá não era rancoroso. Não era um Deus mesquinho. As palavras do mulá Faizullah sussurravam em sua cabeça. *Abençoado seja Ele em Cujas mãos está o reino, Ele que tem o poder sobre todas as coisas, que criou a morte e a vida e que pode pôr todos à prova.*

Arrasada pela culpa, Mariam se ajoelhava e rezava por perdão por esses pensamentos.

* * *

Enquanto isso, Rasheed também mudou desde aquele dia na casa de banhos. Na maioria das noites em que estava em casa, mal falava. Comia, fumava, ia para a cama, às vezes voltava no meio da noite para uma breve e, recentemente, bem ríspida sessão de coito. O que mais fazia naqueles dias era resmungar, falar mal da comida, reclamar da bagunça no jardim ou apontar os menores detalhes na limpeza da casa. Em algumas ocasiões, saía com ela numa sexta-feira, como antes, mas andando depressa e sempre alguns passos à frente dela na calçada. Não ria mais como nas outras vezes que saíram. Não comprava mais doces nem presentes, não parava e dizia o nome dos lugares como fazia. As perguntas pareciam ser motivo de irritação.

Certa noite, os dois estavam sentados na sala ouvindo o rádio. O inverno estava acabando. Os ventos gelados que jogavam neve no rosto e faziam os olhos lacrimejarem se acalmavam. Felpas prateadas de neve derretiam nos ramos dos álamos altos, e em algumas semanas seriam substituídas por brotos verde-claros e espinhosos. Rasheed balançava o pé, distraído no ritmo da batida da tabla de uma canção *Hamahang*, os olhos crispados com a fumaça do cigarro.

— Você está zangado comigo? — perguntou Mariam.

Rasheed não respondeu. A música acabou e começaram as notícias. Uma voz de mulher relatou que o presidente Daoud Khan tinha rechaçado mais um grupo de consultores soviéticos e os mandado de volta a Moscou, o que

deveria desagradar o Kremlin.

— Eu fico preocupada de você estar zangado comigo.

Rasheed deu um suspiro.

— Você está?

Rasheed voltou o olhar para ela.

— Por que eu estaria zangado?

— Não sei, mas desde que o bebê...

— É por esse tipo de homem que você está me tomando, depois de tudo o que fiz por você?

— Não. Claro que não.

— Então pare de me apoquentar.

— Desculpe. *Bebakhsh*, Rasheed. Desculpe.

Ele apagou o cigarro e acendeu outro. Aumentou o volume do rádio.

— Mas eu andei pensando — disse Mariam, erguendo a voz para ser ouvida com o volume do rádio.

Rasheed suspirou outra vez, agora mais irritado, abaixando o volume do rádio. Esfregou a testa aparentando fastio.

— E agora, o quê?

— Andei pensando que talvez a gente pudesse fazer um enterro formal. Para o bebê, quero dizer. Só nós dois, algumas orações, nada mais.

Mariam andava pensando nisso havia algum tempo. Não queria esquecer o bebê. Não parecia direito deixar de assinalar essa perda de uma forma mais permanente.

— Para quê? É uma idiotice.

— Eu me sentiria melhor, acho.

— Então faça *você* — ele replicou bruscamente. — Eu já enterrei um filho. Não vou enterrar outro. Agora, se não se importa, estou tentando escutar.

Aumentou o volume outra vez, recostou a cabeça para trás e fechou os olhos.

Numa manhã de sol daquela semana, Mariam escolheu um pedaço do jardim e cavou um buraco.

— Em nome de Alá e com Alá, e em nome do mensageiro de Alá sobre quem estão todas as bênçãos e a paz de Alá — ela recitou baixinho enquanto escavava o buraco na terra. Depositou o casaco de camurça comprado por Rasheed para o bebê no buraco e jogou terra em cima.

— O Senhor faz a noite passar ao dia e faz o dia virar noite, e o Senhor traz os vivos dos mortos e dá apoio a quem O agrada sem medir esforços.

Alisou a terra com a pá. Agachou-se ao lado do morrinho, fechou os olhos.

Dai apoio, Alá.

Dai apoio a mim.

QUINZE

ABRIL DE 1978

NO DIA 17 DE ABRIL DE 1978, no ano em que Mariam completou dezenove anos, um homem chamado Mir Akbar Khyber foi encontrado assassinado. Dois dias depois, houve uma grande manifestação em Cabul. Todos da vizinhança foram para as ruas falar a respeito. Pela janela, Mariam viu os vizinhos se aglomerando, conversando animadamente, rádios transistores colados nos ouvidos. Viu Fariba encostada no muro da casa, conversando com uma mulher recém-chegada a Deh-Mazang. Fariba sorria, as mãos apoiadas na barriga grávida. A outra mulher, cujo nome Mariam não se recordava, parecia mais velha que Fariba e tinha o cabelo tingido de um estranho tom púrpura. Estava segurando a mão de um garotinho. Mariam sabia que o nome do garoto era Tariq, pois tinha ouvido a mulher chamar o filho pelo nome na rua.

Mariam e Rasheed não saíram para conversar com os vizinhos. Ouviram no rádio que dezenas de pessoas tinham invadido as ruas e marchavam pelo bairro governamental de Cabul. Rasheed disse que Mir Akbar Khyber era um proeminente comunista, que seus correligionários culpavam o governo do presidente Daoud Khan por sua morte. Rasheed não olhou para ela quando explicou isso. Já fazia algum tempo que não olhava mais para Mariam, e ela nem soube ao certo se ele estava falando com ela.

— O que é um comunista? — perguntou.

Rasheed riu pelo nariz, ergueu as duas sobrancelhas.

— Você não sabe o que é um comunista? É uma coisa tão simples. Todo mundo sabe. É conhecimento comum. Você não sabe... Bah. Nem sei por que estou surpreso. — Depois cruzou os tornozelos em cima da mesa e disse que era alguém que acreditava em Karl Marxista.

— Quem é Karl Marxista?

Rasheed suspirou.

No rádio, uma voz de mulher dizia que Taraki, o líder da facção Khalq da PDPA, o partido comunista afegão, estava nas ruas fazendo discursos inflamados para os manifestantes.

— O que eu quis dizer foi: o que eles querem? — perguntou Mariam. — Esses comunistas, no que eles acreditam?

Rasheed deu uma risadinha e abanou a cabeça, mas Mariam pensou ter percebido insegurança quando ele cruzou os braços, pela maneira como

mexeu os olhos.

— Você não sabe nada, não é? Você é como uma criança. Seu cérebro é oco. Não existe informação nele.

— Estou perguntando por que...

— *Chup ko*. Cale a boca.

Mariam se calou.

Não era fácil tolerar quando ele falava desse jeito com ela, aguentar seu desprezo, suas ridicularizações, seus insultos, o jeito de passar por ela como se fosse nada mais que um gato de estimação. Mas depois de quatro anos de casamento, Mariam já sabia claramente o quanto uma mulher conseguia tolerar quando estava com medo. E Mariam *sentia* medo. Vivia com medo das mudanças de humor do marido, de seu temperamento volátil, de sua insistência em conduzir até mesmo diálogos mundanos para um caminho de confronto que, em algumas ocasiões, era resolvido com socos, tapas e pontapés, que depois às vezes tentava consertar com desculpas esfarrapadas ou até nem isso.

Nos quatro anos desde o dia na casa de banhos, surgiram mais seis ciclos de esperança, logo frustrados, com cada perda, cada colapso, cada visita ao médico mais esmagadora para Mariam do que a anterior. A cada nova decepção, Rasheed ficava mais distante e mais ressentido. Agora nada que ela fazia o agradava. Continuava limpando a casa, garantindo o suprimento de camisas limpas, preparando seus pratos favoritos. Certa vez, numa atitude desastrada, chegou a comprar maquiagem e se pintou para ele. Mas quando ele chegou em casa, lançou um olhar para Mariam e fez uma careta de desgosto tal que ela correu ao banheiro para se lavar, com lágrimas de vergonha se misturando à água ensaboada, ao ruço e ao rímel.

Agora Mariam temia o som do marido chegando em casa à noite. O tilintar da chave, o rangido da porta — eram sons que faziam seu coração disparar. Em sua cama, ela ouvia o clope-clope dos saltos dele, o som abafado dos passos depois que tirava os sapatos. Fazia um inventário auditivo: cadeiras sendo arrastadas pelo assoalho, o gemido queixoso do assento de palha quando ele se sentava, o som da colher no prato, o farfalhar das páginas viradas do jornal, o server do copo de água. Enquanto o coração batia mais forte, Mariam matutava que desculpa ele iria arrumar naquela noite para bater nela. Sempre havia alguma coisa, algum pequeno detalhe que o enfurecia; por mais que ela fizesse tudo para agradá-lo, por mais que se submetesse aos seus desejos e exigências, não era o bastante. Ela não podia trazer seu filho de volta. No aspecto mais essencial, ela tinha falhado com ele — tinha falhado sete vezes — e agora não era mais do que um peso na vida do marido. Percebia isso na maneira como Rasheed olhava para ela, *quando* ele olhava para ela. Era um peso na vida dele.

— O que vai acontecer agora? — ela perguntou.

Rasheed deu um olhar de soslaio. Emitiu um som que ficou entre um suspiro e um grunhido, tirou as pernas da mesa e desligou o rádio. Subiu

para o quarto. Fechou a porta.

Em 27 de abril, a pergunta de Mariam foi respondida por sons estridentes e um súbito e intenso rugido. Ela desceu a escada descalça até a sala e encontrou Rasheed já na janela, de camiseta, cabelo despenteado, as mãos espalmadas no vidro. Mariam foi até a janela ao lado dele. No alto, pôde ver aviões militares passarem zunindo, rumo ao norte e ao leste. Os rugidos ensurdecedores machucaram seus tímpanos. À distância, explosões ressoavam e súbitas nuvens de fumaça subiam aos céus.

— O que está acontecendo, Rasheed? — perguntou. — O que é isso?

— Só Deus sabe — ele murmurou. Tentou ligar o rádio, mas só ouviu estática.

— O que vamos fazer?

Impaciente, Rasheed respondeu:

— Vamos esperar.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Rasheed ainda tentava ouvir o rádio enquanto Mariam preparava arroz com molho de espinafre na cozinha. Lembrou-se de uma época em que gostava, até sentia certa expectativa, de cozinhar para Rasheed. Agora cozinhar era um exercício de alta ansiedade. As *qurmas* estavam sempre muito salgadas ou insípidas para o gosto dele. O arroz estava grudento ou solto demais. A seletividade de Rasheed a deixava totalmente insegura para cozinhar.

Quando trouxe o prato para ele, o hino nacional estava tocando no rádio.

— Eu fiz *sabzi* — falou.

— Deixe aí e fique quieta.

Quando a música parou, uma voz de homem começou a falar no rádio. Apresentou-se como o coronel da Força Aérea Abdul Qader. Relatou que naquela manhã os rebeldes da Quarta Divisão Blindada tinham tomado o aeroporto e outros pontos estratégicos da cidade. A Rádio Cabul, os ministérios da Comunicação e do Interior e o prédio do Ministério do Exterior também haviam sido capturados. Cabul estava nas mãos do povo agora, explicou com orgulho. MiGs rebeldes tinham atacado o palácio presidencial. Tanques invadiram o local, onde se travava uma batalha feroz. As forças legalistas de Daoud estavam quase derrotadas, pronunciou Abdul Qader num tom reconfortante.

Dias depois, quando os comunistas começaram as execuções sumárias dos que tinham ligações com o regime de Daoud Khan, quando começaram a circular rumores em Cabul sobre olhos arrancados e genitais eletrocutados na prisão de Pol-e-Charkhi, Mariam ouviu sobre o massacre perpetrado no palácio presidencial. Daoud Khan *tinha* sido morto, mas não antes de os rebeldes comunistas terem matado cerca de vinte membros de sua família, inclusive mulheres e netos. Havia boatos de que ele teria se suicidado, que

tinha sido morto no calor da batalha; rumores de que fora deixado por último, obrigado a observar o massacre de sua família antes de ser fuzilado.

Rasheed aumentou o volume e chegou mais perto.

— Um conselho revolucionário das forças armadas foi estabelecido, e nossa *watan* agora será conhecida como a República Democrática do Afeganistão — continuou Abdul Qader. — Acabou-se a era da aristocracia, do nepotismo e da desigualdade, companheiros *hamwatsans*. Pusemos fim a décadas de tirania. O poder agora está nas mãos das massas e das pessoas que amam a liberdade. Uma gloriosa nova era na história do nosso país se descortina. Nasceu um novo Afeganistão. O novo regime manterá o maior respeito pelos princípios, tanto islâmicos como democráticos. É um momento de júbilo e celebração.

Rasheed desligou o rádio.

— Então, isso é bom ou ruim? — perguntou Mariam.

— Mau para os ricos, pelo jeito — respondeu Rasheed. — Talvez não seja tão mau para nós.

O pensamento de Mariam se desviou para Jalil. Imaginou se os comunistas iriam atrás dele. Será que iriam colocar Jalil na cadeia? Prender os filhos dele? Tirar seus negócios e suas casas?

— Isso está quente? — perguntou Rasheed, fitando o arroz.

— Eu acabei de tirar da panela.

Deu um grunhido e mandou que ela passasse o prato.

Na rua, enquanto a noite se iluminava com súbitos clarões avermelhados e amarelos, uma fatigada Fariba se apoiava nos cotovelos. O cabelo estava emplastrado de suor, e gotas de transpiração se acumulavam no lábio superior. Ao seu lado, na cama, a parteira mais velha, Wajma, olhava enquanto o marido e os filhos de Fariba passavam o recém-nascido de braço em braço. Estavam admirados com o cabelo claro da criança, as bochechas cor-de-rosa amassadas, os lábios rosados, as fendas de olhos verde-jade se mexendo atrás das pálpebras inchadas. Sorriram um para o outro quando ouviram a voz dela pela primeira vez, um vagido que começou como o miado de um gato e eclodiu num saudável berro a plenos pulmões. Noor disse que os olhos dela pareciam duas joias. Ahmad, o membro mais religioso da família, entouu a *azan* no ouvido da irmã e soprou seu rosto três vezes.

— Então vai ser Laila? — perguntou Hakim, embalando a filha.

— Laila será — confirmou Fariba, com um sorriso cansado. — Beleza da Noite. É perfeito.

Rasheed fez uma bola de arroz com os dedos. Levou à boca, mastigou uma vez, depois duas, antes de fazer uma careta e cuspir na *sofrah*.

— Qual é o problema? — perguntou Mariam, odiando o tom de desculpas da própria voz. Sentiu o pulso acelerar, a pele retesar.

— Qual é o problema? — choramingou Rasheed, imitando a mulher. — O problema é que você fez a mesma coisa outra vez.

— Mas eu deixei cozinhando cinco minutos a mais do que o normal.

— Isso é uma mentira deslavada.

— Eu juro...

Soltou o arroz dos dedos com raiva e empurrou o prato, derramando molho e arroz na *sofrah*. Mariam ficou olhando quando ele levantou furioso da sala e saiu de casa, batendo a porta da frente.

Mariam abaixou e tentou recolher os grãos de arroz do chão e pôr de volta no prato, mas as mãos tremiam demais e ela teve de esperar que acalmassem. O temor apertava o seu peito. Tentou respirar fundo algumas vezes. Viu seu pálido reflexo no vidro da janela na sala obscurecida e desviou o olhar.

Em seguida ouviu a porta da frente se abrir, e Rasheed estava de volta na sala de estar.

— Levanta daí — falou. — Vem cá. Levanta.

Pegou a mão dela, abriu e despejou um punhado de pedregulhos.

— Ponha isso na boca.

— O quê?

— Ponha... isso... na boca.

— Para com isso, Rasheed. Eu...

As mãos fortes dele agarraram seu queixo. Enfiou dois dedos na boca de Mariam e abriu os lábios, depois forçou os pedregulhos duros e frios em sua boca. Mariam lutou para se desvencilhar, resmungando, mas ele continuou enfiando pedregulhos, com o lábio superior deformado num esgar.

— Agora mastigue — falou.

Com a boca cheia de areia e pedregulhos, Mariam murmurou uma súplica. Lágrimas escorriam dos cantos dos seus olhos.

— MASTIGUE! — ele berrou. Seu hálito de fumante inundou o rosto dela.

Mariam mastigou. Alguma coisa lascou no fundo da boca.

— Ótimo — disse Rasheed. As bochechas fremiam. — Agora você sabe o gosto que tem o seu arroz. Agora sabe o que tem me proporcionado nesse casamento. Comida ruim e nada além.

Depois saiu de casa, deixando Mariam cuspiendo pedregulhos, sangue e fragmentos de dois molares quebrados.

PARTE DOIS

DEZESSEIS

CABUL, PRIMAVERA DE 1987

COM NOVE ANOS DE IDADE, Laila levantou da cama como fazia todas as manhãs, ansiosa para ver o amigo Tariq. Naquela manhã, no entanto, ela sabia que não o veria.

— Quanto tempo você vai ficar fora? — ela perguntara quando Tariq disse que iria com os pais para o sul, para a cidade de Ghazni, para visitar um tio paterno.

— Treze dias.

— *Treze dias?*

— Não é tanto tempo assim. Você está fazendo drama, Laila.

— Não estou, não.

— Você não vai chorar, vai?

— Eu não vou chorar! Não por sua causa. Nem em mil anos.

Chutou a canela dele, não a postiça, a verdadeira, e ele deu um tapa de brincadeira na cabeça dela.

Treze dias. Quase duas semanas. Agora, cinco dias depois, Laila tinha aprendido uma verdade fundamental sobre o tempo: assim como o acordeão em que o pai de Tariq às vezes tocava velhas cantigas pashtuns, o tempo esticava e encolhia de acordo com a ausência ou a presença de Tariq.

No andar de baixo, os pais estavam brigando. De novo. Laila conhecia a rotina: mami, feroz e indomável, discursava andando de um lado para o outro; babi, sentado, parecendo tímido e atordoado, anuindo obedientemente, esperando a tempestade passar. Laila fechou a porta e trocou de roupa. Mas continuou ouvindo os dois. Continuou ouvindo a *mãe*. Finalmente, uma porta bateu. Passos pesados. A cama de mami rangendo alto. Ao que tudo indicava, babi iria sobreviver mais um dia.

— Laila! — ele chamou. — Eu vou chegar atrasado ao trabalho!

— Um minuto!

Laila calçou os sapatos e, diante do espelho, deu uma rápida escovada nos cabelos loiros e ondulados que chegavam aos ombros. Mami sempre dizia que Laila tinha herdado a cor de seus cabelos — bem como os olhos verde-jade de cílios longos, as covinhas nas bochechas, os malarres altos e a protuberância do lábio inferior —, que mami tinha em comum com sua bisavó, avó de mami. *Ela era uma pari, uma beldade*, dizia mami. *A beleza dela era o assunto do vale. Pulou duas gerações de mulheres na nossa família,*

mas sem dúvida passou a você, Laila. O vale a que mami se referia era o Panjshir, a região de fala persa de Tajique, cem quilômetros a nordeste de Cabul. Tanto mami como babi, que eram primos em primeiro grau, nasceram e foram criados em Panjshir; tinham vindo para Cabul em 1960 como recém-casados esperançosos e de olhos brilhantes, quando babi foi admitido na Universidade de Cabul.

Laila desceu a escada, torcendo para que mami não sáísse do quarto para um segundo assalto. Encontrou babi ajoelhado perto da porta de tela.

— Você viu isso aqui, Laila?

O rasgo na tela já tinha várias semanas. Laila abaixou-se ao lado dele.

— Não. Deve ser recente.

— Foi o que eu disse a Fariba. — Parecia trêmulo, intimidado, como sempre acontecia quando mami arrasava com ele. — Ela diz que as abelhas estão entrando por aqui.

O coração de Laila tomava o partido do pai. Babi era um homem pequeno, de ombros estreitos e mãos esguias e delicadas, quase femininas. À noite, quando entrava no quarto de babi, Laila sempre via o perfil inclinado do pai enterrado em algum livro, os óculos empoleirados na ponta do nariz. Às vezes ele nem notava que ela estava lá. Quando percebia, marcava a página do livro e abria um sorriso apertado e amigável. Babi sabia a maioria dos *ghazals* de Rumi e Hafez de cor. Podia falar um longo tempo sobre a luta entre a Grã-Bretanha e a Rússia tsarista pelo Afeganistão. Sabia a diferença entre uma estalactite e uma estalagmite, e dizia que a distância entre a Terra e o Sol era igual a ir de Cabul a Ghazni um milhão e meio de vezes. Mas se precisasse abrir a tampa emperrada do pote de balas, Laila tinha de procurar mami, o que parecia uma traição. Ferramentas normais sempre deixavam babi confuso. Sob sua guarda, portas que rangiam nunca eram azeitadas. Os tetos continuavam com goteiras depois que ele os consertava. Limo florescia desafiante nos armários da cozinha. Mami dizia que antes de partir com Noor para se juntar a jihad contra os soviéticos, nos anos 1980, era Ahmad quem cuidava dessas coisas, com zelo e competência.

— Mas se você tiver um livro que precise ser lido com urgência — dizia —, Hakim é o homem certo.

Mesmo assim, Laila não conseguia deixar de achar que antes de Ahmad e Noor irem para a guerra contra os soviéticos — antes de babi *deixar* que eles fossem para a guerra —, mami também se enternecia com o gosto pelos livros de babi e considerava seus esquecimentos e sua inépcia encantadores.

— Então, que dia é hoje? — ele perguntou, sorrindo timidamente. — Quinto dia? Ou sexto dia?

— E eu sei lá? Não fico contando — mentiu Laila, dando de ombros, adorando que ele se lembrasse. Mami nem sabia que Tariq estava viajando.

— Bem, a lanterna dele vai apagar antes de você perceber — falou babi, referindo-se à brincadeira de sinalização noturna entre Laila e Tariq. Os dois faziam aquela brincadeira havia tanto tempo que já tinha se tornado um

ritual antes de dormir, como escovar os dentes.

Babi passou os dedos no rasgo da tela.

— Vou consertar isso assim que puder. É melhor irmos andando. — Ergueu a voz e falou por cima do ombro: — Estamos saindo, Fariba! Vou levar Laila para a escola. Não esqueça de buscá-la mais tarde!

Já na rua, enquanto subia no bagageiro da bicicleta de babi, Laila viu um carro estacionado no outro lado da rua, em frente à casa onde o sapateiro, Rasheed, morava com a esposa reclusa. Era uma Mercedes-Benz, um automóvel pouco comum naquela vizinhança, azul com uma faixa branca larga dividindo o capô, o teto e o porta-malas. Laila conseguiu vislumbrar dois homens no carro, um ao volante e outro no banco traseiro.

— Quem são eles? — perguntou.

— Não é da nossa conta — respondeu babi. — Vamos logo, você vai chegar atrasada na aula.

Laila se lembrou de outra briga, e, dessa vez, mami encarou babi e disse de uma forma agressiva: *Esse é seu problema, não é, primo? Dizer que nada é da sua conta. Nem mesmo quando seus filhos vão para a guerra. Como eu implorei a você. Mas você enterrou o nariz nesses malditos livros e deixou seus filhos irem, como se fossem dois haramis.*

Babi pedalava a bicicleta, Laila no carona, abraçada à sua cintura. Quando passaram pela Mercedes azul, Laila viu de relance o homem no banco de trás: magro, de cabelo branco, vestindo um terno marrom-escuro, um triângulo de lenço branco no bolso superior. A única outra coisa que teve tempo de notar era que o carro tinha placa de Herat.

Fizeram o resto do caminho em silêncio, a não ser nas curvas, quando babi freava com cuidado e dizia:

— Segura, Laila. Reduzindo. Reduzindo. Pronto.

Naquele dia, Laila teve dificuldade para prestar atenção nas aulas, por conta da ausência de Tariq e da briga entre os pais. Por isso, quando a professora pediu que dissesse os nomes das capitais da Romênia e de Cuba, Laila foi pega de surpresa.

O nome da professora era Shanzai, mas, pelas costas, os alunos a chamavam de *khala* Rangmaal, tia Pintora, em referência ao seu movimento predileto quando esbofeteava os alunos — a palma da mão, depois as costas e assim por diante, como um pintor trabalhando com o pincel. *Khala* Rangmaal era uma jovem de rosto fino e sobrancelhas espessas. No primeiro dia de aula, anunciou com orgulho para a classe que era filha de um pobre camponês de Khost. Tinha uma postura ereta e usava os cabelos negros presos num coque apertado, de forma que, quando *khala* Rangmaal virava de costas, Laila podia ver os fiapos escuros na sua nuca. *Khala* Rangmaal não usava maquiagem nem joias. Não se cobria e proibia as alunas de se cobrirem. Dizia que mulheres e homens eram iguais em todos os aspectos e que não havia razão para que as mulheres se cobrissem e os homens, não.

Defendia que a União Soviética era o melhor país do mundo, ao lado do Afeganistão. Era bondoso com os trabalhadores, e as pessoas eram todas iguais. Todo mundo na União Soviética era feliz e amistoso, diferente da América, onde a criminalidade fazia as pessoas sentirem medo de sair de suas casas. E todo mundo no Afeganistão também iria ser feliz, afirmava, assim que os antiprogressistas, os bandidos retrógrados, fossem derrotados.

— Foi por isso que nossos camaradas soviéticos vieram para cá em 1979. Para ajudar seu país vizinho. Ajudar a derrotar esses brutos que desejam que nosso país seja atrasado e primitivo. E vocês também precisam ajudar, crianças. Devem relatar qualquer um que saiba alguma coisa sobre esses rebeldes. É o seu dever. Devem ouvir, depois informar. Mesmo que sejam seus pais, seus tios ou suas tias. Pois nenhum deles ama vocês como o seu país. O seu país vem primeiro, lembrem-se disso! Eu vou me sentir orgulhosa de vocês, assim como o nosso país.

Atrás da mesa de *khala* Rangmaal havia um mapa da União Soviética, um mapa do Afeganistão e uma foto emoldurada do último presidente comunista, Najibullah, que, segundo babi, já tinha sido chefe da temida KHAD, a polícia secreta afegã. Havia outras fotos também, principalmente de jovens soldados soviéticos apertando as mãos de camponeses, plantando mudas de maçã, construindo casas, sempre sorrindo cordiais.

— Ora — disse agora *khala* Rangmaal —, será que atrapaihei o seu sonho acordada, Garota *Inqilab*?

Era o apelido de Laila, Garota Revolucionária, por ter nascido na noite do golpe de abril de 1978 — só que *khala* Rangmaal ficava brava se alguém na classe usasse a palavra *golpe*. O que tinha acontecido, ela insistia, fora uma *inqilab*, uma revolução, uma revolta dos trabalhadores contra a desigualdade. *Jihad* era outra palavra proibida. Segundo ela, nem sequer existia uma guerra lá nas províncias, apenas escaramuças contra arruaceiros, incitadas por pessoas que chamava de provocadores estrangeiros. E com certeza ninguém, *ninguém* se atrevia a repetir na presença dela os crescentes rumores de que, depois de oito anos de luta, os soviéticos estavam perdendo aquela guerra. Especialmente agora que o presidente americano Reagan começava a fornecer mísseis Stinger aos mujahidin para abater os helicópteros soviéticos, agora que muçulmanos de todas as partes do mundo começavam a se unir à causa: egípcios, paquistaneses, até os ricos sauditas deixavam seus milhões para trás e vinham para o Afeganistão lutar na jihad.

— Bucareste. Havana — conseguiu responder Laila.

— E esses países são nossos amigos ou não?

— São amigos, *moalim* sahib. São países amigos.

Khala Rangmaal aquiesceu discretamente.

Quando as aulas terminaram, mais uma vez mami não apareceu como deveria. Laila acabou voltando para casa a pé com duas colegas de classe, Giti e Hasina.

Giti era uma garotinha ossuda e retraída, que usava o cabelo amarrado em marias-chiquinhas presas por elásticos. Estava sempre carrancuda, andando com os livros apertados no peito, como um escudo. Hasina tinha doze anos, três a mais que Laila e Giti, mas tinha repetido a terceira série uma vez e duas vezes a quarta. O que faltava em inteligência a Hasina era compensado pela malícia e por uma boca que, dizia Giti, funcionava como uma máquina de costura. Foi Hasina quem deu o apelido de *khala* Rangmaal para a professora.

Hoje, Hasina dava conselhos sobre como rejeitar pretendentes não atraentes.

— Um método a toda prova, garantido que funciona. Dou a minha palavra.

— Isso é besteira. Eu sou nova demais pra ter um pretendente! — disse Giti.

— Você não é nova demais.

— Bom, ninguém ainda pediu a *minha* mão.

— Por causa da sua barba, querida.

Giti imediatamente levou a mão ao queixo, olhando assustada para Laila, que sorriu solidária — Giti era a pessoa com menos senso de humor que Laila conhecia —, abanando a cabeça para tranquilizá-la.

— Enfim, vocês querem ou não querem saber, mocinhas?

— Vá em frente — disse Laila.

— Feijão. Não menos que quatro latas. Na noite que o lagarto desdentado vier pedir a sua mão. Mas a sincronia, mocinhas, a sincronia é tudo. É preciso segurar os fogos de artifício até a hora de servir um chá para ele.

— Não vou me esquecer disso — falou Laila.

— Nem ele.

Laila poderia ter dito que não precisava daquele conselho, pois babi não pretendia dar a filha a ninguém tão cedo. Apesar do emprego na Silo, a gigantesca fábrica de pão de Cabul, onde trabalhava em meio ao calor e ao zumbido do maquinário atijando os enormes fornos e moinhos de grãos o dia inteiro, babi era um homem com formação universitária. Era professor do curso médio antes de ser demitido pelos comunistas — pouco depois do golpe de 1978, mais ou menos um ano e meio antes de os soviéticos terem invadido o país. Babi tinha deixado claro para Laila desde a mais tenra idade que a coisa mais importante da vida dele, depois da segurança da filha, era sua educação.

Sei que você ainda é nova, mas quero que entenda e saiba disso agora, explicou. Casamento pode esperar; educação, não. Você é uma garota muito, muito inteligente. Verdade, é mesmo. Você pode ser o que quiser, Laila. Eu sei isso sobre você. E também sei que quando esta guerra acabar, o Afeganistão vai precisar de você tanto quanto de seus homens, talvez mais ainda. Porque uma sociedade não tem chance de dar certo se as mulheres não tiverem uma boa

formação, Laila. Nenhuma chance.

Mas Laila não contou a Hasina que babi tinha falado essas coisas, nem que era feliz de ter um pai como ele, ou o quanto se orgulhava de seus cuidados com ela, nem o quanto estava determinada a continuar estudando, assim como ele. Nos dois anos anteriores, Laila tinha recebido o certificado *awal numra*, concedido anualmente às alunas mais bem colocadas de cada série. Mas não falou sobre essas coisas com Hasina, cujo pai era um motorista de táxi mal-humorado que dali a três ou quatro anos estaria dando a filha em casamento. Hasina tinha contado, num de seus raros momentos sérios, que já estava decidido que ela se casaria com um primo em primeiro grau vinte anos mais velho, que tinha uma oficina de automóveis em Lahore. *Eu o vi duas vezes*, contou Hasina. *Nas duas vezes ele comeu com a boca aberta.*

— Feijão, garotas — disse Hasina. — Lembrem-se disso. A não ser, é claro — ela abriu um sorriso sarcástico e cutucou Laila com o cotovelo —, que seja o seu príncipe pernetá e bonitão que venha bater à porta. Nesse caso...

Laila afastou o cotovelo dela. Teria se ofendido se qualquer outra pessoa dissesse aquilo sobre Tariq. Mas sabia que Hasina não era maldosa. Era uma gozadora — era o que fazia —, e suas gozações não poupavam ninguém, muito menos ela própria.

— Você não devia falar desse jeito sobre as pessoas! — repreendeu Giti.

— De que pessoas?

— Das pessoas que foram feridas por causa da guerra — retrucou Giti com seriedade, obviamente sem perceber que Hasina estava brincando.

— Acho que a mulá Giti aqui tem uma quedinha pelo Tariq. Eu sabia! Ha! Mas ele já se manifestou, você não sabia? Não é, Laila?

— Eu não tenho quedinha por ninguém!

As duas se separaram de Laila e continuaram seu caminho.

Laila seguiu sozinha os últimos três quarteirões. Quando chegou à rua onde morava, percebeu que a Mercedes azul continuava estacionada lá, em frente à casa de Rasheed e Mariam. O homem mais velho de terno marrom estava em pé ao lado do capô agora, apoiado numa bengala, olhando para a casa.

Foi então que uma voz falou atrás de Laila:

— Ei. Você de cabelo loiro. Olha aqui.

Laila se virou e deu de cara com o cano de uma arma.

DEZESSETE

A ARMA ERA VERMELHA, a trava do gatilho era verde brilhante. Atrás da arma pairava a expressão sorridente de Khadim. Como Tariq, Khadim tinha onze anos. Era gordo, alto e bastante prógnato. O pai era açougueiro em Deh-Mazang e, de tempos em tempos, Khadim se destacava por atirar pedaços de tripas de vitela em passantes. Às vezes, quando Tariq não estava por perto, Khadim seguia Laila até o pátio da escola durante o recreio, acompanhando-a com os olhos, fazendo sons semelhantes a ganidos. Uma vez, tinha batido no ombro dela e falado: *Você é bonita, Cabelos Loiros. Eu quero casar com você.*

Khadim brandiu a arma.

— Não se preocupe — falou. — Isso nem vai aparecer. Não no *seu* cabelo.

— Não faça isso! Estou avisando!

— O que você vai fazer? — ele perguntou. — Atiçar o seu aleijado para cima de mim? “Oh, Tariq *jan*. Oh, por que você não volta pra casa para me salvar do *badmash!*”

Laila começou a recuar, mas Khadim já tinha apertado o gatilho da arma. Um após outro, jatos de água morna atingiram os cabelos de Laila, depois a palma da mão que ela ergueu para proteger o rosto.

Nesse momento os outros garotos saíram de seus esconderijos, rindo, fazendo chacota.

Um insulto que Laila tinha ouvido na rua subiu aos seus lábios. Ela não entendia bem o que era — não conseguia imaginar o sentido daquilo —, mas as palavras continham uma força enorme, e ela as lançou no ar.

— Sua mãe chupa pau!

— Pelo menos ela não é maluca como a sua — devolveu Khadim, imperturbável. — Pelo menos meu pai não é um maricas! E, aliás, por que você não cheira as suas mãos?

Os outros garotos entraram no coro.

— Cheira a mão! Cheira a mão!

Laila cheirou, mas já sabia de antemão o que era, pelo que ele havia dito de não aparecer no cabelo dela. Deu um grito estridente. Diante disso, os garotos fizeram ainda mais algazarra.

Laila se virou e, vociferando, correu para casa.

Tirou água do poço e, no banheiro, encheu uma bacia, despiu a roupa. Ensaboou o cabelo, esfregando freneticamente os dedos no couro cabeludo,

gemendo, enojada. Enxaguou com uma cuia e ensaboou outra vez. Diversas vezes, achou que poderia vomitar. Continuou miando e tremendo, enquanto esfregava a toalha ensaboada no rosto e no pescoço até a pele ficar vermelha.

Quando o pior já tinha passado, foi até o quarto de mami e bateu na porta. Quando era mais nova, Laila costumava passar horas sentada do lado de fora dessa porta. Batia de leve e sussurrava o nome de mami muitas e muitas vezes, como um canto mágico que pudesse quebrar um encanto: *mami, mami, mami, mami...* Mas mami nunca abria a porta. Também não abriu agora. Laila girou a maçaneta e entrou.

Às vezes mami tinha dias bons. Saía da cama brincalhona e com os olhos brilhantes. O lábio inferior caído erguia-se num sorriso. Tomava banho. Vestia roupas limpas e passava rímel. Deixava Laila escovar seu cabelo, o que Laila adorava fazer, e colocava brincos nas orelhas furadas. Iam fazer compras juntas no bazar de Mandaii. Elas jogavam Cobras e Escadas e comiam raspas de tabletes de chocolate amargo, uma das poucas coisas de que as duas gostavam. A melhor parte dos dias bons de mami era quando babi voltava para casa, quando ela e mami erguiam os olhos do tabuleiro e sorriam com os dentes marrons do chocolate. Uma lufada de alegria percorria o ambiente, e Laila tinha um momentâneo vislumbre da ternura e do romance que já tinham envolvido seus pais quando aquela casa era cheia de gente, barulhenta e divertida.

Às vezes mami cozinhava nesses dias bons, convidando as vizinhas para tomar chá e comer bolos. Laila ficava lambendo as panelas, enquanto mami punha a mesa com xícaras, guardanapos e as melhores travessas. Depois, Laila ocupava seu lugar na mesa da sala e tentava participar da conversa com as mulheres, que falavam em voz alta, tomando chá e cumprimentando mami pelos doces. Embora não tivesse muito a dizer, Laila gostava de ficar ouvindo, pois essas reuniões eram complementadas com um raro prazer: ouvir mami falar sobre babi com muito afeto.

— Ele era um professor de primeira linha — dizia mami. — Os alunos o adoravam. E não só porque não batia em ninguém com a régua, como faziam os outros professores. Eles o respeitavam, sabe, porque ele *respeitava* os alunos. Ele era maravilhoso.

Mami adorava contar a história de como ela o pedira em casamento.

— Eu tinha dezesseis anos, ele tinha dezenove. Nossas famílias eram vizinhas de porta em Panjshir. Ah, eu tinha uma queda por ele, *hamshiras*! Costumava pular o muro entre as nossas casas para brincarmos no pomar do pai dele. Hakim sempre sentia medo de ser surpreendido e de apanhar do meu pai. “Seu pai vai me dar uma surra”, ele sempre dizia. Já na época era muito cuidadoso, muito sério. Então um dia eu disse a ele: “Primo, como vai ser? Você vai pedir a minha mão ou eu é que vou dar uma de *khastegari* com você?”. Eu falei assim mesmo. Vocês deviam ter visto a cara dele!

Mami batia palmas quando as mulheres riam, e Laila também.

Ao ouvir mami contando aquelas histórias, Laila tomava ciência de que houve um tempo em que mami sempre falava bem de babi. Um tempo em que os pais não dormiam em quartos separados. Laila gostaria de não ter perdido esses momentos.

Inevitavelmente, a história da proposta de casamento de mami levava a esquemas casamenteiros. Quando o Afeganistão se libertasse dos soviéticos e os garotos voltassem para casa, eles iriam precisar de noivas, e assim, uma de cada vez, as mulheres desfilavam as garotas do bairro que poderiam ou não ser adequadas a Ahmad e Noor. Laila sempre se sentia excluída quando a conversa mudava para os seus irmãos, como se as mulheres comesçassem a discutir um belo filme a que só ela não tivesse assistido. Ela só tinha dois anos quando Ahmad e Noor saíram de Cabul para ir a Panjshir, para se juntar às forças do comandante Ahmad Shah Massoud no norte e lutar na jihad. Laila mal se lembrava de alguma coisa a respeito deles. Um pingente brilhante escrito ALÁ no pescoço de Ahmad. Um tufo de pelos escuros na orelha de Noor. Só isso.

— E quanto a Azita?

— A filha do tapeceiro? — indagou mami, batendo na bochecha com uma falsa indignação. — Ela tem um bigode mais grosso que o de Hakim!

— Tem Anahita. Ouvimos dizer que é a primeira da classe em Zarghoona.

— Você já viu os dentes daquela garota? Parecem lápides de túmulos. Ela esconde um cemitério atrás dos lábios.

— E quanto as irmãs Wahidi?

— Aquelas duas anãs? Não, não, não. Ah, não. Não para os meus filhos. Não para os meus sultões. Eles merecem mais do que isso.

Enquanto a conversa continuava, Laila deixava o pensamento vagar e, como sempre, se lembrava de Tariq.

Mami tinha fechado as cortinas amareladas. No escuro, uma camada de cheiros pairava no quarto: sono, lençóis sujos, suor, meias sujas, perfume, restos da *qurma* da noite anterior. Laila esperou os olhos se adaptarem antes de atravessar o aposento. Mesmo assim, seus pés tropeçaram em peças de roupa espalhadas pelo chão.

Laila abriu a cortina. Ao pé da cama havia uma velha cadeira dobrável de metal. Laila sentou e ficou observando o monte de cobertas imóvel que era sua mãe.

As paredes do quarto de mami eram forradas com fotos de Ahmad e Noor. Para onde Laila olhasse, dois estranhos sorriam para ela. Aqui estava Noor montado num triciclo. Lá estava Ahmad fazendo suas orações, posando ao lado de um relógio de sol que havia construído com babi quando tinha doze anos. E lá estavam eles, seus irmãos, sentados um de costas para o outro embaixo da pereira no quintal.

Debaixo da cama de mami, Laila podia ver um canto da caixa de sapato

de Ahmad aparecendo. De vez em quando, mami mostrava a ela os velhos recortes de jornais amassados que guardava lá dentro, e panfletos que Ahmad conseguira recolher dos grupos insurgentes e das organizações de resistência aquarteladas no Paquistão. Uma das fotos, Laila lembrava, mostrava um homem num longo casaco branco entregando um pirulito a um garotinho sem pernas. A legenda embaixo da foto dizia: *Crianças são as vítimas colaterais da campanha de minas terrestres soviética*. O artigo seguia dizendo que os soviéticos também gostavam de esconder explosivos dentro de brinquedos coloridos. Se uma criança pegasse o brinquedo, o artefato explodia, arrancando dedos ou a mão inteira. O pai dela não pôde se alistar na jihad na época; teve de ficar em casa para cuidar dos filhos. Em outro artigo na caixa de Ahmad, um jovem mujahidin dizia que os soviéticos tinham jogado um gás na sua aldeia que queimava a pele e provocava cegueira. Disse que chegou a ver a mãe e a irmã fugindo da fumaça, tossindo sangue.

— Mami.

O monte se mexeu levemente. Emitiu um grunhido.

— Acorda, mami. São três horas.

Outro gemido. Uma mão apareceu, como o periscópio de um submarino subindo à superfície, e desceu. O monte se mexeu de forma mais perceptível dessa vez. Depois houve o farfalhar de cobertas conforme camadas delas se sobrepunham umas às outras. Lentamente, em estágios, mami se materializou: primeiro o cabelo oleoso, depois o rosto pálido e deformado, olhos semicerrados se protegendo da luz, uma mão procurando a cabeceira, as cobertas escorregando quando ela se levantou, grunhindo. Mami fez um esforço para erguer os olhos, piscou contra a luz, e a cabeça caiu no peito.

— Como foi na escola? — murmurou.

Então ia começar. As perguntas de praxe, as respostas superficiais. As duas fingindo. Parceiras sem entusiasmo, as duas, nessa dança antiga e cansada.

— Na escola foi tudo bem — respondeu Laila.

— Você aprendeu alguma coisa?

— O de sempre.

— Comeu?

— Comi.

— Que bom.

Mami levantou a cabeça outra vez, em direção à janela. Fez uma careta e as pálpebras trepidaram. O lado direito do rosto estava vermelho, o cabelo daquele lado estava achatado.

— Eu estou com dor de cabeça.

— Quer que eu pegue uma aspirina?

Mami massageou as têmporas.

— Talvez daqui a pouco. Seu pai já chegou?

— São só três horas.

— Ah. Certo. Você já tinha dito. — Mami bocejou. — Eu estava sonhando quando me acordou — falou, a voz só um pouco mais alta que o farfalhar da camisola roçando nos lençóis. — Agora mesmo, antes de você entrar. Mas não consigo me lembrar. Isso acontece com você?

— Acontece com todo mundo, mami.

— Coisa mais estranha.

— É melhor eu contar que enquanto você sonhava, um garoto jogou mijo no meu cabelo com uma pistola de água.

— Jogou o quê? Como é que é? Desculpe.

— Mijo. Urina.

— Isso é... é terrível. Meu Deus. Sinto muito. Coitada de você. Vou falar com ele logo amanhã de manhã. Ou quem sabe com a mãe dele. Sim, isso seria melhor, acho.

— Eu nem falei quem foi.

— Ah. Bem, quem foi?

— Deixa pra lá.

— Você está zangada.

— Você devia ter ido me buscar.

— Eu ia — disse mami com a voz em falsete. Laila não conseguiu discernir se era uma pergunta. Mami começou a mexer no cabelo. Esse era um dos grandes mistérios da vida para Laila, que aquele hábito de mami ainda não a tivesse deixado careca como um ovo. — E aquele... Qual é mesmo o nome, do seu amigo, Tariq? Isso, e ele?

— Ele está viajando há uma semana.

— Ah. — Mami deu um suspiro pelo nariz. — Você se lavou?

— Sim.

— Então já está limpa. — Mami dirigiu seu olhar cansado para a janela. — Você está limpa e está tudo bem.

Laila levantou.

— Eu tenho lição pra fazer.

— Claro que tem. Feche a cortina antes de sair, meu amor — disse mami, a voz esmaecendo. Já estava mergulhando outra vez nas cobertas.

Quando foi fechar a cortina, Laila viu um automóvel passar pela rua, seguido por uma nuvem de pó. Era a Mercedes azul com a placa de Herat finalmente indo embora. Seguiu o carro com os olhos até desaparecer numa curva, o vidro de trás cintilando ao sol.

— Amanhã eu não vou esquecer — mami estava dizendo atrás dela. — Prometo.

— Você disse isso ontem.

— Você não sabe, Laila.

— Não sei o quê? — Laila deu meia-volta para olhar para a mãe. — O que é que eu não sei?

A mão de mami flutuou até o peito, bateu ali.

— *Aqui.* O que tem *aqui.* — Logo depois a mão caiu flácida. — Você não

sabe.

DEZOITO

PASSOU-SE UMA SEMANA, ainda sem notícias de Tariq. Depois mais uma semana chegou e passou.

Para matar o tempo, Laila consertou a tela da porta que babi ainda não tinha arrumado. Desceu os livros de babi, tirou o pó e os organizou em ordem alfabética. Foi à rua das Galinhas com Hasina, Giti e Nila, a mãe de Giti, que era costureira e às vezes parceira de mami em alguns trabalhos. Naquela semana, Laila chegou à conclusão de que, de todos os sofrimentos que uma pessoa podia encarar, nenhum era mais aflitivo do que esperar.

Passou-se mais uma semana.

Laila viu-se emaranhada numa teia de pensamentos terríveis.

Tariq não ia mais voltar. Os pais haviam se mudado definitivamente; a viagem a Ghazni tinha sido um artifício. Um esquema dos adultos para poupar os dois de uma despedida angustiante.

Tariq fora atingido por outra mina terrestre. Como aconteceu em 1981, quando ele tinha cinco anos, na última vez que os pais o levaram a Ghazni. Isso foi pouco depois do aniversário de três anos de Laila. Ele teve sorte daquela vez, perdendo só uma perna; sorte de ter sobrevivido.

Aqueles pensamentos volteavam na cabeça dela.

Então, uma noite Laila viu uma pequena luz piscando na rua. Um som, algo entre um chiado e um arquejo, saiu de seus lábios. Pegou logo a lanterna sob a cama, mas ela não funcionou. Laila bateu a lanterna na palma da mão, xingou as pilhas gastas. Porém não tinha importância. Ele tinha voltado. Laila sentou na beira da cama, zozila de alívio, e ficou observando aquele lindo olho amarelado acendendo e apagando.

A caminho da casa de Tariq, no dia seguinte, Laila viu Khadim e um grupo de amigos do outro lado da rua. Khadim estava agachado, desenhando alguma coisa na terra com uma vareta. Quando a viu, largou a vareta e agitou os dedos. Disse algo e todos deram risada ao redor. Laila baixou a cabeça e passou depressa.

— O que você fez? — exclamou Laila quando Tariq abriu a porta. Só depois lembrou que o tio dele era barbeiro.

Tariq passou a mão na cabeça recém-raspada e sorriu, mostrando dentes brancos e um pouco desalinhados.

— Gostou?

— Parece que você se alistou no Exército.

— Quer sentir? — Abaixou a cabeça.

Os cabelinhos roçaram a palma da mão de Laila de uma forma agradável. Tariq não era como os outros meninos, em que os cabelos escondiam crânios em forma de cone ou calombos invisíveis. A cabeça de Tariq era perfeitamente curva e lisa.

Quando ele levantou a cabeça, Laila viu que as bochechas e a testa estavam bronzeadas de sol.

— Por que você demorou tanto? — ela perguntou.

— Meu tio estava doente. Entra. Vamos lá pra dentro.

Conduziu-a por um corredor até a sala da família. Laila gostava de tudo na casa de Tariq. O velho tapete desgastado na sala da família, a colcha de retalhos cobrindo o sofá, a bagunça normal da vida de Tariq: os rolos de tecido da mãe, as agulhas de costura espetadas em carretéis, as revistas velhas, o estojo do acordeão no canto esperando para ser aberto.

— Quem é?

Era a mãe dele falando da cozinha.

— Laila — ele respondeu.

Puxou uma cadeira para ela. A sala da família era bem iluminada e tinha janelas duplas que abriam para o quintal. No parapeito havia potes vazios em que a mãe de Tariq marinava berinjelas e fazia geleia de cenoura.

— Você quer dizer a nossa *aroos*, a nossa nora — anunciou o pai, entrando na sala. Ele era carpinteiro, um homem esbelto de cabelos brancos com pouco mais de sessenta anos. Tinha os dentes da frente separados e os olhos enrugados de alguém que passara a maior parte da vida ao ar livre. Abriu os braços e Laila mergulhou neles, recepcionada pelo seu agradável e conhecido cheiro de serragem. Beijaram-se nas bochechas três vezes.

— Se continuar falando assim da Laila, ela não vai mais vir aqui — disse a mãe de Tariq, passando por eles. Vinha trazendo uma bandeja com uma travessa grande, uma concha e quatro cuias menores. Deixou a bandeja na mesa. — Não ligue pra esse velho. — Passou a mão em concha no rosto de Laila. — Que bom ver você, minha querida. Vamos sentar. Eu trouxe umas frutas secas hidratadas.

A mesa era robusta e feita de uma madeira clara e sem acabamento — o pai de Tariq a tinha construído, assim como as cadeiras. Era coberta por uma toalha de mesa de vinil verde-musgo com estrelas e pequenas luas crescentes magentas. A maior parte da parede de sala era forrada de fotografias de Tariq em diversas idades. Numa das primeiras, ele ainda tinha duas pernas.

— Ouvi dizer que seu irmão esteve doente — disse Laila ao pai de Tariq, mergulhando uma colher na sua cuia de passas, pistaches e damascos hidratados.

Ele acendeu um cigarro.

— Estava, mas já melhorou, *shokr e Khoda*, graças a Deus.

— Ataque cardíaco. O segundo — explicou a mãe de Tariq, lançando um olhar repreensivo ao marido.

O pai de Tariq soltou a fumaça e sorriu para Laila. Chamou sua atenção mais uma vez que os pais de Tariq podiam facilmente passar por seus avós. A mãe tivera aquele filho com mais de quarenta anos.

— Como está seu pai, querida? — perguntou a mãe de Tariq, olhando-a por cima da cuia.

Desde que Laila se lembrava, a mãe de Tariq sempre usou peruca. Com o tempo, estava ficando de um roxo opaco. Hoje estava caída na testa, e Laila podia ver os cabelos grisalhos nas costeletas. Às vezes a peruca ficava no alto da testa. Mas, para Laila, a mãe de Tariq nunca pareceu ridícula naquela peruca. O que Laila via era um rosto calmo e autoconfiante abaixo da peruca, os olhos inteligentes, os modos agradáveis e tranquilos.

— Meu pai está bem — respondeu Laila. — Ainda na Silo, é claro. Mas está bem.

— E a sua mãe?

— Alguns dias melhor. Outros, pior. Na mesma.

— É — falou a mãe de Tariq, pensativa, levando a colher até a cuia. — Deve ser difícil, muito difícil, para uma mãe estar longe dos filhos.

— Você fica para almoçar? — perguntou Tariq.

— Vai ficar, sim — interveio a mãe. — Eu estou fazendo *shorwa*.

— Não quero ser um *mozaheem*.

— Incômodo? — replicou a mãe de Tariq. — Ficamos fora duas semanas e de repente você ficou formal com a gente?

— Tudo bem, eu fico — concordou Laila, corando e sorrindo.

— Então está combinado.

A verdade é que Laila gostava tanto de comer na casa de Tariq quanto não gostava de comer em casa. Na casa de Tariq, ninguém comia sozinho; eles sempre faziam as refeições em família. Laila gostava dos copos de plástico violeta que usavam, com o quarto de limão sempre flutuando na jarra de água. Gostava do jeito como eles começavam todas as refeições com um pote de iogurte fresco, como espremiavam laranjas azedas em tudo, até no iogurte, e como faziam piadinhas inofensivas às custas uns dos outros.

Durante as refeições, a conversa sempre fluía. Apesar de serem da etnia pashtun, Tariq e os pais falavam persa quando Laila estava com eles para agradá-la, embora Laila entendesse mais ou menos pashtun, tendo aprendido na escola. Babi dizia que havia tensão entre esses povos — os tajiques, que eram uma minoria, e o povo de Tariq, os pashtuns, que compunham o maior grupo étnico do Afeganistão. *Os tajiques sempre se sentiram menosprezados, dizia babi. Os reis pashtuns governam este país há quase duzentos e cinquenta anos, Laila, e os tajiques só fizeram isso por nove meses, em 1929.*

E você, perguntou Laila, você se sente menosprezado, babi?

Babi limpou os óculos com a barra da camisa. *Para mim é absurdo — aliás, um absurdo muito perigoso — toda essa conversa de que eu sou tajique e você é pashtun e ele é hazara e ele é usbeque. Somos todos afegãos, e isso é só o que devia contar. Mas quando um grupo manda nos outros por tanto tempo...*

Existe desrespeito. Rivalidade. Existe. Sempre existiu.

Talvez. Mas Laila nunca sentiu isso na casa de Tariq, onde esses assuntos nunca eram discutidos. Os momentos com a família de Tariq sempre pareceram naturais para Laila, fáceis, sem complicações de diferenças tribais ou de linguagem, ou por mágoas e picuinhas pessoais que infestavam a atmosfera da casa dela.

— Que tal um jogo de cartas? — perguntou Tariq.

— Sim, vão lá para cima — disse sua mãe, abanando com desaprovação a nuvem de fumaça do cigarro do marido. — Vou começar a preparar o *shorwa*.

Os dois deitaram de bruços no meio do quarto de Tariq e se revezaram para dar as cartas no *panjpar*. Pedalando o ar com o pé, Tariq contou sobre a viagem. Os brotos de pessegueiros que tinha ajudado o tio a plantar. Uma cobra de jardim que havia capturado.

Era nesse quarto que Laila e Tariq faziam os deveres de casa, onde construíam os castelos de cartas e desenhavam retratos ridículos um do outro. Se estava chovendo, eles se encostavam ao parapeito da janela, tomando Fanta morna sem gás, observando as grandes gotas de chuva escorrerem pelo vidro.

— Tudo bem, aqui vai uma — falou Laila, sorrindo. — O que anda pelo mundo, mas fica no canto?

— Espera. — Tariq levantou e girou a perna mecânica. Fazendo uma careta, deitou de lado, apoiado no cotovelo. — Me dá essa almofada. — Ajeitou a almofada embaixo da perna. — Pronto. Agora ficou melhor.

Laila lembrou a primeira vez que ele tinha mostrado seu toco. Ela tinha seis anos. Com um dedo, cutucou a pele esticada e luzidia logo abaixo do joelho esquerdo. Seus dedos sentiram pequenos calombos duros ali, e Tariq explicou que eram esporas de osso que às vezes se desenvolviam depois de uma amputação. Ela perguntou se o toco doía, ele explicou que ficava dolorido no final do dia, quando inchava e não cabia na prótese como deveria encaixar, como o dedo num dedal. *E às vezes fica esfolado. Principalmente quando faz calor. Aí aparecem bolhas e erupções, mas minha mãe tem uma pomada que ajuda. Não é tão ruim.*

Laila começou a chorar.

Por que você está chorando? Ele encaixou a perna de volta. *Você pediu para ver, sua giryanok, sua chorona! Se soubesse que ia abrir o berreiro, eu não teria mostrado.*

— Um selo — ele falou.

— O quê?

— A charada. A resposta é um selo. A gente devia ir ao zoológico depois do almoço.

— Essa você já sabia. Não sabia?

— De jeito nenhum.

— Você é um enganador.

— E você é uma invejosa.

— Do quê?

— Da minha inteligência masculina.

— Sua inteligência *masculina*? É mesmo? Me diga uma coisa, quem é que sempre ganha no xadrez?

— Eu deixo você ganhar — Tariq deu uma risada. Os dois sabiam que não era verdade.

— E quem repetiu em matemática? Quem você procura pra ajudar com a lição de casa de matemática, apesar de estar um ano adiantado?

— Eu estaria dois anos adiantado se não fosse pela matemática.

— Imagino que geografia também não seja seu forte.

— Como você sabe? Cala a boca. Então, a gente vai ou não ao zoológico?

Laila sorriu.

— Vamos.

— Ótimo.

— Eu senti saudade.

Houve uma pausa. Depois Tariq virou para ela com um misto de sorriso e careta na expressão.

— O que está acontecendo com você?

Quantas vezes ela, Hasina e Giti disseram aquelas mesmas três palavras uma para a outra, refletiu Laila, sem hesitar, depois de dois ou três dias sem se verem? *Eu senti saudade, Hasina. Ah, eu também.* Na careta de Tariq, Laila aprendeu que os meninos eram diferentes das meninas a esse respeito. Eles não davam mostras de amizade. Não sentiam vontade, nem necessidade desse tipo de conversa. Laila imaginou que devia ser assim também com os irmãos. Os meninos, Laila veio a perceber, tratavam amizade da mesma forma como tratavam o Sol: sua existência era indiscutível; era melhor aproveitar seu brilho, mas não olhar diretamente.

— Eu só estava querendo pegar no seu pé.

Tariq deu um olhar de lado.

— Funcionou.

Mas ela achou que a careta suavizou. E achou, por um instante, que o bronzeado nas bochechas dele se avermelhou.

Laila não queria contar para ele. Aliás, já tinha decidido que contar a ele seria uma péssima ideia. Alguém ia se machucar, pois Tariq não seria capaz de deixar passar. Mas quando saíram para a rua mais tarde, em direção ao ponto de ônibus, ela viu Khadim outra vez, encostado numa parede. Estava rodeado pelos amigos, os polegares espetados nos passadores do cinto, sorrindo para ela com um ar desafiador.

E foi aí que ela contou a Tariq. A história jorrou de sua boca antes que conseguisse parar.

— Ele fez o quê?

Ela contou de novo.

Ele apontou para Khadim.

— Ele? Foi ele? Tem certeza?

— Tenho certeza.

Tariq cerrou os dentes e murmurou algo consigo mesmo em pashtun que Laila não conseguiu entender.

— Espera aqui — falou, agora em persa.

— Não, Tariq...

Mas ele já estava atravessando a rua.

Khadim foi o primeiro a avistá-lo. O sorriso desmanchou, ele desencostou da parede. Retirou os polegares dos passadores e ficou mais ereto, assumindo um ar intencionalmente ameaçador. Os outros seguiram o olhar dele.

Laila desejou não ter falado nada. E se todos eles se juntassem? Quantos havia lá — dez, onze, doze? E se machucassem Tariq?

Tariq parou a alguns passos de Khadim e de seu bando. Houve um momento de consideração, pensou Laila, talvez uma mudança de atitude, e, quando Tariq se abaixou, ela imaginou que ia fingir que os cadarços do sapato estavam desamarrados e voltar até onde ela estava. Quando as mãos começaram a trabalhar, ela entendeu.

Os outros também entenderam quando Tariq se levantou, numa perna só, e quando começou a pular em direção a Khadim, arremetendo contra ele, a perna erguida no alto dos ombros como uma espada.

Os garotos se afastaram rapidamente, abrindo um caminho direto até Khadim.

Depois foi só poeira e punhos e chutes e gritos.

Khadim nunca mais perturbou Laila.

Naquela noite, como em quase todas as outras, Laila botou a mesa do jantar só para dois. Mami disse que não estava com fome. Nas noites em que sentia fome, fazia questão de levar um prato para o quarto antes de babi chegar em casa. Geralmente estava dormindo ou acordada deitada na cama quando Laila e babi sentavam para comer.

Babi saiu do banheiro, o cabelo — empoado de branco pela farinha quando chegava em casa — já lavado e penteado para trás.

— O que temos hoje, Laila?

— O que sobrou da sopa de *aush*.

— Me parece bom — ele falou, dobrando a toalha com que tinha secado o cabelo. — E no que vamos trabalhar hoje? Soma de frações?

— Na verdade, converter frações em números mistos.

— Ah. Certo.

Todas as noites, depois do jantar, babi ajudava Laila com a lição de casa e passava algumas outras lições. Só para manter Laila um passo ou dois adiante da classe, não por desaprovar o trabalho realizado pela escola — descontando a propaganda ensinada. Na verdade, babi achava que a única coisa que os comunistas tinham feito certo — ou ao menos pretendido —, ironicamente,

era no campo da educação, justamente a vocação da qual o tinham demitido. Mais especificamente, a educação das mulheres. O governo patrocinava aulas de alfabetização para todas as mulheres. Quase dois terços das estudantes da Universidade de Cabul agora eram mulheres, disse babi, mulheres que estudavam direito, medicina, engenharia.

As mulheres sempre se deram mal neste país, Laila, mas provavelmente estão mais livres agora, sob os comunistas, e têm mais direitos do que jamais tiveram, explicou babi, sempre em voz baixa, sabendo o quanto mami era intolerante com qualquer visão remotamente positiva dos comunistas. *Mas é verdade, dizia babi, é um bom momento para ser mulher no Afeganistão. E você pode tirar vantagem disso, Laila. Claro que a liberdade das mulheres —* agora ele balançava a cabeça diligentemente *— também é uma das razões por que essas pessoas pegaram em armas em primeiro lugar.*

Ao dizer “essas pessoas”, ele não se referia a Cabul, que sempre fora relativamente liberal e progressista. Aqui em Cabul, as mulheres ensinavam na universidade, eram diretoras de escolas, tinham cargos no governo. Não, babi se referia às áreas tribais, especificamente às regiões pashtuns do sul e do leste e perto da fronteira com o Paquistão, onde as mulheres raramente saíam na rua, e só de burca e acompanhadas por homens. Referia-se às regiões onde os homens que viviam sob leis tribais tinham se rebelado contra os comunistas e seus decretos para libertar as mulheres, abolir o casamento forçado, elevar a idade matrimonial das meninas para dezesseis anos. Os homens viram isso como um insulto às suas tradições centenárias, explicou babi, que o governo decretasse — e um governo sem Deus, a propósito — que suas filhas precisavam sair de casa, frequentar a escola e trabalhar junto com os homens.

Deus nos livre de isso acontecer!, babi gostava de dizer com sarcasmo. Depois dava um suspiro e dizia: *Laila, meu amor, o único inimigo que um afegão não consegue vencer é a si mesmo.*

Babi sentou na cadeira, molhou um pedaço de pão na terrina de *aush*.

Laila decidiu contar sobre o que Tariq tinha feito com Khadim durante a refeição, antes de começarem a estudar frações. Mas não teve chance. Pois, naquele momento, houve uma batida na porta e, do outro lado, surgiu um estranho trazendo notícias.

DEZENOVE

— PRECISO FALAR COM OS SEUS PAIS, *dokhtar jan* — disse o estranho quando Laila abriu a porta. Era um homem forte, com um rosto anguloso e marcado pelo clima. Usava um casaco cor de batata e um *pakol* de lã marrom na cabeça.

— Posso perguntar quem gostaria de falar com eles?

Mas babi já estava com a mão no ombro de Laila, afastando-a delicadamente da porta.

— Por que não vai para o seu quarto, Laila. Vai.

Enquanto andava até a escada, Laila ouviu o visitante dizer a babi que tinha notícias de Panjshir. Agora mami também estava na sala, com uma das mãos na boca e os olhos dardejando entre babi e o homem com o *pakol*.

Laila ficou espiando do alto da escada. Viu o estranho sentar com os pais. Inclinar-se em direção a eles. Dizer algumas palavras abafadas. Em seguida, o rosto de babi empalideceu, foi ficando cada vez mais pálido enquanto ele olhava as próprias mãos e mami começava a gritar, a gritar e a puxar os cabelos.

Na manhã seguinte, o dia da *fatiha*, um bando de vizinhas chegou à casa para se encarregar das preparações do jantar de *khatm* que aconteceria depois do funeral. Mami ficou sentada no sofá a manhã inteira, os dedos retorcendo um lenço, o rosto inchado. Foi acudida por duas mulheres chorosas que se revezavam segurando sua mão com delicadeza, como se ela fosse a boneca mais rara e cara do mundo. Mami não parecia ciente da presença delas.

Laila se ajoelhou na frente da mãe e segurou sua mão.

— Mami.

Os olhos de mami baixaram. Ela piscou.

— Nós vamos cuidar dela, Laila *jan* — disse uma das mulheres com um ar importante. Laila já estivera em outros funerais, onde tinha visto mulheres como essas, que se deleitavam com qualquer coisa relacionada à morte, consoladoras oficiais que não deixavam ninguém invadir seus deveres autoproclamados.

— Está tudo sob controle. Pode ir, garota, vá fazer alguma outra coisa. Deixe sua mãe em paz.

Dispensada, Laila se sentiu inútil. Ia de uma sala a outra. Rondou pela cozinha por um tempo. Uma Hasina atipicamente desanimada chegou ao lado da mãe. Assim como Giti e a mãe dela. Quando viu Laila, Giti correu

em sua direção, apertou-a com os braços ossudos e ficou um longo tempo segurando-a com força. Quando se afastou, tinha lágrimas empoçadas nos olhos.

— Que tristeza, Laila — falou.

Laila agradeceu. As três garotas foram sentar no quintal, até que uma das mulheres encarregou-as de lavar os copos e empilhar os pratos na pia.

Babi também ficou entrando e saindo da casa sem rumo, parecendo que procurava algo para fazer.

— Não o deixem chegar perto de mim. — Foi a única coisa que mami disse naquela manhã.

Babi acabou ficando sozinho numa cadeira dobrável no corredor, parecendo pequeno e desolado. Até uma das mulheres dizer que ele estava atrapalhando a passagem. Ele se desculpou e desapareceu em seu escritório.

À tarde, os homens foram até um salão em Karteh-Seh que babi tinha alugado para a *fatiha*. As mulheres vieram para a casa. Laila ficou ao lado de mami, perto da entrada da sala de estar, onde era costume se posicionar a família do falecido. Os visitantes tiravam os sapatos na porta, acenavam para os conhecidos enquanto atravessavam a sala e sentavam em cadeiras dobráveis dispostas perto das paredes. Laila viu Wajma, a velha parteira que havia assistido o seu parto. Viu a mãe de Tariq também, usando uma echarpe preta sobre a peruca. Fez um aceno a Laila e abriu um sorriso triste e de lábios fechados.

De um toca-fitas, uma voz de homem nasalada entoava versos do Corão. Nos intervalos, as mulheres suspiravam, se mexiam e fungavam. Havia tossidos abafados, murmúrios e, periodicamente, alguém soltava um soluço teatral carregado de pesar.

A mulher de Rasheed, Mariam, entrou, usando um *hijab* preto. Mechas de cabelos caíam sobre a sobancelha. Ocupou uma cadeira no corredor em frente a Laila.

Ao lado de Laila, mami não parava de se balançar para a frente e para trás. Laila pôs a mão da mãe no colo e ficou segurando-a entre as suas, mas mami nem parecia notar.

— Quer um pouco de água, mami? — perguntou Laila no ouvido dela. — Está com sede?

Mas mami não respondeu. Continuou balançando para a frente e para trás e olhando o tapete com uma expressão ausente e desanimada.

De vez em quando, ao lado de mami, observando os olhares baixos e acabrunhados das pessoas na sala, Laila percebia a magnitude do desastre que tinha atingido sua família. As possibilidades negadas. O fim das esperanças.

Mas a sensação não perdurava. Era difícil sentir, *realmente* sentir a perda de mami. Difícil conseguir ficar triste, chorar a morte de pessoas sobre as quais Laila nunca tinha pensado enquanto estavam vivas. Ahmad e Noor

sempre foram figuras abstratas para ela. Como personagens de uma fábula. Reis num livro de histórias.

Tariq era real, de carne e osso. Tariq, que a ensinara a fazer palavras cruzadas em pashtun, que gostava de folhas de cravo salgadas, que franzia a testa e dava um gemido baixo quando mastigava, que tinha uma leve pinta rósea logo abaixo da clavícula no formato de um bandolim de ponta-cabeça.

Laila continuou ao lado de mami, lamentando por Ahmad e Noor, mas, em seu coração, seu verdadeiro irmão estava vivo e passando bem.

VINTE

OS MALES QUE ATORMENTARIAM MAMI pelo resto de seus dias começaram. Dores no peito e de cabeça, dores nas articulações e suores noturnos, dores de ouvido paralisantes, calombos que ninguém mais conseguia sentir. Babi a levou a um médico, que extraiu sangue e urina, fez chapas de raios X do corpo de mami, mas não encontrou nenhuma doença física.

Mami ficava a maioria dos dias na cama. Só vestia preto. Mexia no cabelo e mordiscava a verruga abaixo do lábio. Quando mami estava acordada, Laila se deparava com ela cambaleando pela casa. Sempre acabava no quarto de Laila, como se cedo ou tarde pudesse encontrar os meninos se continuasse andando pelo aposento onde eles dormiam, peidavam e faziam guerras de travesseiros. Mas só o que encontrava era a ausência deles. E Laila. Que se tornara habitual para mami, segundo Laila acreditava.

A única tarefa que mami nunca negligenciava eram suas cinco orações *namaz* diárias. Encerrava cada *namaz* com a cabeça pendente, as mãos no rosto, de palmas para cima, murmurando uma oração a Deus para proporcionar a vitória aos mujahidin. Laila teve que assumir cada vez mais os trabalhos domésticos. Se não cuidasse da casa, era capaz de encontrar roupas, sapatos, sacos de arroz abertos, latas de feijão e pratos sujos espalhados por toda parte. Laila lavava os vestidos de mami e trocava os seus lençóis. Convencia-a a sair da cama para os banhos e as refeições. Era ela quem passava a ferro as blusas de babi e dobrava suas calças. Cozinhas cada vez mais.

Às vezes, depois de terminar suas tarefas, Laila se enfiava na cama ao lado de mami. Abraçava a mãe, entrelaçava seus dedos com os dela, enterrava o rosto nos seus cabelos. Mami se mexia um pouco, murmurava alguma coisa. Inevitavelmente, começava a contar uma história dos garotos.

Um dia, enquanto estavam deitadas dessa forma, mami disse:

— Ahmad ia ser um líder. Tinha o carisma para isso. Gente com três vezes a idade dele o ouvia com respeito, Laila. Você devia ter visto. E Noor. Ah, o meu Noor. Estava sempre fazendo esboços de pontes e edifícios. Ia ser arquiteto, sabe? Ia transformar Cabul com seus projetos. E agora os dois se tornaram *shaheed*, meus meninos, dois mártires.

Laila ficava ouvindo, deitada, desejando que mami percebesse que *ela*, Laila, não tinha se tornado uma *shaheed*, que continuava viva, ali, na cama com ela, que tinha esperança no futuro. Mas Laila sabia que seu futuro não se comparava ao passado dos irmãos. Eles tinham eclipsado sua vida. Suas

mortes a haviam apagado. Mami agora era a curadora do museu da vida deles, e ela, Laila, uma simples visitante. Um receptáculo para seus mitos. O pergaminho em que mami pretendia escrever suas lendas.

— O mensageiro que veio trazer a notícia disse que quando os meninos foram trazidos para o acampamento, Ahmad Shah Massoud supervisionou pessoalmente o enterro. Disse uma prece para os dois na cova. Para você ver como eles eram corajosos, Laila, para que o próprio comandante Massoud, o Leão de Panjshir, que Deus o abençoe, presidiu o enterro dos dois.

Mami virou de costas. Laila também virou, descansando a cabeça no peito de mami.

— Alguns dias — disse mami numa voz rouca —, eu ouço aquele relógio batendo no corredor. Depois penso em todos os tiques, todos os minutos, todas as horas e dias e semanas e meses e anos que me esperam. Tudo isso sem eles. E aí não consigo respirar, como se alguém pisasse no meu coração, Laila. Me sinto tão fraca. Tão fraca que fico com vontade de desfalecer em algum lugar.

— Eu gostaria de poder ajudar de alguma forma — disse Laila, com sinceridade. Mas as palavras soavam vagas e superficiais, como o consolo formal de um estranho.

— Você é uma boa filha — falou mami, depois de um grande suspiro. — E eu não tenho sido muito maternal com você.

— Não diga isso.

— Ah, é verdade. Eu sei e sinto muito por isso, meu amor.

— Mami?

— Hum.

Laila sentou, olhando para a mãe. O cabelo de mami tinha ganhado grandes mechas grisalhas. E Laila ficou surpresa com o quanto mami, que sempre fora meio gordinha, tinha perdido peso. As faces estavam chupadas e encovadas. A blusa que usava caía nos ombros, e havia um buraco no espaço entre o pescoço e a omoplata. Mais de uma vez Laila tinha visto a aliança escorregar do dedo de mami.

— Faz algum tempo que quero fazer uma pergunta.

— Que pergunta?

— Você não seria capaz... — começou Laila.

Ela já tinha conversado com Hasina. Seguindo a sugestão de Hasina, as duas tinham esvaziado o frasco de aspirinas no bueiro, escondido as facas da cozinha e a tesoura afiada de *kebab* debaixo do sofá. Hasina encontrou uma corda no quintal. Quando babi não conseguiu encontrar suas lâminas de barbear, Laila teve de falar sobre os seus temores. Ele caiu sentado na beira da cama, as mãos entre os joelhos. Laila esperou alguma garantia da parte dele. Mas só se deparou com seu olhar confuso e vazio.

— Você não seria capaz... mami, eu fico preocupada com...

— Eu pensei nisso na noite em que recebi a notícia — respondeu mami.

— Não vou mentir para você, tenho pensado nisso desde então. Mas, não.

Não se preocupe, Laila. Quero ver o sonho dos meus filhos ser realizado. Quero ver o dia em que os soviéticos voltarão para casa em desgraça, o dia em que os mujahidin chegarão vitoriosos a Cabul. Quero estar lá quando isso acontecer, quando o Afeganistão estiver livre, para que os garotos também vejam. Eles vão ver através dos meus olhos.

Pouco depois mami dormiu, deixando Laila com emoções conflitantes: reassegurada de que mami pretendia continuar vivendo, mas magoada por não ser *ela* a razão. Ela nunca deixaria sua marca no coração de mami como os irmãos tinham deixado, pois o coração de mami era como uma praia desbotada onde os passos de Laila seriam sempre levados pelas ondas de tristeza que se formavam e batiam, se formavam e batiam.

VINTE E UM

O MOTORISTA ENCOSTOU O TÁXI para deixar passar mais um longo comboio de jipes e veículos blindados soviéticos. Tariq inclinou-se no banco, na direção do motorista, e gritou:

— *Pajalusta! Pajalusta!*

Um jipe buzinou e Tariq deu um assobio, sorridente, acenando com animação.

— Lindas armas! — gritou. — Jipes fantásticos! Exército fantástico! Que pena estarem perdendo para um bando de camponeses com estilingues!

O comboio passou. O motorista voltou para a estrada.

— Quanto ainda falta? — perguntou Laila.

— Uma hora no máximo — respondeu o motorista. — Se não houver mais comboios ou postos de controle.

Eles estavam fazendo uma viagem, Laila, babi e Tariq. Hasina também queria ter vindo, implorou para o pai, mas ele não deixou. A viagem tinha sido ideia de babi. Apesar de mal conseguir pagar com o seu salário, tinha contratado um motorista para o dia. Não revelou nada sobre o destino a Laila, a não ser que, com isso, ele estava contribuindo para a educação da filha.

Estavam na estrada desde as cinco da manhã. Na janela de Laila, a paisagem mudava de picos nevados a desertos e cânions e afloramentos rochosos calcinados. No trajeto, passaram por casas de barro com tetos de sapé e campos pontilhados de tufo de trigo. Armadas nos terrenos arenosos, aqui e ali, Laila reconheceu as tendas negras dos nômades koochis. E, com frequência, carcaças de tanques soviéticos queimados e helicópteros destroçados. Esse, pensou, era o Afeganistão de Ahmad e Noor. Era aqui, nas províncias, que a guerra era travada, afinal. Não em Cabul. Cabul vivia basicamente em paz. Em Cabul, não fossem alguns disparos de armas ocasionais, não fossem os soldados soviéticos fumando nas calçadas e os jipes soviéticos sempre rodando pelas ruas, a guerra poderia ser um simples boato.

Já era fim da manhã, eles tinham passado por mais dois postos de controle, quando entraram num vale. Babi encostou Laila na janela e apontou à distância uma série de muralhas antigas de um vermelho ressecado pelo sol.

— Aquela é a chamada Shahr-e-Zohak. A Cidade Vermelha. Já foi uma fortaleza. Foi construída uns novecentos anos atrás para defender o vale de invasores. O neto de Genghis Khan atacou a cidade no século XIII, mas foi

morto. Foi o próprio Genghis Khan quem a destruiu depois.

— E essa, meus jovens amigos, é a história do nosso país, um invasor depois do outro — disse o motorista, batendo cinza de cigarro pela janela. — Macedônios, sassânidas, árabes, mongóis. Agora os soviéticos. Mas somos como aquelas muralhas ali. Decrépitas, não muito bonitas de olhar, mas continuamos de pé. Não é verdade, *badar*?

— Realmente — concordou babi.

Meia hora depois, o motorista estacionou.

— Vamos saindo, vocês dois — disse babi. — Venham aqui fora dar uma olhada.

Os dois desceram do táxi. Babi apontou.

— Lá estão eles. Vejam.

Tariq engasgou. Laila também. E ela soube que, mesmo se conseguisse viver duzentos anos, nunca mais veria uma coisa tão magnífica.

Os dois Budas eram enormes, muito mais altos do que tinha imaginado pelas fotos que havia visto. Esculpidos num penhasco calcinado pelo sol, eles olhavam para baixo, como já faziam havia dois mil anos, imaginou Laila, quando as caravanas atravessavam o vale pela Rota da Seda. Dos dois lados dos Budas, nas fendas que se projetavam, o penhasco era perfurado por uma miríade de cavernas.

— Eu me sinto tão pequeno — disse Tariq.

— Querem subir até lá? — perguntou babi.

— Subir nas estátuas? — perguntou Laila. — A gente pode fazer isso?

Babi sorriu e estendeu a mão.

— Vamos.

A subida foi difícil para Tariq, ele que teve de se apoiar em Laila e em babi para subir devagar uma escada tortuosa, estreita e mal iluminada. Avistaram cavernas escuras no caminho e túneis percorrendo o penhasco em todas as direções.

— Cuidado por onde pisa — disse babi. Sua voz ecoou alto. — O terreno é traiçoeiro.

Em alguns trechos, a escada se abria para a cavidade dos Budas.

— Não olhem para baixo, crianças. Continuem olhando para a frente.

Enquanto subiam, babi explicou que Bamiyan já tinha sido um movimentado centro budista antes de cair sob o domínio árabe islâmico, no século ix. Os penhascos de arenito abrigavam os monges budistas que abriram as cavernas para usar como alojamentos e como santuário para os exaustos peregrinos viajantes. Os monges, explicou babi, pintaram lindos afrescos nas paredes e nos tetos das cavernas.

— Houve uma época — continuou — em que havia cinco mil monges morando como eremitas nessas cavernas.

Tariq estava bastante sem fôlego quando eles chegaram ao alto. Babi também ofegava. Mas os olhos brilhavam de entusiasmo.

— Estamos no alto da cabeça — disse ele, secando a fronte com um lenço. — Há um nicho ali onde podemos ver melhor.

Aproximaram-se do beiral escarpado e, lado a lado, com babi no centro, observaram o vale.

— Olha isso! — disse Laila.

Babi sorriu.

O vale de Bamiyan abaixo era atapetado por vastas plantações. Babi disse que eram trigo verde de inverno e alfafa, e batatas também. As plantações eram ladeadas por álamos e entrecruzadas por riachos e valas de irrigação, em cujas margens se viam figuras femininas agachadas lavando roupa. Babi apontou os arrozais e os campos de cevada descendo pelas encostas. Era outono, e Laila discerniu pessoas com túnicas coloridas sobre os tetos das casas de tijolo, estendendo a colheita para secar. A estrada principal que chegava à cidade também era ladeada por álamos. Havia lojinhas e casas de chá e barbeiros de rua dos dois lados. Depois da aldeia, além do rio e dos riachos, Laila viu colinas, áridas e amarronzadas, e, mais além, mais além de qualquer coisa no Afeganistão, as montanhas nevadas do Hindu Kush.

O céu acima de tudo aquilo era imaculado, de puro azul.

— Que silêncio — sussurrou Laila. Consequia ver cavalos e carneirinhos, mas não ouvia seus relinchos ou balidos.

— É do que sempre me lembro de quando estive aqui em cima — disse babi. — O silêncio. Essa paz. Eu queria que vocês sentissem isso. Mas também queria que conhecessem a herança do seu país, crianças, que aprendessem o nosso rico passado. Olhem só, algumas coisas eu posso ensinar a vocês. Outras vocês aprendem nos livros. Mas existem coisas que, bem, é preciso *ver e sentir*.

— Olhem lá — disse Tariq.

Viram um gavião, planando em círculos acima da aldeia.

— Alguma vez você trouxe mami aqui? — perguntou Laila.

— Ah, muitas vezes. Antes de os meninos nascerem. Depois também. Sua mãe também era aventureira e... tão viva. Acho que era a pessoa mais viva e feliz que já conheci. — Sorriu com a lembrança. — Tinha uma risada. Juro que acho que foi por isso que me casei com ela, Laila, por causa da risada. Era um arraso. Ninguém conseguia resistir.

Uma onda de afeto percorreu Laila. Desde aquele dia, ela sempre se lembraria de babi daquela maneira: com reminiscências de mami, apoiando os cotovelos na rocha, mãos segurando o queixo, o cabelo agitado pelo vento, olhos apertados contra o sol.

— Vou dar uma olhada em algumas dessas cavernas — disse Tariq.

— Tenha cuidado — recomendou babi.

— Pode deixar, *kaka jan* — a voz de Tariq ecoou.

Laila viu três homens lá embaixo, conversando perto de uma vaca

amarrada a uma cerca. Ao redor deles, as árvores tinham começado a mudar, de ocre e laranja para vermelho-sangue.

— Eu também sinto falta dos meninos, sabe? — falou babi. Os olhos estavam um pouco marejados. O queixo tremia. — Talvez eu... Com sua mãe, a alegria e a tristeza são extremas. Ela não consegue esconder nada. Nunca conseguiu. Acho que sou diferente. Tendo mais a... Mas acabou comigo também, a morte dos meninos. Eu também sinto saudade deles. Não se passa um dia sem que... É muito difícil, Laila. Muito, muito difícil. — Espremeu os cantos internos dos olhos com o polegar e o indicador. Quando tentou falar, a voz falseou. Cobriu os dentes com os lábios e esperou. Respirou fundo e longamente, olhou para ela. — Mas estou feliz de ter você. Todos os dias, agradeço a Deus por você. Todos os dias. Às vezes, quando sua mãe está num de seus dias mais sombrios, eu sinto que você é a única coisa que tenho, Laila.

Laila chegou mais perto e apoiou a face no peito dele. Babi pareceu levemente assustado — ao contrário de mami, era raro ele expressar seu afeto fisicamente. Deu um beijo rápido no alto da cabeça dela e a abraçou, desajeitado. Ficaram assim por algum tempo, olhando o vale de Bamiyan lá embaixo.

— Por mais que eu ame essa terra, há dias em que penso em ir embora daqui.

— Para onde?

— Qualquer lugar onde seja fácil esquecer. Primeiro, o Paquistão, acho. Por um ano, talvez dois. Esperar a nossa papelada ser processada.

— E depois?

— E depois, bem, o mundo é *grande*. Talvez América. Em algum lugar perto do mar. Como a Califórnia.

Babi dizia que os americanos eram um povo generoso. Ajudariam com dinheiro e comida por algum tempo, até eles conseguirem se sustentar.

— Eu arranjaría um emprego, e em alguns anos, quando tivéssemos economizado o suficiente, poderíamos abrir um pequeno restaurante afegão. Nada sofisticado, veja bem, só um lugarzinho modesto, algumas mesas, uns tapetes. Talvez algumas fotos de Cabul penduradas. Ofereceríamos aos americanos o sabor da cozinha afegã. E com a sua mãe cozinhando, eles iam fazer fila na porta.

“E você, você continuaria estudando, é claro. Você sabe o que eu penso a respeito. Essa seria a nossa maior prioridade, você ter uma boa formação, curso médio e depois faculdade. Mas no seu tempo livre, se quisesse, você poderia ajudar, tirar pedidos, encher os jarros de água, esse tipo de coisa.”

Babi disse que eles poderiam organizar festas de aniversário no restaurante, cerimônias de noivado, comemorações de Ano-Novo. Viraria um ponto de encontro para outros afegãos que, como eles, tivessem fugido da guerra. Tarde da noite, quando todo mundo tivesse ido embora e o lugar estivesse sendo limpo, eles tomariam chá nas mesas vazias, os três, cansados,

porém agradecidos pela boa sorte.

Quando parou de falar, babi ficou em silêncio. Os dois ficaram. Sabiam que mami não iria a parte alguma. Sair do Afeganistão era algo impensável para ela quando Ahmad e Noor ainda estavam vivos. Agora que eram *shaheed*, fazer as malas e fugir era uma afronta ainda pior, uma traição, um desabono ao sacrifício que os filhos tinham feito.

Como você pode pensar nisso?, Laila podia ouvir a mãe dizendo. *A morte deles não é nada para você, primo? Meu único consolo é saber que estou andando na mesma terra que sorveu o sangue deles. Não. Nunca.*

E babi jamais iria sem ela, Laila sabia, mesmo que mami não fosse mais uma esposa para ele assim como não era uma mãe para Laila. Diante de mami, ele afastaria aquele sonho da mesma maneira como espanava os restos de farinha do paletó quando chegava em casa vindo do trabalho. E por isso eles iam ficar. Iam ficar até a guerra acabar. E ficariam com o que viesse depois da guerra.

Laila lembrou de mami dizendo a babi uma vez que tinha casado com um homem que não tinha convicções. Mami não entendia. Não entendia que, se olhasse num espelho, ela veria a inquestionável convicção da vida dele olhando para ela.

Mais tarde, depois de almoçarem ovos cozidos e batatas com pão, Tariq tirou um cochilo embaixo de uma árvore na margem de um riacho borbulhante. Dormiu com o abrigo dobrado como um travesseiro, as mãos cruzadas no peito. O motorista foi até a aldeia comprar amêndoas. Babi sentou encostado no tronco de uma acácia lendo um livro de bolso. Laila conhecia o livro; ele já tinha lido para ela uma vez. Contava a história de um velho pescador chamado Santiago, que pescou um peixe enorme. Quando ele chega com o barco numa zona segura, nada mais resta do grande peixe; os tubarões o estraçalharam.

Laila sentou na beira do regato, mergulhando os pés na água fria. Acima, os mosquitos zumbiam e penugens de algodão dançavam. Uma libélula adejou por perto. Laila viu as asas refletirem a luz do sol enquanto ela zumbia de uma folha de grama para outra. Refletiam tons de lilás, depois verde, laranja. Do outro lado do regato, um grupo de garotos hazards do local catavam bolotas de esterco de vaca do chão e guardavam em sacos de aniagem amarrados às costas. Em algum lugar, um jumento zurrou. Um gerador começou a roncar.

Laila pensou sobre o pequeno sonho de babi. *Algum lugar perto do mar.*

Uma coisa ela não tinha contado a babi lá em cima, no Buda: que, de alguma forma importante, ela se sentia contente de não poder ir. Iria sentir falta de Giti e de sua sinceridade descarada, sim, e de Hasina também, com sua risada zombeteira e incessantes palhaçadas. Mas, acima de tudo, Laila se lembrava muito bem da inescapável chatice daquelas quatro semanas sem Tariq, quando ele estava em Ghazni. Lembrava muito bem de como se

arrastou sem ele, como tinha se sentido insegura, desequilibrada. Como poderia viver com essa permanente ausência?

Talvez fosse insensato ter tanta vontade de ficar perto de uma pessoa num país onde as balas já tinham estraçalhado seus dois irmãos. Mas Laila só conseguia se lembrar da imagem de Tariq avançando contra Khadim com a perna erguida acima da cabeça, e nada no mundo parecia mais razoável para ela.

Seis meses depois, em abril de 1988, babi chegou em casa com grandes notícias.

— Eles assinaram um acordo — falou. — Em Genebra. É oficial! Estão indo embora. Em nove meses, não haverá mais soviéticos no Afeganistão!

Mami estava sentada na cama. Deu de ombros.

— Mas o regime comunista vai continuar — reclamou. — Najibullah é o presidente títere soviético. Ele não vai a parte alguma. Não, a guerra vai continuar. Isso não é o fim.

— Najibullah não vai durar muito — disse babi.

— Eles vão embora, mami! Eles vão mesmo embora!

— Vocês dois podem comemorar se quiserem. Mas eu não vou descansar enquanto os mujahidin não fizerem um desfile de vitória aqui em Cabul.

E, com isso, voltou a deitar e puxou a coberta.

VINTE E DOIS

JANEIRO DE 1989

EM UM DIA FRIO E NUBLADO DE JANEIRO DE 1989, três meses antes de Laila fazer onze anos, ela, os pais e Hasina foram ver um dos últimos comboios soviéticos saindo da cidade. Os espectadores se reuniram dos dois lados da avenida do Clube Militar, perto de Wazir Akbar Khan. Sobre a neve enlameada, assistiram à fila de tanques, veículos blindados e jipes enquanto uma neve fina flutuava diante dos fachos dos faróis que passavam. Houve apupos e zombarias. Soldados afegãos mantinham as pessoas afastadas da rua. De vez em quando, precisavam disparar um tiro de advertência.

Mami ostentava uma foto de Ahmad e Noor acima da cabeça. Era a foto em que os dois se apoiavam um nas costas do outro embaixo da pereira. Havia outras como ela, mulheres expondo fotos de seus maridos, filhos e irmãos *shaheed*.

Alguém bateu no ombro de Laila e Hasina. Era Tariq.

— Onde você arranjou essa coisa? — perguntou Hasina.

— Achei melhor vir vestido para a ocasião — respondeu Tariq. Estava com um enorme gorro de pele russo, com protetor de orelhas, puxado para baixo. — Como estou?

— Ridículo — riu Laila.

— Essa é a ideia.

— Seus pais vieram com você usando isso?

— Na verdade, eles ficaram em casa.

No outono anterior, o tio de Tariq em Ghazni tinha morrido de um ataque cardíaco e, poucas semanas depois, o pai de Tariq sofreu um ataque cardíaco também, que o deixou cansado e debilitado, sujeito a crises de ansiedade e depressão que às vezes o assolavam por semanas. Laila ficou contente em ver Tariq daquele jeito, como ele costumava ser. Durante várias semanas depois da doença do pai, Laila o via caído pelos cantos, a expressão pesada e carrancuda.

Os três se afastaram enquanto mami e babi ficaram vendo os soviéticos. Tariq comprou três porções de feijão cozido com cobertura de chutney de coentro de uma barraquinha na rua. Os três comeram embaixo do toldo de uma loja de tapetes, depois Hasina foi procurar sua família.

No trajeto de ônibus, voltando para casa, Tariq sentou ao lado de Laila, atrás dos pais dela. Mami estava na janela, olhando para fora, a foto abraçada

contra o peito. Ao lado, babi ouvia impassível um homem argumentando que os soviéticos podiam estar indo embora, mas que enviariam armas para Najibullah em Cabul.

— Ele é o fantoche deles. Vão manter a guerra por meio dele, podem apostar nisso.

Alguém num banco próximo concordou em voz alta.

Mami murmurava para si mesma longas frases de orações que continuavam até deixá-la sem fôlego, tornando as últimas palavras um sopro agudo em voz baixa.

Mais tarde eles foram ao Cinema Park, Laila e Tariq, e tiveram de assistir a um filme soviético dublado em persa, com um efeito cômico não intencional. Era sobre um navio mercante, e o primeiro imediato era apaixonado pela filha do capitão. O nome dela era Alyona. Depois desabou uma tempestade feroz, com trovões, chuva e o mar balançando o navio. Um dos marinheiros, frenético, gritou alguma coisa. Uma voz absurdamente calma traduziu para o persa: “Caro senhor, será que pode me passar a corda, por gentileza?”.

Nesse momento, Tariq caiu na risada. Em seguida, os dois foram acometidos por um inevitável ataque de risos. Quando um se cansava, o outro ameaçava uma risada, e lá partiam os dois para outra rodada. Um homem sentado duas fileiras adiante virou e pediu silêncio.

Perto do fim houve uma cena de casamento. O capitão cedeu e deixou Alyona se casar com o imediato. Os recém-casados sorriam um para o outro. Todos tomavam vodca.

— Eu nunca vou me casar — cochichou Tariq.

— Nem eu — concordou Laila, mas não antes de um pequeno momento de hesitação. Ficou preocupada que a voz revelasse seu desapontamento pelo que ele dissera. Com o coração galopando, acrescentou, agora mais forçada: — Nunca.

— Casamentos são ridículos.

— Toda essa agitação.

— E o dinheiro que se gasta.

— Pra quê?

— Em roupas que nunca mais a gente vai usar.

— Ha!

— Se *um dia* eu me casar — continuou Tariq —, eles vão ter que abrir espaço para três pessoas na cerimônia. Eu, a noiva e o cara apontando a arma pra minha cabeça.

O homem na fileira da frente lançou mais um olhar repressor.

Na tela, Alyona e seu novo marido se beijaram.

Observando aquele beijo, Laila se sentiu, de súbito, estranhamente exposta. Tomou consciência de seu coração batendo forte, do sangue pulsando nos ouvidos, da silhueta de Tariq ao seu lado, tenso, imóvel. O beijo se arrastou. De repente, pareceu da maior urgência para Laila não se

mexer ou fazer o menor som. Sentiu que Tariq a observava — um olho no beijo, outro nela — assim como ela o observava. Será que ele estava ouvindo o ar saindo pelo nariz dela, matutou, esperando por uma sutil hesitação, uma irregularidade reveladora que traísse seus pensamentos?

E como seria beijar Tariq, sentir aquela penugem do lábio superior nos próprios lábios?

Em seguida, Tariq se mexeu na cadeira, pouco à vontade. Numa voz tensa, falou:

— Sabe que se você assoar o nariz na Sibéria o muco vira gelo verde antes de chegar no chão?

Os dois deram risada, mas agora por pouco tempo, com nervosismo. E quando o filme acabou e eles saíram do cinema, Laila ficou aliviada ao ver que o céu tinha escurecido, que não precisaria ver os olhos de Tariq na luz do dia.

VINTE E TRÊS

ABRIL DE 1992

TRÊS ANOS SE PASSARAM.

O pai de Tariq teve uma série de derrames, que o deixaram com a mão esquerda prejudicada e a fala levemente arrastada. Quando ficava agitado, o que acontecia com frequência, a fala ficava ainda mais lenta.

Tariq cresceu novamente mais que a perna e ganhou uma nova da Cruz Vermelha, apesar de ter tido de esperar seis meses.

Como Hasina temia, a família levou-a para Lahore, onde teve de se casar com o primo dono da oficina de automóveis. Na manhã em que a levaram, Laila e Giti foram à casa de Hasina para se despedir. Hasina contou que o primo, seu futuro marido, já tinha começado o processo de mudança para a Alemanha, onde os irmãos moravam. Em um ano, ela achava, eles estariam em Frankfurt. As três choraram abraçadas. Giti ficou inconsolável. A última vez que Laila viu Hasina, ela estava sendo ajudada pelo pai a entrar no banco traseiro lotado de um táxi.

A União Soviética desmoronou com uma velocidade espantosa. Laila tinha a impressão de que a cada semana babi voltava para casa com notícias de que mais uma república tinha declarado independência. Lituânia, Estônia, Ucrânia. A bandeira soviética foi recolhida do Kremlin. Nascia a República da Rússia.

Em Cabul, Najibullah mudou de tática e tentou se retratar como muçulmano devoto.

— Muito pouco e tarde demais — declarou babi. — Não se pode ser chefe da KHAD num dia e no dia seguinte rezar na mesquita com pessoas cujos parentes você torturou e matou.

Sentindo o cerco aumentar ao redor de Cabul, Najibullah tentou conseguir um acordo com os mujahidin, mas foi recusado.

Na sua cama, mami dizia:

— Bem feito para eles.

Mantinha sua vigília à espera dos mujahidin e do desfile pela cidade. Esperava a queda dos inimigos de seus filhos.

E, finalmente, eles caíram. Em abril de 1992, no ano em que Laila completou catorze anos.

Najibullah se rendeu afinal, refugiando-se no complexo da ONU perto do palácio de Darulaman, no sul da cidade.

A jihad tinha acabado. Os vários regimes comunistas que mantinham o poder desde a noite em que Laila nasceu estavam todos derrotados. Os heróis de mami, os irmãos em armas de Ahmad e Noor, tinham vencido. E agora, depois de uma década de tantos sacrifícios, depois de abandonar a família para viver nas montanhas e lutar pela soberania afegã, os mujahidin estavam voltando para Cabul, em carne e osso, e os ossos cansados de tantas batalhas.

Mami sabia os nomes de todos.

Havia Dostum, o extravagante comandante usbeque, líder da facção Junbish-i-Milli, com a reputação de forjar alianças movediças. O intenso e carrancudo Gulbuddin Hekmatyar, líder da facção Hezb-e-Islami, um pashtun que era estudante de engenharia quando matou um estudante maoista. Rabbani, líder tajique da facção Jamiat-e-Islami, professor de islamismo na Universidade de Cabul na época da monarquia. Sayyaf, um pashtun de Paghman com ligações com os árabes, um muçulmano corpulento e líder da facção Ittehad-i-Islami. Abdul Ali Mazari, líder da facção Hizb-e-Wahdat, conhecido como Baba Mazari por seus companheiros hazaras, com fortes laços xiitas com o Irã.

E, claro, o herói de mami, aliado de Rabbani, o pensativo e carismático comandante tajique Ahmad Shah Massoud, o Leão de Panjshir. Mami tinha um pôster dele na parede do quarto. O rosto bonito e reflexivo de Massoud, as sobrancelhas arqueadas e o característico *pakol* inclinado se tornariam onipresentes em Cabul. Seus olhos negros e espirituais observavam de cartazes, paredes, vitrines e de pequenas bandeiras montadas nas antenas dos taxistas.

Para mami, esse era o dia havia muito aguardado. Traria a fruição de todos aqueles anos de espera.

Finalmente, ela podia encerrar sua vigília, e os filhos poderiam descansar em paz.

No dia seguinte à rendição de Najibullah, mami levantou da cama uma nova mulher. Pela primeira vez em cinco anos, desde que Ahmad e Noor tinham se transformado em *shaheed*, ela não usou preto. Usava um vestido de linho azul-cobalto com bolinhas. Lavou as janelas, varreu o chão, arejou a casa, tomou um longo banho. A voz vibrava de alegria.

— Isso merece uma festa — declarou.

Mandou Laila convidar os vizinhos.

— Diga que vamos fazer um grande almoço amanhã!

Na cozinha, mami ficou olhando ao redor, mãos nos quadris, e disse, com uma reprovação amistosa:

— O que você fez com a minha cozinha, Laila? Está tudo em lugares diferentes.

Começou a mexer nas panelas e nos caldeirões, de forma teatral, como se estivesse reassumindo suas posições, reocupando seu território, agora que estava de volta. Laila saiu da frente. Era melhor. Mami podia ser tão indomável em seus acessos de euforia como em seus ataques de raiva. Com uma energia desconcertante, mami começou a cozinhar: sopa de *aush* com feijão e endro seco, *kofia*, *mantu* fumegante com molho de iogurte fresco e recoberto de hortelã.

— Você está tirando a sobralalha — disse mami, abrindo um grande saco de arroz perto da bancada da cozinha.

— Só um pouquinho.

Mami despejou arroz do saco numa grande panela preta com água. Arregaçou as mangas e começou a mexer.

— Como está Tariq?

— O pai dele esteve doente — respondeu Laila.

— Quantos anos ele tem, a propósito?

— Não sei. Uns sessenta, acho.

— Estou falando do Tariq.

— Ah. Dezesseis.

— Tariq é um bom menino. Você não acha?

Laila deu de ombros.

— Não é mais exatamente um garoto, não é? Dezesseis anos. Quase um homem. Você não acha?

— Aonde está querendo chegar, mami?

— Nada, não — respondeu mami, com um sorriso inocente. — Nada, não. Só que você... Ah, nada. É melhor não dizer nada.

— Já entendi o que você está querendo — falou Laila, irritada com aquelas indiretas cheias de acusações.

— Bem. — Mami pousou as mãos na beira do caldeirão. Laila percebeu uma característica artificial, quase ensaiada, na maneira como ela disse “Bem” e na maneira como cruzou as mãos. Sentiu que ouviria um discurso.

— Quando vocês dois eram crianças e corriam por aí era uma coisa. Não havia nada de mais. Era encantador. Mas agora. Bem. Notei que você está usando sutiã, Laila.

Laila foi pega de surpresa.

— E, a propósito, você poderia ter me falado sobre o sutiã. Eu não sabia. Estou desapontada por não ter me contado. — Percebendo sua vantagem, mami avançou. — De qualquer forma, não tem nada a ver com o sutiã. Tem a ver com você e Tariq. Ele é um garoto, percebe, e, por isso, por que ligaria para sua reputação? Mas você? A reputação de uma garota, ainda mais bonita como você, é uma coisa delicada, Laila. Como um passarinho na mão. Se não segurar firme, ele sai voando.

— E o que dizer de você e babi subindo nos muros, brincando nos pomares? — perguntou Laila, contente com a rápida recuperação.

— Nós éramos primos. E nos casamos. Esse garoto pediu a sua mão?

— Ele é meu amigo. Um *rafiq*. Não é assim entre a gente — replicou Laila, parecendo na defensiva, atordoada. E já sabia, antes mesmo de uma nuvem passar sobre o rosto de mami e sua expressão entristecer, que tinha cometido um equívoco.

— Isso ele não é — observou mami com firmeza. — Você não pode comparar esse pernetá filho do tapeceiro com seus irmãos. Não há *ninguém* como os seus irmãos.

— Eu não disse que ele... Não foi isso que eu quis dizer.

Mami deu um suspiro pelo nariz e cerrou os dentes.

— Enfim — recomeçou, mas sem a leveza jocosa de alguns instantes atrás —, o que estou querendo dizer é que se você não tomar cuidado, as pessoas vão falar.

Laila abriu a boca para dizer alguma coisa. Não que mami não tivesse certa razão. Laila sabia que os tempos de inocência, de brincar livremente com Tariq pela rua tinham passado. Já havia algum tempo, Laila tinha começado a sentir uma estranheza quando os dois estavam em público. Uma sensação de estar sendo observada, escrutinada, alvo de cochichos, que nunca havia sentido. E *não* teria sentido não fosse um fato fundamental: ela estava apaixonada por Tariq. Inapelável e desesperadamente. Quando ele estava perto, Laila não conseguia deixar de ser consumida pelos pensamentos mais escandalosos, imaginando seu corpo esbelto e nu enlaçado ao dela. Deitada na cama à noite, ela o imaginava beijando seu ventre, pressentia a suavidade dos seus lábios, a sensação da mão dele tocando sua nuca, seu peito, suas costas e mais abaixo ainda. Quando pensava nele daquela maneira, era assolada pela culpa, mas também por uma sensação cálida e peculiar que se difundia pela barriga até ela sentir o rosto enrubescer.

Sim. Mami tinha certa razão. Mais do que imaginava, aliás. Laila desconfiava de que alguns vizinhos, se não a maioria, já estavam fofocando a respeito de Tariq e ela. Laila tinha notado os sorrisos marotos, estava ciente dos cochichos no bairro de que os dois formavam um casal. Outro dia mesmo, por exemplo, ela e Tariq estavam andando pela rua quando passaram por Rasheed, o sapateiro, com sua esposa envolvida por uma burca, Mariam, a reboque. Quando os dois passaram, Rasheed disse de brincadeira: “Ora, se não são Laili e Majnoon”, referindo-se aos malfadados amantes do popular poema de Nezami, do século XII, uma versão persa de *Romeu e Julieta*, segundo babi, que acrescentou que Nezami tinha escrito aquela história de amantes desventurados quatro séculos antes de Shakespeare.

Mami tinha certa razão.

O que irritou Laila é que mami não tinha o direito de fazer aquilo. Se babi tivesse levantado a questão, teria sido outra coisa. Mas mami? Todos aqueles anos de indiferença, de isolamento, sem se importar aonde Laila ia ou com quem se encontrava e o que pensava... Não era justo. Laila se sentiu igual àquelas panelas e aqueles caldeirões, algo que ela havia negligenciado, depois retomado quando quis, quando lhe deu na veneta.

Mas aquele era um grande dia, um dia importante para todos eles. Seria mesquinha estragar o momento por causa disso. Mantendo o espírito da ocasião, Laila deixou passar.

— Entendi o que você quis dizer, mami.

— Ótimo! — replicou mami. — Então está resolvido. Agora, onde está Hakim? Onde estará aquela doçura do meu marido?

Era um dia radiante e sem nuvens, perfeito para uma festa. Os homens sentaram nas frágeis cadeiras dobráveis no quintal. Tomavam chá e fumavam enquanto conversavam em voz alta sobre os planos dos mujahidin. Com babi, Laila ficou sabendo do novo esquema: agora o Afeganistão se chamava Estado Islâmico do Afeganistão. Um Conselho Jihad Islâmico, formado em Peshawar por diversas facções dos mujahidin, supervisionaria as coisas durante dois meses, liderado por Sibghatullah Mojadidi. A isso se seguiria um conselho de liderança encabeçado por Rabbani, que assumiria por quatro meses. Durante esses seis meses, seria organizado uma *loya jirga*, um grande conselho de líderes e anciões, que formaria um governo interino para ficar no poder por dois anos, desembocando em eleições democráticas.

Um dos convidados abanava espetinhos de carneiro chiando numa grelha improvisada. Babi e o pai de Tariq jogavam uma partida de xadrez à sombra da velha pereira, as expressões contraídas pela concentração. Tariq também estava perto do tabuleiro, revezando-se entre assistir à partida e ouvir o debate político na mesa ao lado.

As mulheres reuniam-se na sala de estar, no corredor e na cozinha. Conversavam enquanto embalavam os filhos, desviando-se com muita habilidade das crianças correndo atrás umas das outras pela casa. Um *ghazal* de Ustad Sarahang berrava de um toca-fitas.

Laila estava na cozinha, preparando garrafas de *dogh* com Giti. Giti não era mais tímida, nem séria como antes. Já havia alguns meses, a perpétua carranca grave tinha abandonado sua expressão. Nos últimos tempos ela ria mais abertamente, com mais frequência e — Laila percebeu com certo choque — se mostrava um pouco coquete. Não usava mais os monótonos rabos de cavalo, deixou o cabelo crescer e o pintou com reflexos. Laila acabou sabendo que o ímpeto dessa transformação era um garoto de dezoito anos que estava interessado nela. O nome dele era Sabir, era goleiro do time de futebol do irmão mais velho de Giti.

— Ah, ele tem um sorriso tão bonito e o cabelo preto e grosso! — Giti contou a Laila. Ninguém sabia da atração entre os dois, é claro. Giti tinha se encontrado com ele em segredo duas vezes para tomar chá, quinze minutos de cada vez, numa pequena casa de chá do outro lado da cidade, em Taimani.

— Ele vai pedir a minha mão, Laila! Talvez ainda neste verão. Dá para acreditar? Juro que não consigo parar de pensar nele.

— Mas e a escola? — perguntou Laila. Giti apenas inclinou a cabeça e

lançou um olhar a ela do tipo *Nós sabemos o que é melhor*.

Quando eu e Giti tivermos vinte anos, nós já estaremos com uns quatro ou cinco filhos, Hasina costumava dizer. *Mas você, Laila, vai nos deixar muito mais orgulhosas. Você vai ser alguém. Sei que um dia vou pegar um jornal e ver sua fotografia na primeira página.*

Agora Giti estava ao lado de Laila, fatiando pepinos, com um olhar distante e sonhador no rosto.

Mami estava perto, no seu colorido vestido de verão, descascando ovos cozidos com Wajma, a parteira, e a mãe de Tariq.

— Eu vou dar uma foto de Ahmad e Noor de presente para o comandante Massoud — mami dizia a Wajma, que aquiescia e fingia estar sinceramente interessada.

— Ele compareceu pessoalmente ao enterro. Disse uma oração diante do túmulo. Vai ser uma prova de agradecimento por sua decência. — Mami abriu mais um ovo cozido. — Ouvi dizer que é um homem reflexivo e honrado. Acho que ele vai gostar.

O tempo todo, as mulheres entravam e saíam da cozinha, levando cuias de *qurma*, travessas de *mastawa*, bisnagas de pão, dispondo tudo na *sofrah* estendida no piso da sala.

De vez em quando, Tariq dava as caras. Pegava um pedaço de alguma coisa, mordiscava outra.

— Aqui homem não entra — disse Giti.

— Fora, fora, fora — gritou Wajma.

Tariq sorria das broncas bem-humoradas das mulheres. Parecia sentir prazer em não ser bem-vindo, em infectar a atmosfera feminina com sua irreverência sarcástica e masculina.

Laila fazia o possível para não olhar para ele, não dar àquelas mulheres mais razões para fofocas do que já tinham. Por isso, mantinha o olhar baixo e não falava com ele, mas se lembrou de um sonho que teve algumas noites antes, do rosto dele e do dela juntos num espelho, debaixo de um véu diáfano e verde. E grãos de arroz caindo do seu cabelo, fazendo *tlinqe* ao bater no vidro.

Tariq estendeu a mão para experimentar um pedaço de vitela cozida com batatas.

— *Ho bacha!* — Giti bateu na mão dele. Tariq pegou o pedaço assim mesmo, dando risada.

Agora ele era quase trinta centímetros mais alto que Laila. Fazia a barba. O rosto estava mais fino, mais anguloso. Os ombros tinham alargado. Tariq gostava de usar calça xadrez, sapatos pretos e lustrosos e camisas de manga curta que mostravam os braços musculosos — resultado de um antigo conjunto de halteres enferrujados que ele levantava todos os dias no jardim de casa. Seu rosto tinha adotado recentemente uma expressão de litígio brincalhão. Agora ele inclinava a cabeça levemente de lado quando falava e arqueava uma sobrancelha quando ria. Deixou o cabelo crescer e adquiriu o

hábito de balançar os cachos mais do que o necessário. O sorriso sarcástico de meia boca era algo novo também.

Na última vez em que foi enxotado da cozinha, a mãe de Tariq flagrou Laila lançando um olhar para ele. O coração de Laila deu um salto, os olhos adejaram, culpados. Logo se concentrou em despejar o pepino fatiado no jarro de iogurte diluído em água e sal. Mas sentiu que a mãe de Tariq observava, com um meio sorriso de quem sabia e aprovava.

Os homens serviam seus pratos e copos e levavam a refeição para o quintal. Quando todos estavam satisfeitos, as mulheres e crianças se ajoitaram no chão ao redor da *sofrah* e comeram.

Só depois da *sofrah* estar livre e os pratos dispostos na cozinha, quando começou o frenesi da preparação do chá e de lembrar quem tomava chá verde e quem tomava chá preto, Tariq fez um movimento de cabeça e saiu pela porta.

Laila esperou cinco minutos antes de ir atrás.

Encontrou Tariq três casas rua abaixo, encostado no muro da entrada de uma viela estreita entre duas casas adjacentes, cantarolando uma antiga canção pashtun, de Ustad Awal Mir:

*Da ze ma ziba watan,
da ze ma dada watan.
Esta é a nossa linda terra,
esta é a nossa amada terra.*

E estava fumando, outro hábito recente que pegou dos sujeitos com quem Laila o vira andando esses dias. Laila não suportava esses novos amigos de Tariq. Todos se vestiam do mesmo jeito, calças xadrez e camisas apertadas que acentuavam os braços e o peito. Todos usavam a mesma colônia, todos fumavam. Percorriam o bairro em bando, brincando, rindo em voz alta, às vezes mexendo com as garotas, com sorrisos idênticos, estúpidos e convencidos no rosto. Um dos amigos de Tariq, por ser levemente parecido com Sylvester Stallone, insistia em ser chamado de Rambo.

— Sua mãe te mata se souber que está fumando — comentou Laila, olhando de um lado para o outro antes de entrar na viela.

— Mas ela não sabe — ele respondeu, afastando-se um pouco para abrir espaço.

— Isso pode mudar.

— E quem vai contar? Você?

Laila bateu o pé.

— Pode contar seu segredo ao vento, mas não culpe o vento por contar às árvores.

Tariq sorriu, a sobrancelha arqueada.

— Quem disse isso?

— Khalil Gibran.

— Sua exibida.

— Me dá um cigarro.

Tariq abanou a cabeça e cruzou os braços. Era um novo item no seu repertório de poses: encostado na parede, braços cruzados, cigarro pendurado no canto da boca, a perna boa dobrada casualmente.

— Por que não?

— Faz mal pra saúde.

— E não faz mal pra você?

— Eu fumo por causa das garotas.

— Que garotas?

Ele deu um sorrisinho.

— Elas acham sexy.

— Mas não é.

— Não?

— Garanto que não é.

— Não é sexy?

— Você parece um *khila*, um boboca.

— Essa doeu — ele replicou.

— Mas que garotas?

— Você está com ciúme.

— Estou com uma curiosidade indiferente.

— Não dá para ter as duas coisas. — Ele deu outra tragada e estreitou os olhos na fumaça. — Aposto que andam falando sobre nós dois.

A voz de mami soou na cabeça de Laila. *Como um passarinho na mão. Se não segurar firme, ele sai voando.* Sentiu-se mordida pela culpa. Mas Laila calou a voz da mãe. Preferiu saborear a maneira como Tariq tinha dito *nós*. Vindo dele, soou como algo emocionante, como uma conspiração. E como foi bom ouvi-lo falar desse jeito — de forma casual, natural. *Nós*. Reconhecendo a ligação, cristalizando-a.

— E o que eles estão dizendo?

— Que nós estamos navegando no Rio do Pecado — ele respondeu. — Comendo um pedaço do Bolo da Impiedade.

— Passeando no Riquixá da Maldade? — emendou Laila.

— Realizando a *Qurma* do Sacrilégio.

Os dois deram risada. Em seguida Tariq observou que o cabelo dela estava mais comprido.

— Ficou legal — falou.

Laila torceu para não estar corando.

— Mas você mudou de assunto.

— Mudei?

— Das garotas de cabeça oca que acham que você é sexy.

— Você sabe.

— Sei o quê?

— Que eu só tenho olhos para você.

Laila desfaleceu por dentro. Tentou interpretar a expressão dele, mas só

encontrou um olhar indecifrável: o sorriso debochado e cretino às voltas com a expressão estreita e quase desesperada dos olhos. Uma expressão esperta, calculada para ficar exatamente na metade do caminho entre a zombaria e a sinceridade.

Tariq esmagou o cigarro com o salto do pé bom.

— Então, o que você acha de tudo isso?

— Da festa?

— Quem está sendo boboca agora? Estou falando dos mujahidin, Laila. Da chegada desse pessoal a Cabul.

— Ah.

Laila começou a falar de algo que babi tinha comentado, sobre a problemática combinação entre armas e egos, quando ouviu uma comoção vinda da casa. Vozes exaltadas. Gritos.

Laila saiu correndo. Tariq manquitou atrás dela.

Havia uma briga no jardim. Dois homens grunhindo, rolando no chão, uma faca entre eles. Laila reconheceu um deles como o homem da mesa discutindo política mais cedo. O outro era o que abanava os espetinhos de *kebab*. Vários homens tentavam apartar os dois. Babi não se encontrava entre eles. Estava encostado na parede, a uma distância segura da briga, ao lado do pai de Tariq, que chorava.

A partir das vozes exaltadas ao redor, Laila juntou pedaços de informação: o sujeito na mesa da política, um pashtun, tinha chamado Ahmad Shah Massoud de traidor por ter “feito um acordo” com os soviéticos nos anos 1980. O homem do *kebab*, tajique, se ofendeu e exigiu uma retratação. O pashtun recusou. O tajique falou que se não fosse por Massoud, a irmã do outro homem ainda estaria “dando” para os soldados soviéticos. Começaram a trocar socos. Um deles puxou uma faca; havia um desacordo entre eles.

Horrorizada, Laila viu que Tariq se jogou no meio da disputa. Viu também que parte dos pacificadores começou a trocar socos entre si. Pensou ter visto outra faca.

Mais tarde, naquele dia, Laila lembrou como a briga tinha desandado, com homens caindo uns em cima dos outros, entre gemidos, gritos e berros e punhos voando, e, no meio de tudo aquilo, um sorridente Tariq, cabelos despenteados, a perna solta, tentando se afastar de gatinhas.

Foi estonteante a forma como tudo aconteceu tão rápido.

O conselho de liderança foi formado prematuramente. Rabbani foi eleito presidente. As outras facções reclamaram de nepotismo. Massoud pediu paz e paciência.

Hekmatyar, que fora excluído, ficou furioso. Os hazaras, com sua longa história de opressão e negligência, fumegaram.

Insultos foram trocados. Dedos apontados. Voaram acusações. Reuniões foram canceladas aos berros e portas foram batidas. A cidade prendeu a respiração. Nas montanhas, pentes cheios de balas se encaixaram em

Kalashnikovs.

Os mujahidin, armados até os dentes, mas agora sem um inimigo em comum, viram um inimigo em cada um de si mesmos.

O dia do ajuste de contas chegou afinal a Cabul.

E quando os foguetes começaram a cair em Cabul, as pessoas correram para se proteger. Mami fez isso também, literalmente. Voltou a usar preto, retornou para o quarto, fechou as cortinas e cobriu a cabeça com a manta outra vez.

VINTE E QUATRO

— É o ASSOBO — Laila disse a Tariq —, os malditos assobios. É o que odeio mais do que qualquer outra coisa.

Tariq assentiu, sabendo do que se tratava.

Não era tanto o assobio, pensou Laila mais tarde, mas os segundos entre o início e o impacto. O intervalo de tempo breve e interminável de sensação suspensa. O não saber. A espera. Como um réu aguardando o veredicto.

Em geral acontecia no jantar, quando ela e babi estavam à mesa. Quando começava, as cabeças se erguiam. Eles ficavam ouvindo o assobio, garfo no ar, comida por mastigar na boca. Laila via o reflexo dos rostos iluminados pela metade na janela escura, as sombras imóveis na parede. O assobio. Depois a explosão, felizmente em outro lugar, seguida pelo ar expelido e a consciência de terem sido poupados dessa vez enquanto em algum lugar, em meio a gritos e nuvens sufocantes de fumaça, o alvoroço, o frenesi de mãos escavando, entulho sendo afastado, o que restou de uma irmã, um irmão, um neto.

Mas o outro lado da moeda de ser poupado era se perguntar quem não tinha sido. Depois da explosão de cada foguete, Laila corria para a rua, balbuciando uma prece, certa de que, dessa vez, com certeza dessa vez, era Tariq que encontraria enterrado debaixo de ruínas e fumaça.

À noite, Laila ficava na cama e observava os clarões brancos repentinos refletidos na janela. Ouvia o matraquear de disparos de armas automáticas e contava os foguetes zunindo acima enquanto a casa tremia e flocos de reboco choviam do teto. Algumas noites, quando a luz dos disparos de foguetes era tão intensa que uma pessoa poderia ler um livro, era impossível dormir. E, se dormisse, os sonhos de Laila eram cobertos de fogo e membros espalhados e o gemido dos feridos.

A manhã não trazia alívio. Soava o chamado dos muezins para a *namaz*, os mujahidin descansavam as armas, viravam para o oeste e rezavam. Depois os tapetes eram dobrados, as armas recarregadas e as montanhas disparavam sobre Cabul, e Cabul retribuía o fogo para as montanhas, enquanto Laila e o resto da cidade observavam, tão impotentes quanto Santiago via os tubarões abocanharem seu precioso peixe.

Por onde Laila passasse, via os homens de Massoud rodando pelas ruas e parando automóveis a cada cem metros para fazer perguntas. Ficavam sentados fumando nos tanques, ostentando seus uniformes e os indefectíveis

pakols. Observando os passantes por trás de sacos de areia empilhados nas interseções.

Não que Laila sáísse muito mais. E, quando saía, estava sempre acompanhada por Tariq, que parecia se deleitar nesses deveres cavaleirescos.

— Eu comprei uma arma — ele disse um dia. Estavam sentados do lado de fora, embaixo da pereira no quintal de Laila. Ele mostrou. Disse que era uma semiautomática, uma Beretta. Para Laila, parecia apenas uma coisa preta e letal.

— Eu não gosto — ela falou. — Armas me dão medo.

Tariq virou o pente na mão.

— Foram encontrados três corpos numa casa em Karteh-Seh na semana passada — falou. — Você não soube? Irmãs. As três estupradas. As gargantas cortadas. Alguém arrancou os anéis dos dedos a dentadas. Dava pra ver, tinham marcas de dentes...

— Eu não quero saber dessas coisas.

— Eu não quis assustar — replicou Tariq. — Mas eu... me sinto melhor com esta arma.

Agora Tariq era seu contato direto com a rua. Ouvia notícias de boca a boca e passava para ela. Foi ele que contou, por exemplo, que os milicianos acantonados nas montanhas calibravam a pontaria — e faziam apostas sobre a dita pontaria — atirando em civis aqui embaixo, homens, mulheres, crianças, escolhidos ao acaso. Disse que eles disparavam foguetes nos carros, mas por alguma razão deixavam os táxis em paz — o que, para Laila, elucidava a quantidade de pessoas pintando os automóveis de amarelo.

Tariq explicou os limites traiçoeiros e movediços na cidade de Cabul. Laila soube por ele, por exemplo, que aquela rua, até a segunda acácia à esquerda, pertencia a um chefe de guerra; que os quatro quarteirões seguintes, terminando na padaria perto da farmácia destruída, eram setor de outro chefe de guerra; e que se atravessasse a rua e andasse um quilômetro no sentido oeste, ela estaria no território de um terceiro chefe de guerra e, portanto, presa fácil para o fogo dos franco-atiradores. Chefes de guerra. Laila os ouvia ser chamados de *tofangdar* também. Atiradores. Outros ainda os chamavam de mujahidin, mas, quando chamavam, faziam uma cara — uma cara de desprezo, de raiva —, a palavra recendendo a uma profunda aversão e desdém. Como um insulto.

Tariq voltou a encaixar o pente na pistola.

— Você seria capaz? — perguntou Laila.

— Do quê?

— De usar essa coisa. De usar isso para matar?

Tariq enfiou a arma na cintura do jeans. Depois disse uma coisa ao mesmo tempo adorável e terrível.

— Por você — falou. — Eu mataria se fosse por você.

Chegou mais perto dela e suas mãos roçaram, uma vez, depois outra.

Quando os hesitantes dedos de Tariq começaram a se entrelaçar aos dela, Laila deixou. E quanto de repente ele se inclinou e juntou seus lábios aos dela, ela também deixou.

Naquele momento, toda a conversa de mami sobre reputações e passarinhos na mão pareceu imaterial para Laila. Até absurda. No meio de toda aquela matança e pilhagem, de toda aquela feiura, estar ali beijando Tariq embaixo de uma árvore era uma coisa inofensiva. Uma coisa menor. Uma negligência perdoável. Por isso ela se deixou beijar, e quando ele recuou, Laila avançou e o beijou, o coração batendo na garganta, o rosto formigando, um fogo queimando na boca do estômago.

* * *

Em junho daquele ano, 1992, houve combates intensos na zona oeste de Cabul, entre forças pashtuns do chefe de guerra Sayyaf e os hazaras da facção Wahdat. Os bombardeios derrubaram linhas de transmissão de energia, pulverizaram quarteirões inteiros de lojas e casas. Laila ouviu dizer que milicianos pashtuns estavam atacando residências de hazaras, invadindo e fuzilando famílias inteiras, estilo execução, e que os hazaras retaliavam sequestrando civis pashtuns, estuprando garotas pashtuns, bombardeando bairros pashtuns e matando indiscriminadamente. Todos os dias, corpos eram encontrados amarrados em árvores, às vezes queimados e irreconhecíveis. Com frequência, com tiros na cabeça, os olhos arrancados, as línguas cortadas.

Babi tentou mais uma vez convencer mami a sair de Cabul.

— Eles vão se entender — ela respondeu. — Essa luta é temporária. Eles vão sentar e descobrir uma saída.

— Fariba, essa gente *só sabe* fazer a guerra — disse babi. — Eles aprenderam a andar com uma garrafa de leite numa das mãos e uma arma na outra.

— Quem é *você* pra saber? — mami disparou de volta. — Você lutou na jihad? Abandonou tudo o que tinha para arriscar sua vida? Se não fossem os mujahidin, nós ainda seríamos servos dos soviéticos, lembre-se. E agora você quer que a gente os traia?

— Não somos nós que os estamos traindo, Fariba.

— Então vai você. Pegue a sua filha e saia correndo. Me mande um cartão-postal. Mas a paz há de chegar, e eu vou esperar por ela.

As ruas ficaram tão inseguras que babi fez uma coisa impensável: decidiu que Laila sairia da escola.

Ele mesmo assumiu a educação da filha. Laila ia ao seu escritório todos os dias depois do pôr do sol e, enquanto Hekmatyar lançava seus foguetes em Massoud da periferia ao sul da cidade, babi e Laila discutiam os *ghazals* de Hafez e os versos do adorado poeta afegão Ustad Khalilullah Khalili. Babi ensinou como derivar a equação quadrática, mostrou como fatorar

polinômios e plotar curvas paramétricas. Quando estava dando aula, babi se transformava. Em seu elemento, no meio dos livros, ele parecia mais alto a Laila. A voz parecia ascender a um lugar mais calmo, mais profundo, e ele não piscava tanto quanto o normal. Laila imaginou como ele devia ter sido, apagando o quadro-negro com gestos graciosos, olhando para os alunos, atento e paternal.

Mas não era fácil prestar atenção. Laila se distraía.

— Qual é a área da pirâmide? — perguntava babi, mas Laila só conseguia pensar nos lábios cheios de Tariq, no calor de seu hálito em sua boca, no seu próprio reflexo nos olhos cor de amêndoas. Eles tinham se beijado mais duas vezes depois da ocasião debaixo da árvore, por mais tempo, mais apaixonadamente e, ela considerou, menos desajeitadamente. Nas duas vezes, ela se encontrou com ele em segredo na viela mal iluminada onde ele fumou um cigarro no dia da festa do almoço de mami. Na segunda vez, ela deixou que tocasse em seus seios.

— Laila?

— Sim, babi.

— Pirâmide. Área. Onde você está?

— Desculpe, babi. Eu estava... hã... Vamos ver. Pirâmide. Pirâmide. Um terço da área da base vezes a altura.

Babi aquiesceu meio na dúvida, o olhar pairando sobre ela, e Laila pensou nas mãos de Tariq acariciando seus seios, escorregando para a nuca, quando os dois se beijaram e se beijaram.

Um dia daquele mesmo mês de junho, Giti estava voltando da escola para casa com duas colegas. A apenas três quarteirões da casa de Giti, um foguete perdido atingiu as garotas. Mais tarde, naquele dia terrível, Laila soube que Nila, a mãe de Giti, tinha corrido pela rua até o local onde Giti fora morta e começou a recolher pedaços da filha num avental, gritando histericamente. O pé direito de Giti em decomposição, ainda com a meia de nylon e o tênis roxo, seria encontrado num telhado duas semanas depois.

Na *fatiha* de Giti, um dia depois das mortes, Laila não se entendia na sala cheia de mulheres chorando. Era a primeira vez que alguém que Laila conhecia, tinha sido próxima, tinha amado, morria. Não conseguia assimilar a impenetrável realidade de que Giti não estava mais viva. Giti, com quem Laila trocava bilhetes secretos na sala de aula, escolhia as unhas que iriam lixar, cujos pelos do queixo ela cortava com uma tesourinha. *Morta*. Despedaçada por uma explosão. Laila afinal começou a chorar pela amiga. E todas as lágrimas que não tinha conseguido chorar no funeral dos irmãos se despejaram nesse momento.

VINTE E CINCO

LAILA MAL CONSEGUIA SE MEXER, como se todas as suas articulações estivessem cimentadas. Havia uma conversaçoão em curso, e ela sabia que estava numa das pontas, mas se sentia distanciada, como se estivesse apenas bisbilhotando. Enquanto Tariq falava, Laila via sua vida como uma corda apodrecida, se desfazendo, as fibras se soltando, caindo.

Fazia calor naquela tarde úmida de agosto de 1992, e os dois estavam na sala de estar da casa de Laila. Mami tivera dor de estômago o dia todo e, minutos antes, apesar dos foguetes disparados por Hekmatyar a partir do sul, babi a tinha levado ao médico. E lá estava Tariq agora, sentado ao lado de Laila no sofá, olhando para o chão, mãos entre os joelhos.

Dizendo que estava indo embora.

Não do bairro. Não de Cabul. Mas do Afeganistão.

Partindo.

Laila estava chocada.

— Para onde? Para onde você vai?

— Primeiro para o Paquistão. Peshawar. Depois não sei. Talvez Hindustão. Irã.

— Quanto tempo?

— Não sei.

— Quero dizer, há quanto tempo você decidiu?

— Alguns dias. Eu ia te contar, Laila, juro, mas não consegui. Eu sabia o quanto você ia ficar chateada.

— Quando?

— Amanhã.

— Amanhã?

— Laila, olhe pra mim.

— Amanhã?

— É por causa do meu pai. O coração dele não aguenta mais toda essa luta e essa matança.

Laila enterrou a cabeça nas mãos, uma bolha de terror se formando no peito.

Ela devia ter previsto, pensou. Quase todo mundo que conhecia havia feito as malas e partido. O bairro quase não tinha mais rostos conhecidos, e agora, quatro meses depois de iniciada a luta entre as facções de mujahidin, Laila não reconhecia ninguém mais na rua. A família de Hasina tinha ido embora em maio, para Teerã. Wajma e seu clã partiram para Islamabad

naquele mesmo mês. Os pais e os irmãos de Giti se foram em junho, pouco depois de Giti ser morta. Laila não sabia para onde tinham ido — ouviu dizer que foram para Mashad, no Irã. Quando partiam, as casas ficavam desocupadas por alguns dias, depois eram tomadas por milicianos ou por estranhos.

Todo mundo estava indo embora. E agora Tariq também.

— E minha mãe não é mais tão nova — ele continuou dizendo. — Eles sentem medo o tempo todo. Laila, olhe pra mim.

— Você devia ter me contado.

— Por favor, olhe pra mim.

Laila emitiu um grunhido. Depois um uivo. Em seguida começou a chorar, e quando Tariq tentou enxugar suas lágrimas com o polegar, ela afastou a mão dele. Era egoísta e irracional, mas ela estava furiosa por ele a estar abandonando, logo Tariq, que sempre foi como uma extensão dela, cuja sombra ao seu lado despertava nela todas as lembranças. Como podia abandoná-la? Deu um tapa nele. Depois deu outro tapa e puxou os cabelos dele, e Tariq precisou segurá-la pelos pulsos, e estava dizendo algo que ela não conseguia distinguir, com delicadeza, sendo razoável, e de alguma forma eles acabaram testa a testa, nariz a nariz, e ela pôde sentir o hálito dele em seus lábios outra vez.

E quando, de repente, ele avançou, ela correspondeu.

* * *

Nos dias e nas semanas vindouras, Laila lutou freneticamente para guardar na memória tudo o que aconteceu em seguida. Como um amante da arte percorrendo um museu em chamas, ela recolheu o que pôde — um olhar, um sussurro, um gemido — para salvar do desastre, para preservar. Mas o tempo era o mais imperdoável dos fogos, e afinal ela não conseguiu salvar tudo. Mesmo assim, restaram algumas coisas: aquela primeira e tremenda pontada de dor lá embaixo. A luz do sol recortada no tapete. Seu calcanhar esfregando a dureza fria da perna dele, deixada ao lado deles, desafivelada às pressas. As mãos dela segurando os cotovelos de Tariq. A iridescente marca de nascença em forma de bandolim invertido abaixo da omoplata. O rosto dele pairando sobre o dela. As mechas onduladas pendendo, fazendo cócegas nos seus lábios, no queixo. O terror de serem descobertos. O espanto diante de sua coragem, da coragem dos dois. O estranho e indescritível prazer, entrelaçado de dor. E o olhar, a miríade de *olhares* de Tariq: de apreensão, ternura, desculpa, vergonha, mas, acima de tudo, de desejo.

Depois, foi um frenesi. Camisas abotoadas às pressas, cintos afivelados, cabelos penteados com os dedos. Ficaram depois um ao lado do outro, sentindo o cheiro um do outro, as faces coradas, os dois atordoados, os dois

sem fala diante da enormidade do que tinha acabado de acontecer. Do que tinham feito.

Laila viu três gotas de sangue no tapete, sangue *dela*, e imaginou os pais sentando depois no sofá, ignorantes do pecado que ela tinha cometido. E agora a vergonha se impunha, e a culpa, enquanto no andar de cima o relógio continuava batendo, soando muito alto aos ouvidos de Laila. Como o martelo de um juiz batendo e batendo, condenando-a.

Depois Tariq falou:

— Vem comigo.

Por um momento, Laila quase acreditou que aquilo poderia ser feito. Ela, Tariq e os pais dele partindo juntos. Fazendo as malas, embarcando num ônibus, deixando para trás toda essa violência, em busca de coisa melhor, ou de mais problemas, para encarar o que fosse juntos. O isolamento triste que a esperava, a solidão assassina, não precisava ser assim.

Ela poderia ir. Eles poderiam ir juntos.

Teriam mais tardes como aquela.

— Eu quero me casar com você, Laila.

Pela primeira vez desde que os dois estavam no chão, ela ergueu os olhos para ele. Examinou seu rosto. Dessa vez não havia ironia. Era um olhar convicto, de sinceridade e de uma determinação de aço.

— Tariq...

— Case comigo, Laila. Hoje. Nós podemos nos casar hoje.

Ele começou a dizer mais, sobre ir até a mesquita, encontrar um mulá, algumas testemunhas, uma *nikka* rápida...

Mas Laila estava pensando em mami, tão obstinada e renitente quanto os mujahidin, no ar ao redor sufocado de rancor e desespero, e pensando em babi, que havia muito tempo tinha se rendido, que representava um oponente tão triste e patético a mami.

Às vezes... eu acho que você é tudo que tenho, Laila.

Essas eram as circunstâncias da sua vida, a inescapável verdade.

— Eu peço sua mão a *kaka* Hakim. Ele vai nos abençoar, Laila, eu sei disso.

Tariq tinha razão. Babi concordaria. Mas ficaria em frangalhos.

Tariq continuou falando, a voz sussurrante, depois mais alta, suplicante, depois razoável; o rosto esperançoso, depois aflito.

— Não posso — respondeu Laila.

— Não diga isso. Eu te amo.

— Sinto muito...

— Eu te amo.

Quanto tempo ela tinha esperado para ouvir aquelas palavras? Quantas vezes havia sonhado com elas? Lá estavam elas, finalmente enunciadas, e a ironia disso era esmagadora.

— Eu não posso abandonar meu pai — falou Laila. — Eu sou tudo o que restou para ele. O coração dele também não aguentaria.

Tariq sabia disso. Sabia que ela não poderia ignorar suas obrigações na vida, assim como ele, mas continuou — suas insistências e as recusas dela, suas propostas e as desculpas dela, suas lágrimas e as lágrimas dela.

No fim, Laila teve que fazer com que ele fosse embora.

Na porta, ela o fez prometer partir sem despedidas. Fechou a porta. Laila se encostou na porta, tremendo com os murros dele, um braço agarrando o ventre e uma das mãos na boca, enquanto ele falava do outro lado e prometia voltar, que voltaria por ela. Laila ficou lá até ele se cansar, até desistir, e ficou ouvindo seus passos incertos até desaparecerem, até tudo ficar em silêncio, a não ser pelos disparos de artilharia nas colinas e seu próprio coração batendo na barriga, nos olhos, nos ossos.

VINTE E SEIS

DE LONGE, FOI O DIA MAIS QUENTE DO ANO. As montanhas aprisionaram o calor escaldante, abafando a cidade como fumaça. Havia dias não tinha energia. Por toda Cabul, os ventiladores estavam parados, de uma forma quase zombeteira.

Laila estava deitada quieta no sofá da sala, a blusa encharcada de suor. Cada respiração exalada queimava a ponta do nariz. Ouvia os pais conversando no quarto de mami. Duas noites antes, e novamente ontem à noite, ela acordou pensando ter ouvido vozes no andar de baixo. Agora eles conversavam todos os dias, desde aquela bala, desde o novo buraco no portão.

Lá fora, o distante *bum* da artilharia, depois, mais próximo, o gaguejar de uma longa rajada de disparos, seguida por outra.

Dentro de Laila também havia uma batalha sendo travada: culpa de um lado, acompanhada de vergonha e, do outro, a convicção de que o que ela e Tariq tinham feito não era pecado; tudo tinha sido natural, bom, bonito, até inevitável, estimulado pela consciência de que talvez nunca mais se vissem.

Laila virou de lado no sofá e tentou lembrar uma coisa: em certo momento, quando estavam no chão, Tariq tinha encostado a testa na dela. Depois disse alguma coisa ofegando: *Estou machucando você?* ou *Isso está machucando você?*

Laila não conseguia se decidir sobre o que ele tinha dito.

Estou machucando você?

Isso está machucando você?

Fazia só duas semanas que ele tinha partido e já estava acontecendo. O tempo embotando a lâmina daquelas lembranças tão agudas. Laila perfurava mentalmente. O que ele tinha dito? Parecia vital, de repente, que ela soubesse.

Laila fechou os olhos. Concentrada.

Com o passar do tempo, ela logo se cansaria desse exercício. Acharia cada vez mais exaustivo reunir, desempoeirar, ressuscitar mais uma vez o que havia muito tinha morrido. Chegaria um dia, na verdade, anos depois, em que Laila não mais lamentaria a perda de Tariq. Ou não de forma tão implacável; nem de longe. Chegaria um dia em que os detalhes do rosto dele começariam a escapar dos laços de sua memória, quando ouvir uma mãe na rua chamar o filho pelo nome de Tariq não mais a machucaria. Não sentiria mais a falta dele como sentia agora, quando a dor de sua ausência era sua

companheira infalível — como a dor fantasma de um membro amputado.

A não ser, de repente, daqui a muito tempo, quando Laila fosse uma mulher adulta, passando uma camisa a ferro ou empurrando os filhos num balanço, alguma coisa trivial, a calidez de um tapete sob seus pés ou um dia quente ou a curva da testa de um estranho disparariam uma lembrança daquela tarde que passaram juntos. Aí tudo voltaria. A espontaneidade da situação. A incrível imprudência. A falta de jeito. A dor do ato, o prazer, a tristeza. A pulsação dos corpos unidos.

Fluiria por ela, tiraria seu fôlego.

Mas depois passaria. O momento passaria. Deixando-a inerte, sentindo nada mais que um vago desassossego.

Decidiu que ele tinha dito *Estou machucando você?* Sim. Era isso. Laila ficou contente de ter se lembrado.

Logo depois babi estava no corredor, chamando seu nome do alto da escada, pedindo para ela ir depressa.

— Ela concordou! — falou, a voz trêmula de entusiasmo contido. — Nós vamos embora, Laila. Nós três. Vamos sair de Cabul.

Os três sentaram na cama no quarto de mami. Lá fora, foguetes cruzavam o céu como se as forças de Hekmatyar e de Massoud não fossem mais parar de lutar. Laila sabia que em algum lugar na cidade alguém tinha acabado de morrer, que uma nuvem de fumaça negra estava subindo de um prédio desabado numa fumegante massa de poeira. Haveria cadáveres para contornar de manhã. Alguns seriam recolhidos. Outros, não. E os cachorros de Cabul, que tinham adquirido o gosto por carne humana, iriam se banquetear.

Mesmo assim, Laila teve uma súbita vontade de percorrer aquelas ruas. Mal conseguia conter a própria felicidade. Foi difícil ficar sentada sem gritar de alegria. Babi disse que primeiro eles iriam ao Paquistão, entrar com pedido de vistos. Paquistão, onde Tariq estava! Tariq tinha partido havia apenas dezessete dias, Laila calculou com animação. Se mami tivesse mudado de ideia dezessete dias antes, eles teriam ido juntos. Ela estaria com Tariq nesse momento! Mas não tinha mais importância. Eles iam para Peshawar — ela, mami e babi — e encontrariam Tariq e seus pais lá. Claro que encontrariam. Entrariam com a papelada juntos. Depois, quem sabe? Quem poderia saber? Europa? América? Talvez, como babi sempre dizia, em algum lugar perto do mar...

Mami estava meio deitada, meio sentada, encostada na cabeceira. Os olhos estavam inchados, ela puxava o cabelo.

Três dias antes, Laila tinha saído para tomar um pouco de ar. Ficou no portão da frente, encostada, quando ouviu um barulho alto e alguma coisa passou zunindo pelo seu ouvido direito, deslocando farpas de madeira que atingiram seus olhos. Depois da morte de Giti e de milhares de disparos e uma miríade de foguetes que caíram em Cabul, foi a visão daquele único

buraco no portão, menos de três dedos de onde estava a cabeça de Laila, que despertou mami. Mami acordou. Aquilo fez com que visse que uma guerra já tinha lhe custado dois filhos; essa última poderia lhe custar a filha que restava.

Na parede do quarto, Ahmad e Noor sorriam. Laila viu os olhos de mami revezarem um olhar culpado de uma foto a outra. Como que buscando o consentimento deles. Suas bênçãos. Como que pedindo perdão.

— Não restou nada mais para nós aqui — disse babi. — Nossos filhos morreram, mas ainda temos Laila. Ainda temos um ao outro. Podemos ter uma nova vida.

Babi aproximou-se dela na cama. Quando se inclinou para pegar sua mão, ela deixou. Em seu rosto, uma expressão de concessão. De resignação. Os dois ficaram de mãos dadas, de leve, antes de mergulharem num abraço silencioso. Mami enterrou o rosto no pescoço dele. Agarrou um pedaço da camisa dele.

Durante muitas horas naquela noite, a excitação não deixou Laila dormir. Ficou na cama observando o horizonte lampear em espalhafatosos matizes de laranja e amarelo. Em algum momento, porém, a despeito da alegria interior e do fogo de artilharia lá fora, ela adormeceu.

E sonhou.

Eles estavam numa faixa de areia, sentados numa manta. Era um dia frio e nublado, mas estava quente perto de Tariq, sob a coberta jogada em seus ombros. Ela podia ver carros estacionados atrás de uma cerca baixa com a pintura branca descascada e uma fileira de palmeiras sopradas pelo vento. O vento fazia seus olhos lacrimejarem e enterrava seus sapatos na areia, transportando tufo de capim morto das curvas de uma duna para outra. Os dois estavam observando veleiros flutuando à distância. Ao redor, gaivotas piavam e estremeciam ao vento. O vento chicoteou outra nuvem de areia das encostas rasas e baixas. Algo soou como um canto, e ela disse a Tariq algo que babi a ensinara anos antes sobre a areia cantante.

Tariq passou o dedo na sobrelance dela, limpando grãos de areia. Laila viu de relance o anel no dedo dele. Era idêntico ao dela — de ouro com uma espécie de labirinto gravado em toda volta.

É verdade, ela disse a Tariq. *É o atrito de um grão contra outro grão. Ouça.* Ele ouviu. Franziu a testa. Eles esperaram. Escutaram mais uma vez. Um som de gemido, quando o vento acalmava, e quando soprava mais forte, um miado alto num coro agudo.

Babi disse que eles só devem levar o absolutamente necessário. O resto deverá ser vendido.

— Isso deve nos manter em Peshawar até eu encontrar um emprego.

Durante os dois dias seguintes, eles reúnem os itens a serem vendidos. Fazem pilhas grandes com eles.

Em seu quarto, Laila separa velhas blusas, antigos sapatos, livros,

brinquedos. Olhando embaixo da cama, encontrou uma vaquinha de vidro amarelo que Hasina tinha lhe dado de presente nas férias da quinta série. Um chaveiro com uma miniatura de uma bola de futebol, presente de Giti. Uma zebrinha de madeira sobre rodas. Um astronauta de cerâmica que ela e Tariq acharam um dia num bueiro. Ela devia ter seis anos e ele, oito. Tiveram uma pequena rusga, Laila lembrou, sobre quem tinha encontrado o objeto.

Mami também separou suas coisas. Havia relutância em seus movimentos, os olhos tinham uma expressão letárgica e distante. Desfez-se da melhor louça, dos guardanapos, de todas as jóias — menos a aliança de casamento — e da maior parte das roupas antigas.

— Você não vai vender isso, vai? — perguntou Laila, levantando o vestido de casamento dela, aberto em cascata em seu colo. Ela tocou a fita e o laço ao longo do decote, as pérolas cultivadas costuradas à mão nas mangas.

Mami deu de ombros e tirou o vestido do colo. Jogou bruscamente numa pilha de roupas. Como se arrancasse um esparadrapo de uma vez, pensou Laila.

A tarefa mais dolorosa coube a babi.

Laila o encontrou de pé no escritório, uma expressão pesarosa no rosto enquanto inspecionava suas prateleiras. Usava uma camiseta de segunda mão com uma foto da ponte de São Francisco no peito. Uma névoa espessa subia das águas claras e envolvia os pilares da ponte.

— Conhece a velha questão? — perguntou. — Você está numa ilha deserta. Só pode ter cinco livros. Quais escolher? Nunca pensei que teria de fazer isso.

— Nós vamos ter que começar uma nova coleção pra você, babi.

— Humm. — Abriu um sorriso tristonho. — Não consigo acreditar que estou indo embora de Cabul. Eu estudei aqui, arranjei meu primeiro emprego aqui, me tornei pai nesta cidade. É estranho pensar que dormirei sob o céu de outra cidade em breve.

— Para mim também é estranho.

— O dia todo um poema sobre Cabul está circulando na minha cabeça. Saib-e-Tabrizi escreveu no século xvii, acho. Eu sabia o poema inteiro, mas agora só consigo me lembrar de dois versos:

*Não se pode contar as luas que brilham sobre os telhados,
Nem os mil esplêndidos sóis que se escondem atrás das paredes.*

Quando Laila olhou para ele, viu que estava chorando. Passou o braço ao redor de sua cintura.

— Oh, babi. Nós vamos voltar. Quando esta guerra acabar. Nós vamos voltar para Cabul, *inshallah*. Você vai ver.

Na manhã do terceiro dia, Laila começou a tirar as pilhas de coisas da casa e

colocar no jardim. Iriam chamar um táxi e levar tudo para a casa de penhores.

Laila ia e voltava da casa para o jardim, ia e voltava, carregando sacos de roupas e pratos e caixas e mais caixas com os livros de babi. Deveria estar exausta por volta do meio-dia, quando o monte de pertences perto da porta chegou à altura da cintura. Mas, a cada nova viagem, ela sabia que estava muito mais perto de rever Tariq e, a cada nova viagem, as pernas ficavam mais ágeis, os braços mais incansáveis.

— Nós vamos precisar de um táxi grande.

Laila olhou para cima. Era mami chamando do quarto no segundo andar. Estava debruçada na janela, os cotovelos apoiados no parapeito. O sol, quente e brilhante, refletia nos seus cabelos grisalhos, iluminando seu rosto fino e reservado. Mami estava com o mesmo vestido azul-cobalto que usara no dia do almoço quatro meses antes, um vestido jovial destinado a uma mulher jovem, mas, por um instante, Laila viu mami como uma mulher velha. Uma senhora com braços fibrosos e têmporas fundas e olhos lentos marcados por círculos escuros de cansaço, uma criatura bem diferente da mulher gordinha de rosto redondo que sorria radiante nas fotos granuladas do casamento.

— Dois táxis grandes — corrigiu Laila.

Laila também via babi na sala de estar, empilhando caixas de livros umas em cima das outras.

— Suba aqui quando terminar aí embaixo — falou mami. — Vamos almoçar. Ovos quentes e o que sobrou do feijão.

— Meu prato favorito — observou Laila.

De repente, se lembrou do sonho. Ela e Tariq sobre uma esteira. O mar. O vento. As dunas.

Como era mesmo o som, ela matutou, das areias cantantes?

Laila ficou parada. Viu um lagarto cinzento se arrastar de uma fenda no solo. Inclinou a cabeça de lado. Piscou. Correu para baixo de uma pedra.

Visualizou a praia outra vez. Só que agora a cantoria estava em toda parte. E aumentando. Mais alta a cada momento, mais alta e mais alta. Invadindo seus ouvidos. Eliminando todo o restante. As gaivotas agora eram marionetes, abrindo e fechando o bico sem ruído nenhum, e as ondas batiam com espuma e borrifos sem nenhum rugido. As areias continuavam cantando. Agora gritando. Um som como... um tinido?

Um tinido, não. Não. Um assobio.

Laila largou os livros que segurava. Olhou para o céu. Protegeu os olhos com a mão.

Em seguida, um rugido gigantesco.

Atrás dela, um clarão branco.

O chão tremeu aos seus pés.

Alguma coisa quente e potente atingiu-a por trás. Jogou-a no chão e arrancou suas sandálias. Ergueu-a no ar. E ela começou a voar, girando e

rodando no ar, vendo o céu, depois a terra, depois o céu, depois a terra. Um grande pedaço de madeira passou raspando. Assim como milhares de cacos de vidro, e Laila achou que podia ver cada um deles individualmente voando ao redor, passando devagar um ao lado do outro, a luz do sol refletindo em cada um. Pequenos e lindos arco-íris.

Depois Laila se chocou contra a parede. Desabou no chão. No rosto e nos braços, uma chuva de terra, vidro e pedregulhos. A última coisa que teve consciência foi de ver algo cair no chão ali perto. Um pedaço sangrento de alguma coisa. Mostrando o alto de uma ponte vermelha emergindo da névoa.

Figuras se movendo ao redor. Uma luz fluorescente vinda de cima. Surge um rosto de mulher, paira sobre o dela.

Laila volta à escuridão.

Outro rosto. Dessa vez de um homem. As feições parecem largas e caídas. Os lábios se movem, mas não emitem nenhum som. Laila só ouve o zumbido.

O homem acena com a mão. Franze a testa. Os lábios se movem de novo.

Dói. Dói respirar. Dói em toda parte.

Um copo de água. Um comprimido rosa.

De volta à escuridão.

A mulher outra vez. Um rosto comprido, os olhos próximos um do outro. Diz alguma coisa. Laila só consegue ouvir o zumbido. Mas consegue ver as palavras, como um xarope preto e grosso, saindo da boca da mulher.

O peito dói. Os braços e as pernas doem.

Por toda a volta, figuras se movendo.

Onde está Tariq?

Por que ele não está aqui?

Escuridão. Um rebanho de estrelas.

Ela e babi, empoleirados em algum lugar alto. Ele aponta para uma plantação de cevada. Um gerador começa a funcionar.

A mulher de rosto comprido está ao lado, olhando para ela.

Dói respirar.

Em algum lugar, toca um acordeão.

Felizmente, mais um comprimido rosa. Depois um silêncio profundo. Um silêncio profundo cai sobre tudo o que existe.

PARTE TRÊS

VINTE E SETE

Mariam

— VOCÊ SABE QUEM EU SOU?

Os olhos da menina tremularam.

— Sabe o que aconteceu?

A boca da menina estremeceu. Fechou os olhos. Engoliu. A mão roçou na face esquerda. A boca se moveu tentando falar alguma coisa.

Mariam chegou mais perto.

— Este ouvido — murmurou a menina. — Eu não consigo escutar.

Na primeira semana, a menina fez pouco mais que dormir com a ajuda dos comprimidos cor-de-rosa que Rasheed comprava no hospital. Resmungava durante o sono. Às vezes dizia coisas sem sentido, gritava, chamava nomes que Mariam não reconhecia. Chorava durante o sono, ficava agitada, chutava as cobertas, e Mariam precisava acalmá-la. Às vezes vomitava muito, pondo para fora tudo o que Mariam tinha ministrado.

Quando não estava agitada, a menina era um par de olhos tristonhos espiando debaixo da coberta, sussurrando respostas curtas às perguntas de Mariam e Rasheed. Alguns dias, parecia uma criança, abanando a cabeça para os dois lados quando Mariam, depois Rasheed, tentavam alimentá-la. Ficava imóvel quando Mariam chegava com uma colher. Mas se cansava facilmente e acabava se submetendo aos seus apelos. Grandes ataques de choro se seguiam à desistência.

Rasheed e Mariam passavam pomada antibiótica nos cortes do rosto e do pescoço da menina, nas feridas suturadas do ombro, nos antebraços e nas canelas. Mariam aplicava ataduras, que lavava e voltava a usar. Mantinha o cabelo da menina atrás da cabeça, afastado do rosto, quando ela precisava vomitar.

— Quanto tempo ela vai ficar? — perguntou a Rasheed.

— Até melhorar. Olha só pra ela. Não está em condições de ir embora. Coitadinha.

Foi Rasheed quem a encontrou, quem a desenterrou dos escombros.

— Sorte que eu estava em casa — falou para ela, sentado numa cadeira dobrável ao lado da cama de Mariam, onde ficava a menina. — Sorte sua,

quero dizer. Eu tirei você de lá com as mãos. Tinha um pedaço de metal desse tamanho... — e ele separava o polegar do indicador para ilustrar, pelo menos dobrando a extensão, segundo a estimativa de Mariam, da verdadeira dimensão do objeto. — Desse tamanho. Saindo do seu ombro. Estava enterrado. Achei que ia precisar usar um alicate. Mas você vai ficar bem. Em pouco tempo você vai estar *nau socha*. Pronta para outra.

Foi Rasheed quem salvou um punhado de livros de Hakim.

— A maior parte virou cinza. O resto foi roubado, sinto muito.

Ele ajudou Mariam a cuidar da menina naquela primeira semana. Um dia, voltou do trabalho com um cobertor e um travesseiro novos. No outro dia, com um vidro de comprimidos.

— Vitaminas — explicou.

Foi Rasheed quem deu a notícia de que agora a casa do amigo de Laila, Tariq, já estava ocupada.

— Um presente — falou. — De um dos comandantes de Sayyaf para três de seus homens. Um presente. Hah!

Os três *homens* eram na verdade garotos de rostos joviais e queimados de sol. Mariam os via quando passava, estavam sempre de uniforme, agachados na porta da casa de Tariq, fumando e jogando baralho, os Kalashnikovs encostados na parede. O mais forte, com a atitude mais confiante e desdenhosa, era o líder. O mais novo era também o mais quieto, o que parecia relutante em adotar plenamente o ar de impunidade do amigo. Era o que sorria e acenava um *salaam* de cabeça quando Mariam passava. Quando fazia isso, parte de sua aparência afetada desaparecia, e Mariam percebia um lampejo de humildade ainda não corrompida.

Então, numa manhã, foguetes atingiram a casa. Depois falou-se que tinham sido disparados pelos hazaras de Wahdat. Os vizinhos continuaram encontrando pedaços dos garotos por algum tempo.

— Era de esperar — comentou Rasheed.

A menina teve uma sorte extraordinária, pensava Mariam, de escapar com ferimentos relativamente leves, considerando que o foguete transformou a casa num monte de cinzas. E assim, devagar, a menina foi melhorando. Começou a comer melhor, a escovar o cabelo. Começou a tomar banho sozinha. Passou a fazer as refeições no andar de baixo, com Mariam e Rasheed.

Mas de repente surgia alguma lembrança, espontaneamente, seguida de silêncios de pedra e acessos de grosseria. Ausências e desmaios. Aspecto doentio. Pesadelos e súbitos ataques de tristeza. Vômitos.

E às vezes arrependimentos.

— Nem era para eu estar aqui — ela disse um dia.

Mariam estava trocando a roupa de cama. A menina observava sentada no chão, os joelhos esfolados recolhidos no peito.

— Meu pai queria levar as caixas para fora. Os livros. Disse que era

muito pesado pra mim. Mas eu não deixei. Estava tão ansiosa. Eu é que devia estar dentro da casa quando aconteceu.

Mariam estendeu o lençol limpo na cama. Olhou para a menina, para suas mechas loiras, o pescoço fino e os olhos verdes, os malares altos e os lábios carnudos. Mariam lembrou-se de tê-la visto na rua quando era pequena, marchando atrás da mãe a caminho do *tandoor*, cavalgando os ombros do irmão, o mais novo, com o tufo de pelos na orelha. Jogando bola de gude com o filho do carpinteiro.

A menina olhava como se esperando Mariam emitir um pouco de sabedoria, dizer alguma coisa animadora. Mas que sabedoria tinha Mariam a oferecer? Que entusiasmo? Mariam lembrou-se do dia em que Nana foi enterrada e do pouco consolo oferecido quando o mulá Faizullah citou o Corão para ela. *Abençoado seja Ele em Cujas mãos está o reino, Ele que tem o poder sobre todas as coisas, que criou a morte e a vida e que pode pôr todos à prova.* Ou quando falou de seu sentimento de culpa. *Esses pensamentos não são bons, Mariam jo. Está ouvindo, garota? Não são bons. Vão destruir você. Não foi culpa sua. Não foi culpa sua. Não.*

O que ela poderia dizer que aliviasse o sofrimento dessa menina?

Na verdade, Mariam não precisava dizer nada. Porque o rosto da menina se contorceu e ela ficou de quatro dizendo que estava enjoada.

— Espera! Espera um pouco. Vou pegar um penico. No chão, não. Eu acabei de limpar... Oh. Oh. *Khodaya*. Deus.

Um dia, cerca de um mês depois da explosão que matou os pais da menina, um homem bateu à porta. Mariam abriu. Ele disse a que tinha vindo.

— Tem um homem aqui querendo falar com você — anunciou Mariam.

A menina ergueu a cabeça do travesseiro.

— Diz que se chama Abdul Sharif.

— Eu não conheço nenhum Abdul Sharif.

— Bem, ele está perguntando de você. É melhor descer e falar com ele.

VINTE E OITO

Laila

LAILA SENTOU-SE EM FRENTE A ABDUL SHARIF, um homem magro e de cabeça pequena com um nariz bulboso marcado pelas mesmas cicatrizes que escavavam suas faces. O cabelo, curto e castanho, subia do escalpo como agulhas numa almofada de alfinetes.

— Vai ter que me desculpar, *hamshira* — começou a dizer, afrouxando o colarinho largo e enxugando a testa com um lenço. — Eu ainda não estou totalmente recuperado, suponho. Mais cinco dias dessas... como se chamam... pílulas de sulfá.

Laila se ajeitou na cadeira de forma que seu ouvido direito, o ouvido bom, ficasse mais perto dele.

— O senhor é amigo dos meus pais?

— Não, não — respondeu Abdul Sharif depressa. — Me perdoe. — Ergueu um dedo, tomou um longo gole da água que Mariam tinha posto à sua frente. — Eu deveria começar pelo começo, imagino. — Enxugou os lábios, depois de novo a testa. — Sou um comerciante. Tenho uma loja de roupas, roupas masculinas, principalmente. *Chapans*, chapéus, *tumbans*, ternos, gravatas... tudo isso. Duas lojas aqui em Cabul, em Taimani e em Shar-e-Nau, mas eu acabei de vender. E duas no Paquistão, em Peshawar. É lá também que fica o meu estoque. Por isso eu viajo bastante, pra lá e pra cá. O que, nesses dias — ele abanou a cabeça e deu um riso cansado —, podemos dizer que é uma aventura.

“Eu estive em Peshawar recentemente, a negócios, tirando pedidos, fazendo inventários, esse tipo de coisa. Também visitando a família. Nós temos três filhas, *alhamdulellah*. Transferi as três e minha mulher para Peshawar quando os mujahidin começaram a lutar entre si. Não quero os nomes delas acrescentados à lista de *shaheed*. Nem o meu, para ser honesto. Vou estar com elas muito em breve, *inshallah*.

“Enfim, eu deveria ter vindo a Cabul na penúltima quarta-feira. Mas, quis o destino que eu ficasse doente. Não vou aborrecer você com detalhes, *hamshira*, basta dizer que fui fazer minhas necessidades, a mais simples das duas, e de repente parecia que estava expelindo pedaços de vidro quebrado. Não desejo isso nem mesmo ao próprio Hekmatyar. Minha esposa, Nadia *jan*, que Alá a abençoe, implorou para eu consultar um médico. Mas achei que conseguiria me curar com aspirina e bastante água. Nadia *jan* insistiu e

eu disse não, e nós continuamos discutindo. Você conhece o ditado: *Um jumento teimoso precisa de um condutor teimoso*. Dessa vez, acho que o jumento ganhou. Ou seja, eu.”

Tomou o resto da água e estendeu o copo para Mariam.

— Se não for muito *zahmat*.

Mariam pegou o copo e foi encher de água.

— Nem preciso dizer que deveria ter ouvido minha mulher. Ela sempre foi a mais razoável, que Deus lhe dê uma vida longa. Quando cheguei ao hospital, eu estava ardendo em febre e tremendo como uma árvore de *beid* ao vento. Mal conseguia ficar de pé. O médico disse que meu sangue estava envenenado. Disse que em mais uns dois ou três dias eu teria deixado minha mulher viúva.

“Eles me puseram numa unidade especial, reservada para pessoas muito doentes, acho. Oh, *tashakor*.” Pegou o copo da mão de Mariam e tirou um comprimido grande do bolso do paletó. “Olha o tamanho dessas coisas.”

Laila ficou olhando enquanto ele tomava o comprimido. Percebeu que sua respiração tinha acelerado. As pernas pareciam pesadas, como se amarradas em pesos. Disse a si mesma que o homem ainda não tinha terminado, ainda não havia dito nada. Mas ia dizer num segundo, e ela resistia à urgência de levantar e sair, sair antes de ouvir coisas que não queria saber.

Abdul Sharif botou o copo na mesa.

— Foi onde encontrei o seu amigo, Mohammad Tariq Walizai.

O coração de Laila disparou. Tariq num hospital? Numa unidade especial? *Para pessoas muito doentes?*

Engoliu em seco. Mexeu-se na cadeira. Teve de se controlar. Se não se controlasse, tinha medo de ter um ataque. Afastou os pensamentos de hospitais e unidades especiais e se concentrou no fato de que nunca tinha ouvido Tariq ser chamado pelo nome completo desde que os dois tinham se matriculado, anos antes, num curso de inverno de persa. Quando o professor fazia a chamada depois do sinal, ele dizia aquele nome — Mohammad Tariq Walizai. Pareceu cômico, até oficioso, ouvir seu nome todo pronunciado.

— Eu soube o que aconteceu com ele por uma das enfermeiras — continuou Abdul Sharif, batendo com o punho no peito como que para facilitar a passagem do comprimido. — Depois de todo o tempo que passei em Peshawar, consegui entender bem urdu. Enfim, o que entendi foi que o seu amigo estava num caminhão de refugiados, vinte e três, todos a caminho de Peshawar. Perto da fronteira, foram apanhados num fogo cruzado. Um foguete atingiu o caminhão. Provavelmente um foguete perdido, mas nunca se sabe, com essa gente, nunca se sabe. Apenas seis sobreviveram, todos admitidos na mesma unidade. Três morreram em vinte e quatro horas. Dois sobreviveram — duas irmãs, pelo que entendi — e receberam alta. O sr. Walizai, seu amigo, foi o último. Já estava internado havia quase três semanas quando eu cheguei.

Então ele estava vivo. Mas o quanto estaria ferido? Laila ponderava freneticamente. O quanto estaria ferido? O suficiente para ser posto numa unidade especial, evidentemente. Laila percebeu que tinha começado a suar, que seu rosto estava ardendo. Tentou pensar em alguma outra coisa, alguma coisa agradável, como a viagem a Bamiyan para ver os Budas com Tariq e babi. Mas só conseguia ver a imagem dos pais de Tariq: a mãe de Tariq presa no caminhão, de ponta-cabeça, chamando Tariq em meio à fumaça, os braços e o peito em chamas, a peruca derretendo na cabeça...

Laila teve de respirar fundo várias vezes.

— Ele estava no leito ao lado do meu. Não havia paredes, só uma cortina entre nós. Então eu podia ver muito bem.

De repente Abdul Sharif sentiu uma irresistível vontade de brincar com sua aliança. Voltou a falar, agora mais devagar.

— Seu amigo... ficou gravemente ferido... muito ferido, entenda. Tinha tubos de borracha em todo o corpo. No começo... — limpou a garganta. — No começo pensei que ele tivesse perdido as duas pernas no ataque, mas uma enfermeira disse que não, só a esquerda, que a direita era por conta de outro acidente. Houve lesões internas também. Ele já tinha sido operado três vezes. Retiraram parte dos intestinos. Não me lembro do que mais. E estava queimado. Muito queimado. É só o que vou dizer sobre isso. Acho que já ouviu coisas demais, *hamshira*. Não preciso acrescentar mais nada.

Tariq estava sem pernas. Era um tronco com dois tocos. *Sem pernas*. Laila achou que ia desmaiar. Com um esforço desesperado e intencional, dirigiu as gavinhas de sua mente para fora daquela sala, pela janela, para longe desse homem, para a rua lá fora, pela cidade, por suas casas de tetos planos e seus bazares, seu labirinto de ruas estreitas transformadas em castelos de areia.

— Ele estava dopado a maior parte do tempo. Por causa da dor, você entende. Mas havia momentos em que o efeito da droga diminuía e ele ficava lúcido. Com dor, mas com o pensamento lúcido. Eu conversava com ele da minha cama. Disse quem eu era, de onde era. Ele ficou contente, acho, por eu ser um *hamwatan* como ele.

“Quase só eu falava. Era difícil para ele. A voz era roufenha, e acho que doía mexer os lábios. Então contei sobre as minhas filhas, sobre a nossa casa em Peshawar e a varanda que estou construindo com meu cunhado na parte de trás. Falei que tinha vendido as lojas de Cabul e que vinha para cá para cuidar da papelada. Não era muito. Mas o mantinha distraído. Pelo menos eu prefiro pensar assim.

“Às vezes ele também falava. Metade do tempo eu não conseguia entender o que dizia, mas entendi o suficiente. Ele descreveu onde morava. Falou sobre o tio em Ghazni. Da culinária da mãe e da carpintaria do pai, que tocava acordeão.

“Mas, principalmente, ele falava de você, *hamshira*. Disse que você era... como ele definiu... sua lembrança mais antiga. Acho que foi isso, sim. Deu

para entender que ele gostava muito de você. *Balay*, isso ficou muito claro. Mas disse que estava contente por você não estar lá. Disse que não queria que o visse daquele jeito.”

Os pés de Laila ficaram pesados de novo, ancorados no chão, como se todo seu sangue tivesse subitamente acumulado lá embaixo. Mas seu pensamento estava longe, livre e solto, arremessado como um míssil veloz para além de Cabul, sobre as colinas escarpadas terrosas e para além dos desertos retalhados por tufo de sálvia e dos cânions de rochas vermelhas pontudas e montanhas cobertas de neve...

— Quando eu disse que ia voltar a Cabul, ele me pediu para localizá-la. Dizer que ele está pensando em você. Que sente saudade. Eu prometi fazer isso. Acabei gostando muito dele, sabe? Era o tipo do garoto decente, deu para perceber.

Abdul Sharif enxugou a testa com o lenço.

— Uma noite eu acordei — continuou, com um renovado interesse pela aliança —, acho que era de noite, é difícil saber nesses lugares. Não havia muitas janelas. O sol nasce, o sol se põe, a gente nunca sabe. Mas eu acordei e percebi certa comoção ao redor do leito próximo ao meu. É preciso lembrar que eu também estava muito dopado, dormindo e despertando, a ponto de ser difícil saber o que era realidade e o que eu sonhava. Mas lembro dos médicos amontoados no leito, pedindo isso e aquilo, alarmes soando, seringas por toda parte.

“De manhã, o leito estava vazio. Perguntei a uma enfermeira. Ela disse que ele tinha lutado bravamente.”

Laila tinha a vaga noção de que concordava com a cabeça. Ela sabia. Claro que sabia. Sabia que no momento em que o homem tinha sentado à sua frente, já antecipava as notícias que trazia.

— No início, veja, eu nem achava que você existia — ele voltou a falar. — Achei que era efeito da morfina. Talvez tenha até desejado que você não existisse; sempre tive medo de ser portador de más notícias. Mas eu prometi a ele. E, como já disse, acabei gostando muito do rapaz. Então passei por aqui uns dias atrás. Perguntei sobre você, falei com alguns vizinhos. Eles indicaram esta casa. Também me contaram o que aconteceu com seus pais. Quando soube disso, bem, eu virei e fui embora. Não queria contar nada. Resolvi que seria demais para você. Para qualquer um.

Abdul Sharif estendeu o braço e pôs a mão no joelho dela.

— Mas eu voltei. Porque, afinal, achei que ele ia querer que você soubesse. Acredito que sim. Sinto muito. Gostaria de...

Laila já não estava ouvindo. Estava se lembrando do dia em que o homem de Panjshir tinha vindo para dar a notícia sobre a morte de Ahmad e Noor. Lembrou-se de babi, pálido, desabando no sofá, e mami, levando a mão à boca quando ficou sabendo. Laila viu a mãe desmoronar naquele dia e ficou assustada, mas não sentiu nenhuma tristeza. Não conseguia entender o horror da perda sentida pela mãe. Agora outro estranho trazia notícia de outra

morte. Agora era ela quem estava numa cadeira. Era esse o seu castigo, então, sua punição por ser tão indiferente em relação ao sofrimento da mãe?

Laila lembrou como a mãe caiu no chão, gritando e arrancando os cabelos. Mas Laila não conseguia fazer isso. Mal conseguia se mover. Mal conseguia mover um músculo.

Ficou sentada na cadeira, as mãos jogadas no colo, o olhar perdido no vazio, deixando os pensamentos voarem. Voarem até encontrar um lugar, um lugar bom e seguro, onde as plantações de cevada eram verdes, onde a água corria límpida e as sementes de algodão dançavam no ar às milhares; onde babi lia um livro embaixo de uma acácia e Tariq tirava uma soneca com as mãos cruzadas no peito, onde ela podia mergulhar os pés no riacho e ter bons sonhos sob o olhar vigilante de deuses de uma rocha antiga calcinada pelo sol.

VINTE E NOVE

Mariam

— SINTO MUITO — disse Rasheed à menina, pegando a cuia de *mastawa* com almôndegas da mão de Mariam sem olhar para ela. — Sei que vocês eram muito bons... amigos... vocês dois. Sempre juntos desde que eram garotos. É uma coisa terrível o que aconteceu. Muitos jovens afegãos estão morrendo desse jeito.

Fez um gesto impaciente com a mão, ainda olhando para a menina, e Mariam passou um guardanapo para ele.

Durante anos, Mariam tinha observado Rasheed comendo, os músculos das têmporas se retesando, uma das mãos compactando pequenas bolas de arroz, limpando gordura e removendo grãos perdidos dos cantos da boca com a outra. Durante anos ele comeu sem erguer os olhos, sem falar, em um silêncio condenatório, como se ditando algum julgamento, rompido apenas por um grunhido acusador, um estalo de desaprovação na língua, o comando de uma palavra pedindo mais pão, mais água.

Agora ele comia de colher. Usava guardanapo. Dizia *lotfan* quando pedia água. E conversava. Animada e incessantemente.

— Na minha opinião, os americanos escolheram o homem errado ao darem armas para Hekmatyar. Todas as armas que a CIA entregou a ele nos anos 1980 para lutar contra os soviéticos. Os soviéticos foram embora, mas ele continua armado, e agora usa essas armas contra pessoas inocentes, como os seus pais. E ainda chama isso de jihad. Que farsa! O que uma jihad tem a ver com matar mulheres e crianças? Seria melhor que a CIA tivesse armado o comandante Massoud.

As sobranceiras de Mariam se ergueram por conta própria. *Comandante Massoud*. Mariam cansou de ouvir os resmungos de Rasheed contra Massoud, como ele era um traidor e comunista. Mas, até aí, Massoud era tajique, é claro. Como Laila.

— *Esse*, sim, é um sujeito razoável. Um afegão honrado. Um homem com um interesse genuíno numa solução pacífica.

Rasheed deu de ombros e suspirou.

— Não que eles liguem a mínima na América, pode acreditar. Que diferença faz para eles que pashtuns e hazaras, tajiques e usbeques estejam se matando? Quantos americanos conseguem distinguir uns dos outros? É melhor não esperar ajuda deles, é o que sempre digo. Agora que os soviéticos

se afundaram nós perdemos a utilidade. Já servimos ao nosso propósito. Para eles, o Afeganistão é um *kenarab*, um buraco de merda. Desculpe a linguagem, mas é a verdade. O que você acha, Laila *jan*?

A menina murmurou algo ininteligível e continuou empurrando uma almôndega pelo prato.

Rasheed aquiesceu, pensativo, como se ela tivesse dito a coisa mais inteligente que já tinha ouvido. Mariam teve de olhar para outro lado.

— Sabe que o seu pai, que Deus o tenha em paz, seu pai e eu tínhamos esse tipo de discussão? Isso foi antes de você nascer, é claro. Nós conversávamos muito sobre política. Sobre livros também. Não é mesmo, Mariam? Você lembra?

Mariam concentrou-se em tomar um gole de água.

— Enfim, espero que não esteja aborrecendo você com toda essa conversa de política.

Mais tarde, Mariam estava na cozinha, deixando pratos de molho na água com sabão, um nó apertado de dor na barriga.

Não era tanto *o que* ele dizia, as mentiras deslavadas, a simpatia inventada, nem mesmo o fato de não ter erguido a mão para ela, Mariam, desde que retirou a menina daquele monte de tijolos.

Era o discurso *teatral*. Como uma apresentação. Uma tentativa, ao mesmo tempo dissimulada e patética, de impressionar. De cativar.

E de repente Mariam sabia que suas suspeitas estavam certas. Entendeu com um choque, como uma pancada na têmpora, que estava testemunhando nada menos que um jogo de sedução.

Quando afinal conseguiu reunir coragem, Mariam foi até o quarto dele.

Rasheed acendeu um cigarro e disse:

— E por que não?

Mariam soube na hora que estava derrotada. Meio que esperava, tinha esperança, de que ele negasse tudo, fingisse surpresa, talvez até indignação, no que ela estava insinuando. Nesse caso ela poderia ter alguma vantagem. Poderia conseguir envergonhá-lo. Mas a calma com que reconheceu o fato, o tom casual, deixou-a desguarnecida.

— Sente-se — ele falou. Estava deitado na cama de costas para a parede, as pernas compridas e fortes estendidas no colchão. — Sente-se antes que desmaie e quebre a cabeça.

Mariam se sentiu desabando na cadeira dobrável ao lado da cama dele.

— Pode me dar aquele cinzeiro? — ele pediu.

Ela obedeceu.

Rasheed devia ter mais de sessenta anos agora — ainda que Mariam e, aliás, o próprio Rasheed, não soubesse exatamente sua idade. Os cabelos estavam brancos, mas continuavam tão grossos e eriçados como sempre. Agora havia bolsas nas pálpebras e na pele no pescoço, com rugas e pelancas. As bochechas estavam mais caídas do que antigamente. De manhã, sua

postura era um pouco mais curvada. Mas continuava com os ombros largos, o torso forte, as mãos potentes, a barriga protuberante que entrava na sala antes de qualquer outra parte do seu corpo.

No todo, Mariam achava que ele tinha envelhecido consideravelmente melhor do que ela nesses anos.

— Nós precisamos legitimar essa situação — ele começou a dizer, balançando o cinzeiro sobre a barriga. Os lábios estalaram ao formar um bico jocoso. — As pessoas vão começar a falar. Parece desonroso uma mulher jovem e solteira morar aqui. É ruim para a minha reputação. E para a dela. E para a sua, eu deveria acrescentar.

— Já são dezoito anos — disse Mariam. — E eu nunca pedi nada a você. Nada. Mas vou pedir agora.

Rasheed deu uma tragada e soltou a fumaça lentamente.

— Ela não pode simplesmente *ficar* aqui, se é o que você vai sugerir. Não posso continuar comprando comida, roupas e oferecendo um lugar para ela dormir. Eu não sou a Cruz Vermelha, Mariam.

— Mas isso?

— O que tem isso? O quê? Ela é jovem demais, você acha? Ela tem catorze anos. Não é mais criança. Você tinha quinze, lembra? Minha mãe tinha catorze quando eu nasci. Treze quando se casou.

— Eu... não quero isso — falou Mariam, indefesa e atônita de desprezo.

— A decisão não é sua. É dela e minha.

— Eu estou muito velha.

— Ela é nova demais e você é muito velha. Isso é um absurdo.

— Eu *estou* velha demais. Velha demais para você fazer isso comigo — continuou Mariam, torcendo o vestido com mãos tensas e trêmulas. — Para você, depois de todos esses anos, fazer de mim uma *ambagh*.

— Não seja tão dramática. Isso é uma coisa comum, você sabe disso. Eu tenho amigos que têm duas, três, quatro esposas. Seu pai mesmo teve três. Além do mais, o que estou fazendo agora a maioria dos homens já teria feito há muito tempo. Você sabe que é verdade.

— Eu não vou permitir.

Diante daquela afirmação, Rasheed deu um sorriso triste.

— *Existe* outra opção — falou, coçando a sola de um pé com o calcanhar caloso do outro. — Ela pode ir embora. Eu não vou impedir. Mas desconfio que não chegue muito longe. Sem comida, sem água, sem uma rupia no bolso, balas e foguetes voando por todos os lados. Quantos dias acha que ela vai durar antes de ser sequestrada, estuprada ou jogada em alguma vala na estrada com a garganta cortada? Ou as três coisas?

Tossiu e ajeitou o travessão na nuca.

— As estradas por aí estão implacáveis, Mariam, acredite em mim. Bandidos e sanguinários em cada esquina. Eu não acho que ela teria muita chance, de jeito nenhum. Mas vamos dizer que por algum milagre ela chegue a Peshawar. E daí? Você tem ideia de como são aqueles acampamentos?

Olhou para ela através de uma coluna de fumaça.

— As pessoas vivem em restos de caixas de papelão. Tuberculose, disenteria, fome, crime. E isso antes do inverno. Depois vem a estação do enregelamento. Pneumonia. Pessoas transformadas em pingentes de gelo. Aqueles acampamentos viram cemitérios congelados.

“Claro que ela poderia se manter aquecida num dos bordéis de Peshawar”, ele continuou, fazendo um movimento giratório jocoso com a mão. “Nisso os negócios estão em alta lá, ouvi dizer. Uma beleza como a dela deve render uma pequena fortuna, você não acha?”

Depositou o cinzeiro na mesa de cabeceira e desceu as pernas para o lado da cama.

— Escuta — continuou, agora soando mais conciliador, como só os vitoriosos conseguem. — Eu sabia que você não ia gostar disso. Na verdade, não te culpo por isso. Mas é para o bem geral. Você vai ver. Pense dessa maneira, Mariam. Eu estou dando uma ajuda a você na casa e um refúgio para *ela*. Um lar e um marido. Nos dias atuais, do jeito que as coisas estão, uma mulher precisa de um marido. Não reparou em todas essas viúvas dormindo na rua? Qualquer uma mataria por uma oportunidade dessas. Na verdade, isso é... Bem, eu diria que é um gesto de caridade da minha parte.

Abriu um sorriso.

— Do meu ponto de vista, eu mereço uma medalha.

Mais tarde, no escuro, Mariam contou à menina.

Durante um longo tempo, a menina não disse nada.

— Ele quer uma resposta até amanhã de manhã — falou Mariam.

— Eu posso responder agora — disse a menina. — Minha resposta é sim.

TRINTA

Laila

NO DIA SEGUINTE, LAILA NÃO SAIU DA CAMA. Estava debaixo das cobertas de manhã, quando Rasheed pôs a cabeça dentro do quarto e disse que ia ao barbeiro. Ainda continuava na cama quando ele voltou para casa à tarde e mostrou a ela seu corte de cabelo, o novo terno usado, azul com risca de giz creme, e a aliança que tinha comprado para Laila.

Rasheed sentou na cama ao lado dela, fez um grande alarde ao desamarrar a fita bem devagar, abrir a caixa e pegar a aliança com toda a delicadeza. Disse que tinha trocado a antiga aliança de Mariam por aquela.

— Ela não se incomoda. Acredite em mim. Nem vai perceber.

Laila se retraiu na outra ponta da cama. Consequia ouvir Mariam no andar de baixo, o chiado do ferro de passar roupa.

— Ela nunca usou mesmo aquela aliança — explicou Rasheed.

— Eu não quero isso — disse Laila, hesitante. — Não desse jeito. Você vai ter que devolver.

— Devolver? — Uma expressão de impaciência passou pelo rosto dele e se dissipou. Sorriu. — Eu tive que pagar algum dinheiro também... um bom dinheiro, aliás. Esta aliança é melhor, ouro de vinte e dois quilates. Está vendo como é pesada? Vamos, pegue. Não? — Ele fechou a caixa. — E o que você acha de flores? Isso seria bom. Você gosta de flores? Tem alguma favorita? Margarida? Tulipa? Lírio? Sem flores? Ótimo! Também não vejo sentido. Só pensei que... Já sei, eu conheço um alfaiate aqui em Deh-Mazang. Estava pensando que podíamos ir lá amanhã, comprar um vestido apropriado.

Laila abanou a cabeça.

Rasheed levantou as sobrancelhas.

— Eu preferia... — começou Laila.

Ele pôs a mão no pescoço dela. Laila não pôde deixar de se retrair e fazer uma careta. A sensação era de estar com um velho suéter de lã molhado sem camisa.

— Sim?

— Eu preferia acabar logo com isso.

Rasheed abriu a boca, formando um esgar amarelado e dentuço.

— Ansiosa — falou.

Antes da visita de Abdul Sharif, Laila tinha decidido ir para o Paquistão. Mesmo depois da vinda de Abdul Sharif trazendo as más notícias, Laila pensava que poderia partir. Ir a algum lugar longe dali. Distanciar-se da cidade onde cada esquina era uma armadilha, onde cada beco escondia um fantasma que pulava nela como um João-bobo. Poderia correr o risco.

Mas, de repente, partir deixou de ser uma opção.

Não com esses vômitos diários.

Com esse inchaço nos seios.

E a sensação, mesmo no meio daquele turbilhão, de que não tinha menstruado no mês anterior.

Laila se imaginou num campo de refugiados, um terreno esquálido com milhares de placas de plástico amarradas em estacas improvisadas agitadas pelo vento frio e ferino. Viu seu bebê embaixo de uma dessas tendas improvisadas, o filho de Tariq, as têmporas fundas, a mandíbula saliente, a pele salpicada de tons cinzentos e azulados. Imaginou seu corpinho levado por estranhos, enrolado numa mortalha amarelada, baixado num buraco cavado num pedaço de terra assolado pelo vento, sob o olhar desapontado dos abutres.

Como ela poderia fugir agora?

Laila fez um inventário sombrio das pessoas da sua vida. Ahmad e Noor, mortos. Hasina, morando em outra cidade. Giti, morta. Mami, morta. Babi, morto. Agora, Tariq...

Contudo, milagrosamente, alguma coisa de sua antiga vida permanecia, seu último vínculo com a pessoa que ela tinha sido antes de se tornar tão solitária. Uma parte de Tariq ainda vivia dentro dela, com bracinhos crescendo, formando mãos translúcidas. Como poderia prejudicar a única coisa que tinha restado de Tariq, de sua antiga vida?

A decisão foi tomada rapidamente. Tinham se passado seis semanas desde aquela ocasião com Tariq. Se passasse mais um tempo, Rasheed poderia desconfiar.

Sabia que o que estava fazendo era desonroso. Desonroso, insincero e vergonhoso. E tremendamente injusto com Mariam. Mas mesmo que o bebê dentro dela ainda não fosse maior que uma amora, Laila já tinha visto os sacrifícios que uma mãe tinha de fazer. Virtude era apenas o primeiro.

Pôs a mão sobre o ventre. Fechou os olhos.

Laila se lembraria da silenciosa cerimônia de forma parcial e fragmentada. As riscas de giz cor de creme do terno de Rasheed. O aroma forte de sua loção capilar. O pequeno corte logo abaixo do pomo de adão ao fazer a barba. A calosidade dos dedos manchados de nicotina quando ele colocou o anel no dedo dela. A caneta. Não está funcionando. A procura de outra caneta. O contrato. A assinatura, a caligrafia firme dele, a letra trêmula dela. As orações. Perceber, no espelho, que Rasheed tinha aparado as sobrancelhas.

E, em algum lugar da sala, Mariam assistindo. O ar sufocante com sua

desaprovação.

Laila não conseguia olhar nos olhos da mulher mais velha.

Deitada em seus lençóis frios naquela noite, Laila viu quando ele fechou as cortinas. Já estava tremendo mesmo antes de os dedos dele desabotoarem sua blusa, puxarem o cadarço de sua calça. Ele parecia agigantado. Os dedos se perderam muito tempo com a própria camisa, em desafivelar o cinto. Laila teve uma visão plena de seus peitorais caídos, a barriga protuberante, a pequena veia azulada no centro, os tufo de cabelos brancos no peito, os ombros e os braços. Sentiu os olhos dele rastejando pelo seu corpo.

— Deus me ajude, acho que eu amo você — ele falou.

Batendo os dentes, ela pediu que apagasse as luzes.

Mais tarde, quando teve certeza de que ele estava dormindo, Laila enfiou a mão embaixo do colchão para pegar a faca que havia escondido ali mais cedo. Fez um furinho na ponta do dedo médio. Depois levantou a coberta e deixou o dedo sangrar no lençol onde os dois se deitaram juntos.

TRINTA E UM

Mariam

DURANTE O DIA, A MENINA NÃO ERA MAIS que uma cama rangendo, um tamborilar de passos no andar de cima. Era água correndo no banheiro, ou uma colher de chá tilintando num copo no quarto de cima. Ocasionalmente, havia vislumbres: o vulto de um vestido esvoaçando na periferia da visão de Mariam, subindo rapidamente a escada, braços cruzados no peito, sandálias batendo nos calcanhares.

Mas era inevitável que as duas se encontrassem frente a frente. Mariam passava pela menina na escada, no corredor estreito, na cozinha, ou perto da porta quando ela vinha do quintal. Quando se encontravam assim, uma tensão constrangedora preenchia o espaço entre as duas. A menina segurava a saia e murmurava uma ou duas palavras de desculpa e, quando passava correndo, Mariam tinha a oportunidade de ver um rubor de relance. Às vezes sentia o cheiro de Rasheed nela. Conseguia sentir o cheiro do suor dele na pele da menina, seu tabaco, seu apetite. Misericordiosamente, sexo era um capítulo já encerrado na vida de Mariam. Já havia algum tempo, e agora até mesmo o pensamento daquelas trabalhosas sessões, deitada debaixo dele, fazia com que Mariam sentisse o estômago enjoadado.

À noite, no entanto, essa dança mutuamente orquestrada de evitar uma à outra não era possível. Rasheed dizia que eles eram uma família. Insistia nesse ponto, e famílias precisavam comer juntas, explicava.

— O que é isso? — perguntava, os dedos arrancando carne de um osso, pois a impostura do uso da colher e do garfo fora abandonada uma semana depois do casamento com a menina. — Será que me casei com um par de estátuas? Vamos, Mariam, *gap bezan*, diga alguma coisa a ela. Onde estão suas boas maneiras?

Chupando tutano de um osso, Rasheed disse à menina:

— Não a culpe por isso. Ela é quieta. Uma bênção, na verdade, porque, *wallah*, quando uma pessoa não tem muito a dizer, deve ser econômica nas palavras. Nós somos da cidade, você e eu, mas ela é uma *dehati*. Uma garota de aldeia. Nem mesmo garota de aldeia. Não. Ela foi criada numa *kolba* feita de barro, *fora* da aldeia. O pai deixou ela ali. Você contou pra ela, Mariam, contou que é uma *harami*? Bom, ela é. Mas não deixa de ter qualidades, apesar de tudo. Você vai ver, Laila *jan*. Ela é forte, isso é uma coisa, trabalhadeira, e sem pretensões. Vou dizer de outra forma: se ela fosse um

automóvel, seria um Volga.

Mariam era agora uma mulher de trinta e três anos, mas aquela palavra, *harami*, ainda doía. Ouvir aquilo ainda a fazia se sentir uma peste, uma barata. Lembrava Nana puxando seus pulsos. *Você é uma pequena harami desastrada. Essa é minha recompensa por tudo que aguentei. Uma pequena harami que quebra a herança da minha família.*

— Você, por outro lado — disse Rasheed à menina —, seria uma Mercedes-Benz. Uma Mercedes novinha, de primeira classe e cintilante. *Wah wah*. Mas. Mas. — Ergueu o indicador engordurado. — A gente precisa tomar certos... cuidados com uma Mercedes. Por uma questão de respeito à beleza e à excelência do trabalho, entende. Ah, vocês devem estar pensando que sou louco, *diwana*, com toda essa conversa de automóveis. Não estou dizendo que vocês são carros. Só estou apresentando um ponto de vista.

Para o que vinha depois, Rasheed devolveu o bolinho de arroz que tinha feito na mão ao prato. As mãos ficaram em cima da comida quando ele baixou os olhos com uma expressão séria, pensativa.

— Não se deve falar mal dos mortos, muito menos dos *shaheed*. E não tenho nenhuma intenção de desrespeitar seus pais quando digo isso, quero que saiba, mas eu tenho certas... reservas... sobre a maneira como seus pais — que Alá os perdoe e os tenha num lugar no paraíso —, como, bem, como eles foram lenientes com você. Sinto muito.

O olhar frio de ódio com que a menina fulminou Rasheed nesse momento não passou despercebido a Mariam, mas ele estava olhando para baixo e não percebeu.

— Não importa. A questão é que agora eu sou o seu marido, e cabe a mim proteger não só a *sua* honra, mas a *nossa*, sim, a nossa *nang* e *namoos*. Esse é o encargo do marido. Deixe que eu me preocupe com isso. Por favor. Da sua parte, você é a rainha, a *malika*, e esta casa é o seu palácio. O que você precisar que seja feito, é só pedir que a Mariam faz. Não é, Mariam? E se tiver algum desejo, eu compro pra você. Está vendo, eu sou esse tipo de marido.

“Só o que peço em troca, bem, é uma coisa simples. Peço que evite sair desta casa sem estar em minha companhia. Só isso. Simples, não? Se eu estiver fora e você precisar de uma coisa com urgência, quero dizer, absoluta urgência, que não possa esperar eu voltar, você pode mandar Mariam que ela sai e compra para você. Você deve estar percebendo uma discrepância, com certeza. Mas é que a gente não dirige um Volga do mesmo jeito que uma Mercedes. Seria uma bobagem, não é? Ah, e vou pedir também que quando sairmos juntos você use uma burca. Para sua proteção, naturalmente. É melhor. Esta cidade anda cheia de homens lascivos. Cheios de intenções vis, ansiosos por desonrar até mesmo uma mulher casada. Então. Só isso.”

Deu uma tossida.

— Devo dizer que Mariam será meus olhos e ouvidos quando eu estiver ausente. — Nesse momento, disparou um rápido olhar a Mariam que foi tão

contundente quanto um coice na têmpora. — Não que eu esteja desconfiando. Pelo contrário. Francamente, você me parece muito madura para a sua idade. Você ainda é uma mulher jovem, Laila *jan*, uma *dokhtar e jawan*, e as jovens sempre podem fazer escolhas infelizes. São suscetíveis à malícia. Enfim, Mariam vai ser a responsável. E se houver algum deslize...

E continuou falando. Mariam ficou olhando a menina pelo canto dos olhos enquanto as exigências e os julgamentos de Rasheed caíam sobre as duas como os foguetes sobre Cabul.

Um dia, Mariam estava na sala de estar dobrando umas camisas de Rasheed que tinha recolhido do varal no fundo. Não sabia há quanto tempo a menina estava ali parada, mas quando pegou uma camisa e se virou, avistou-a perto da porta, as mãos segurando um copo de chá.

— Eu não quis te assustar — disse a menina. — Desculpe.

Mariam só olhou para ela.

O sol refletia no rosto da menina, nos olhos grandes e verdes e na tez suave, nos malares altos e nas cativantes sobrancelhas grossas, bem diferentes das de Mariam, finas e indefinidas. O cabelo dourado, despenteado agora de manhã, estava repartido ao meio.

Mariam pôde ver que ela estava nervosa, pelo jeito rígido com que segurava o copo, os ombros tensos. Imaginou-a sentada na cama reunindo coragem.

— As folhas estão mudando — disse a menina de forma amigável. — Você percebeu? Outono é minha estação favorita. Gosto do cheiro, quando as pessoas queimam folhas no jardim. Minha mãe, ela gostava mais da primavera. Você conheceu minha mãe?

— Na verdade, não.

A menina pôs a mão em concha no ouvido.

— Desculpe?

Mariam aumentou o tom de voz.

— Eu disse que não. Não conheci a sua mãe.

— Ah.

— Você deseja alguma coisa?

— Mariam *jan*, eu queria... Sobre as coisas que ele disse naquela noite...

— Eu queria mesmo falar com você a respeito — interrompeu Mariam.

— Sim, por favor — concordou a menina com sinceridade, quase ansiosa. Deu um passo à frente. Parecia aliviada.

Lá fora, um passarinho trinava. Alguém puxava uma caçamba; Mariam podia ouvir o rangido das dobradiças, o balanço e o sacolejo das rodas de ferro. Ouviu também som de disparos não muito longe, um tiro seguido por outros três, depois nada.

— Não vou ser sua empregada — disse Mariam. — Não mesmo.

A menina hesitou.

— Não. Claro que não!

— Você pode ser a *malika* do palácio e eu a *dehati*, mas não vou receber ordens suas. Pode se queixar para ele e ele pode cortar minha garganta, mas não vou fazer isso. Está me entendendo? Eu não sou sua empregada.

— Não! Eu não queria...

— E se pensa que pode usar a sua beleza pra se livrar de mim, você está enganada. Eu cheguei primeiro. Ninguém vai me pôr pra fora. Você não vai me botar na rua.

— Não é isso que eu quero — disse a menina com a voz fraca.

— E estou vendo que seus ferimentos já estão curados. Então pode começar a fazer a sua parte do trabalho desta casa...

A menina aquiesceu depressa. Parte do chá derramou, mas ela nem notou.

— Sim, essa é a outra razão pela qual eu vim aqui, para agradecer por ter cuidado de mim...

— Pois eu não teria cuidado — disparou Mariam. — Não teria alimentado, lavado e cuidado de você se soubesse que ia mudar de lado e roubar o meu marido.

— Roubar...

— Vou continuar cozinhando e lavando os pratos. Você cuida da roupa e da limpeza. O resto nós alternamos diariamente. E mais uma coisa. Eu não preciso da sua companhia. Não quero a sua companhia. Só quero ficar sozinha. Você me deixa quieta, eu retribuo o favor. É como nós vamos ser. São essas as regras.

Quando acabou de falar, seu coração martelava e a boca estava ressecada. Mariam nunca tinha falado daquele jeito, nunca tinha imposto sua vontade de forma tão enérgica. Deveria causar uma sensação de prazer, mas os olhos da menina se arregalaram e sua expressão desmanchou, e qualquer satisfação que Mariam pudesse sentir naquela explosão pareceu mísera, ilícita de alguma forma.

Mariam estendeu as camisas para a menina.

— Guarde isso no *almari*, não no guarda-roupa. Ele gosta das brancas na gaveta de cima, as outras no meio, junto com as meias.

A menina deixou o copo de chá no chão e estendeu as mãos para pegar as camisas, palmas para cima.

— Sinto muito por tudo isso — falou em falsete.

— Deve sentir, mesmo — respondeu Mariam. — Deve sentir muito mesmo.

TRINTA E DOIS

Laila

LAILA LEMBROU-SE DE UMA REUNIÃO CERTA VEZ, anos antes em sua casa, na época dos bons dias de mami. As mulheres estavam no jardim, servindo-se de uma bandeja de amoras maduras que Wajma tinha apanhado de uma árvore no jardim. As amoras graúdas eram brancas e roxas, e algumas tinham o mesmo tom púrpura que os pequenos vasos rompidos no nariz de Wajma.

— Você soube como o filho dele morreu? — perguntou Wajma, despejando com energia outro punhado de amoras na boca murcha.

— Ele se afogou, não foi? — disse Nila, mãe de Giti. — No lago Ghargha, não foi?

— Mas você sabia, sabia que Rasheed... — Wajma ergueu um dedo, anuindo e mastigando para fazer com que a esperassem engolir. — Sabia que ele costumava beber *sharab* naquela época e que estava bêbado de cair naquele dia? É verdade. Bêbado de cair, foi o que ouvi. E isso no meio da manhã. Ao meio-dia, estava desmaiado numa espreguiçadeira. Dava pra disparar um canhão ao lado do ouvido e ele nem piscaria.

Laila lembrava como Wajma tinha coberto a boca, arrotado; como ficou passando a língua entre os dentes que restavam.

— Vocês podem imaginar o resto. O garoto entrou na água sem ser notado. Foi visto um pouco depois, flutuando com a cara pra baixo. As pessoas correram para ajudar, metade tentando acordar o garoto, a outra metade acordando o pai. Alguém se debruçou sobre o garoto, fez... aquela coisa boca a boca que se deve fazer. Não adiantou nada. Todo mundo percebeu. O garoto já estava morto.

Laila se lembrou de Wajma levantando um dedo, a voz trêmula de pena.

— É por isso que o santo Corão proíbe *sharab*. Pois sempre recai no sóbrio o acerto de contas dos pecados do bêbado. É sempre assim.

Era essa a história que circulava na cabeça de Laila quando ela deu a notícia do bebê a Rasheed. Imediatamente, ele pulou na bicicleta, foi até uma mesquita e rezou para ser um menino.

Naquela noite, durante toda a refeição, Laila viu Mariam remexendo um pedaço de carne no prato. Laila estava lá quando Rasheed divulgou a notícia para Mariam numa voz alta e dramática — Laila nunca tinha testemunhado uma crueldade exercida com tanta alegria. Os cílios de Mariam adejaram quando ela ouviu. Um rubor se espalhou pelo seu rosto. Ficou cabisbaixa,

parecendo desolada.

Depois, Rasheed foi para o quarto ouvir seu rádio, e Laila ajudou Mariam a limpar a *sofrah*.

— Nem posso imaginar o que você é agora — disse Mariam, catando grãos de arroz e migalhas de pão — se antes já era uma Mercedes-Benz.

Laila tentou uma tática mais leve.

— Um trem? Talvez um grande jato jumbo.

Mariam se aprumou.

— Não ache que isso a livrará de suas tarefas.

Laila abriu a boca para responder, mas pensou melhor. Lembrou a si mesma que Mariam era a única parte inocente naquele arranjo. Mariam e o bebê.

Mais tarde, na cama, Laila rompeu em lágrimas.

Qual era o problema, Rasheed quis saber, levantando o queixo dela. Estava doente? Era o bebê, alguma coisa errada com o bebê? Não?

Mariam a estava tratando mal?

— Não.

— *Wallah o billah*, vou descer e dar uma lição nela. Quem ela pensa que é, essa *harami*, tratando você...

— Não!

Ele já estava levantando da cama e Laila teve que segurá-lo pelo braço, puxá-lo de volta.

— Não faça isso! Não! Ela tem sido boa pra mim. Eu só preciso de um minuto, só isso. Já vou melhorar.

Rasheed sentou ao lado dela, acariciando seu pescoço, murmurando. A mão desceu lentamente pelas costas dela, subiu de novo. Aproximou-se, abriu seu sorriso denteado.

— Então vamos ver — ronronou — se eu posso ajudar você a se sentir melhor.

Primeiro, foram as árvores — as que não tinham sido cortadas para lenha — que despejaram suas folhas manchadas de amarelo e cobre. Depois vieram os ventos, frios e ásperos, cortando a cidade. Arrancando as últimas folhas e deixando as árvores com um aspecto fantasmagórico contra o fundo marrom opaco das colinas. A primeira nevasca da estação foi leve, os flocos derretendo assim que caíam. Depois as ruas congelaram, e a neve se acumulou em montes nos tetos, subindo pelos vidros foscos das janelas. Com a neve chegaram as pipas, que outrora reinavam nos céus de Cabul, agora tímidas invasoras num território ocupado por foguetes e caças a jato riscando o ar.

Rasheed continuava trazendo notícias da guerra, e Laila ficou espantada com as alianças que ele tentava explicar. Sayyaf estava lutando contra os hazaras, ele informou. Os hazaras lutavam contra Massoud.

— E ele está lutando contra Hekmatyar, é claro, que tem o apoio do

Paquistão. Inimigos mortais, esses dois, Massoud e Hekmatyar. Sayyaf está do lado de Massoud. E Hekmatyar por enquanto está apoiando os hazaras.

Quanto a Dostum, o imprevisível comandante usbeque, Rasheed disse que ninguém sabia que posição iria tomar. Dostum tinha lutado contra os soviéticos nos anos 1980 ao lado dos mujahidin, mas desertou para se juntar ao regime títere comunista de Najibullah quando os russos se retiraram. Chegou até a ganhar uma medalha, entregue por Najibullah em pessoa, antes de desertar mais uma vez e voltar para o lado dos mujahidin. No momento, explicou Rasheed, Dostum estava apoiando Massoud.

Em Cabul, em especial no oeste, havia fogo cerrado, com nuvens negras de fumaça pairando sobre os telhados cobertos de neve. Embaixadas fecharam suas portas. Escolas foram destruídas. Nas salas de espera dos hospitais, continuou Rasheed, os feridos sangravam até morrer. Nas salas de cirurgia, membros eram amputados sem anestesia.

— Mas não se preocupe — tranquilizou. — Você está segura comigo, minha flor, minha *gul*. Se alguém tentar fazer mal a você, eu arranco seu fígado e o faço comer.

Naquele inverno, para onde Laila olhava, o caminho era impedido por barreiras. Pensava com saudade no céu aberto de sua infância, nos dias em que ia a torneios de *buzkashi* com babi e fazia compras no Mandaii com mami, no tempo em que andava solta na rua e fofocava sobre meninos com Giti e Hasina. Quando passava o tempo em leitos de trevos na margem de um riacho com Tariq, trocando charadas e doces, vendo o sol se pôr.

Mas pensar em Tariq era perigoso, pois antes de conseguir parar, ela o via deitado na cama, longe de casa, tubos espetados no corpo queimado. Assim como a bile que queimava sua garganta naqueles dias, uma dor profunda e paralisante subia pelo peito de Laila. As pernas viravam água. Precisava se apoiar em alguma coisa para não cair.

Laila passou aquele inverno de 1992 varrendo a casa, lavando as paredes cor de abóbora do quarto que dividia com Rasheed, lavando roupa numa grande *lagaan* de cobre no jardim. Às vezes se via pairando acima do próprio corpo, via a si mesma agachada diante da *lagaan*, mangas arregaçadas até os cotovelos, mãos rosadas torcendo água de sabão de uma camiseta de Rasheed. Sentia-se perdida nesses momentos, à deriva, como uma sobrevivente de um naufrágio, sem praia à vista, só quilômetros e quilômetros de água.

Quando fazia frio demais para ir lá fora, Laila perambulava pela casa. Andava pelo corredor, arranhando a parede com a unha, depois voltava, descia a escada, subia, o rosto não lavado, cabelo despenteado. Andava até topar com Mariam, que disparava um olhar frio e voltava a fatiar o talo de um pepino e a aparar tiras de gordura da carne. Um silêncio doloroso invadia o recinto, e Laila quase podia enxergar a hostilidade sem palavras irradiando de Mariam como ondas de calor subindo do asfalto. Voltava para o quarto, sentava na cama e ficava olhando a neve cair.

Um dia Rasheed a levou até sua sapataria.

Quando saíam juntos, ele andava ao lado dela, uma das mãos agarradas no seu cotovelo. Para Laila, sair na rua se tornou um exercício de evitar contusões. Seus olhos ainda tentavam se adaptar à visibilidade limitada e gradeada da burca, os pés ainda tropeçavam na batinha. Andava com um medo perpétuo de tropeçar e cair, de quebrar um tornozelo pisando num buraco. Ainda assim, sentia certo conforto no anonimato propiciado pela burca. Dessa forma não seria reconhecida se encontrasse uma antiga amizade. Não teria que ver a surpresa nos olhos deles, ou pena ou sarcasmo pelo quanto ela tinha caído, de como suas altas aspirações tinham sido destruídas.

A sapataria de Rasheed era maior e mais iluminada do que Laila imaginava. Levou-a para trás de sua atulhada bancada, a superfície forrada de velhas solas e tiras de couro soltas. Mostrou seus martelos, demonstrou como funcionava a lixa giratória, a voz soando alta e orgulhosa.

Rasheed apalpou a barriga dela, não pelo tecido, por baixo da blusa, os dedos frios e ásperos como cortiça na pele distendida. Laila se lembrou das mãos de Tariq, macias, porém fortes, as veias cheias e tortuosas nas costas das mãos, que sempre achou tão másculas e atraentes.

— Está crescendo tão rápido — disse Rasheed. — Vai ser um garotão. Meu filho vai ser um *pahlawan*! Como o pai.

Laila abaixou a blusa. Ficava cheia de medo quando ele falava daquele jeito.

— Como vão as coisas com Mariam?

Laila disse que estava tudo bem.

— Ótimo. Ótimo.

Não contou que as duas tinham tido a primeira briga de verdade.

Tinha acontecido uns dias antes. Laila foi até a cozinha e encontrou Mariam abrindo e fechando gavetas. Estava procurando, disse, a colher de pau comprida que usava para mexer o arroz.

— Onde você pôs? — perguntou, dando meia-volta para encarar Laila.

— Eu? — replicou Laila. — Eu não peguei! Eu acabei de chegar.

— Eu percebi.

— Isso é uma acusação? Era o que você queria, lembra? Você disse que ia cozinhar. Mas se quiser trocar...

— Então está dizendo que a colher criou perninhas e saiu andando. Tip, tip, tip, tip. Foi isso que aconteceu, *degeh*?

— Só estou dizendo... — começou Laila, tentando manter o controle. Geralmente, ela se esforçava para absorver o menosprezo e as acusações de Mariam. Mas seus tornozelos estavam inchados, a cabeça doía e a azia a estava matando naquele dia. — Só estou dizendo que talvez você tenha posto em outro lugar.

— Outro lugar? — Mariam puxou uma gaveta. As facas e espátulas se chocaram lá dentro. — Há quanto tempo você está aqui, alguns meses?

Estou morando nesta casa há dezenove anos, *dokhtar jo*. E guardo *essa* colher *nesta* gaveta desde quando você ainda cagava nas fraldas.

— Mesmo assim — falou Laila, dentes cerrados, mal se contendo —, é possível que tenha guardado em outro lugar e esquecido.

— E é possível que *você* tenha escondido em algum lugar, para me prejudicar.

— Você é uma mulher triste e infeliz — falou Laila.

Mariam titubeou, mas se recuperou, contorceu os lábios.

— E você é uma puta. Uma puta e uma *dozd*. Uma puta ladra, isso é o que você é!

Depois foi uma gritaria. Panelas erguidas, mas não atiradas. Trocaram insultos, insultos que agora faziam Laila corar. Desde então as duas não se falaram mais. Laila continuava chocada com a facilidade com que perdera a compostura, mas, na verdade, parte dela tinha gostado, gostado de gritar com Mariam, xingar, ter um alvo para concentrar sua raiva borbulhante, sua mágoa.

Laila ponderava, com uma espécie de vislumbre interno, se também não era assim para Mariam.

Depois, ela subiu correndo a escada e se atirou na cama de Rasheed. Lá embaixo, Mariam continuou gritando.

— Sujeira na sua cabeça! Sujeira na sua cabeça!

Laila deitou na cama, gemendo no travesseiro, de repente sentindo tanta falta dos pais, com uma intensidade avassaladora que não sentia desde aqueles dias terríveis logo depois do ataque. Ficou deitada, agarrando os lençóis, até que, de repente, perdeu o fôlego. Sentou e pôs as mãos na barriga.

O bebê tinha chutado pela primeira vez.

TRINTA E TRÊS

Mariam

LOGO CEDO, NUMA MANHÃ DA PRIMAVERA SEGUINTE, em 1993, Mariam encontrava-se na janela da sala de estar observando Rasheed sair com a menina de casa. A menina estava trôpega, dobrada pela cintura, um braço protegendo instintivamente o tambor esticado do ventre, cuja curvatura aparecia por baixo da burca. Ansioso e cheio de atenções, Rasheed a segurava pelo cotovelo, conduzindo-a pelo jardim como um guarda de trânsito. Fez um gesto de “espere aqui”, correu até o portão, depois gesticulou para a menina seguir em frente, segurando o portão aberto com um pé. Quando ela chegou ao portão, Rasheed pegou-a pela mão e a ajudou a sair. Mariam quase podia ouvi-lo dizendo: *Cuidado, minha flor, minha gul.*

Os dois voltaram no início da tarde seguinte.

Mariam viu Rasheed entrar no quintal na frente dela. Deixou o portão fechar antes do tempo, quase batendo na cara da menina. Atravessou o quintal em poucos passos rápidos. Mariam detectou um tom sombrio no rosto dele, uma escuridão subjacente à luz avermelhada da aurora. Na casa, ele tirou o casaco e jogou no sofá. Ao passar por Mariam, falou com um tom de voz brusco:

— Estou com fome. Sirva logo esse jantar.

A porta da frente da casa se abriu. Do corredor, Mariam viu a menina, com uma trouxa enfaixada no braço esquerdo. Com um pé do lado de fora e o outro dentro, segurando a porta para não fechar. Estava abaixada e gemendo, tentando pegar uma sacola de papel com pertences que havia posto no chão para abrir a porta. Ergueu os olhos e viu Mariam.

Mariam virou-se e foi à cozinha esquentar a comida de Rasheed.

— É como se alguém estivesse enfiando uma chave de fenda no meu ouvido — disse Rasheed, esfregando os olhos.

Estava de pé na porta de Mariam, olhos inchados, usando só um *tumban* amarrado num nó frouxo. Os cabelos brancos estavam desgrehados, espetados em todas as direções.

— Esse choro. Eu não aguento mais.

No andar de baixo, a menina andava de um lado para o outro com o bebê, tentando cantar para ela.

— Eu não tenho uma boa noite de sono há dois meses — continuou Rasheed. — E o quarto tem cheiro de esgoto. Tem panos cagados por toda parte. Ontem à noite eu pisei num monte de merda.

Mariam sorriu internamente, com um prazer perverso.

— Leva ela pra fora! — gritou Rasheed por cima do ombro. — Não dá pra levar ela pra fora?

A cantoria foi suspensa temporariamente.

— Ela vai pegar uma pneumonia!

— Mas já é verão!

— O quê?

Rasheed cerrou os dentes e levantou a voz.

— Eu disse que está calor lá fora!

— Eu não vou levar a garota para fora!

A cantoria foi retomada.

— Às vezes, juro, às vezes tenho vontade de pôr essa coisa numa caixa e deixar flutuando pelo rio Cabul. Como Moisés.

Mariam nunca ouviu Rasheed chamar a filha pelo nome que a menina tinha escolhido, Aziza, a Estimada. Era sempre *a garota*, ou, quando estava realmente exasperado, *essa coisa*.

Algumas noites, Mariam entreouvia os dois discutindo. Andava até a porta deles na ponta dos pés, ouvia-o reclamar que a garota — sempre a garota — não parava de chorar, dos odores, dos brinquedos que o faziam tropeçar, da maneira como a filha absorvia toda a atenção de Laila com suas constantes exigências para comer, arrotar, trocar fraldas, andar, segurar. A menina, por sua vez, o repreendia por fumar no quarto, por não deixar a garota dormir com eles.

Havia outras discussões travadas em voz baixa.

— O médico disse seis semanas.

— Ainda não, Rasheed. Não. Sai. Não. Não faz isso.

— Mas já faz dois meses.

— *Shht*. Pronto. Você acordou a criança. — Depois, mais intensa: — *Khosh shodi?* Está contente agora?

Mariam voltava em silêncio para o quarto.

— Você não pode ajudar? — perguntava de vez em quando Rasheed. — Deve haver algo que você possa fazer.

— O que eu sei sobre bebês? — replicava Mariam.

— Rasheed! Você pode trazer a mamadeira? Estou aqui na *almari*. Ela não quer comer. Vou tentar a mamadeira de novo.

Os berros do bebê aumentaram, parecendo um cutelo cortando carne.

Rasheed fechou os olhos.

— Essa coisa é um chefe de guerra. Um Hekmatyar. Escute o que eu digo, Laila deu à luz um Gulbuddin Hekmatyar.

Mariam percebeu como os dias da menina passaram a ser consumidos por

ciclos de amamentação, embalos, balanços e caminhadas. Mesmo quando a criança dormia, havia fraldas sujas para lavar e deixar de molho numa tina de desinfetante que a menina insistia para que Rasheed comprasse. Unhas para aparar com lixas, pijamas e macaquinhos para lavar e pendurar para secar. Aquelas roupas, como outras coisas relacionadas ao bebê, se tornaram um ponto de atrito.

— O que há de errado com elas? — perguntava Rasheed.

— São roupas de menino. Para um *bacha*.

— Você acha que ela vai saber a diferença? Essas roupas me custaram um bom dinheiro. E outra coisa, eu não gosto desse tom de voz. Considere isso um aviso.

Toda semana, sem falta, a menina aquecia um chuço de metal preto no fogo, jogava um punhado de sementes de arruda silvestre e abanava a fumaça na direção da criança para afastar o mal.

Mariam achava exaustivo observar o entusiasmo da menina — e tinha de admitir, ainda que secretamente, certa admiração. Era incrível como os olhos da menina brilhavam de veneração, mesmo nas manhãs em que apresentava o rosto escorrido e a compleição pálida depois de uma noite inteira andando com a filha. A menina tinha acessos de riso quando a filha soltava gases. As mínimas mudanças no bebê a deixavam encantada, e tudo que ela fazia era considerado espetacular.

— Olha! Ela está pegando o chocalho. Como ela é inteligente.

— Eu vou noticiar no jornal — comentava Rasheed.

Todas as noites havia demonstrações. Quando a menina insistia para que Rasheed visse alguma coisa, ele levantava o queixo e lançava um olhar impaciente, de soslaio, por cima das veias azuladas do nariz.

— Olha. Olha como ela dá risada quando eu estalo os dedos. Olha só. Viu? Você viu?

Rasheed emitia um grunhido e voltava ao seu prato. Mariam se lembrava de como antes a simples presença da menina parecia encantá-lo. Tudo que ela dizia era agradável, o deixava intrigado, fazia com que tirasse os olhos do prato e anuísse com aprovação.

A coisa mais estranha era que a desgraça da menina deveria ter deixado Mariam contente, evocado um sentido de vingança. Mas não foi o caso. Não mesmo. Para sua surpresa, Mariam se surpreendeu sentindo pena da menina.

Era também durante o jantar que a menina libertava um fluxo constante de preocupações. A primeira da lista era pneumonia, de que ela suspeitava a cada pequena tossida. Depois era disenteria, cujo espectro surgia com cada cocô mole. Cada erupção era catapora ou sarampo.

— Você não devia se apegar tanto — disse Rasheed uma noite.

— O que você quer dizer com isso?

— Outro dia eu ouvi no rádio. Na Voz da América. Ouvi uma estatística interessante. Disseram que, no Afeganistão, uma em cada quatro crianças

morre antes dos cinco anos de idade. Foi o que eles disseram. Mas eles... O quê? O quê? Aonde você vai? Volta aqui. Volta já aqui!

Lançou um olhar surpreso para Mariam.

— O que acontece com ela?

Naquela noite, Mariam estava na cama quando começou uma nova discussão. Era uma noite quente e seca de verão, típica do mês do *Saratan* em Cabul. Mariam tinha aberto a janela, mas fechou quando nenhuma brisa entrou para aliviar o calor, apenas mosquitos. Podia sentir o calor subindo do chão lá fora, pelo gramado, pelas rachaduras das tábuas da casinha no jardim, até as paredes do quarto.

Geralmente, a discussão durava alguns minutos, mas meia hora se passou e não apenas a discussão continuava como estava ficando mais acirrada. Mariam agora ouvia Rasheed gritando. A voz da menina, mais baixa que a dele, era aguda e hesitante. Logo o bebê estava berrando.

Em seguida, Mariam ouviu a porta deles abrir com violência. De manhã, ela veria a marca circular da maçaneta na parede do corredor. Estava sentada na cama quando ouviu a porta do seu quarto abrir e Rasheed entrou.

Estava de cueca branca e uma camiseta combinando, manchada de amarelo debaixo do braço por conta do suor. Chinelos nos pés. Segurava um cinto na mão, o cinto de couro marrom que tinha comprado para a *nikka* com a menina, com a extremidade com os furos enrolada no pulso.

— Isso é coisa sua, eu sei que é — rugiu, avançando na direção dela.

Mariam levantou da cama e começou a andar para trás. Cruzou instintivamente os braços no peito, onde ele costumava bater primeiro.

— Do que você está falando? — gaguejou.

— Ela está me evitando. Você ensinou isso pra ela.

Ao longo dos anos, Mariam tinha aprendido a ser refratária ao desdém e às repreensões de Rasheed, às suas reprimendas e ridicularizações. Mas não tinha controle sobre esse medo. Depois de todos esses anos, ainda tremia de temor quando ele ficava daquele jeito, com aquele esgar no rosto, esticando o cinto no pulso, o estalo do couro, o brilho nos olhos injetados de sangue. Era o medo da cabra colocada na jaula do tigre, quando o tigre primeiro olha por cima das garras e começa a rugir.

A menina também entrou no quarto, os olhos arregalados, o rosto contorcido.

— Eu devia saber que você ia corromper a garota — rosnou Rasheed, brandindo o cinto, testando-o na própria coxa, tilintando o metal da fivela.

— Pare com isso, *bas!* — bradou a menina. — Rasheed, você não pode fazer isso.

— Volte para o seu quarto.

Mariam continuou recuando.

— Não! Não faça isso!

— Já!

Rasheed ergueu o cinto e dessa vez desceu sobre Mariam.

Foi então que aconteceu uma coisa extraordinária. A garota saltou sobre ele. Agarrou seu braço com as duas mãos e tentou arrastá-lo, mas não conseguiu mais do que ficar pendurada. Não conseguiu retardar o avanço de Rasheed em direção a Mariam.

— Me larga! — gritou Rasheed.

— Você venceu. Você venceu. Não faça isso. Por favor, Rasheed, não bata nela. Por favor, não faça isso.

Ficaram lutando daquela maneira, a garota pendurada, implorando, Rasheed tentando se livrar dela, mantendo os olhos em Mariam, que estava atordoada demais para fazer qualquer coisa.

No fim, Mariam sabia que não ia apanhar, não naquela noite. Ele já tinha se pronunciado. Ficou daquele jeito mais uns instantes, braço erguido, peito ofegante, uma fina camada de suor cobrindo a testa. Devagar, Rasheed abaixou o braço. Os pés da menina tocaram o chão, mas ainda assim ela não largou o braço, como se não confiasse nele. Ele teve que puxar o braço para se livrar dela.

— Eu estou de olho em você — falou, pendurando o cinto no ombro. — Estou de olho em você. Não vou ser feito de *ahmaq*, de bobo, na minha própria casa.

Lançou um último olhar assassino a Mariam e saiu do quarto, empurrando a menina na passagem.

Quando ouviu a porta fechar, Mariam voltou para a cama, enterrou a cabeça no travesseiro e ficou esperando a tremedeira passar.

Três vezes naquela noite, Mariam foi despertada de seu sono. A primeira vez, com o rugido de foguetes no oeste, vindo da direção de Karteh-Char. Na segunda vez, com o choro da criança lá embaixo, os apelos da menina, o ruído da colher na mamadeira de vidro. Finalmente, na terceira vez ela levantou da cama.

No andar de baixo, a sala estava escura, salvo pela luz da lua entrando pela janela. Mariam ouviu uma mosca zumbindo em algum lugar, divisou a silhueta da estufa de ferro batido no canto, o cano protuberante, fazendo um ângulo agudo abaixo do teto.

No caminho para a cozinha, Mariam quase tropeçou em alguma coisa. Havia algo aos seus pés. Quando seus olhos se adaptaram, distinguiu a menina e a filha deitadas no chão sobre uma manta.

A menina dormia de lado, roncando. A filha estava acordada. Mariam acendeu o lampião de querosene da mesa e se abaixou. Sob aquela luz, viu a criança de perto pela primeira vez, o tufo de cabelos escuros, os olhos cor de amêndoas de cílios longos, as bochechas rosadas e os lábios cor de romã.

Mariam teve a sensação de que o bebê também a examinava. Estava deitada de costas, a cabeça inclinada para o lado, olhando Mariam com atenção, com uma mescla de divertimento, confusão e desconfiança. Mariam considerou se seu rosto poderia assustá-la, mas logo depois a criança deu um

gemido alegre e Mariam sabia que tinha sido julgada e aprovada.

— *Shh* — sussurrou Mariam. — Você vai acordar a sua mãe, que está morta de cansaço.

A criança fechou o punho. Levantou a mão, que depois caiu com um espasmo na boca. Com metade da mão na boca, a garota abriu um sorriso para Mariam, com pequenas bolhas de saliva brilhando nos lábios.

— Olha só. Que figura lamentável, vestida como um menino bobão. E toda coberta com esse calor. Não é à toa que ainda está acordada.

Mariam puxou a coberta de cima do bebê, ficou horrorizada ao descobrir uma segunda coberta por baixo, estalou a língua e tirou aquela também. A criança deu risadinhas de alívio. Agitou os braços como um passarinho.

— Melhor, *nay*?

Quando Mariam já se afastava, a garota agarrou o dedinho dela. Os dedos minúsculos apertados. Eram quentes e macios, molhados de baba.

— *Gunuh* — disse o bebê.

— Tudo bem, *bas*, pode largar.

A garota continuou segurando, agitou as pernas outra vez.

Mariam puxou o dedo. O bebê sorriu e emitiu uma série de gorgulhos. A mão foi para a boca outra vez.

— Por que você está tão contente? Hein? Do que está rindo? Você não é tão inteligente quanto diz sua mãe. Você tem um pai bruto e uma mãe boba. Você não riria tanto se soubesse. Ninguém riria. Vai dormir, vai. Vai.

Mariam levantou e deu alguns passos antes de o bebê começar a emitir os sons *eh, eh, eh* que Mariam sabia ser sinal de um choro pungente. Voltou atrás.

— O que foi? O que você quer comigo?

A criança abriu um sorriso desdentado.

Mariam suspirou. Sentou e deixou que ela segurasse o seu dedo, ficou olhando a criança guinchar, flexionar as pernas gordinhas nos quadris e chutar o ar. Mariam ficou ali, observando, até o bebê parar de se mexer e começar a ressonar baixinho.

Lá fora, os passarinhos cantavam alegremente e, de vez em quando, quando os canoros alçavam voo, Mariam conseguia ver as asas refletindo o fosforescente azul do luar atravessando as nuvens. E apesar de estar com a garganta seca de sede, demorou até Mariam tirar com cuidado o dedo da mão da garota e se levantar.

TRINTA E QUATRO

LAILA

DE TODOS OS PRAZERES TERRENOS, o favorito de Laila era deitar ao lado de Aziza, o rosto da criança tão perto que podia enxergar suas grandes pupilas dilatarem e diminuir. Laila adorava passar os dedos na pele macia e agradável de Aziza, pelas juntas gordinhas, pelas dobrinhas dos cotovelos. Às vezes deitava Aziza em seu peito e murmurava com os lábios na sua moleira coisas sobre Tariq, o pai que seria sempre um estranho para ela, cujo rosto Aziza jamais conheceria. Laila contava sobre sua habilidade para resolver enigmas, seus truques e brincadeiras, o riso fácil.

— Ele tinha as pestanas mais lindas, grossas como as suas. Um bom queixo, um nariz afilado, a testa arredondada. Ah, o seu pai era bonito, Aziza. Era perfeito. Perfeito, como você.

Mas ela tinha o cuidado de nunca mencionar o nome dele.

Às vezes ela surpreendia Rasheed olhando para Aziza de um jeito muito peculiar. Outra noite, sentado no chão do quarto, onde sempre raspava um calo do pé, ele disse de forma muito casual:

— Então, o que aconteceu entre vocês dois?

Laila fez uma expressão enigmática, como se não tivesse entendido.

— Laili e Majnoon. Você e o *yaklenga*, o aleijado. O que acontecia entre vocês?

— Ele era meu amigo — ela respondeu, cuidando para não elevar muito o tom de voz. Distraiu-se preparando uma mamadeira. — Você sabe disso.

— Eu *não sei* o que sei. — Rasheed deixou as aparas no beiral da janela e sentou na cama. As molas protestaram com um rangido alto. Abriu as pernas, coçou a virilha. — E como... *amigos*, vocês dois fizeram alguma coisa fora de propósito?

— Fora de propósito?

Rasheed deu um sorriso divertido, mas Laila sentiu o seu olhar, frio e observador.

— Vamos ver. Bem, alguma vez ele te beijou? Talvez tenha posto a mão onde não deveria?

Laila fez uma expressão de indignação, ao menos era sua esperança. Sentiu o coração tamborilando no peito.

— Ele era como um *irmão* para mim.

— Então ele era um amigo ou um irmão?

— As duas coisas. Ele...

— O que ele era?

— Era as duas coisas.

— Mas irmãos e irmãs são criaturas curiosas. Sim. Às vezes um irmão deixa a irmã ver seu pinto, e a irmã...

— Você me dá nojo — exclamou Laila.

— Então não aconteceu nada.

— Eu não quero mais falar sobre isso.

Rasheed inclinou a cabeça, apertou os lábios, aquiesceu.

— As pessoas falavam, sabe? Eu lembro. Diziam um monte de coisas sobre vocês dois. Mas se você está dizendo que não aconteceu nada.

Ela se forçou a olhar para ele.

Rasheed fitou os olhos dela por um tempo longo e torturante, sem piscar, de uma forma que fez seus dedos empalidecerem ao redor da mamadeira, e Laila precisou se esforçar muito para não ceder.

Tremia de medo do que ele faria se descobrisse que ela estava roubando dele. Toda semana, desde o nascimento de Aziza, ela abria a carteira dele quando ele estava dormindo ou fora de casa e tirava uma cédula. Algumas vezes, quando a carteira tinha pouco dinheiro, ela pegava só uma nota de cinco afeganes, ou não pegava nada, de medo que ele percebesse. Quando a carteira estava recheada, pegava uma nota de dez ou de vinte, uma vez chegou a se arriscar e pegou duas de vinte. Escondia o dinheiro numa bolsa que costurou no forro do seu casaco xadrez de inverno.

Imaginava o que ele faria se descobrisse que ela estava planejando fugir na próxima primavera. Mais tardar, no próximo verão. Laila esperava ter uns mil afegãos ou mais até lá, dos quais metade iria para a passagem de ônibus de Cabul a Peshawar. Iria empenhar a aliança quando chegasse a hora, assim como outras joias que Rasheed havia dado de presente no ano anterior, quando ela ainda era a *malika* de seu palácio.

— Enfim — ele disse afinal, dedos tamborilando a barriga —, não é culpa minha. Eu sou um marido. São coisas que fazem um marido pensar. Mas ele tem sorte de ter morrido como morreu. Porque se estivesse aqui agora, se eu pusesse as mãos nele... — Chupou os dentes e abanou a cabeça.

— O que aconteceu com não falar mal dos mortos?

— Acho que algumas pessoas nunca estão mortas o suficiente — ele respondeu.

Dois dias depois, Laila acordou de manhã e encontrou uma pilha de roupas de bebê, cuidadosamente dobradas, na porta do quarto. Um vestido rodado com peixinhos cor-de-rosa bordados, um vestido de lã floral com meias e sapatinhos combinando, pijamas amarelos com pintinhas cor de cenoura e calças de algodão verdes com a barra franzida.

— Diz um boato que Dostum vai mudar de lado e se aliar a Hekmatyar — disse Rasheed durante o jantar daquela noite, estalando os lábios, sem

notar Aziza ou o pijama que Laila tinha vestido na filha. — Massoud vai ter muito trabalho para lutar contra esses dois. E não podemos nos esquecer dos hazards. — Pegou uma garfada de berinjela em conserva que Mariam tinha preparado naquele verão. — Vamos esperar que seja apenas isso, um boato. Porque se acontecer, esta guerra de agora — gesticulou com a mão engordurada — vai parecer um piquenique de sexta-feira em Paghman.

Mais tarde, Rasheed montou nela e se aliviou rápido e sem dizer nada, totalmente vestido com exceção do *tumban*, não removido, mas simplesmente baixado até o tornozelo. Quando acabou o balanço frenético, rolou por cima dela e adormeceu em minutos.

Laila se esgueirou para fora do quarto e encontrou Mariam na cozinha agachada, limpando duas trutas. O arroz já estava de molho numa panela ao lado. A cozinha cheirava a cominho e fumaça, cebolas douradas e peixe.

Laila sentou num canto e cobriu os joelhos com a barra do vestido.

— Obrigada — falou.

Mariam não tomou conhecimento dela. Terminou de cortar a primeira truta e pegou a segunda. Cortou as barbatanas com uma faca serrilhada, virou o peixe ao contrário, o ventre de frente para ela, e abriu um corte preciso do rabo até as guelras. Laila viu quando enfiou o dedo pela boca, logo acima da mandíbula inferior, empurrou e, num golpe para baixo, removeu a guelra e as entranhas.

— As roupas são lindas.

— Eu não tinha o que fazer com elas — murmurou Mariam. Deixou o peixe sobre um jornal manchado de uma gosma cinzenta e pegajosa e cortou a cabeça. — Seria a sua filha ou as traças.

— Onde você aprendeu a limpar peixe dessa maneira?

— Quando era menina, eu morava perto de um riacho. Eu mesma pescava os meus peixes.

— Eu nunca pesquei.

— Não tem muito segredo. Basicamente é esperar.

Laila observou-a fatiando a truta eviscerada em três partes.

— Foi você mesma quem fez as roupas?

Mariam concordou com a cabeça.

— Quando?

Mariam enxaguou as postas de peixe numa bacia com água.

— Quando eu fiquei grávida na primeira vez. Ou talvez na segunda. Dezoito, dezenove anos atrás. Muito tempo atrás. Como eu disse, nunca tive o que fazer com elas.

— Você realmente é uma boa *khayat*. Talvez possa me ensinar.

Mariam ajeitou as postas de truta enxaguadas numa travessa limpa. Com gotas de água escorrendo pelos dedos, levantou a cabeça e olhou para Laila, olhou como se fosse a primeira vez.

— Naquela noite, quando ele... Ninguém nunca me defendeu antes — falou.

Laila examinou as bochechas caídas de Mariam, os olhos flácidos com dobras de cansaço, a linhas profundas que rodeavam a boca — e viu essas coisas como se fosse também a primeira vez. E, pela primeira vez, não era o rosto de uma adversária que Laila viu, mas um rosto sofrido e resignado, marcado por encargos não protestados, por um destino de submissão e resiliência. Se ela ficasse, será que aquele seria o seu rosto, ponderou Laila, dali a vinte anos?

— Eu não podia deixá-lo fazer aquilo — falou Laila. — Não fui criada numa casa onde as pessoas fizessem coisas como aquela.

— *Esta* é a sua casa agora. Você devia se acostumar.

— Não com isso, não.

— Ele vai ficar contra você também, sabe? — disse Mariam, enxugando as mãos num pano. — E não vai demorar. E você lhe deu uma filha. Então, veja, o seu pecado é ainda menos perdoável que o meu.

Laila se levantou.

— Eu sei que está frio lá fora, mas o que você acha de duas pecadoras como nós tomarmos um copo de *chai* no jardim?

Mariam pareceu surpresa.

— Não posso. Ainda preciso cortar e lavar as favas.

— Eu ajudo você a fazer isso de manhã.

— E preciso limpar isso aqui.

— A gente faz isso juntas. Se não me engano, ainda sobrou um pouco de *halwa*. Cai muito bem com *chai*.

Mariam pôs o pano na bancada. Laila viu ansiedade na maneira como ela puxou as mangas, arrumou o *hijab*, afastou uma mecha de cabelo.

— Os chineses dizem que é melhor ficar sem comer três dias do que passar um dia sem tomar chá.

Mariam abriu um meio sorriso.

— É um bom ditado.

— É mesmo.

— Mas eu não posso ficar muito tempo.

— Só uma xícara.

Sentaram-se numa cadeiras dobráveis no quintal e comeram *halwa* com as mãos do mesmo recipiente. Tomaram uma segunda xícara, e quando Laila perguntou se ela queria mais uma, Mariam aceitou. Disparos soaram nas colinas, elas ficaram olhando as nuvens deslizarem sob a lua e os últimos vaga-lumes da estação riscarem arcos amarelos e brilhantes no escuro. E quando Aziza acordou chorando e Rasheed gritou para Laila ir cuidar dela, passou-se um olhar entre Laila e Mariam. Um olhar cúmplice e desguarnecido. E naquela troca passageira e sem palavras com Mariam, Laila soube que as duas não eram mais inimigas.

TRINTA E CINCO

Mariam

A PARTIR DAQUELA NOITE, Mariam e Laila passaram a fazer os trabalhos da casa juntas. Ficavam na cozinha fazendo massa de pão, cortando cebolinhas, moendo alho, oferecendo pedaços de pepino a Aziza, que batia colheres e brincava com cenouras ao lado. No quintal, Aziza ficava num berço de vime, vestindo camadas de roupas, um cachecol frouxo ao redor do pescoço. Mariam e Laila ficavam atentas a ela quando lavavam roupa, os dedos de Mariam roçando os de Laila enquanto esfregavam camisas, calças e fraldas.

Aos poucos, Mariam foi se acostumando com essa companhia hesitante, porém agradável. Ficava ansiosa pelas três xícaras de *chai* que tomaria junto com Laila no jardim, agora um ritual noturno diário. De manhã, Mariam ficava atenta ao ruído dos chinelos de Laila estalando nos degraus quando ela descia para o café da manhã, para o tilintar da risada aguda de Aziza, à visão de seus oito dentinhos, o cheiro de leite em sua pele. Se Laila e Aziza dormissem até mais tarde, Mariam ficava esperando ansiosa. Lavava pratos que não precisavam ser lavados. Reorganizava as almofadas na sala de estar. Tirava o pó das venezianas. Mantinha-se ocupada até Laila entrar na cozinha, com Aziza a tiracolo no quadril.

Quando via Mariam de manhã, os olhos de Aziza sempre se abriam um pouco mais, e ela começava a miar e dar gritinhos no colo da mãe. Abria os braços na direção de Mariam, pedindo colo, as mãozinhas abrindo e fechando num gesto de urgência, com uma expressão de adoração e ansiedade tremulando no rosto.

— Não precisa fazer tanta cena — dizia Laila, soltando a filha para engatinhar até Mariam. — Que cena! Calma. *Khala* Mariam não vai a lugar nenhum. Pronto, aí está sua tia. Viu? Vai, vai.

Assim que estava nos braços de Mariam, Aziza enfiava o dedão na boca e enterrava a cara no pescoço de Mariam.

Mariam a embalava de uma forma meio rígida, um sorriso revelando algo entre espanto e gratidão nos lábios. Mariam nunca tinha sido querida daquele jeito. Nunca um amor fora declarado a ela de forma tão pura, tão sem reservas.

Aziza fazia Mariam sentir vontade de chorar.

— Por que você entregou o seu coração a uma velha bruxa feia como eu? — perguntava Mariam em voz baixa no cabelo de Aziza. — Hein? Eu não

sou ninguém, não percebe? Uma *dehati*. O que eu tenho pra dar a você?

Mas Aziza só murmurava de contentamento e enterrava o rosto mais fundo. Quando ela fazia isso, Mariam ficava em êxtase. Os olhos marejavam. O coração ficava leve. Sentia-se maravilhada de como, depois de todos aqueles anos de abandono, tinha encontrado naquela criaturinha a primeira ligação afetiva de sua vida, tão repleta de relações falsas e fracassadas.

No início do ano seguinte, em janeiro de 1994, Dostum trocou *mesmo* de lado. Aliou-se a Gulbuddin Hekmatyar, ocupando posições perto de Bala Hissar, os antigos muros da cidadela que assomavam sobre a cidade das montanhas de Koh-e-Shirdawaza. Juntos, os dois disparavam sobre as forças de Massoud e Rabbani no Ministério da Defesa e no palácio presidencial. Um de cada lado do rio Cabul, eles despejavam rodadas de artilharia uns sobre os outros. As ruas ficaram repletas de corpos, vidro e pedaços de metal amassado. Houve saques, assassinatos e, cada vez mais, estupros, que eram usados para intimidar civis e recompensar milicianos. Mariam soube de mulheres que estavam se suicidando de medo de ser estupradas, ou de homens que, em nome da honra, matavam as esposas ou filhas que tivessem sido estupradas pela milícia.

Aziza se assustava com o estampido dos morteiros. Para distraí-la, Mariam enfileirava grãos de arroz no chão, formando uma casa ou um galo ou uma estrela, deixando Aziza espalhar tudo depois. Desenhava elefantes para Aziza como Jalil tinha mostrado, numa linha só, sem erguer a caneta do papel.

Rasheed dizia que civis estavam sendo mortos todos os dias, às dezenas. Hospitais e fornecedores de produtos médicos eram bombardeados. Veículos transportando suprimentos e alimentos de emergência eram impedidos de entrar na cidade, contou, sendo saqueados e atingidos. Mariam imaginava se a luta estaria assim também em Herat, e, se estivesse, como estaria o mulá Faizullah, se ainda estava vivo, e também Bibi *jo* e todos os seus filhos, damas de companhia e netos. E, claro, Jalil. Será que estava se escondendo como ela, conjecturava. Ou tinha pegado as mulheres e filhos e fugido do país? Esperava que Jalil estivesse em algum lugar seguro, que tivesse conseguido escapar de toda aquela matança.

Durante uma semana, os combates obrigaram até mesmo Rasheed a ficar em casa. Trancou o portão do jardim, espalhou armadilhas, trancou também a porta da casa e levantou barricadas com o sofá. Ficava andando pela casa, fumando, olhando pela janela, limpando sua pistola, carregando e descarregando a arma. Duas vezes ele disparou em direção à rua, alegando ter visto alguém tentar pular o muro.

— Eles estão obrigando garotos jovens a se alistar — contou. — Os mujahidin. Em plena luz do dia, na mira das armas. Arrastam garotos das ruas. E quando soldados da milícia rival capturam esses garotos, eles os torturam. Ouvi dizer que os eletrocutam — foi o que ouvi —, que esmagam

os testículos com alicates. Obrigam os garotos a mostrar onde moram. Daí invadem a casa, matam os pais, estupram as irmãs e as mães.

Acenou com a arma à altura da cabeça.

— Quero ver eles tentarem arrombar a minha casa. Eu esmago os testículos *deles*! Estouro a cabeça de todo mundo! Vocês sabem a sorte que têm de contarem com um homem que não tem medo nem do próprio Shaitan?

Olhou para baixo, viu Aziza aos seus pés.

— Sai de trás de mim! — gritou, fazendo menção de atirar com a pistola. — Para de me seguir! E pode parar de retorcer os pulsos desse jeito. Não vou te pegar no colo. Vai. Sai daqui antes que eu acabe pisando em você.

Aziza se retraiu. Engatinhou em direção a Mariam, parecendo magoada e confusa. No colo de Mariam, ficou chupando o dedão com ar de desânimo e olhando Rasheed de um jeito tristonho e pensativo. De vez em quando, olhava para cima, imaginou Mariam, como se quisesse se sentir mais segura.

Mas, no quesito paterno, Mariam não oferecia segurança nenhuma.

Mariam se sentiu aliviada quando a batalha amainou, principalmente porque não precisavam mais aguentar Rasheed infestando a casa com seu mau humor. E por ficar muito assustada quando ele manuseava aquela arma carregada perto de Aziza.

Um dia, naquele inverno, Laila se ofereceu para fazer tranças no cabelo de Mariam.

Mariam ficou parada, observando os dedos finos de Laila no espelho enlaçando suas tranças, o rosto crispado de concentração. Aziza dormia enrodilhada no chão, com uma boneca que Mariam tinha costurado à mão para ela debaixo do braço. Mariam a tinha enchido de feijões, feito um vestido com retalhos e um colar com carretéis de linha vazios que ligou com um fio no meio.

Aziza soltou gases enquanto dormia. Laila começou a rir, e Mariam riu junto com ela. Ficaram rindo as duas, vendo o reflexo uma da outra no espelho, os olhos lacrimejando, e o momento foi tão natural, tão espontâneo, que de repente Mariam começou a falar sobre Jalil, sobre Nana e do *jini*. Laila ficou com as mãos pousadas nos ombros de Mariam, os olhos fixos na imagem do espelho. E as palavras jorraram, como sangue saindo de uma artéria. Mariam contou sobre Bibi *jo*, o mulá Faizullah, a humilhante passagem pela casa de Jalil, o suicídio de Nana. Falou sobre as mulheres de Jalil, depois da apressada *nikka* com Rasheed, a viagem a Cabul, as gestações, os intermináveis ciclos de esperança e decepção, as agressões de Rasheed.

Depois, Laila sentou-se ao pé da cadeira de Mariam. Distraidamente, removeu um pedaço de linha enroscado no cabelo de Aziza. Seguiu-se um silêncio.

— Eu também tenho uma coisa para contar — falou Laila.

Mariam não dormiu naquela noite. Ficou na cama, vendo a neve cair em silêncio.

Estações do ano tinham ido e voltado; presidentes tomaram posse e foram assassinados em Cabul; um império havia sido derrotado; antigas guerras acabaram e novas guerras eclodiram. Mas Mariam mal tinha notado, mal tinha prestado atenção. Tinha passado todos esses anos num recanto distante de sua mente. Um campo seco e deserto, isento de desejos ou lamentações, além de sonhos e decepções. Lá, o futuro não importava. E o passado continha sua sabedoria: que o amor era um equívoco prejudicial, e que sua cúmplice, a esperança, era uma ilusão traiçoeira. E toda vez que essas flores gêmeas venenosas começavam a brotar na terra crestada daquele território, Mariam as arrancava pelas raízes. Arrancava e as enterrava antes que pudessem vingar.

Mas de alguma forma, durante os últimos meses, Laila e Aziza — uma *harami* tal qual ela, como ficou sabendo — se tornaram extensões dela, e agora, com elas, a vida que Mariam vinha suportando por tanto tempo subitamente parecia insuportável.

Nós vamos embora na primavera, eu e Aziza. Venha com a gente, Mariam.

Os anos não tinham sido gentis com Mariam. Mas talvez, ela pensou, ainda houvesse anos mais gentis à frente. Uma nova vida, uma vida em que pudesse encontrar as dádivas que Nana disse que uma *harami* como ela jamais teria. Duas novas flores tinham inesperadamente brotado em sua vida e, enquanto Mariam observava a neve caindo, imaginou o mulá Faizullah dedilhando suas contas de oração, aproximando-se para sussurrar em sua voz suave e trêmula: *Mas foi Deus quem as plantou, Mariam jo. E é Sua vontade que você cuide delas. É a vontade Dele, minha menina.*

TRINTA E SEIS

Laila

QUANDO A LUZ DO DIA CLAREOU a escuridão do céu naquela manhã de primavera de 1994, Laila teve certeza de que Rasheed sabia. Que a qualquer momento ele a arrastaria da cama e perguntaria se ela realmente achava que ele era um *khar*, um burro, que não descobriria a verdade. Mas a *azan* soou, depois o sol da manhã começou a bater em cheio nos telhados, os galos cantaram e nada de extraordinário aconteceu.

Laila o ouviu no banheiro, o som das batidas do aparelho de barbear na beira da pia. Depois lá embaixo, andando, aquecendo o chá. As chaves tilintaram. Em seguida, ele atravessou o quintal na sua bicicleta.

Laila espiou por uma abertura das cortinas da sala de estar. Viu quando ele se afastou pedalando, um homenzarrão numa bicicletinha, o sol da manhã refletindo no guidom.

— Laila?

Mariam estava na porta. Laila percebeu que também não conseguira dormir. Conjecturou se Mariam também tinha sido assolada a noite toda por acessos de euforia e ataques de ansiedade de deixar a boca seca.

— Vamos sair em meia hora — disse Laila.

As duas não conversaram no banco traseiro do táxi. Aziza ficou no colo de Mariam, abraçada com a boneca, olhando com expressão de surpresa a cidade passando pela janela.

— *Ona!* — gritou, apontando um grupo de garotinhas pulando corda. — *Mayam! Ona.*

Para onde olhasse, Laila via Rasheed. Avistava-o saindo de barbearias com janelas cor de pó de carvão, de barraquinhas que vendiam perdizes, de esquálidas lojas nas calçadas cheias de pneus velhos empilhados do chão ao teto.

Afundou mais no banco.

Ao seu lado, Mariam murmurava uma oração. Laila gostaria de poder ver o rosto dela, mas Mariam estava de burca — as duas estavam — e ela só conseguia ver o brilho de seus olhos através do véu.

Era a primeira vez que Laila saía de casa em semanas, descontando o pequeno trajeto até a loja de penhores no dia anterior — onde deslizou a

aliança no balcão de vidro, de onde saiu empolgada com seu objetivo, sabendo que não havia como voltar atrás.

Por toda volta, Laila via as consequências da batalha recente cujos sons tinha ouvido da casa. Casas sem teto em ruínas de tijolos e pedras fraturadas, prédios desabados com vigas despontando pelas rachaduras, as carcaças calcinadas e retorcidas de automóveis, capotados, às vezes amontoados uns sobre os outros, paredes perfuradas de balas de todos os calibres concebíveis, vidros estilhaçados por toda parte. Viu um cortejo fúnebre dirigindo-se a uma mesquita, uma anciã num manto preto na traseira puxando os cabelos. Passaram por um cemitério forrado de covas marcadas por montes de pedra e bandeiras *shaheed* rasgadas tremulando ao vento.

Laila estendeu a mão sobre a mala, passou os dedos pela suavidade do braço da filha.

Na estação rodoviária do portão Lahore, perto de Pol Mahmood Khan, na zona leste de Cabul, uma fileira de ônibus estacionava no meio-fio. Homens de turbante carregavam trouxas e caixotes no teto dos ônibus, amarrando malas com cordas. Dentro da estação, homens faziam filas para os guichês de passagem. Mulheres envoltas em burcas se reuniam em grupos e tagarelavam, os pertences empilhados aos pés. Bebês eram embalados, crianças tomavam bronca para não se afastar.

Milicianos mujahidin patrulhavam a estação e a calçada, ladrando ordens aqui e ali. Usavam botas, *pakols*, uniformes cáquis. Todos portando Kalashnikovs.

Laila se sentiu observada. Não olhava ninguém diretamente, mas sentia como se todos no local soubessem, a olhassem e a repreendessem pelo que ela e Mariam estavam fazendo.

— Já encontrou alguém? — perguntou Laila.

Mariam mudou Aziza de posição no colo.

— Estou procurando.

Este, Laila sabia, seria o primeiro movimento arriscado, encontrar um homem apropriado para posar com elas como membro da família. A liberdade e as oportunidades que as mulheres tinham usufruído entre 1978 e 1992 eram agora coisa do passado — Laila ainda se lembrava de babi dizendo sobre aqueles anos sob o governo comunista: *É uma boa época para ser mulher no Afeganistão, Laila*. Desde a tomada do poder pelos mujahidin, em abril de 1992, o nome do Afeganistão tinha sido mudado para Estado Islâmico do Afeganistão. Sob Rabbani, a Suprema Corte agora estava repleta de mulás linha-dura que descartaram os decretos da era comunista que conferiam direitos às mulheres e passaram decretos baseados na Shari'a, leis islâmicas estritas que obrigavam as mulheres a se cobrir, proibiam que viajassem sem um parente do sexo masculino, puniam o adultério com o apedrejamento. Ainda que a imposição dessas leis fosse esporádica, na melhor das hipóteses. *Mas eles estariam nos reprimindo mais se não estivessem*

tão ocupados se matando, e a nós, explicou Laila a Mariam.

O segundo movimento arriscado da viagem seria quando afinal chegassem ao Paquistão. Já sobrecarregado com cerca de dois milhões de refugiados afegãos, o Paquistão tinha fechado as fronteiras com o Afeganistão em janeiro daquele ano. Laila ouvira dizer que só eram admitidos os que dispunham de vistos de entrada. Mas a fronteira era porosa — sempre fora —, e Laila sabia que milhares de afegãos ainda atravessavam para o Paquistão via suborno ou apelando para bases humanitárias — e sempre havia contrabandistas que podiam ser contratados. *Quando chegarmos, nós arranjamos uma maneira*, ela disse a Mariam.

— O que você acha dele? — perguntou Mariam, apontando com o queixo.

— Não parece confiável.

— E ele?

— Velho demais. E está viajando junto com outros dois homens.

Finalmente, Laila o encontrou sentado num banco do parque do outro lado da rua, com uma mulher com véu ao seu lado e um garotinho de casquete, mais ou menos da mesma idade de Aziza, sobre os joelhos. Era alto e esguio, de barba, usando uma camisa de colarinho aberto e um modesto casaco cinza em que faltavam botões.

— Espere aqui — disse a Mariam. Ao se afastar, ouviu mais uma vez Mariam sussurrando uma oração.

Quando Laila se aproximou do jovem, ele ergueu a cabeça, protegeu os olhos do sol com a mão.

— Desculpe, irmão, mas vocês estão indo para Peshawar?

— Sim — ele respondeu, estreitando os olhos.

— Será que poderia nos ajudar? Pode nos fazer um favor?

O homem passou o garoto para a esposa. Ele e Laila afastaram-se um passo.

— O que seria, *hamshira*?

Laila sentiu-se encorajada quando viu que ele tinha olhos meigos, um rosto bondoso.

Contou então a história que ela e Mariam tinham criado juntas. Ela era uma *biwa*, explicou, uma viúva. Ela e a mãe e a filha não tinham ninguém mais em Cabul. Estavam indo a Peshawar para ficar com um tio.

— E você quer ir com a minha família — disse o jovem.

— Eu sei que é *zahmat* para você. Mas você parece um irmão honesto, e eu...

— Não se preocupe, *hamshira*. Eu entendo. Não é problema. Eu vou comprar as suas passagens.

— Obrigada, irmão. Isso é uma *sawab*, uma boa ação. Deus vai se lembrar.

Laila pescou o envelope no bolso embaixo da burca e entregou a ele. Eram mil e cem afeganes, mais ou menos metade do dinheiro que tinha

escondido no último ano mais a venda da aliança. Ele guardou o envelope no bolso da calça.

— Espere aqui.

Ficou olhando enquanto ele entrava na estação. Voltou meia hora depois.

— É melhor eu ficar com as passagens — falou. — O ônibus parte daqui a uma hora, às onze. Vamos entrar juntos. Meu nome é Wakil. Se eles perguntarem — mas não devem perguntar —, vou dizer que você é minha prima.

Laila disse os nomes delas, ele disse que ia se lembrar.

— Fique por perto — recomendou.

As duas sentaram num banco adjacente ao de Wakil e a família. Era uma manhã quente e ensolarada, o céu manchado por poucas nuvens tênues pairando à distância sobre as montanhas. Mariam começou a dar para Aziza algumas bolachas que tinha lembrado de trazer na pressa quando faziam as malas. Ofereceu uma a Laila.

— Eu vomitaria — riu Laila. — Estou ansiosa demais.

— Eu também.

— Obrigada, Mariam.

— Por quê?

— Por isso. Por ter vindo com a gente — respondeu Laila. — Acho que não conseguiria fazer isso sozinha.

— Não vai precisar.

— Nós vamos ficar bem, não vamos, Mariam, no lugar aonde vamos?

A mão de Mariam deslizou pelo banco e apertou a mão dela.

— O Corão diz que Alá é o Leste e o Oeste, por isso para onde nos voltarmos será o propósito de Alá.

— *Bov!* — gritou Aziza, apontando para um ônibus. — Mayam, *bov!*

— Estou vendo, Aziza *jo* — replicou Mariam. — Isso mesmo, *bov*. Daqui a pouco nós vamos estar num *bov*. Ah, as coisas que você vai ver.

Laila sorriu. Viu um carpinteiro em sua oficina do outro lado da rua serrando uma tábua, as farpas voando. Observou carros passando depressa, as janelas cobertas de pó e fuligem. Viu os ônibus ronronando parados no meio-fio, com pavões, leões, sóis nascentes e espadas cintilantes pintados nas laterais.

No calor daquela manhã de sol, Laila se sentia audaz e animada. Teve outro de seus pequenos acessos de euforia, e quando um cão de rua de olhos amarelos manquejou por perto, Laila se abaixou para fazer um carinho.

Poucos minutos antes das onze, um homem com um megafone anunciou o início do embarque de todos os passageiros para Peshawar. As portas do ônibus se abriram com um violento chiado hidráulico. Um cortejo de viajantes correu em sua direção, atropelando uns aos outros para chegar.

Wakil aproximou-se de Laila enquanto pegava o filho.

— Estamos indo — falou Laila.

Wakil foi na frente. Enquanto se aproximavam do ônibus, Laila viu rostos

aparecendo nas janelas, narizes e mãos contra o vidro. Ao redor, em toda parte, despedidas eram gritadas.

Um jovem miliciano verificava as passagens na porta do ônibus.

— *Bov!* — gritou Aziza.

Wakil deu as passagens para o soldado, que rasgou-as em dois e devolveu. Wakil deixou a esposa embarcar primeiro. Laila viu um olhar sendo trocado entre Wakil e o miliciano. Wakil, empoleirado no primeiro degrau do ônibus, inclinou-se e disse alguma coisa no ouvido do soldado. O miliciano aquiesceu.

O coração de Laila afundou.

— Vocês duas, com a criança, saiam da fila — disse o soldado.

Laila fingiu não ouvir. Fez menção de subir os degraus, mas foi agarrada pelo ombro e puxada para trás.

— Você também — ele disse a Mariam. — Depressa! Vocês estão atrapalhando a fila.

— Qual é o problema, irmão? — perguntou Laila com os lábios dormentes. — Nós temos passagens. Meu primo não entregou a você?

Ele fez um movimento de silêncio com o dedo e falou em voz baixa com outro guarda. O segundo guarda, um sujeito gordo com uma cicatriz na face direita, anuiu.

— Venham comigo — disse a Laila.

— Nós precisamos pegar este ônibus — gritou Laila, sabendo que sua voz estava trêmula. — Nós temos passagens. Por que está fazendo isso?

— Vocês não vão pegar este ônibus. É melhor aceitarem esse fato. Você vai vir comigo. A não ser que queira que sua filha veja você sendo arrastada.

Enquanto eram levadas até um caminhão, Laila olhou para trás e avistou o filho de Wakil na janela traseira do ônibus. O garoto também a viu e deu um aceno animado.

Na delegacia de polícia da interseção de Torabaz Khan, as duas sentaram separadas, nas extremidades opostas de um longo corredor, entre as duas uma mesa, atrás da qual um homem fumava um cigarro atrás do outro e às vezes teclava numa máquina de escrever. Três horas se passaram dessa maneira. Aziza passava de Laila para Mariam e voltava. Brincou com um clipe de papel que o homem da mesa deu a ela. Comeu todas as bolachas. Finalmente, adormeceu no colo de Mariam.

Por volta das três horas, Laila foi levada a uma sala de interrogatório. Mariam ficou esperando com Aziza no corredor.

O homem atrás da mesa na sala de interrogatório tinha uns trinta e poucos anos e usava roupas civis — terno preto, gravata, sapatos pretos. Tinha uma barba bem aparada, cabelo curto e sobranceiras emendadas. Olhou para Laila, batendo a borracha do lápis no tampo da mesa.

— Nós já sabemos que você contou pelo menos uma mentira hoje, *hamshira* — começou, limpando a garganta e cobrindo educadamente a boca

com o punho. — O homem na estação não era seu primo. Ele mesmo nos disse isso. A questão é se vai dizer mais mentiras hoje. Pessoalmente, aconselho-a a não fazer isso.

— Nós íamos ficar com o nosso tio — disse Laila. — Essa é a verdade.

O policial aquiesceu.

— A *hamshira* no corredor, ela é sua mãe?

— É.

— Ela tem um sotaque herati. Você não tem.

— Ela foi criada em Herat. Eu nasci aqui em Cabul.

— É claro. E você é viúva? Você disse que era. Meus pêsames. E esse tio, esse *kaka*, onde ele mora?

— Em Peshawar.

— Sim, você já falou isso. — Lambeu a ponta do lápis e encostou-o numa folha de papel em branco. — Mas onde em Peshawar? Em que bairro, por favor? Nome da rua, código postal.

Laila tentou engolir a bolha de pânico que subia pelo seu peito. Deu o nome da única rua que conhecia em Peshawar — tinha ouvido o nome uma vez, na festa que mami organizou quando os mujahidin tomaram Cabul. — Rua Jamrud.

— Ah, sim. A mesma rua onde fica o Pearl Continental Hotel. Ele deve ter mencionado isso.

Laila aproveitou a oportunidade e disse que sim.

— Essa mesma rua, sim.

— Só que o hotel é na rua Khyber.

Laila ouviu Aziza chorando no corredor.

— Minha filha está assustada. Posso ir pegá-la, irmão?

— Prefiro “agente”. E você vai estar logo com ela. Você tem o número do telefone do seu tio?

— Tenho. Tinha. Eu... — Mesmo com a burca entre os dois, Laila não se sentia protegida do olhar penetrante do homem. — Estou tão perturbada, acho que esqueci.

Ele exalou pelo nariz. Pediu o nome do tio, o nome da esposa. Quantos filhos eles tinham? Quais os nomes? Onde ele trabalhava? Que idade tinha? As perguntas deixaram Laila cada vez mais nervosa.

Pôs de lado o lápis, cruzou os dedos e inclinou-se para a frente, da forma como fazem os pais quando vão dizer alguma coisa a uma criança.

— Você não sabe, *hamshira*, que é crime uma mulher fugir de casa? Nós vemos muito disso. Mulheres viajando sozinhas, dizendo que o marido morreu. Às vezes estão dizendo a verdade, mas na maior parte das vezes, não. Você pode ser presa por fugir, suponho que entenda isso, *nay*?

— Deixa a gente ir, agente... — leu o nome no crachá da lapela — ... agente Rahman. Honre o significado do seu nome e tenha compaixão. Que diferença faz deixar duas mulheres irem embora? Que mal há em nos libertar? Nós não somos criminosas.

— Não posso.

— Eu imploro, por favor.

— É uma questão de *qanoon*, *hamshira*, uma questão legal — disse Rahman, injetando um tom grave e importante na voz. — Veja, é minha responsabilidade manter a ordem.

Apesar do desespero em que se encontrava, Laila quase deu uma risada. Ficou estupefata por ele ter usado essa palavra em face de tudo o que as facções de mujahidin tinham feito — os assassinatos, os saques, os estupros, as torturas, as execuções, os bombardeios, as dezenas de milhares de foguetes disparados entre si, indiferentes a todos os inocentes que morriam no fogo cruzado. *Ordem*. Mas preferiu morder a língua.

— Se nos mandar de volta — preferiu dizer —, não dá para dizer o que ele vai fazer conosco.

Laila percebeu o esforço que ele precisou fazer para não desviar os olhos.

— O que um homem faz em sua casa é assunto particular.

— E como vai ficar a *lei*, agente Rahman? — Lágrimas de raiva picaram seus olhos. — O senhor vai estar lá para manter a ordem?

— Por uma questão política, nós não interferimos nos assuntos particulares das famílias, *hamshira*.

— Claro que não interferem. Quando favorecem os homens. E isso não será um “assunto particular de família”, como explicou? Não é?

Ele se afastou da mesa e levantou, arrumando o paletó.

— Acho que esta entrevista está encerrada. Devo dizer, *hamshira*, que a sua história não é convincente. Nada convincente. Agora, por favor, espere lá fora. Vou trocar algumas palavras com a sua... seja lá o que ela for sua.

Laila começou a protestar, depois a gritar, e ele teve de pedir ajuda a dois outros homens para arrastá-la da sala.

O interrogatório de Mariam durou apenas alguns minutos. Quando saiu, ela parecia arrasada.

— Ele me fez tantas perguntas — falou. — Desculpe, Laila *jo*. Não sou inteligente como você. Ele me fez tantas perguntas, eu não sabia as respostas. Desculpe.

— Não é culpa sua, Mariam — disse Laila numa voz desanimada. — A culpa é minha. É tudo culpa minha. A culpa é toda minha.

* * *

Passava das seis horas quando o carro de polícia encostou na frente da casa. Laila e Mariam ficaram esperando no banco traseiro, guardadas por um soldado mujahidin no banco do passageiro. Foi o motorista que saiu do carro, que bateu na porta, que falou com Rasheed. Foi ele que gesticulou para que elas viessem.

— Sejam bem-vindas ao lar — disse o homem no banco da frente, acendendo um cigarro.

— Você — disse Rasheed a Mariam. — Você fica aqui.

Mariam sentou no sofá sem falar nada.

— Vocês duas, pra cima.

Rasheed agarrou Laila pelo cotovelo e a empurrou escada acima. Ainda estava com os sapatos que usava para trabalhar, não tinha calçado o chinelo, nem tirado o relógio, nem mesmo despido o casaco. Laila imaginou como ele estaria na última hora, ou talvez minutos, correndo de um quarto para o outro, batendo portas, incrédulo e furioso, xingando em voz baixa.

No topo da escada, Laila virou-se para ele.

— Ela não queria fazer isso — falou. — Eu forcei. Ela não queria ir...

Laila não viu de onde veio o murro. Num instante ela estava falando, no instante seguinte estava de quatro, olhos arregalados e rosto vermelho, tentando recuperar o fôlego. Era como se um carro a tivesse atropelado a toda velocidade, no ponto macio entre o esterno e o umbigo. Percebeu que tinha deixado Aziza cair, que Aziza chorava. Tentou respirar de novo e só conseguiu emitir um som rouco e abafado. Escorria saliva da sua boca.

Depois começou a ser arrastada pelos cabelos. Viu Aziza ser erguida, viu suas sandálias caírem dos pés, os pezinhos chutando. Ele arrancou cabelos do couro cabeludo de Laila e seus olhos marejaram de dor. Viu o pé dele abrir a porta do quarto de Mariam a pontapé, viu Aziza ser jogada na cama. Rasheed largou o cabelo de Laila, e ela sentiu a ponta do pé dele no traseiro. Gritou de dor quando ele fechou a porta. A chave matraqueou na fechadura.

Aziza continuava chorando. Laila estava encolhida no chão, ofegante. Conseguiu se erguer sobre as mãos, se arrastou até onde Aziza estava na cama. Pegou a filha no colo.

No andar de baixo, a surra começou. Para Laila, os sons que ouvia eram de um procedimento familiar e metódico. Não havia imprecações, gritos, súplicas ou gritos de surpresa, apenas o processo sistemático de bater e apanhar, o *tump, tump* de alguma coisa sólida atingindo repetidamente a carne, alguma coisa, alguém se chocando contra uma parede com um baque, tecido rasgando. De vez em quando, Laila ouvia sons de passos correndo, uma perseguição silenciosa, mobília sendo emborcada, vidro quebrando, depois o *tump, tump* de novo.

Laila pegou Aziza nos braços. Sentiu uma sensação morna na frente do vestido quando aliviou a bexiga.

No andar de baixo, as fugas e perseguições finalmente pararam. Ainda ouviu um som como o de um bastão de madeira batendo repetidamente no lado de um bife.

Laila ficou embalando Aziza até os sons pararem e, quando ouviu a porta de tela abrir e fechar com um rangido, pôs Aziza no chão e olhou pela janela. Viu Rasheed levando Mariam pelo quintal segurando-a pela nuca. Mariam estava descalça e dobrada na cintura. Havia sangue nas mãos dele, no rosto de Mariam, no cabelo, no pescoço e nas costas. Sua blusa estava rasgada na frente.

— Me desculpe, Mariam — gritou Laila no vidro.

Viu Rasheed empurrar Mariam no barracão. Ele entrou, saiu com um martelo e várias tábuas compridas. Fechou as portas duplas do barracão, pegou uma chave do bolso, trancou o cadeado. Experimentou as portas, depois deu a volta no barracão e trouxe uma escada.

Alguns minutos depois, o rosto dele estava na janela de Laila, pregos pendurados no canto da boca. O cabelo estava desgrenhado. A sobrancelha estava manchada de sangue. Ao vê-lo, Aziza gritou e enterrou o rosto na axila de Laila.

Rasheed começou a pregar as tábuas na janela.

A escuridão era total, impenetrável e constante, sem camadas ou textura. Rasheed encheu as fendas entre as tábuas com alguma coisa, empurrou um objeto grande e irremovível na soleira da porta de forma a não entrar luz nenhuma por baixo. Algo foi enfiado na fechadura.

Laila percebeu que era impossível medir a passagem do tempo com os olhos, então fazia isso com seu ouvido funcional. A *azan* e os galos cantando indicavam a manhã. O som de pratos batendo na cozinha lá embaixo e o som do rádio sinalizavam a noite.

No primeiro dia, as duas se abraçaram e se tatearam no escuro. Laila não conseguia enxergar Aziza quando ela chorava, quando saía engatinhando.

— *Aishee* — miava Aziza. — *Aishee*.

— Daqui a pouco. — Laila beijou a filha, mirando na testa, mas encontrando o cocuruto. — Daqui a pouco nós vamos ter leite. Tenha paciência. Seja uma garota boazinha e tenha paciência com a mami, que eu vou conseguir um pouco de *aishee*.

Laila cantou algumas canções.

A *azan* soou pela segunda vez e Rasheed continuava deixando as duas sem comida e, o pior, sem água. Naquele dia, foram envolvidas por um calor sufocante. O quarto virou uma panela de pressão. Laila passava a língua ressecada nos lábios, pensando no poço lá fora, na água fresca. Aziza continuou chorando, e Laila percebeu alarmada que quando acariciava as bochechas dela, a mão continuava seca. Tirou as roupas de Aziza, tentou encontrar algo para servir de leque, mas só conseguiu ficar soprando nela até sentir a cabeça zozna. Logo, Aziza parou de engatinhar pelo quarto. Adormecia e acordava.

Diversas vezes naquele dia, Laila bateu os punhos nas paredes, usou sua energia para gritar por socorro, na esperança que um vizinho a ouvisse. Mas ninguém veio, e seus gritos só assustavam Aziza, que começou a chorar outra vez, um choro fraco e grasnado. Laila deitou no chão. Pensou, sentindo-se culpada, em Mariam, surrada e sangrando, trancada no barracão naquele calor.

Em algum momento Laila sentiu sono, o corpo assando no calor. Teve um sonho em que ela e Aziza tinham encontrado Tariq. Ele estava do outro

lado de uma rua cheia de gente, embaixo do toldo de uma alfaiataria, agachado, mexendo num caixote de figos. *Aquele é o seu pai*, disse Laila. *Aquele homem ali, está vendo? Ele é o seu verdadeiro* baba. Chamou o nome dele, mas o burburinho da rua abafou sua voz e Tariq não ouviu.

Despertou com o assobio de foguetes passando por cima. Em algum lugar, o céu que ela não conseguia enxergar eclodia com detonações e com o martelar longo e frenético do fogo de metralhadoras. Laila fechou os olhos. Acordou de novo com os passos pesados de Rasheed no corredor. Arrastou-se até a porta, bateu com as palmas das mãos.

— Só um copo de água, Rasheed. Não para mim. Faça isso por ela. Você não quer ter as mãos sujas com o sangue da menina.

Ele continuou andando.

Laila começou a suplicar. Implorou pelo seu perdão, fez promessas. Amaldiçoou-o.

A porta dele fechou. O rádio foi ligado.

O muezim chamou para a *azan* uma terceira vez. De novo o calor. Aziza ficava cada vez mais indiferente. Parou de chorar, parou de se mexer.

Laila encostava o ouvido na boca de Aziza, sempre temendo o momento em que não ouviria o chiado fraco de sua respiração. Mesmo aquele pequeno ato de se levantar a deixava tonta. Adormecia, tinha sonhos de que não conseguia se lembrar. Quando acordava, examinava Aziza, sentia seus lábios rachados, a pulsação fraca no pescoço, deitava outra vez. Elas iam morrer ali, disse Laila tinha certeza, mas o que realmente temia era que sobrevivesse a Aziza, que era nova e frágil. Quanto mais Aziza poderia aguentar? Aziza ia morrer de calor, e Laila teria de esperar a própria morte ao lado de seu corpinho enrijecendo. Adormeceu outra vez. Acordou. Adormeceu. A linha que separava sonho e vigília esmaecia.

Não foram os galos nem a *azan* que a acordaram de novo, mas o som de algo pesado sendo arrastado. Ouviu um matraquear. De repente, o quarto foi inundado de luz. Seus olhos arderam num protesto. Laila levantou a cabeça, piscou e protegeu os olhos. Pelos vãos entre os dedos, viu uma silhueta grande e borrada de pé num retângulo de luz. A silhueta se moveu. Agora uma figura agachava ao seu lado, pairando sobre ela, e uma voz soou no seu ouvido.

— Se tentarem isso de novo eu vou encontrar vocês. Juro em nome do Profeta que vou encontrar vocês. E, quando encontrar, não haverá um tribunal neste país desgraçado que vá me responsabilizar pelo que vou fazer. Primeiro com Mariam, depois com ela, e você por último. Vou fazer você ver tudo. Está me entendendo? *Vou fazer você ver tudo*.

Com isso, ele saiu do quarto. Mas não antes de aplicar um chute no flanco de Laila que a deixou urinando sangue durante dias.

TRINTA E SETE

Mariam

SETEMBRO DE 1996

DOIS ANOS E MEIO DEPOIS, Mariam acordou na manhã de 27 de setembro aos sons de gritos e assobios, fogos e música. Correu para a sala de estar e já encontrou Laila na janela, Aziza montada em seu ombro. Laila virou e sorriu.

— O Talibã chegou — disse.

Mariam tinha ouvido falar do Talibã dois anos antes, em outubro de 1994, quando Rasheed chegou em casa com notícias de que eles tinham derrotado os chefes de guerra em Kandahar e ocupado a cidade. Era uma força de guerrilheiros, explicou, formada por jovens pashtuns cujas famílias haviam fugido para o Paquistão durante a guerra contra os soviéticos. A maioria tinha sido criada — alguns até nascido — em campos de refugiados ao longo da fronteira com o Paquistão e em madraças paquistanesas, onde eram educados na Shari'a pelos mulás. O líder era um analfabeto misterioso, recluso e caolho chamado mulá Omar, que, Rasheed observou jocosamente, se autodenominava *Ameer-ul-Mumineen*, Líder dos Fiéis.

— É verdade que esses jovens não têm *rishā*, não têm raízes — disse Rasheed, sem se dirigir nem a Mariam nem a Laila.

Desde a fuga fracassada, dois anos e meio antes, Mariam sabia que ela e Laila tinham se tornado a mesma coisa para ele, igualmente desqualificadas, as duas merecedoras da mesma desconfiança, desdém e desrespeito. Quando ele falava, Mariam tinha a sensação de que estava tendo uma conversa consigo mesmo, ou com alguma presença invisível no recinto, que, ao contrário dela e de Laila, merecia ouvir suas opiniões.

— Eles podem não ter passado — falou, fumando e olhando para o teto. — Podem não saber nada sobre o mundo ou a história deste país. Sim. E, comparada a eles, Mariam aqui poderia bem ser uma professora universitária. Hah! Tudo isso é verdade. Mas olhem ao redor. O que vocês veem? Comandantes mujahidin corruptos e ambiciosos, armados até os dentes, enriquecidos pela heroína, declarando jihad uns contra os outros e matando qualquer um no caminho — é isso. Ao menos o Talibã é puro e incorruptível. Ao menos são garotos muçulmanos honestos. *Wallah*, quando eles chegarem, vão limpar este lugar. Vão trazer paz e ordem. As pessoas não vão mais ser

mortas ao sair pra comprar leite. Sem mais foguetes! Pensem nisso.

Já havia dois anos que o Talibã vinha se encaminhando para Cabul, arrebatando cidades dos mujahidin, encerrando guerras entre facções tribais onde existissem. Capturaram e executaram o comandante hazara, Abdul Ali Mazari. Durante meses, tomaram posições na periferia ao sul de Cabul, disparando na cidade, trocando foguetes com Ahmad Shah Massoud. No início daquele setembro de 1996, tinham capturado as cidades de Jalalabad e Sarobi.

O Talibã tinha uma coisa que os mujahidin não tinham, explicou Rasheed. Eles eram unidos.

— Eles que venham — falou. — Eu, pelo menos, vou receber todos com uma chuva de pétalas.

Naquele dia eles saíram de casa, os quatro, Rasheed levando-as de um ônibus a outro, para recepcionar o novo mundo, seus novos líderes. Em cada bairro destruído, Mariam via pessoas se materializando dos escombros e andando pelas ruas. Viu uma velha desperdiçando punhados de arroz que jogava nos passantes, um sorriso murchado e desdentado no rosto. Dois homens abraçavam o que restava de um prédio arruinado, enquanto acima deles soavam os assobios, chiados e explosões de uns poucos fogos de artifício disparados por meninos empoleirados nos tetos das casas. O hino nacional soava em toca-fitas, competindo com as buzinas dos automóveis.

— Olha, Mayam! — Aziza apontou um grupo de garotos correndo pela Jadeh Maywand. Davam socos no ar e arrastavam latas enferrujadas amarradas num barbante. Estavam bradando que Massoud e Rabbani tinham se retirado de Cabul.

Em toda parte, havia gritos de *Allah-u-akbar!*

Mariam viu um lençol pendurado numa janela da Jadeh Maywand. No lençol, havia três palavras pintadas em letras grandes e negras: ZENDA BAAD TALIBAN! Vida longa ao Talibã!

Enquanto andavam pelas ruas, Mariam avistou mais cartazes — pintados em janelas, pregados em portas, tremulando em antenas de automóveis — proclamando a mesma coisa.

Mariam viu o primeiro sinal do Talibã mais tarde naquele dia, na praça Pashtunistão, com Rasheed, Laila e Aziza. Um aglomerado de gente se reunia lá. Mariam viu pessoas esticando o pescoço, pessoas amontoadas ao redor de uma fonte azul no centro da praça, pessoas empoleiradas no fundo seco da fonte. Estavam tentando ter uma visão do fim da praça, perto do velho restaurante Khyber.

Rasheed usou seu tamanho para passar empurrando os participantes, levando-as até um local onde alguém falava por um alto-falante.

Quando Aziza viu a cena, deu um grito e enterrou o rosto na burca de

Mariam.

A voz do alto-falante era de um jovem magro e barbado usando um turbante preto. Estava em pé numa espécie de palanque improvisado. Na mão livre, segurava um lança-foguetes. Atrás dele, dois homens ensanguentados pendiam amarrados a postes de sinais de trânsito. As roupas estavam esfarrapadas. Os rostos inchados eram azuis e arroxeados.

— Eu conheço ele — disse Mariam —, o da esquerda.

Uma jovem na frente de Mariam virou e disse que era Najibullah. O outro era o irmão dele. Mariam se lembrou do rosto gorducho e de bigode de Najibullah sorrindo nos cartazes de ruas e nas vitrines de lojas durante os anos soviéticos.

Depois ficaria sabendo que o Talibã tinha arrastado Najibullah de seu santuário no quartel-general da ONU perto do palácio Darulaman. Que o torturaram durante horas, depois amarraram suas pernas num caminhão e arrastaram seu corpo sem vida pelas ruas.

— Ele matou muitos, muitos muçulmanos! — bradava o jovem talibã pelo alto-falante. Falava persa com um sotaque pashtun, depois mudava para pashtun. Pontuava as palavras apontando os cadáveres com sua arma. — Seus crimes são conhecidos por todos. Ele era um comunista e um *kafir*. Isso é o que fazemos com infiéis que cometem crimes contra o Islã!

Rasheed ostentava um sorriso malicioso.

Nos braços de Mariam, Aziza começou a chorar.

No dia seguinte, Cabul foi invadida por caminhões. Em Khair Khana e em Shar-e-Nau, em Karteh-Parwan, em Wazir Akbar Khan e em Taimani, utilitários Toyota vermelhos serpenteavam pelas ruas. Homens barbudos armados com turbantes pretos ocupavam as carrocerias. De cada picape, um alto-falante berrava pronunciamentos, primeiro em persa, depois em pashtun. A mesma mensagem saía por alto-falantes no alto das mesquitas e no rádio, que agora era conhecido como a Voz da Shari'a. A mensagem também estava escrita em folhetos, jogados pelas ruas. Mariam encontrou um no quintal.

Nossa watan agora é conhecida como Emirado Islâmico do Afeganistão. Estas são as leis que aplicaremos e vocês obedecerão:

Todos os cidadãos devem rezar cinco vezes por dia. Quem for pego fazendo outra coisa na hora da oração será espancado.

Todos os homens deverão usar barba. O comprimento correto é pelo menos um punho abaixo do queixo. Quem não obedecer será espancado.

Todos os garotos usarão turbante. Garotos da primeira à sexta séries usarão turbantes pretos, os mais adiantados usarão branco. Todos os meninos usarão roupas islâmicas. Os colarinhos das camisas devem estar abotoados.

Cantar é proibido.

Dançar é proibido.

Jogar baralho, jogar xadrez, outros jogos e empinar pipas estão proibidos.

Escrever livros, assistir a filmes e desenhar imagens são proibidos.

Quem tiver periquitos será espancado. Seus pássaros serão mortos.

Quem roubar terá a mão cortada à altura do pulso. Se roubar outra vez, terá o pé cortado.

Se você não for muçulmano, não reze onde possa ser visto por muçulmanos. Se rezar, será espancado e preso. Se for apanhado tentando converter um muçulmano à sua fé, será executado.

Atenção, mulheres:

Vocês devem ficar dentro de suas casas o tempo todo. Não é apropriado para mulheres sair sem destino pela rua. Quem sair, deve estar acompanhada por um mahram, um parente do sexo masculino. Quem for apanhada sozinha na rua será espancada e mandada de volta para casa.

Vocês não devem, sob nenhuma circunstância, mostrar o rosto. Fora de casa, devem sempre se cobrir com a burca. Se não fizerem isso, serão fortemente espancadas.

Cosméticos estão proibidos.

Jóias estão proibidas.

Vocês não usarão roupas elegantes.

Vocês não falarão, a não ser que falem com vocês.

Vocês não olharão os homens nos olhos.

Vocês não podem rir em público. Se rirem, serão espancadas.

Vocês não pintarão as unhas. Se pintarem, perderão um dedo.

As meninas estão proibidas de ir à escola. Todas as escolas para meninas serão fechadas imediatamente.

As mulheres estão proibidas de trabalhar.

Quem for considerada culpada de adultério será apedrejada até a morte.

Escutem. Escutem com atenção. Obedeçam. Allah-u-akbar.

Rasheed desligou o rádio. Estavam jantando no chão da sala de estar, menos de uma semana depois de terem visto o cadáver de Najibullah pendurado numa corda.

— Eles não podem obrigar metade da população a ficar em casa sem fazer nada — disse Laila.

— Por que não? — questionou Rasheed. Daquela vez, Mariam concordou com ele. Ele tinha feito isso mesmo com ela e Laila, não tinha? Com certeza Laila via isso.

— Isso aqui não é uma aldeia. Isso aqui é *Cabul*. As mulheres estão acostumadas a exercer advocacia e medicina; elas tinham cargos governamentais...

Rasheed abriu um sorriso.

— Falou como a arrogante filha de um universitário leitor de poesias que você é. Muito urbano, muito tajique da sua parte. Você acha que isso é uma ideia nova e radical que o Talibã está inventando? Alguma vez já viveu fora da

sua preciosa conchinha em Cabul, minha *gul*? Alguma vez visitou o *verdadeiro* Afeganistão, o sul, o leste, as tribos ao longo da fronteira com o Paquistão? Não? Eu visitei. E posso dizer que existem muitos lugares neste país que sempre viveram dessa forma, ou pelo menos bem perto disso. Mas você não saberia isso.

— Eu me recuso a acreditar — falou Laila. — Eles não estão falando sério.

— O que o Talibã fez com Najibullah me pareceu sério — observou Rasheed. — Você não concorda?

— Ele era um comunista! Era o chefe da Polícia Secreta.

Rasheed deu risada.

Mariam ouviu a resposta na sua risada: que aos olhos do Talibã, o fato de ser comunista e chefe da temível KHAD tornava Najibullah só um *pouquinho* mais desprezível que uma mulher.

TRINTA E OITO

Laila

QUANDO O TALIBÃ COMEÇOU SEU TRABALHO, Laila ficou contente de babi não estar mais por perto para ver. Ele teria ficado arrasado.

Homens com picaretas invadiram o dilapidado Museu de Cabul e transformaram estátuas pré-islâmicas em escombros — isto é, as que já não haviam sido saqueadas pelos mujahidin. A universidade foi fechada e os estudantes mandados para casa. Quadros foram arrancados das paredes, dilacerados com facas. Telas de televisão eram chutadas. Livros, com exceção do Corão, eram queimados em pilhas, e as lojas que os vendiam, fechadas. Os poemas de Khalili, Pajwak, Ansari, Haji Dehqan, Ashraqi, Beytaab, Hafez, Jami, Nizami, Rumi, Khayyám, Beydel e outros viraram fumaça.

Laila ouvia falar de homens que, acusados de faltar à *namaz*, foram arrastados pelas ruas e empurrados para as mesquitas. Soube que o restaurante Marco Polo, perto da rua das Galinhas, fora transformado num centro de interrogatório. Às vezes ouviam-se gritos atrás das janelas pintadas de preto. Por toda parte, a Patrulha da Barba percorria as ruas em utilitários Toyota à procura de rostos sem barba para sangrar.

Os cinemas também foram fechados. O Cinema Park. O Ariana. O Aryub. Salas de projeção foram saqueadas e os rolos de filmes, queimados. Laila se lembrou de todas as vezes que ela e Tariq foram àqueles cinemas para assistir a filmes indianos, aquelas histórias melodramáticas de amantes separados por algum trágico desvio do destino, um à deriva em alguma terra distante, o outro forçado a um casamento arranjado, os choros, as cantorias em campos de cravos, a ansiedade pelos encontros. Recordou como Tariq ria quando ela chorava naqueles filmes.

— O que será que eles fizeram com o cinema do meu pai? — comentou Mariam um dia com ela. — Quer dizer, se ainda estiver lá. E se ele ainda for o dono.

Kharabat, o gueto de música antiga de Cabul, foi silenciado. Músicos eram espancados e presos, os *rubabs*, *tambouras* e harmônios, pisoteados. O Talibã foi até o túmulo do músico favorito de Tariq, Ahmad Zahir, e deu tiros na laje.

— Ele já morreu há quase vinte anos — comentou Laila com Mariam. — Já não está suficientemente morto?

Rasheed não foi muito incomodado pelo Talibã. Só precisou deixar a barba crescer, o que ele fez, e frequentar a mesquita, o que também fez. Rasheed sentia pelo Talibã uma espécie de apreciação compreensiva e afetiva, como poderia ter por um primo errático sujeito a atos imprevisíveis hilários e escandalosos.

Todas as noites de quarta-feira, Rasheed ouvia a Voz da Shari'a, quando o Talibã anunciava os nomes dos que seriam castigados. Depois, às sextas, ia ao estádio Ghazi, comprava uma Pepsi e assistia ao espetáculo. Na cama, fazia Laila escutar enquanto descrevia, com um estranho entusiasmo, as mãos sendo amputadas, os açoitamentos, os enforcamentos, as decapitações.

— Hoje vi um homem cortar a garganta do assassino do irmão — contou uma noite, soltando halos de fumaça.

— São uns selvagens — disse Laila.

— Você acha? — ele replicou. — Comparados a quem? Os soviéticos mataram um milhão de pessoas. Sabe quantos os mujahidin mataram em Cabul só nos últimos quatro anos? Cinquenta mil. *Cinquenta mil!* Será tão insensível, em comparação, cortar a mão de alguns ladrões? Olho por olho, dente por dente. Está no Corão. Além do mais, me diz uma coisa: se alguém matasse Aziza, você não ia querer uma oportunidade de se vingar?

Laila lançou um olhar de desgosto a ele.

— Só estou argumentando — ele falou.

— Você é igualzinho a eles.

— É interessante a cor dos olhos de Aziza. Você não acha? Não é da cor do seu e nem do meu.

Rasheed virou para ficar de frente para ela, coçando com delicadeza a coxa dela com a unha torta do indicador.

— Deixa eu explicar — começou a dizer. — Se me der vontade... não estou dizendo que isso vai acontecer, mas poderia... eu poderia, eu teria direito de dar Aziza. O que você acharia disso? Ou eu poderia procurar o Talibã um dia, entrar e dizer que tenho minhas desconfianças a seu respeito. Só precisaria fazer isso. Na palavra de quem você acha que eles iriam acreditar? O que acha que eles fariam?

Laila afastou a perna dele.

— Não que eu vá fazer isso — continuou. — Eu não faria. *Nay*. Provavelmente não. Você me conhece.

— Você é desprezível — disse Laila.

— Essa é uma palavra feia — observou Rasheed. — Nunca gostei disso em você. Mesmo quando ainda era criança, andando por aí com aquele aleijado, você se achava muito esperta, com seus livros e poemas. De que vale toda sua esperteza agora? O que mantém você abrigada e não morando na rua, eu ou a sua inteligência? Eu sou desprezível? Metade das mulheres desta cidade seria capaz de matar para ter um marido como eu. Seriam capazes de *matar* por isso.

Rolou de volta e soprou fumaça em direção ao teto.

— Você gosta de palavras? Eu vou dizer um: perspectiva. É o que estou fazendo aqui, Laila. Garantindo que você não perca a perspectiva.

O que deixou o estômago de Laila enjoado o resto da noite foi o fato de que cada palavra dita por Rasheed era verdade, cada palavra.

Mas, de manhã, e por várias manhãs depois daquela, o desconforto no estômago persistiu, depois piorou, tornando-se algo assustadoramente familiar.

Alguns dias depois, numa tarde fria e encoberta, Laila estava deitada no chão do seu quarto. Mariam tirava uma soneca com Aziza no quarto dela.

Laila segurava uma vareta de metal que tinha arrancado com um alicate da roda de uma bicicleta abandonada, uma bicicleta que encontrou na mesma ruela em que ela e Tariq haviam se beijado anos antes. Por um longo tempo, Laila ficou no chão, respirando depressa, pernas abertas.

Ela tinha adorado Aziza desde o momento que suspeitara de sua existência. Não houve nenhuma dúvida a respeito, nenhuma incerteza. Que coisa terrível, pensou Laila, uma mãe ter medo de não conseguir amar o próprio filho. Que coisa mais inatural. Mas ela tinha de ponderar, deitada ali no chão, as mãos suadas prontas para enfiar a vareta, se realmente conseguiria amar o filho de Rasheed como amava a filha de Tariq.

No final, Laila não conseguiu fazer aquilo.

Não foi o medo de sangrar até morrer que a fez largar a vareta, nem mesmo a ideia de ser um ato condenável — que ela imaginava que fosse. Laila largou a vareta por não conseguir aceitar algo que os mujahidin encaravam com tanta naturalidade: que às vezes vidas inocentes eram ceifadas na guerra. A guerra dela era contra Rasheed. O bebê não tinha culpa. E já tinha havido muitas mortes. Laila já tinha visto muitas pessoas inocentes serem mortas no fogo cruzado entre os inimigos.

TRINTA E NOVE

Mariam

SETEMBRO DE 1997

— ESTE HOSPITAL NÃO ATENDE MAIS MULHERES — ladrou o guarda. No alto da escada, ele olhava para baixo com uma expressão gelada para a multidão reunida na frente do hospital Malalai.

A multidão urrou.

— Mas este é um hospital para mulheres! — gritou uma mulher atrás de Mariam. A observação foi aclamada aos gritos.

Mariam mudou Aziza de um braço para o outro. Com o braço livre ela apoiava Laila, que gemia, com o outro braço ao redor do pescoço de Rasheed.

— Não é mais — retrucou o talibã.

— Minha mulher vai ter um filho! — gritou um homem encorpado. — Vai deixar ela parir aqui na rua, irmão?

Mariam tinha ouvido o anúncio, em janeiro daquele ano, que homens e mulheres seriam atendidos em hospitais diferentes, que todas as funcionárias mulheres seriam retiradas dos hospitais de Cabul e mandadas para trabalhar numa instalação central. Ninguém tinha acreditado, nem o Talibã tinha aplicado a política. Até agora.

— E o hospital Ali Abad? — perguntou outra mulher.

O guarda abanou a cabeça.

— E o Wazir Akbar Khan?

— Só para homens — ele respondeu.

— E o que nós devemos fazer?

— Procurem o Rabia Balkhi — disse o guarda.

Uma jovem deu um passo à frente, disse que já havia estado lá. Falou que não havia água, nem oxigênio, medicamentos ou eletricidade.

— Não tem nada lá.

— É para onde vocês vão — explicou o guarda.

Houve gritos e gemidos, um ou dois insultos. Alguém atirou uma pedra.

O talibã ergueu seu Kalashnikov e disparou para o ar. Outro talibã atrás dele brandiu um chicote.

A multidão logo se dispersou.

A sala de espera do Rabia Balkhi fervilhava de mulheres de burca e seus filhos. O ar fedia a suor e corpos não banhados, a pés, urina, fumaça de cigarro e antisséptico. Embaixo do ventilador de teto parado, crianças corriam umas atrás das outras, pulando as pernas esticadas dos pais cochilando.

Mariam ajudou Laila a sentar encostando-a numa parede cujo reboco descascado tinha a forma de países estrangeiros. Laila balançava para a frente e para trás, as mãos segurando a barriga.

— Vou conseguir um exame pra você, Laila *jo*. Prometo.

— Depressa — disse Rasheed.

Diante do guichê de cadastro havia uma horda de mulheres empurrando umas às outras. Algumas ainda seguravam seus bebês. Algumas atravessavam pela multidão e arremetiam contra as portas duplas que levavam às salas de atendimento. Um guarda talibã bloqueou a passagem, mandou todas de volta.

Mariam entrou na multidão. Fincou os pés e forçou a passagem em meio a cotovelos, quadris e ombros de estranhas. Alguém acotovelou seus rins, ela reagiu com outra cotovelada. Uma mão tentou desesperadamente empurrar seu rosto. Ela desviou. Para avançar, Mariam arranhava pescoços e braços, cotovelos e cabelos e, quando uma mulher rosnou ao seu lado, ela rosnou de volta.

Agora Mariam via os sacrifícios que uma mãe fazia. Dignidade era apenas um deles. Pensou em Nana com tristeza, nos sacrifícios que também tivera de fazer. Nana, que poderia tê-la dado para adoção, ou a jogado em alguma vala e fugido. Mas não tinha feito isso. Preferiu aguentar a vergonha de criar uma *harami*, moldar a própria vida para a ingrata tarefa de criar Mariam e, do seu jeito, amá-la também. E, no fim, Mariam escolheu Jalil no lugar dela. Enquanto abria caminho com impudente resolução até o início da fila, Mariam desejava ter sido uma filha melhor para Nana. Gostaria de ter entendido naquela época o que entendia agora sobre a maternidade.

Viu-se frente a frente com uma enfermeira, coberta dos pés à cabeça com uma burca cinzenta e suja. A enfermeira falava com uma jovem com parte da cabeça sob a burca manchada de sangue.

— A bolsa de água da minha filha rompeu e o bebê não quer sair — disse Mariam.

— Ela está falando comigo! — bradou a jovem ensanguentada. — Espere a sua vez!

A massa de gente oscilava de um lado a outro, como o mato alto ao redor da *kolba* quando o vento varria a clareira. Uma mulher atrás de Mariam gritava que a filha tinha quebrado o cotovelo caindo de uma árvore. Outra mulher berrava que estava evacuando sangue.

— Ela está com febre? — perguntou a enfermeira. Demorou algum tempo até Mariam perceber que estava falando com ela.

— Não — respondeu Mariam.

— Sangrando?

— Não.

— Onde ela está?

Por cima das cabeças cobertas, ela apontou para onde Laila estava com Rasheed.

— Nós já vamos lá examinar — disse a enfermeira.

— Quanto tempo? — perguntou Mariam. Alguém a tinha agarrado pelo ombro e a estava arrastando.

— Não sei — respondeu a enfermeira. Disse que só havia dois médicos e os dois estavam operando no momento.

— Ela está com dor — continuou Mariam.

— Eu também! — gritou a mulher com a cabeça sangrando. — Espere a sua vez!

Mariam estava sendo arrastada. A visão que tinha da enfermeira foi bloqueada por ombros e nuças. Sentiu o cheiro do arto leitoso de um bebê.

— Leva ela para dar uma volta — falou a enfermeira. — E espere um pouco.

Já estava escuro lá fora quando uma enfermeira afinal os chamou. A sala de parto tinha oito leitos, nos quais mulheres gemiam e se retorciam enquanto eram atendidas por enfermeiras amortalhadas. Duas delas estavam no ato de dar à luz. Não havia cortinas entre os leitos. Laila ficou numa cama na extremidade mais distante, debaixo de uma janela que alguém havia pintado de preto. Havia uma pia ao lado, seca e rachada, e luvas cirúrgicas manchadas pendiam de um cordão para secar. No meio do quarto, Laila viu uma mesa de alumínio. Na prateleira de cima havia um cobertor cor de fuligem; a prateleira de baixo estava vazia.

Um das mulheres viu Mariam olhando aquilo.

— Eles põem os vivos na prateleira de cima — ela explicou com o ar cansado.

A médica, usando uma burca azul-escura, era uma mulher pequena e agitada que se movia como um passarinho. Tudo o que dizia soava com impaciência, urgência.

— Primeiro filho. — Disse aquilo não como uma pergunta, mas como uma afirmação.

— Segundo — respondeu Mariam.

Laila gritou e virou de lado. Seus dedos apertaram os de Mariam.

— Algum problema com o primeiro parto?

— Não.

— Você é a mãe dela?

— Sou — respondeu Mariam.

A médica levantou a barra da burca e tirou um instrumento metálico, em forma de cone. Ergueu a burca de Laila e encostou a extremidade mais larga do instrumento na barriga dela, a ponta mais fina no próprio ouvido. Ficou

ouvindo por quase um minuto, trocou de local, ouviu outra vez, mudou de lugar mais uma vez.

— Agora eu preciso sentir o bebê, *hamshira*.

Vestiu uma das luvas penduradas num pregador sobre a pia. Apertou a barriga de Laila com uma das mãos e enfiou a outra por dentro. Laila choramingou. Quando a médica acabou, entregou a luva para uma enfermeira, que lavou e voltou a pendurar no varal.

— Sua filha precisa de uma cesariana. Você sabe o que é isso? Vamos precisar abrir o útero para tirar o bebê, que está ao contrário.

— Não entendi — disse Mariam.

A médica explicou que o bebê estava numa posição em que não conseguiria sair sozinho.

— E já se passou muito tempo. Precisamos ir já para a sala de cirurgia.

Laila aquiesceu com uma careta de dor, e sua cabeça pendeu de lado.

— Tem uma coisa que eu preciso dizer — disse a médica. Aproximou-se mais de Mariam, abaixou-se e disse num tom de voz mais baixo e confidencial.

— O que ela está dizendo? — gemeu Laila. — Tem algum problema com o bebê?

— Mas como ela vai aguentar? — perguntou Mariam.

A médica deve ter detectado uma acusação naquela pergunta, a julgar pela mudança no tom para a defensiva.

— Você acha que eu quero fazer isso? — perguntou. — O que você quer que eu faça? Eles não me dão o que eu preciso. Também não tenho raio X, nem sucção ou oxigênio, nem mesmo um simples antibiótico. Quando as ONGS oferecem dinheiro, o Talibã recusa. Ou desviam o dinheiro para lugares que atendem homens.

— Mas não há nada que possa dar a ela, doutora sahib? — perguntou Mariam.

— O que está acontecendo? — gemeu Laila.

— Você poderia comprar o medicamento, mas...

— Escreva o nome — pediu Mariam. — Escreva o nome e eu vou comprar.

Embaixo da burca, a médica abanou a cabeça rapidamente.

— Não dá tempo — falou. — Para começar, nenhuma das farmácias por perto vai ter o medicamento. Se você tiver que lutar com o trânsito indo de um lugar para o outro, talvez até atravessar a cidade, é pouco provável que encontre. São quase oito e meia, então o mais provável é que você seja presa por desobedecer o toque de recolher. Mesmo se conseguir o remédio, o mais provável é que não tenha dinheiro para pagar. Ou vai se envolver num leilão com alguém igualmente desesperado. Não dá tempo. Esse bebê precisa sair agora.

— Me digam o que está acontecendo! — falou Laila, apoiada nos cotovelos.

A médica respirou fundo, em seguida disse a Laila que o hospital não tinha anestésicos.

— Mas se esperarmos mais, você vai perder a criança.

— Então me cortem logo — replicou Laila. Deitou na cama e encolheu os joelhos. — Me cortem logo e me deem o bebê.

Na sala de cirurgia antiga e encardida, Laila deitou numa maca enquanto a médica lavava as mãos numa bacia. Laila tremia. Respirava fundo cada vez que a enfermeira limpava sua barriga com um pano molhado num líquido amarelo-amarronzado. Outra enfermeira ficou na porta, mantendo-a aberta para dar uma espiada para fora.

A médica agora estava sem a burca, e Mariam viu que ela tinha uma mecha de cabelos brancos, pálpebras pesadas sobre os olhos e bolsas de fadiga nos cantos da boca.

— Eles querem que a gente opere de burca — explicou a médica, apontando com a cabeça a enfermeira na porta. — Ela está vigiando. Se vir alguém se aproximando, eu me cubro.

Disse isso com um tom pragmático, quase indiferente, e Mariam entendeu que aquela mulher encontrava-se bem além da indignação. Lá estava uma mulher, pensou, que tinha sorte até mesmo de estar trabalhando, mas sempre havia alguma coisa, alguma outra coisa, que eles poderiam tirar.

Havia duas hastes verticais, uma em cada lado da cama de Laila, à altura do ombro. Com pregadores, a enfermeira que tinha limpado a barriga de Laila pendurou um lençol nelas. Formou uma cortina entre Laila e a médica.

Mariam tomou posição atrás da cabeça de Laila e se abaixou até suas faces se tocarem. Sentiu que o queixo de Laila tremia. As mãos das duas mulheres se entrelaçaram.

Através da cortina, Mariam viu a sombra da médica se mover da esquerda para a direita de Laila. Os lábios de Laila estavam arreganhados. Bolhas de saliva se formavam e espocavam na superfície dos dentes cerrados. Ela emitia sons rápidos e sussurrados.

A médica disse:

— Tenha coragem, irmãzinha.

Inclinou-se sobre Laila.

Os olhos de Laila arregalaram. Depois foi a boca que abriu. Manteve essa expressão firme, trêmula, os tendões do pescoço esticados, suor escorrendo do rosto, os dedos esmagando os dedos de Mariam.

Mariam sempre admirou Laila por ter demorado tanto tempo para gritar.

QUARENTA

Laila

OUTONO DE 1999

FOI IDEIA DE MARIAM CAVAR O BURACO. Certa manhã, ela apontou um pedaço de terra atrás do barracão.

— A gente pode fazer aqui — falou. — Este é um bom lugar.

Revezaram-se escavando o chão com uma pá, amontoando a terra ao lado. Não tinham planejado um grande buraco, nem muito fundo, por isso o trabalho de escavação não deveria ser tão pesado quanto acabou sendo. Era a seca, iniciada em 1998, agora em seu segundo ano, que estava transtornando tudo. Mal tinha nevado no inverno anterior e não choveu durante toda a primavera. Em todo o país, fazendeiros deixavam suas terras ressecadas, vendendo todos os bens e perambulando de aldeia em aldeia em busca de água. Mudaram-se para o Paquistão ou o Irã. Estabeleceram-se em Cabul. Mas as cotas de água também eram baixas na cidade, e os poços rasos já tinham secado. As filas para os poços artesanais eram tão longas que Laila e Mariam passavam horas esperando a vez. O rio Cabul, sem suas enchentes do início da primavera, estava seco como um osso. Transformado num banheiro público, com nada mais além de fezes humanas e entulho.

Por isso elas continuaram empunhando a pá e cavando, mas o solo calcinado pelo sol era duro como pedra, a terra renitente, comprimida, quase petrificada.

Agora Mariam estava com quarenta anos. O cabelo, enrolado acima da testa, tinha listras grisalhas. Bolsas pesavam abaixo dos olhos, escuras e em forma de meia-lua. Tinha perdido os dois dentes da frente. Um caiu, o outro Rasheed quebrou quando ela sem querer deixou Zalmai cair. A pele era áspera, curtida pelo longo período que as duas passavam no jardim sob o sol abrasador. Ficavam sentadas vendo Zalmai correr atrás de Aziza.

Quando acabou, quando o buraco estava cavado, as duas olharam para baixo.

— Acho que já dá — disse Mariam.

Zalmai estava com dois anos. Era um garotinho roliço de cabelos encaracolados. Tinha olhos pequenos e amarronzados e uma tintura rósea nas bochechas, como Rasheed, independentemente do clima. O cabelo

também era igual ao do pai, basto, chegando até a testa curta em forma de meia-lua.

Quando Laila estava sozinha com ele, Zalmai era meigo, bem-humorado e brincalhão. Gostava de subir nos ombros de Laila, brincar de esconde-esconde no quintal com ela e Aziza. Às vezes, em seus momentos mais tranquilos, gostava de sentar no colo de Laila para que cantasse para ele. Sua música favorita era “Mulá Mohammad Jan”. Ele balançava os pezinhos gorduchos com a música e os cabelos anelados também, quando ela chegava ao refrão, entoando a letra que conseguia com sua voz fanhosa:

*Vamos lá para Mazar, mulá Mohammad jan,
Ver as plantações de tulipas, ó estimado companheiro.*

Laila adorava os beijos molhados que Zalmai plantava em suas bochechas, adorava as dobrinhas do cotovelo e os dedinhos gorduchos. Adorava fazer cócegas nele, construir túneis com almofadas e travesseiros para ele passar, ver quando adormecia em seus braços com uma das mãos sempre agarrada à orelha dela. O estômago de Laila revirava quando ela lembrava aquela tarde, deitada no chão com a vareta da roda de bicicleta entre as pernas. Como tinha chegado perto. Era impensável agora que tivesse considerado a ideia. Seu filho era uma bênção, e Laila sentia alívio por descobrir que seus temores se mostraram infundados, que ela amava Zalmai até a medula dos ossos, assim como amava Aziza.

Mas Zalmai venerava o pai e, por isso, se transformava quando Rasheed estava por perto babando por ele. Zalmai exaltava-se em gargalhadas desafiadoras ou esgares impudentes. Na presença do pai, ofendia-se com facilidade. Guardava rancores. Persistia em seus erros apesar das broncas de Laila, o que nunca fazia quando Rasheed não estava por perto.

Rasheed aprovava aquilo tudo.

— É sinal de inteligência — falava. Dizia o mesmo das negligências de Zalmai — quando botava na boca e depois cuspiam uma bola de gude; quando riscava fósforos; quando mastigava os cigarros de Rasheed.

Quando Zalmai nasceu, Rasheed botou-o para dormir na cama que dividia com Laila. Comprou um novo berço, com leões e leopardos pintados nas laterais. Comprou roupas novas, novos chocalhos, novas mamadeiras, novas fraldas, mesmo que pudesse reaproveitar as coisas antigas de Aziza que ainda podiam servir. Um dia, chegou em casa com um veículo movido à pilha, que pendurou sobre o berço de Zalmai. Joaninhas pretas e amarelas pendiam de um girassol, matraqueavam e gemiam quando apertadas. Tocavam uma música quando eram ligadas.

— Achei que os negócios estavam fracos — comentou Laila.

— Eu tenho amigos que me emprestam — ele respondeu, encerrando o assunto.

— E como você vai pagar?

— As coisas vão se acertar. Sempre se acertam. Olha, ele gostou. Está

viendo?

Na maioria dos dias, Laila ficava sem o filho. Rasheed o levava para a sapataria, deixando-o solto ao redor da sua congestionada bancada, brincando com velhas solas de sapato e tiras de couro. Rasheed pregava seus pregos e girava a polia da lixa, mantendo o olho atento nele. Se Zalmai derrubasse uma prateleira de sapatos, Rasheed o repreendia com delicadeza, de um jeito calmo e sorridente. Se fizesse de novo, Rasheed descansava o martelo, punha o filho na mesa e conversava com ele em voz baixa.

Sua paciência para com Zalmai era um poço profundo que nunca secava.

Os dois voltavam para casa à noite, Zalmai com a cabeça caída no ombro de Rasheed, os dois cheirando a cola e couro. Sorriam como pessoas que partilham um segredo, matreiros, como se tivessem ficado naquela sapataria escura o dia todo não fazendo sapatos, mas sim elaborando planos secretos. Zalmai gostava de ficar ao lado do pai no jantar, onde os dois faziam jogos particulares, enquanto Mariam, Laila e Aziza punham os pratos na *sofrah*. Revezavam-se cutucando o peito um do outro, dando risada, fazendo guerra de farelos de pão, cochichando coisas que as outras não conseguiam ouvir. Se Laila falasse com eles, Rasheed olhava com desprazer, como se aquilo fosse uma intromissão. Se pedisse para segurar Zalmai — ou, pior, se Zalmai a procurasse —, Rasheed olhava feio para ela.

Laila saía de perto se sentindo magoada.

Uma noite, poucas semanas depois que Zalmai fez dois anos, Rasheed chegou em casa com uma televisão e um videocassete. O dia tinha sido menos quente, quase ameno, mas a tarde estava mais fresca prenunciando uma noite fria e sem estrelas.

Botou tudo em cima da mesa. Disse que tinha comprado no mercado negro.

— Mais um empréstimo? — perguntou Laila.

— É um Magnavox.

Aziza entrou na sala. Quando viu a tv, correu na sua direção.

— Cuidado, Aziza *jo* — recomendou Mariam. — Não toque nisso.

Os cabelos dela tornaram-se tão claros quanto os de Laila. Laila via suas mesmas covinhas nas bochechas. Aziza era agora uma garotinha calma e pensativa, com um comportamento que para Laila parecia muito maduro para os seus seis anos. Laila admirava a maneira como a filha falava, a cadência e o ritmo, as pausas e as entonações reflexivas, tão adultas, tão contrastantes com o corpo imaturo que abrigava aquela voz. Foi Aziza, com uma autoridade tranquila, quem assumira a função de acordar Zalmai todos os dias, vesti-lo, preparar seu café da manhã, pentear seu cabelo. Era ela que o punha para cochilar, que fazia a equilibrada mediação com o temperamento inconstante do irmão. Quando ele estava por perto, Aziza costumava abanar a cabeça com uma exasperação estranhamente adulta.

Aziza apertou o botão para ligar a tv. Rasheed fez uma careta, agarrou o

pulso dela e a afastou da mesa, sem nenhuma delicadeza.

— Esta tv é do Zalmai — falou.

Aziza foi até Mariam e subiu no colo dela. As duas agora eram inseparáveis. Recentemente, com a aprovação de Laila, Mariam tinha começado a ensinar a Aziza versos do Corão. Aziza já recitava de cor a sura de *ikhlas*, a sura de *fatiha* e já sabia como proceder com as quatro *ruqats* das orações matinais.

É só o que tenho para dar a ela, disse Mariam a Laila, *esse conhecimento, essas orações. É a única coisa que tive na vida*.

Zalmai entrou na sala. Enquanto Rasheed observava-o com ansiedade, como pessoas esperando os truques simples de um mágico de rua, Zalmai puxou os fios da tv, apertou botões, mexeu na tela apagada, deixando marcas esmaecidas das palmas das mãos no monitor. Rasheed sorriu com orgulho, observando Zalmai mexer e remexer no aparelho.

O Talibã tinha banido a televisão. Videocassetes foram retalhados em público, as fitas rasgadas e penduradas em cercas. Antenas parabólicas foram suspensas em postes de iluminação. Mas Rasheed dizia que o fato de terem sido banidas não significava que não se poderiam encontrar essas coisas.

— Amanhã vou começar a procurar alguns desenhos animados — falou.
— Não vai ser difícil. É possível comprar qualquer coisa nos bazares clandestinos.

— Então talvez você possa comprar um poço novo — observou Laila, e por isso recebeu dele um olhar de desdém.

Só mais tarde, depois de outro jantar de arroz branco puro e sem chá por conta da seca, depois que Rasheed tinha fumado um cigarro, ele contou a Laila sobre a sua decisão.

— Não — respondeu Laila.

Ele disse que não estava perguntando.

— Não me importo se você está ou não perguntando.

— Mas faria diferença se você soubesse a história toda.

Rasheed disse que tinha pedido dinheiro emprestado de mais amigos do que admitira, que só o dinheiro da sapataria não era mais suficiente para sustentar os cinco membros da família.

— Eu não contei antes porque não queria deixar você preocupada. Além do mais — continuou —, você ficaria surpresa com o quanto isso pode render.

Laila disse não outra vez. Eles estavam na sala de estar. Mariam e as crianças estavam na cozinha. Laila podia ouvir o barulho dos pratos, a risada aguda de Zalmai, Aziza dizendo algo a Mariam em sua voz firme e sensata.

— Vai haver outras como ela, mais jovens ainda — disse Rasheed. — Todo mundo em Cabul está fazendo a mesma coisa.

Laila disse que não se importava com o que outras pessoas faziam com seus filhos.

— Eu vou ficar de olho nela — continuou Rasheed, agora menos

paciente. — É uma esquina segura. Tem uma mesquita do outro lado da rua.

— Eu não vou deixar você transformar minha filha numa mendiga de rua — disparou Laila.

O tapa fez um som alto, a palma e os dedos grossos de Rasheed atingindo de chapa a carne do rosto de Laila. A cabeça dela girou para o lado. Os ruídos da cozinha silenciaram. Por um momento, a casa ficou totalmente em silêncio. Em seguida houve um tropel de passos apressados no corredor antes de Mariam e as crianças chegarem à sala, os olhos alternando entre Rasheed e Laila.

Então Laila deu um murro nele.

Era a primeira vez que ela batia em alguém, descontando os golpes de brincadeira que trocava com Tariq. Mas eram tapas de mão aberta, mais tapas que socos, conscientes e amigáveis, expressões confortáveis de ansiedades ao mesmo tempo emocionantes e surpreendentes. Eram direcionados ao músculo que Tariq, num tom profissional, chamava de *deltoide*.

Laila viu a curva de seu punho fechado cortando o ar, sentiu o impacto da pele áspera e hirsuta em suas juntas. O som foi o de um saco de arroz caindo no chão. Foi um soco forte. O impacto fez com que ele recuasse dois passos.

Do outro lado da sala, um arquejo, um gemido e um grito. Laila não sabia quem tinha emitido qual som. No momento, estava perplexa demais para notar ou se importar, esperando até sua mente absorver o que a mão havia feito. Quando isso aconteceu, ela achou que talvez tivesse sorrido. Poderia ter *gargalhado* quando, para sua surpresa, Rasheed saiu da sala calmamente.

De repente, pareceu a Laila que as dificuldades comuns de suas vidas — dela, de Aziza, de Mariam — foram simplesmente descartadas, vaporizadas como as marcas das palmas da mão de Zalmi da tela da tv. Pareceu valer a pena, mesmo que de forma absurda, ter aguentado tudo que tinha aguentado por esse momento culminante, por esse ato desafiador que encerraria o sofrimento de todas as indignidades.

Laila não percebeu quando Rasheed voltou à sala. Até a mão dele agarrá-la pelo pescoço. Até ser erguida do chão e jogada contra a parede.

De perto, sua expressão de raiva parecia impossivelmente intensa. Laila percebeu o quanto ele estava inchando com a idade, quantos vasos rompidos mapeavam pequenos territórios no nariz dele. Rasheed não disse nada. E, na verdade, o que poderia ser dito, o que precisava ser dito, quando você enfia o cano de uma pistola na boca da sua esposa?

Eram as batidas, a razão de estarem escavando o quintal. Às vezes batidas mensais, às vezes semanais. Ultimamente, quase diárias. Basicamente, o Talibã confiscava coisas, chutava o traseiro de alguém, esbofeteava um ou dois. Mas às vezes havia espancamentos públicos, solas e palmas de mãos açoitadas.

— Devagar — dizia Mariam, os joelhos na beirada. Desceram a tv no buraco segurando pelas pontas do plástico que a embrulhava.

— Acho que está bom — falou Mariam.

Aplainaram a terra quando terminaram, enchendo o buraco de novo. Espalharam terra por cima para não parecer suspeito.

— Pronto — disse Mariam, limpando as mãos no vestido.

Quando fosse seguro, eles combinaram, quando o Talibã reduzisse as batidas, em um mês ou dois, ou seis, ou talvez mais tempo, eles tirariam a tv do buraco.

No sonho de Laila, ela e Mariam estavam perto do barracão cavando de novo. Mas, dessa vez, é Aziza quem está sendo posta no buraco. A respiração de Aziza embaça o plástico em que está envolta. Laila vê seu olhar de pânico, as palmas das mãos brancas se agitando tentando empurrar o plástico. Aziza implora. Laila não consegue ouvir os gritos. *Só por enquanto*, ela diz, *é só por enquanto. Por causa das batidas, sabe, meu amor? Quando acabarem as batidas, mami e khala Mariam vão tirar você daí. Prometo, meu amor. Depois a gente vai poder brincar. Vai poder brincar o quanto você quiser.* Ela enche a pá. Laila acordou, sem fôlego, com um gosto de terra na boca, quando os primeiros torrões bateram no plástico.

QUARENTA E UM

Mariam

No VERÃO DE 2000, a seca chegou ao seu terceiro e pior ano.

Em Helmand, em Zabol, em Kandahar, as aldeias se transformaram em hordas de comunidades nômades, sempre se deslocando em busca de água e pastos para seus animais. Quando não encontraram nem um nem outro, quando seus cabritos e ovelhas e vacas morreram, eles vieram para Cabul. Ocuparam a montanha de Kareh-Ariana, morando em cortiços improvisados, amontoados em barracos, quinze ou vinte ao mesmo tempo.

Foi também o verão do *Titanic*, o verão em que Mariam e Aziza eram um emaranhado de braços e pernas rolando e dando risada. Aziza insistindo que *ela* era o Jack.

— Quieta, Aziza *jo*.

— Jack! Diz o meu nome, *khala* Mariam. Diga. Jack!

— Seu pai vai ficar bravo se acordar.

— Jack! E você é a Rose.

Acabava com Mariam nas costas dela, rendida, concordando de novo em ser Rose.

— Tudo bem, você é o Jack — cedia. — Para morrer jovem, enquanto eu vivo e amadureço até envelhecer.

— Sim, mas eu morro como um herói — dizia Aziza —, enquanto você, Rose, passa toda a sua vida infeliz com saudade de mim. — Depois, sentando no peito de Mariam, ela anunciava: — Agora nós nos beijamos! — Mariam abanava a cabeça de um lado para o outro, e Aziza, deliciada com o próprio comportamento escandaloso, gargalhava pelo bico formado pelos lábios.

Às vezes Zalmai aparecia e assistia à brincadeira. Quem *ele* seria, perguntava.

— Você pode ser o iceberg — respondia Aziza.

Naquele verão, a febre do *Titanic* assolou Cabul. Pessoas contrabandeavam cópias piratas do filme do Paquistão — às vezes debaixo das roupas íntimas. Depois do toque de recolher, todo mundo trancava as portas, apagava a luz, baixava o volume e vertia lágrimas por Jack e Rose e pelos passageiros do malfadado navio. Quando havia eletricidade, Mariam, Laila e as crianças também assistiam. Uma dúzia de vezes ou mais, eles desenterraram a tv de trás do barracão, tarde da noite, com as luzes apagadas

e cobertas vedando as janelas.

No rio Cabul, os vendedores percorriam o leito seco e arenoso. Logo, nos vazios estorricados do rio, era possível comprar tapetes *Titanic* e toalhas *Titanic* em varais montados em carrinhos de mão. Havia desodorante *Titanic*, pasta de dentes *Titanic*, perfume *Titanic*, *pakora Titanic*, e até burca *Titanic*. Um mendigo particularmente persistente começou a se chamar de “Mendigo *Titanic*”.

Nascia a “*Titanic City*”.

É a música, diziam alguns.

Não, o mar. O luxo. O navio.

É o sexo, sussurravam.

Leo, dizia Aziza, encabulada. *É tudo por causa do Leo.*

— Todo mundo quer o Jack — dizia Laila a Mariam. — É disso que se trata. Todo mundo quer que um Jack o resgate do desastre. Mas não existe Jack. Jack não vai voltar. Jack morreu.

Então, mais tarde naquele verão, um comerciante de tecidos adormeceu e esqueceu de apagar o cigarro. Ele sobreviveu ao incêndio, mas a loja não. O fogo atingiu também uma fábrica de tecidos ao lado, uma loja de roupas usadas, um pequeno depósito de mobílias, uma padaria.

Depois disseram a Rasheed que se o vento estivesse soprando para o leste em vez de para o oeste, a sapataria, que era na esquina do quarteirão, poderia ter sido poupada.

* * *

Eles venderam tudo.

Primeiro foram as coisas de Mariam, depois as de Laila. As roupas de bebê de Aziza, os poucos brinquedos que Laila tinha obrigado Rasheed a comprar para ela. Aziza assistia aos procedimentos com uma expressão dócil. O relógio de Rasheed também foi vendido, o velho rádio transistor, as duas gravatas, os sapatos e a aliança. O sofá, a mesa, o tapete, as cadeiras também. Zalmai teve um chilique quando Rasheed vendeu a tv.

Depois do incêndio, Rasheed ficava em casa quase todos os dias. Estapeava Aziza. Dava pontapés em Mariam. Atirava coisas. Via defeitos em Laila, como cheirava, como se vestia, como penteava o cabelo, os dentes amarelando.

— O que aconteceu com você? — exclamava. — Eu casei com uma *pari* e agora estou amarrado a uma bruxa. Você está se transformando na Mariam.

Rasheed foi demitido da casa de *kebab* perto da praça Haji Yaghoub porque teve uma alteração com um cliente. O cliente reclamou que Rasheed tinha colocado o pão em seu prato de uma forma grosseira. Houve troca de palavras ásperas. Rasheed chamou o cliente de macaco com cara de

usbeque. Alguém puxou uma arma. Foi contraposta por um espeto. Na versão de Rasheed, ele estava com o espeto. Mariam tinha suas dúvidas.

Demitido do restaurante na Taimani porque os clientes se queixavam das longas esperas, Rasheed disse que o cozinheiro era lento e preguiçoso.

— Provavelmente você estava tirando uma soneca nos fundos — observou Laila.

— Não o provoque, Laila *jo* — advertiu Mariam.

— Eu estou avisando, mulher — disse Rasheed.

— Ou isso ou fumando.

— Juro por Deus.

— Você não consegue deixar de ser do jeito que é.

Rasheed pulou em cima de Laila, batendo no peito dela, na cabeça, golpeando a barriga, puxando os cabelos, jogando-a contra a parede. Aziza gritava, puxando a camisa dele; Zalmai chorava também, tentando tirar o pai de cima da mãe dele. Rasheed empurrou as crianças, jogou Laila no chão e começou a desferir pontapés, chutando Mariam também, saliva pulando da boca, os olhos ardendo de intenções assassinas, chutando até não aguentar mais.

— Juro que um dia você vai me obrigar a te matar — falou, arquejando, e saiu da casa batendo a porta.

Quando acabou o dinheiro, a fome começou a estender uma mortalha sobre a vida de todos. Para Mariam, foi surpreendente a rapidez com que aliviar a fome se tornou o ponto crucial da existência.

Arroz cozido, puro e branco, sem carne ou molho, agora era uma rara iguaria. Pulavam refeições com uma regularidade cada vez mais frequente e alarmante. Às vezes Rasheed trazia para casa sardinha em lata e pão seco e quebradiço com gosto de serragem. Às vezes um saquinho de maçãs roubadas, correndo o risco de ter a mão decepada. Nos mercados, embolsava com cuidado ravióli em lata, que eles dividiam em cinco partes, com Zalmai ficando com a parte do leão. Comiam nabo cru com sal. Folhas murchas de alface e bananas pretejas no jantar.

A morte por inanição de repente era uma possibilidade palpável. Alguns preferiam não esperar. Mariam ouviu falar de uma viúva da vizinhança que misturou pão duro com veneno de rato e serviu para os sete filhos. Guardou a maior porção para si mesma.

As costelas de Aziza começaram a aparecer na pele, a gordura das bochechas desapareceu. As pernas afinaram, e sua pele ganhou a tonalidade de um chá ralo. Quando Mariam a pegava no colo, podia sentir seu ilíaco espetando a pele esticada. Zalmai ficava andando pela casa, olhos opacos e semicerrados, ou no colo do pai jogado como um trapo. Chorava até dormir, quando tinha energia, mas seu sono era espasmódico e esporádico. Mariam enxergava pontos pretos sempre que se levantava. A cabeça girava, os ouvidos zuniam o tempo todo. Lembrou-se do que o mulá Faizullah costumava dizer

sobre a fome no início do Ramadã: *Até mesmo um homem picado por uma cascavel consegue dormir, mas não um faminto.*

— Meus filhos vão morrer — dizia Laila. — Bem diante dos meus olhos.

— Não vão, não — consolava Mariam. — Eu não vou deixar. Vai dar tudo certo, Laila *jo*. Eu sei que vai.

* * *

Em um dia de calor escaldante, Mariam vestiu sua burca, e ela e Rasheed foram andando até o Intercontinental Hotel. Uma tarifa de ônibus era um luxo inalcançável agora, e Mariam estava exausta quando chegaram ao alto da íngreme colina. Chegando ao cume, ela foi assolada por ataques de tontura, e duas vezes teve de parar e esperar passar.

Na entrada do hotel, Rasheed cumprimentou e abraçou um dos porteiros, vestido num terno cor de vinho e usando quepe com aba. Os dois tiveram uma conversa aparentemente amigável. A certa altura Rasheed gesticulou em direção a Mariam e os dois olharam para ela rapidamente. Mariam achou que havia algo levemente familiar no porteiro.

O porteiro voltou a entrar, e Mariam e Rasheed ficaram esperando. De onde estava, Mariam tinha uma visão do Instituto Politécnico e, mais além, do velho bairro de Khair Khana e da estrada para Mazar. Ao sul, podia ver a fábrica de pão, Silo, havia muito abandonada, a fachada amarelo-clara salpicada de buracos de bala de todos os disparos a que tinha resistido. Mais para o sul conseguia divisar as ruínas desertas do palácio de Darulaman, onde, muitos anos antes, Rasheed a tinha levado para um piquenique. A lembrança daquele dia era uma relíquia de um passado que não parecia ser mais o dela.

Mariam se concentrou naquelas coisas, naqueles marcos. Tinha medo de perder a coragem se deixasse o pensamento vagar.

A cada poucos minutos, jipes e táxis passavam pela entrada do hotel. Ouvia palavras em persa e em pashtun, mas também em urdu e árabe.

— Esses são os nossos *verdadeiros* senhores — disse Rasheed em voz baixa. — Paquistaneses e islamitas árabes. Os talibãs são os fantoches. Esses são os grandes jogadores, e o Afeganistão é o campo deles.

Rasheed contou que ouvira rumores de que o Talibã estava deixando aquela gente estabelecer campos secretos por todo o país, onde jovens estavam sendo treinados para se tornar homens-bomba suicidas e guerreiros da jihad.

— Por que ele está demorando tanto? — perguntou Mariam.

Rasheed deu uma cuspidada, jogou terra em cima do cuspel.

Uma hora depois, eles entraram, Mariam e Rasheed, seguindo o porteiro. Os saltos dos sapatos clicavam na lajota do piso enquanto atravessavam o saguão arejado e agradável. Mariam viu dois homens sentados em poltronas de couro, fuzis e uma mesa de café entre eles, bebendo chá preto e

comendo *jelabi* empanado coberto de açúcar de uma bandeja. Pensou em Aziza, que adorava *jelabi*, e desviou o olhar.

O porteiro deixou os dois do lado de fora de um balcão. Tirou do bolso um pequeno telefone sem fio preto e um pedaço de papel com um número escrito. Disse a Rasheed que era o telefone por satélite de seu supervisor.

— Eu consegui cinco minutos para vocês — falou. — Não mais.

— *Tashakor* — replicou Rasheed. — Não vou me esquecer disso.

O porteiro anuiu e se afastou. Rasheed digitou o número. Passou o telefone a Mariam.

Quando Mariam escutou o toque arranhado, seu pensamento voou. Relembrou a última vez que tinha visto Jalil, treze anos antes, na primavera de 1987. Ele estava na rua da casa dela, apoiado numa bengala, ao lado da Mercedes azul com placa de Herat e a faixa branca dividindo o teto, o capô e o porta-malas. Ficou lá horas, esperando por ela, chamando seu nome de vez em quando, exatamente como ela havia feito do lado de fora da casa *dele*. Mariam abriu a cortina uma vez, só um pouquinho, e o viu de relance. Foi só um relance, mas por tempo suficiente para notar que o cabelo estava branco e algodoado, e que ele estava mancando. Usava óculos, uma gravata vermelha, como sempre, e o mesmo lenço dobrado em forma de triângulo no bolso do paletó. O mais chocante é que estava mais magro, muito mais magro, do que ela se lembrava, o paletó do terno marrom-escuro caindo pelos ombros, as calças sobrando nos tornozelos.

Jalil também a vira, só por um instante. Seus olhos se encontraram brevemente através da abertura das cortinas, como tinham se encontrado muitos anos antes pela abertura de outras cortinas. Mas Mariam logo as fechou. Sentou na cama, esperando que ele fosse embora.

Pensava agora na carta que Jalil finalmente deixara na porta dela. Guardara a carta durante dias, embaixo do travesseiro, pegando-a de vez em quando, revirando-a nas mãos. No fim, acabou rasgando-a sem abrir.

E agora lá estava ela, depois de todos esses anos, telefonando para ele.

Mariam lamentava sua tolice, seu orgulho de juventude. Agora preferia ter deixado Jalil entrar. Que mal faria deixá-lo entrar, sentar com ele, deixar que dissesse o que tinha vindo dizer? Era o pai dela. Não tinha sido um bom pai, é verdade, mas o quanto seus defeitos pareciam comuns agora, quão perdoáveis, quando comparados à maldade de Rasheed, ou à brutalidade e à violência que tinha visto homens infligirem a outros.

Gostaria de não ter destruído aquela carta.

Uma voz grave de homem falou em seu ouvido informando que ela tinha ligado para o gabinete do prefeito de Herat.

Mariam limpou a garganta.

— *Salaam*, irmão, estou procurando alguém que mora em Herat. Ou morava, muitos anos atrás. O nome dele é Jalil Khan. Ele morava em Shar-e-Nau e era dono do cinema. O senhor tem alguma informação quanto ao paradeiro dele?

A irritação era audível na voz do homem.

— É para isso que está telefonando ao gabinete do prefeito?

Mariam disse que não sabia para quem mais telefonar.

— Me desculpe, irmão. Sei que tem coisas mais importantes para tratar, mas é uma questão de vida ou morte, estou ligando por uma questão de vida ou morte.

— Eu não o conheço. O cinema já foi fechado há muitos anos.

— Talvez alguém aí o conheça, alguém...

— Não tem ninguém.

Mariam fechou os olhos.

— Por favor, irmão. Há crianças envolvidas. Crianças pequenas.

Um longo suspiro.

— Talvez alguém aí...

— Tem um caseiro. Acho que ele morou a vida toda aqui.

— Isso, pergunte a ele, por favor.

— Ligue de novo amanhã.

Mariam disse que não podia.

— Eu só posso usar este telefone por cinco minutos. Eu não...

Houve um clique do outro lado, e Mariam achou que ele tinha desligado. Mas continuou ouvindo passos, e vozes, a distante buzina de um automóvel, um zumbido mecânico pontuado por cliques, talvez um ventilador elétrico. Mudou o telefone para a outra orelha, fechou os olhos.

Imaginou Jalil sorrindo, enfiando a mão no bolso.

Ah. É claro. Bem. Pronto. Sem mais delongas...

Um pingente em forma de folha, moedas gêmeas com luas e estrelas penduradas.

Experimente, Mariam jo.

O que você acha?

Acho que você parece uma rainha.

Passaram-se alguns minutos. Depois, passos, um rangido e um clique.

— Ele conhece esse homem.

— Conhece?

— É o que ele diz.

— Onde ele mora? — perguntou Mariam. — Esse homem sabe onde está Jalil Khan?

Houve uma pausa.

— Ele diz que Jalil morreu anos atrás, em 1987.

O estômago de Mariam desmanchou. Já tinha considerado essa possibilidade, é claro. Jalil deveria estar com mais de setenta anos agora, mas...

1987.

Então ele estava morrendo. Veio dirigindo de Herat para se despedir.

Foi até a ponta do balcão. De lá, podia ver a outrora famosa piscina do hotel, suja e vazia, marcada por furos de balas e azulejos decadentes. E lá

estava a sofrida quadra de tênis, a rede esfarrapada jogada no meio como uma pele morta largada por uma cobra.

— Eu preciso desligar — disse a voz do outro lado da linha.

— Desculpe pelo incômodo — disse Mariam, chorando em silêncio ao telefone. Viu Jalil acenando para ela, pulando de pedra em pedra ao atravessar o regato, os bolsos cheios de presentes. Todas as vezes que prendeu a respiração por ele, para Deus permitir ficar mais tempo com ele.

— Obrigada — começou a dizer Mariam, mas o homem do outro lado já tinha desligado.

Rasheed olhava para ela. Mariam abanou a cabeça.

— Inútil — ele disse, pegando o telefone. — Tal filha, tal pai.

Ao passarem pelo saguão, na saída, Rasheed andou depressa na direção da mesa de café, que agora estava vazia, e embolsou o último anel de *jelabi*. Levou para casa e deu a Zalmai.

QUARENTA E DOIS

LAILA

AZIZA BOTOU AS SEGUINTE COISAS NUMA SACOLA DE PAPEL: uma camisa florida e seu único par de meias, duas luvas que não faziam par, um velho cobertor cor de abóbora estampado de estrelas e cometas, um copo de plástico rachado, uma banana e seu jogo de dados.

Era uma manhã fresca de abril de 2001, pouco antes do aniversário de vinte e três anos de Laila. O céu era de um cinza translúcido, e lufadas de vento frio faziam a porta de tela bater.

Isso foi poucos dias depois de Laila ouvir falar que Ahmad Shah Massoud tinha viajado para a França e falado no Parlamento europeu. Massoud estava agora no seu norte nativo, liderando a Aliança do Norte, o único grupo opositor ainda em luta contra o Talibã. Na Europa, Massoud tinha alertado o Ocidente sobre os campos terroristas no Afeganistão e pedido ajuda dos Estados Unidos para lutar contra o Talibã.

— Se o presidente Bush não nos ajudar — declarou —, muito em breve esses terroristas vão prejudicar os Estados Unidos e a Europa.

Um mês antes disso, Laila soube que o Talibã tinha plantado TNT nas fendas dos Budas gigantes em Bamiyan e explodido as estátuas, alegando que eram objetos de idolatria e pecado. Houve uma comoção geral pelo mundo, dos Estados Unidos à China. Governos, historiadores e arqueólogos de todo o planeta escreveram cartas, implorando ao Talibã para não demolir os dois maiores artefatos históricos do Afeganistão. Mas o Talibã foi em frente e detonou os explosivos dentro dos Budas de dois mil anos. Cantavam *Allah-u-akbar* a cada explosão, vibravam cada vez que as estátuas perdiam um braço ou uma perna numa nuvem de poeira rochosa. Laila lembrou-se da ocasião em que esteve em cima do maior dos dois Budas com babi e Tariq, em 1987, a brisa no rosto iluminado pelo sol, um gavião planando em círculos sobre o grande vale abaixo. Mas quando ouviu a notícia da destruição das estátuas, Laila não se emocionou. Mal mereceu sua consideração. Como podia se preocupar com estátuas se sua própria vida estava se desfazendo em poeira?

Até o momento em que Rasheed disse que era hora de ir, Laila ficou sentada no chão num canto do quarto, sem falar e com a expressão de pedra, o cabelo caindo no rosto em mechas onduladas. Por mais que inspirasse e expirasse, Laila tinha a sensação de que não conseguia encher o pulmão de ar.

No caminho para Karteh-Seh, Zalmai balançava no colo de Rasheed e Aziza segurava a mão de Mariam andando depressa ao seu lado. O vento balançava a echarpe amarrada no queixo de Aziza e agitava a barra do vestido. Aziza parecia mais sisuda, como se tivesse começado a sentir, a cada passo, que estava sendo enganada. Laila não teve coragem de dizer a verdade a Aziza. Disse que ela estava indo para uma escola, uma escola especial onde as crianças comiam e dormiam e não voltavam para casa depois das aulas. Agora Aziza atormentava Laila com as mesmas perguntas que vinha fazendo havia dias. As alunas dormiam em quartos separados ou num daqueles quartos grandes? Será que ela faria amizades? Laila tinha certeza de que os professores eram simpáticos?

E, mais de uma vez: *Quanto tempo eu vou ter de ficar?*

Eles pararam a dois quarteirões do edifício achatado como um barracão.

— Eu e Zalmai vamos esperar aqui — disse Rasheed. — Ah, antes que eu me esqueça...

Pegou no bolso um bastão de bala de goma, um presente de despedida, e entregou a Aziza com um gesto rígido e magnânimo. Aziza murmurou um agradecimento. Laila admirou a graça de Aziza, sua enorme capacidade de perdoar, e seus olhos se encheram de água. O coração apertava, estava quase desfalecida de tristeza ao pensar que naquela tarde Aziza não tiraria uma soneca ao seu lado, que não sentiria o peso diáfano do braço de Aziza no peito, a curva da cabeça de Aziza pressionando suas costelas, o hálito de Aziza quente no seu pescoço, os calcanhares espetando sua barriga.

Quando Aziza foi levada, Zalmai começou a gemer e chorar, Ziza! Ziza! Chutava os braços do pai, se contorcendo, chamando a irmã, até sua atenção ser desviada para um macaco tocando órgão do outro lado da rua.

Caminharam sozinhas os dois quarteirões restantes, Mariam, Laila e Aziza. Quando se aproximaram do prédio, Laila viu a fachada lascada, o teto arqueado, pranchas de madeira pregadas no lugar das janelas, a estrutura de um balanço instalado numa parede decadente.

Pararam perto da porta, e Laila repetiu a Aziza o que já havia dito antes.

— Se eles perguntarem sobre o seu pai, o que você diz?

— Os mujahidin mataram — respondeu Aziza. Agora que estavam aqui, e o prédio era uma realidade, ela parecia abalada. O lábio inferior tremia e os olhos ameaçavam lacrimejar, e Laila percebeu o quanto ela estava lutando para ser corajosa. — Se nós falarmos a verdade — disse Aziza, numa voz quase sem fôlego —, eles não vão me aceitar. É uma escola especial. Eu quero ir pra casa.

— Eu vou vir te visitar sempre — Laila conseguiu dizer. — Prometo.

— Eu também — emendou Mariam. — Nós vamos visitar você, Aziza jo, e vamos brincar juntas, como sempre. É só por algum tempo, até o seu pai arranjar trabalho.

— Eles têm comida aqui — falou Laila, trêmula. Ainda bem que estava de burca, pois Aziza não via como ela estava caindo aos pedaços por dentro.

— Olha, você não vai sentir fome. Eles têm arroz e pão e água, e talvez até uma fruta.

— Mas você não vai estar aqui. E *khala* Mariam não vai ficar comigo.

— Eu vou vir te visitar — repetiu Laila. — Sempre. Olha pra mim, Aziza. Eu vou vir te visitar. Eu sou sua mãe. Mesmo se isso me matar, eu venho te visitar.

O diretor do orfanato era um homem magro e curvado com um rosto simpático e enrugado. Era calvo, tinha a barba embaraçada e olhos que pareciam ervilhas. Seu nome era Zaman. Usava um casquete. A lente esquerda dos seus óculos estava lascada.

Enquanto as conduzia até o escritório, perguntou a Laila e Mariam como elas se chamavam, perguntou o nome de Aziza também, a idade. Passaram por corredores mal iluminados onde crianças descalças abriam caminho e ficavam olhando. Todas tinham os cabelos desgrehados ou as cabeças raspadas. Usavam suéteres com mangas desfiadas, jeans rotos com os joelhos em tiras, casacos remendados com fita-crepe. Laila sentiu cheiro de sopa e talco, amônia e urina, e sentiu aumentar sua apreensão por Aziza, que tinha começado a choramingar.

Laila deu uma olhada no pátio: terreno coberto de mato, balanço desmoronando, pneus velhos, uma bola de basquete murcha. Os quartos por que passaram eram desmobiados, as janelas cobertas por pedaços de plástico. Um garoto saiu correndo de um dos quartos, agarrou o cotovelo de Laila e tentou subir no seu colo. Um ajudante, que estava limpando o que parecia uma poça de urina, deixou o esfregão de lado e afastou o garoto.

Zaman parecia delicado e simpático com os órfãos. Afagava a cabeça de alguns que passavam, dizia palavras cordiais, desgrehava seus cabelos, mas sem condescendência. As crianças gostavam do contato com ele. Todas olhavam para ele, considerou Laila, com esperança de aprovação.

Fez sinal para entrarem no escritório, uma sala com apenas três cadeiras dobráveis e uma bagunçada mesa cheia de papéis espalhados no tampo.

— Você é de Herat — disse Zaman a Mariam. — Posso reconhecer pelo sotaque.

Recostou-se na cadeira, cruzou as mãos na barriga e disse que tinha um cunhado que tinha morado lá. Mesmo naqueles pequenos gestos, Laila detectou uma característica laboriosa nos seus movimentos. E embora sorrisse um pouco, Laila percebeu que algo o incomodava e o magoava por dentro, decepção e fracasso disfarçados por um verniz de bom humor.

— Ele era vidraceiro — continuou Zaman. — Fazia lindos cisnes de vidro verde. Se olhasse contra a luz, eles cintilavam por dentro, como se o vidro estivesse cheio de pequenas joias. Você já voltou lá?

Mariam respondeu que não.

— Eu sou de Kandahar. Já estive em Kandahar, *hamshira*? Não? É linda. Que jardins! E que uvas! Ah, as uvas. Encantam o paladar.

Algumas crianças reunidas na porta observavam a cena. Zaman delicadamente as dispensou, em pashtun.

— Claro que também adoro Herat. Cidade de artistas e escritores, sufis e místicos. Você conhece a velha piada, que não se pode esticar as pernas em Herat sem chutar o traseiro de um poeta?

Ao lado de Laila, Aziza deu uma risada rouca.

Zaman fingiu um arquejo.

— Ah, pronto. Eu fiz você rir, pequena *hamshira*. Geralmente essa é a parte mais difícil. Por um momento fiquei preocupado. Achei que ia ter de cacarejar como uma galinha ou zurrar como um jumento. Mas, aí está você. E é tão bonita.

Chamou o ajudante para cuidar de Aziza por algum tempo. Aziza pulou no colo de Mariam e a abraçou.

— Nós só vamos conversar, meu amor — disse Laila. — Vou estar bem aqui. Tudo bem? Eu estou aqui.

— Por que não vamos até lá fora por um minuto, Aziza *jo*? — disse Mariam. — Sua mãe precisa conversar com *kaka* Zaman aqui. Só um minuto. Vamos, vamos.

Quando ficaram sozinhos, Zaman perguntou a data de nascimento de Aziza, histórico de doenças, alergias. Perguntou sobre o pai de Aziza, e Laila viveu a estranha experiência de dizer uma mentira que realmente era verdade. Zaman ficou escutando, com uma expressão que não demonstrava nem credulidade nem ceticismo. Ele dirigia o orfanato num sistema de honra, explicou. Se uma *hamshira* dizia que o marido estava morto e que não podia cuidar dos filhos, ele não fazia perguntas.

Laila começou a chorar.

Zaman largou a caneta.

— Eu estou com vergonha — choramingou Laila, as duas mãos na boca.

— Olhe para mim, *hamshira*.

— Que espécie de mãe abandona a própria filha?

— Olhe para mim.

Laila ergueu os olhos.

— Não é culpa sua. Está me ouvindo? Não é você. São esses *selvagens*, os culpados são esses *wahshis*. Eles me envergonham como pashtun. Desgraçaram o nome do meu povo. E você não está sozinha, *hamshira*. Recebemos mães como você o tempo todo — o tempo todo —, mães que vêm aqui porque não conseguem alimentar os filhos, porque o Talibã não as deixa ganhar a vida. Por isso, não se culpe. Ninguém aqui está culpando você. Eu compreendo. — Inclinou-se para a frente. — Eu compreendo, *hamshira*.

Laila enxugou os olhos com o pano da burca.

— Quanto a este lugar — suspirou Zaman, apontando com a mão —, você pode ver que está em más condições. Estamos sempre com pouco dinheiro, sempre raspando o tacho, improvisando. O Talibã quase não nos dá

apoio nenhum. Mas a gente vai conseguindo. Assim como você, nós fazemos o que tem de ser feito. Alá é bom e generoso, e Alá é provedor, e, enquanto Ele prover, vamos cuidar para que Aziza tenha roupas e alimentos. Isso eu posso prometer.

Laila aquiesceu.

— Tudo bem?

Zaman sorria de forma cúmplice.

— Mas não chore, hamshira. Não deixe sua filha ver você chorando.

Laila enxugou os olhos mais uma vez.

— Deus o abençoe — falou com sinceridade. — Que Deus o abençoe, irmão.

Mas, quando chegou a hora das despedidas, a cena eclodiu exatamente como Laila temia.

Aziza entrou em pânico.

No caminho para casa, recostada em Mariam, Laila ainda ouvia os gritos agudos de Aziza. Na cabeça, via as mãos grandes e calosas de Zaman segurando Aziza pelo braço; via as mãos dele puxando, primeiro delicadamente, depois com mais força, depois com muita força para afastar Aziza dela. Via Aziza chutando no colo de Zaman enquanto ele corria pelo corredor, ouvia os gritos de Aziza como se ela fosse desaparecer da face da Terra. E Laila via a si mesma andando depressa pelo corredor, cabeça baixa, um uivo subindo pela garganta.

— Ainda sinto o cheiro dela — disse a Mariam em casa. Os olhos vagavam por cima do ombro de Mariam, além do quintal, dos muros, das montanhas marrons como a cusparada de um fumante. — Sinto o cheiro dela dormindo. Você não sente? Não sente esse cheiro?

— Ah, Laila *jo* — disse Mariam. — Não faça isso. Que bem isso pode fazer? Que bem?

Nas primeiras vezes, Rasheed ironizava Laila e os acompanhava até o orfanato — ela, Mariam e Zalmi —, mas sempre fazendo questão, durante o trajeto, de que ela visse o quanto ele estava exausto, que ouvisse seus resmungos sobre a dificuldade a que o estava expondo, como as pernas, as costas e os pés doíam de ir e voltar do orfanato. Fazia questão de que ela soubesse o quanto estava cansado.

— Eu já não sou mais jovem — dizia. — Não que você se importe com isso. Você me deixaria caído no chão se pudesse. Mas você não pode, Laila. Você não tem como viver sozinha.

Eles se separavam dois quarteirões antes do orfanato, e ele nunca dava mais do que quinze minutos.

— Se você atrasar um minuto — falava —, eu começo a andar. Estou falando sério.

Laila precisava atormentá-lo, implorar, para prolongar um pouco mais os minutos permitidos ao lado de Aziza. Por si mesma e por Mariam, que também se sentia inconsolável com a ausência da menina, embora, como sempre, preferisse guardar seu sofrimento em silêncio e em particular. E por Zalmai também, que perguntava da irmã todos os dias e tinha chiliques que às vezes terminavam em inconsoláveis acessos de choro.

Às vezes, no caminho de ida ao orfanato, Rasheed parava e se queixava de que as pernas doíam. Depois dava meia-volta e começava a voltar para casa, a passos largos e firmes, sem sequer mancar. Ou estalava a língua e dizia:

— É o meu pulmão, Laila. Estou sem fôlego. Talvez amanhã eu esteja melhor, ou depois de amanhã. Vamos ver.

Nem fingia estar com a respiração difícil. Normalmente, ao se virar para voltar para casa, acendia um cigarro. Laila tinha de voltar com ele para casa, impotente, trêmula de raiva e ressentimento.

Então, um dia, ele disse a Laila que não a levaria mais.

— Estou cansado demais de andar pela rua o dia inteiro procurando trabalho — falou.

— Então eu vou sozinha — replicou Laila. — Você não pode me impedir, Rasheed. Está me ouvindo? Pode me bater, se quiser, mas eu vou continuar indo lá.

— Faça como quiser, mas você não vai passar pelo Talibã. Depois não diga que não avisei.

— Eu vou com você — disse Mariam.

Laila não permitiu.

— Você precisa ficar em casa com Zalmai. Se formos paradas... eu não quero que ele veja.

E assim a vida de Laila de repente passou a orbitar em torno de encontrar maneiras de ver Aziza. Na metade das vezes, ela não conseguia chegar ao orfanato. Ao atravessar uma rua, era avistada pelo Talibã e coberta de perguntas — *Qual é o seu nome? Aonde está indo? Por que está sozinha? Onde está o seu mahram?* — antes de ser mandada de volta para casa. Quando tinha sorte, recebia um sermão e um pé no traseiro, um empurrão pelas costas. Outras vezes, via-se diante de um sortimento de cassetetes de madeira, ramos de árvores, chicotes curtos, tapas, às vezes murros.

Um dia, um jovem talibã bateu em Laila com uma antena de rádio. Quando acabou, aplicou um último bofetão no seu pescoço e falou:

— Se eu vir você outra vez, vou bater até o leite da sua mãe vazar dos seus ossos.

Naquela ocasião, Laila voltou para casa. Deitou de bruços, sentindo-se como um animal estúpido e digno de dó, gemendo enquanto Mariam aplicava panos úmidos nos vergões das costas e das coxas. Mas, normalmente, Laila se recusava a ceder. Fazia de conta que estava voltando para casa, depois pegava um caminho diferente por ruas laterais. Às vezes era

apanhada, interrogada e advertida duas, três, até quatro vezes num só dia. Então, os chicotes cantavam, as antenas giravam no ar e ela cambaleava para casa, sangrando, sem ter dado sequer uma olhada em Aziza. Logo Laila passou a usar várias camadas extras debaixo da burca, mesmo no calor, como dois, três suéteres, para se proteger dos espancamentos.

Mas para Laila, quando conseguia passar pelo Talibã, a recompensa valia a pena. Podia passar quanto tempo quisesse com Aziza — até algumas *horas*. Ficavam juntas no pátio, perto do balanço, entre outras crianças e mães visitantes, conversando sobre o que Aziza tinha aprendido naquela semana.

Aziza contou que *kaka* Zaman fazia questão de ensinar alguma coisa todos os dias, quase sempre a ler e a escrever, mas às vezes geografia, um pouco de história e ciência, assuntos relacionados a plantas e animais.

— Mas nós precisamos fechar a cortina para o Talibã não ver — explicou Aziza. *Kaka* Zaman sempre tinha por perto agulhas de tricô e novelos de lã, contou, para o caso de uma inspeção do Talibã. — A gente afasta os livros e finge que está tricotando.

Um dia, durante uma visita a Aziza, Laila viu uma mulher de meia-idade, com a burca puxada para trás, visitando três meninos e uma menina. Laila reconheceu o rosto anguloso, as sobrancelhas espessas, apesar da boca murcha e do cabelo grisalho. Recordou os xales, as saias pretas, a voz cortante, como ela usava o cabelo preto preso num coque e como se podia ver a pelugem escura na nuca. Laila se lembrou daquela mulher proibindo as alunas de se cobrirem, dizendo que homens e mulheres eram iguais, que não havia razão para as mulheres se cobrirem se os homens não faziam o mesmo.

A certa altura, *khala* Rangmaal percebeu que estava sendo observada, mas Laila não notou nenhuma curiosidade, nenhum reconhecimento nos olhos de sua ex-professora.

— São fraturas na superfície da Terra — disse Aziza. — São chamadas de falhas.

Era uma tarde quente, uma sexta-feira de junho de 2001. Todos estavam na parte de trás do orfanato, Laila, Zalmai, Mariam e Aziza. Rasheed tinha cedido dessa vez — coisa que raramente fazia — e acompanhou o grupo. Ficou esperando na rua, perto do ponto de ônibus.

Crianças descalças brincavam ao redor. Uma bola de futebol murcha era chutada e perseguida com descaso.

— E do outro lado das falhas tem camadas de rocha que formam a crosta do planeta — Aziza ia dizendo.

Alguém tinha penteado o cabelo de Aziza para trás, trançado e prendido no alto da cabeça. Laila sentia inveja de quem quer que tivesse ficado por trás da filha, repartido seu cabelo para fazer as tranças, pedindo para que ela ficasse quieta.

Aziza ilustrava sua explicação abrindo as mãos, as palmas para cima, passando uma em cima da outra. Zalmai observava a cena com muito

interesse.

— Placas quetônicas, é como se chamam?

— *Tectônicas* — corrigiu Laila. Era doloroso falar. A mandíbula ainda estava dolorida, a nuca e o pescoço incomodavam. O lábio estava inchado e a língua não parava de cutucar o buraco deixado por um incisivo inferior que Rasheed tinha socado dois dias antes. Antes da morte de mami e de babi e de sua vida ter virado de cabeça para baixo, Laila nunca teria acreditado que um corpo humano pudesse resistir com tanta regularidade a tantas pancadas, a tantas maldades, e continuar funcionando.

— Certo. E quando passam umas pelas outras, elas se encontram e deslizam... está vendo, mami? E liberam energia, que viaja pela superfície da Terra e faz o solo tremer.

— Você está ficando muito sabida — observou Mariam. — Muito mais sabida que sua *khala* burrinha.

A expressão de Aziza se iluminou, radiante.

— Você não é burra, *khala* Mariam. E *kaka* Zaman diz que, às vezes, a mudança das rochas é mais profunda, bem profunda, que lá embaixo é de uma potência de dar medo, mas que na superfície é um leve tremor. Só um leve tremor.

Na visita anterior, foram os átomos de oxigênio na atmosfera espalhando a luz azul do Sol. *Se a Terra não tivesse atmosfera*, explicara Aziza um pouco sem fôlego, *o céu não seria azul, mas sim um mar bem preto e o Sol seria apenas uma estrela brilhando no escuro.*

— Aziza vai voltar com a gente pra casa dessa vez? — perguntou Zalmal.

— Logo, meu amor — respondeu Laila. — Logo.

Laila ficou vendo o filho perambulando, o andar igual ao do pai, inclinado para a frente, as pontas dos pés viradas para dentro. Andou até o balanço, empurrou um banco vazio, acabou sentando no concreto, arrancando mato de uma rachadura.

A água evapora das folhas — você sabia, mami? — do mesmo jeito que evapora da roupa secando no varal. E isso leva o fluxo de água pela árvore. Na terra e pelas raízes, depois de novo para cima do tronco da árvore, pelos galhos e pelas folhas. Chama-se transpiração.

Mais de uma vez, Laila conjecturou sobre o que o Talibã faria se descobrisse sobre as lições clandestinas de *kaka* Zaman.

Durante as visitas, Aziza não permitia muitos silêncios. Preenchia todos os espaços com discursos efusivos, proferidos numa voz alta e sonora. Discorria sobre diversos tópicos, gesticulando muito com as mãos, agitada por um nervosismo que não era absolutamente característico dela. A risada tinha mudado, o riso de Aziza. Não era mais bem uma risada, mas uma pontuação nervosa, destinada, desconfiava Laila, a tranquilizar.

E havia outras mudanças. Laila detectava a terra sob as unhas de Aziza, e Aziza percebia que ela percebia e escondia as mãos embaixo da coxa. Sempre que um garoto gritava por perto, com ranho escorrendo pelo nariz, ou se um

garoto passasse de bunda de fora, cabelo emplastrado de terra, as pestanas de Aziza adejavam e ela logo dava uma explicação. Era como uma anfitriã com vergonha da pobreza de sua casa na frente de seus convidados, da falta de asseio dos filhos.

Perguntas de como estava se sentindo eram respondidas com afirmações vagas, porém animadas.

Tudo bem, khala. Tudo bem.

Os meninos te perturbam muito?

Não, mami. Está tudo bem.

Você está comendo? Está dormindo bem?

Comendo bem. Dormindo também. Sim. Ontem à noite nós comemos carneiro. Ou talvez tenha sido na semana passada.

Quando Aziza falava daquela maneira, Laila via nela uma pequena Mariam.

Aziza agora gaguejava um pouco. Mariam percebeu primeiro. Era sutil, mas perceptível, e mais evidente quando as palavras começavam com *t*. Laila falou com Zaman a respeito. Ele franziu a testa e disse:

— Acho que ela sempre falou assim.

Eles saíram com Aziza do orfanato naquela tarde de sexta-feira para um pequeno passeio e encontraram Rasheed, que esperava por eles perto do ponto de ônibus. Quando viu o pai, Zalmai deu um grito de animação impaciente e se agitou nos braços de Laila. O cumprimento de Aziza a Rasheed foi rígido, mas não hostil.

Rasheed disse que precisavam ir embora logo, que só tinha duas horas para voltar ao trabalho. Era sua primeira semana como porteiro do Intercontinental. Do meio-dia às oito, seis dias por semana, Rasheed abria porta de automóveis, carregava malas, limpava alguma sujeira ocasional. Às vezes, no final do período, o cozinheiro do restaurante estilo bufê deixava Rasheed levar algumas sobras para casa — desde que fosse discreto a respeito: almôndegas frias nadando em óleo; asas de frango fritas, com a crosta dura e ressecada; molhos de macarrão mastigáveis; arroz duro e grudado. Rasheed prometeu a Laila que assim que tivesse economizado algum dinheiro, Aziza poderia voltar para casa.

Rasheed estava com seu uniforme, um terno de poliéster cor de vinho, camisa branca, gravata de pressão, quepe de aba plástica sobre os cabelos brancos. De uniforme, Rasheed era outro homem. Parecia vulnerável, indefeso e perplexo, quase inofensivo. Como alguém que tivesse aceitado sem um suspiro de protesto as indignidades que a vida havia imposto. Alguém ao mesmo tempo patético e admirável em sua docilidade.

Tomaram o ônibus para Titanic City. Andaram pelo leito do rio, flanqueado dos dois lados por barracas improvisadas montadas nas margens secas. Perto da ponte, quando desciam a escada, um homem descalço pendia de um guindaste, as orelhas decepadas, o pescoço torto na ponta de uma corda. No rio, misturaram-se com a horda de compradores andando por lá,

cambistas e funcionários de ONGs de aparência cansada, vendedores de cigarros, mulheres encobertas que mostravam falsas receitas de antibióticos e mendigavam dinheiro para preenchê-las. Talibãs com chicotes, mascando *naswar*, patrulhavam Titanic City de olho numa risada indiscreta, num rosto desvelado.

Numa barraca de brinquedos, entre um vendedor de casacos *poosteen* e uma barraca de flores artificiais, Zalmai pegou uma bola de basquete de borracha com espirais amarelas e azuis.

— Escolha alguma coisa — Rasheed disse a Aziza.

Aziza hesitou, rígida de constrangimento.

— Depressa, eu preciso estar no trabalho daqui a uma hora.

Aziza escolheu uma máquina de balas — a mesma moeda podia ser inserida para pegar o doce, depois retirada de uma portinhola abaixo.

Os olhos de Rasheed saltaram das órbitas quando o vendedor disse o preço. Seguiu-se uma rodada de regateios, ao fim dos quais Rasheed disse a Aziza, meio ressentido, como se ela o estivesse explorando:

— Pode devolver. Eu não posso comprar as duas coisas.

Na volta, a expressão animada de Aziza foi se desmanchando à medida que se aproximavam do orfanato. As mãos pararam de gesticular. O rosto ficou sombrio. Acontecia todas as vezes. Agora era a vez de Laila estabelecer a conversa, com intervenções de Mariam, rir nervosamente, preencher o silêncio melancólico com gracejos débeis e sem sentido.

Mais tarde, quando Rasheed as deixou em casa e tomou o ônibus para ir trabalhar, Laila ficou olhando Aziza acenando uma despedida e arrastando os pés no quintal atrás do orfanato. Pensou na gagueira de Aziza e no que ela tinha dito antes sobre fraturas e poderosas colisões bem profundas e como às vezes só o que vemos na superfície é um leve tremor.

— Vai embora daqui, você — gritou Zalmai.

— Quietos — falou Mariam. — Com quem você está gritando?

Zalmai apontou.

— Lá. Aquele homem.

Laila seguiu o dedo dele. Havia um homem na porta da frente da casa, encostado. Virou a cabeça quando eles se aproximaram. Descruzou os braços. Mancou alguns passos em direção a elas.

Laila parou.

Um ruído abafado saiu de sua garganta. Os joelhos fraquejaram. De repente Laila queria, *precisava* agarrar o braço de Mariam, os ombros, o pulso, alguma coisa, qualquer coisa, para se apoiar. Mas não fez isso. Não se atreveu. Não se atreveu a mover um músculo. Não se atrevia nem a respirar, ou sequer piscar, de medo que aquilo fosse apenas uma miragem reluzindo à distância, uma ilusão quebradiça capaz de desaparecer à menor provocação. Laila ficou totalmente imóvel, olhando para Tariq até seu peito gritar por ar e os olhos queimarem para piscar. E, de alguma forma, milagrosamente,

quando ela respirou uma vez, fechou e abriu os olhos, ele ainda estava lá. Tariq ainda estava lá.

Laila se permitiu dar um passo na direção dele. Depois outro. E outro. E depois começou a correr.

QUARENTA E TRÊS

Mariam

NO ANDAR DE CIMA, no quarto de Mariam, Zalmai estava agitado. Quicou a nova bola de basquete de borracha por algum tempo, no chão, contra as paredes. Mariam pediu para não fazer isso, mas Zalmai sabia que ela não tinha autoridade e, portanto, continuou quicando a bola, encarando-a com um olhar desafiador. Durante algum tempo ele se distraiu com o carro de brinquedo, uma ambulância com letras vermelhas destacadas nas laterais, empurrando-o para a frente e para trás no quarto.

Algum tempo antes, quando tinham encontrado Tariq na porta, Zalmai abraçou a bola de basquete no peito e enfiou um dedão na boca — algo que não fazia mais a não ser quando se sentia apreensivo. Olhou para Tariq com desconfiança.

— Quem é aquele homem? — perguntou agora. — Eu não gosto dele.

Mariam ia explicar, dizer alguma coisa sobre ele ser um amigo de infância de Laila, mas Zalmai a interrompeu e pediu para virar a ambulância ao contrário, com a grade frontal de frente para ele, e quando foi atendido ele disse que queria a bola de basquete de novo.

— Onde está? — perguntou. — Onde está a bola que *baba jan* me comprou? Onde está? Eu quero! Eu quero! — Sua voz aumentava e ficava mais aguda a cada palavra.

— Estava bem aqui — disse Mariam, e ele gritou:

— Não, não está, eu sei que não está. Eu sei que ela sumiu! Onde está a bola? Onde ela está?

— Aqui — respondeu Mariam, tirando a bola do armário para onde tinha rolado. Mas Zalmai agora chorava e dava socos, dizendo que não era a mesma bola, que não podia ser, porque a bola dele estava perdida, que aquela bola era falsa, onde tinha ido parar a bola vermelha dele? Onde? Onde, onde, onde?

Continuou gritando até Laila subir para contê-lo, embalar o filho e passar a mão pelos cabelos escuros e anelados, enxugar suas bochechas molhadas e estalar a língua na orelha dele.

Mariam ficou esperando fora do quarto. Do alto da escada, só o que conseguia ver de Tariq eram suas pernas compridas, a verdadeira e a postiça, de calças cáqui, esticadas no assoalho sem tapete da sala de estar. Só agora ela percebeu por que o porteiro do Continental pareceu conhecido no dia em

que foi lá com Rasheed para telefonar a Jalil. Ele estava de quepe e óculos escuros, por isso ela não percebeu antes. Mas Mariam lembrava agora de nove anos antes, lembrou dele sentado na escada, enxugando a testa com um lenço e pedindo um copo de água. Agora uma série de perguntas assolava sua mente: Será que os comprimidos de sulfa eram parte do artifício? Qual dos dois tinha planejado a mentira, fornecido os detalhes convincentes? E quanto Rasheed tinha pago a Abdul Sharif — se esse era mesmo o nome dele — para destruir Laila com a história da morte de Tariq?

QUARENTA E QUATRO

Laila

TARIQ CONTOU QUE UM DOS HOMENS com quem dividiu a cela tinha um primo que foi açoitado publicamente por pintar flamingos. Parece que o tal do primo tinha alguma coisa incurável em relação a flamingos.

— Cadernos de esboços inteiros — explicou Tariq. — Dezenas de pinturas a óleo de flamingos nadando em lagoas, tomando sol em charcos. Voando no pôr do sol também.

— Flamingos — repetiu Laila. Olhou para ele sentado contra a parede, a perna boa dobrada no joelho. Sentiu muita vontade de tocá-lo outra vez, como tinha feito no portão da frente quando correu até ele. Sentia-se envergonhada agora da maneira como tinha enlaçado os braços no pescoço dele e chorado em seu peito, a maneira como disse seu nome muitas e muitas vezes numa voz grave e ronronante. Será que tinha se comportado com ansiedade demais, considerou, muito desesperada? Talvez. Mas não conseguiu se conter. E agora não via a hora de tocá-lo de novo, provar para si mesma que ele estava de fato ali, que não era um sonho, uma aparição.

— Realmente — ele confirmou. — Flamingos.

Quando o Talibã encontrou as pinturas, continuou Tariq, eles ficaram ofendidos com as pernas longas e nuas do pássaro. Depois de amarrarem os pés do primo e açoitarem até sangrar, eles propuseram uma escolha: destruir todos os quadros ou tornar os flamingos decentes. Então o primo pegou o pincel e pintou calças em todos os pássaros.

— Pronto, eles conseguiram. Flamingos islâmicos — disse Tariq.

Laila teve vontade de rir, mas se conteve. Sentiu vergonha dos dentes amarelados, da falta do incisivo. Vergonha da aparência combalida e dos lábios inchados. Gostaria de ter tido tempo de lavar o rosto, ao menos pentear o cabelo.

— Mas foi ele quem riu por último, o primo — continuou Tariq. — Ele desenhou as calças com tinta guache. Quando o Talibã foi embora, ele simplesmente lavou os quadros. — Tariq sorriu — e Laila percebeu que também faltava um dente na boca dele — e olhou para as próprias mãos. — Deveras.

Tariq usava um *pakol* na cabeça, botas de caminhada e tinha um suéter de lã preto para dentro da cintura da calça cáqui. Laila não se lembrava de ter ouvido Tariq dizer aquilo antes, a palavra *deveras*, e aquele gesto

pensativo, os dedos formando uma tenda no colo, também era novo. Uma palavra tão adulta, um gesto tão adulto, mas por que isso deveria surpreender? Ele *era* um adulto agora, Tariq, um homem de vinte e cinco anos com movimentos calmos e certo cansaço no sorriso. Alto, de barba, mais esbelto do que nos sonhos que tinha com ele, mas com mãos fortes, mãos de trabalhador, com veias salientes e tortuosas. O rosto continuava fino e bonito, mas a tez não era mais tão clara; a testa parecia fustigada pelo clima, queimada de sol, assim como o pescoço, como o semblante de um viajante no final de uma longa e extenuante jornada. O *pakol* estava jogado para trás na cabeça, e ela percebeu que Tariq começava a perder cabelo. O tom acastanhado dos olhos estava mais opaco do que ela se lembrava, mais claro, ou talvez fosse apenas a luz da sala.

Laila pensou na mãe de Tariq, em seus gestos tranquilos, nos sorrisos inteligentes, na peruca roxa e simples. E no pai, com seu olhar míope, o humor seco. Pouco antes, na porta, com a voz embargada de lágrimas e atropelando as palavras, ela disse a Tariq o que pensava ter acontecido com ele e os pais, e ele abanou a cabeça. E agora ela perguntava como eles estavam, os pais. Mas se arrependeu da pergunta quando Tariq baixou os olhos e respondeu, meio distraidamente:

— Faleceram.

— Sinto muito.

— Bem. Sim. Eu também. Olha. — Pegou um pequeno saco de papel do bolso e entregou a ela. — Com os cumprimentos de Alyona. — Dentro havia um pedaço de queijo embrulhado em plástico.

— Alyona. É um bonito nome. — Laila tentou dizer o que veio a seguir sem vacilar. — Sua esposa?

— Minha cabra. — Sorriu com certa expectativa, como se esperando que ela lembrasse de alguma coisa.

Aí Laila lembrou. O filme soviético. Alyona era a filha do capitão, a garota apaixonada pelo primeiro imediato. Foi no dia em que ela, Tariq e Hasina assistiram aos tanques e jipes soviéticos saindo de Cabul, no dia em que Tariq estava usando aquele ridículo gorro de lã soviético.

— Tive que amarrar a cabra numa estaca no chão — continuou Tariq. — E construir uma cerca. Por causa dos lobos. Existe um bosque perto do pé das colinas onde eu moro, a uns quatrocentos metros de distância, principalmente de pinheiros, algumas figueiras, uns cedros. Eles quase só ficam perto do bosque, os lobos, mas uma cabra balindo, e ainda por cima que gosta de passear, pode atrair os bichos. Por isso, a cerca. A estaca.

Laila perguntou quais eram as colinas.

— Pir Panjal. No Paquistão — ele respondeu. — O lugar que eu moro chama-se Murree, é um retiro de verão, a uma hora de Islamabad. Verde e montanhoso, muitas árvores, acima do nível do mar. Por isso é fresco no verão. Perfeito para turistas.

Os britânicos construíram o local como uma estação na colina perto do

quartel-general em Rawalpindi, explicou, para os vitorianos fugirem do calor. Ainda se podiam ver algumas relíquias dos tempos coloniais, disse Tariq, um ocasional salão de chá, bangalôs de teto de zinco, chamados *cottages*, esse tipo de coisa. A cidade era pequena e agradável. A rua principal era chamada de Mall, onde havia um posto de correio, um bazar, alguns restaurantes, lojas que cobravam caro de turistas por vitrais e tapetes feitos à mão. Curiosamente, o tráfego de mão única da Mall fluía numa direção numa semana e na direção contrária na semana seguinte.

— Os moradores dizem que o tráfego na Irlanda também é assim em alguns lugares — explicou Tariq. — Eu não sei. De qualquer forma, é um lugar bonito. Uma vida simples, mas eu gosto. Gosto de morar lá.

— Com a sua cabra. Com Alyona.

Laila disse aquilo menos como uma piada e mais como uma abordagem sub-reptícia de outro assunto, como com quem mais ele se preocupava lá além de lobos comendo cabras. Mas Tariq só anuiu e continuou.

— Sinto muito pelo que aconteceu com seus pais também — falou.

— Você soube.

— Conversei com alguns vizinhos agora há pouco — disse. Uma pausa, durante a qual Laila conjecturou sobre o que mais os vizinhos tinham contado. — Eu não conheço mais ninguém. Dos velhos tempos, quero dizer.

— Foram todos embora. Não sobrou ninguém que você conheça.

— Eu não reconheço Cabul.

— Nem eu — concordou Laila. — E eu nunca saí daqui.

— Mami tem um amigo novo — disse Zalmai depois do jantar, mais tarde naquela noite, depois que Tariq tinha ido embora. — Um homem.

Rasheed ergueu os olhos.

— *É mesmo?*

Tariq perguntou se podia fumar.

Eles ficaram um tempo no campo de refugiados de Nasir Bagh, perto de Peshawar, Tariq começou a contar, batendo a cinza num pires. Já eram sessenta mil afegãos vivendo lá quando ele e os pais chegaram.

— Não era tão ruim quanto outros campos, como, Deus me livre, Jalozai — falou. — Acho que chegou a ser até uma espécie de campo modelo, durante a Guerra Fria, um lugar que o Ocidente podia mostrar para provar ao mundo que eles não estavam somente enviando armas para o Afeganistão.

Mas isso foi durante a guerra contra os soviéticos, disse Tariq, na época da jihad e do interesse mundial, dos fundos generosos e das visitas de Margaret Thatcher.

— Você sabe o resto, Laila. Depois da guerra os soviéticos desmoronaram, e o Ocidente seguiu em frente. Não havia nada mais que valesse a pena para eles no Afeganistão e o dinheiro secou. Agora, Nasir

Bagh é um monte de tendas, poeira e esgoto a céu aberto. Quando chegamos lá, eles nos deram estacas e uma lona e disseram para construirmos a nossa tenda.

Tariq disse que o que mais se lembrava de Nasir Bagh, onde eles tinham ficado dois anos, era o tom marrom.

— Barracas marrons. Gente marrom. Cachorros marrons. Mingau marrom.

Havia uma árvore sem folhas em que ele subia todos os dias, montava num galho e ficava vendo os refugiados descansando sob o sol, suas feridas à vista. Via garotinhos magrelos levando água em latas, catando cocô de cachorro para acender fogueiras, esculpindo AK-47 de brinquedo em madeira com facas sem corte, arrastando sacos de farinha de trigo que não serviam mais para fazer pão de tão grudenta que estava. Em todo o campo de refugiados, o vento fazia as tendas balançar. Pedços de vegetação esvoaçavam por toda parte, como pipas voando sobre os tetos das choupanas de barro.

— Muitas crianças morriam. Disenteria, tuberculose, fome, essas coisas. Principalmente por causa da maldita disenteria. Meu Deus, Laila. Vi tantas crianças serem enterradas. É a pior coisa que uma pessoa pode ver.

Cruzou as pernas. Pairou um silêncio entre os dois por um tempo.

— Meu pai não sobreviveu ao primeiro inverno — continuou. — Morreu dormindo. Acho que não cheguei a sentir dor.

Naquele mesmo inverno, prosseguiu, a mãe pegou pneumonia e quase morreu. Teria morrido se não fosse o médico do campo, que trabalhava numa caminhonete transformada em clínica móvel. Ela acordava a noite toda, com febre, expectorando um catarro grosso e cor de terra. As filas para ver o médico eram longas, disse Tariq. Todo mundo tremia de frio na fila, gemendo, tossindo, alguns com fezes escorrendo pelas pernas, outros cansados demais ou com fome demais ou doentes demais para articular palavras.

— Mas o médico era um homem decente. Tratou minha mãe, deu alguns comprimidos, salvou a vida dela naquele inverno.

Naquele mesmo inverno, Tariq enfrentou um garoto.

— Doze, talvez treze anos — ele disse, indiferente. — Segurei um caco de vidro no seu pescoço e tirei o cobertor dele. Dei para minha mãe.

Tariq contou que fez uma promessa a si mesmo depois da doença da mãe, que eles não passariam mais um inverno no campo. Ia trabalhar, economizar, mudar para um apartamento em Peshawar com aquecimento e água limpa. Quando chegou a primavera, ele começou a procurar trabalho. De vez em quando, chegava um caminhão de manhã no acampamento e reunia uns vinte e poucos garotos, levava para um terreno para carregar pedras ou a um pomar para colher maçãs em troca de um pouco de dinheiro, às vezes um cobertor, um par de sapatos. Mas nunca o contratavam, disse Tariq.

— Uma olhada pra minha perna e já era.

Havia outros trabalhos. Valas para cavar, casas para construir, carregar água, retirar fezes dos banheiros. Mas os mais jovens lutavam por esses trabalhos, e Tariq não tinha chance.

Então, um dia ele conheceu um comerciante, no outono de 1993.

— Ele me ofereceu dinheiro para levar um casaco de pele até Lahore. Não muito, mas suficiente, suficiente para pagar um ou dois meses de aluguel num apartamento.

O comerciante deu a ele uma passagem de ônibus, continuou, e o endereço de uma rua perto da estação ferroviária de Lahore, onde deveria entregar o casaco a um amigo do comerciante.

— Eu já sabia. Claro que sabia — disse Tariq. — Ele disse que se eu fosse apanhado, estaria por minha conta, que devia lembrar que ele sabia onde minha mãe morava. Mas o dinheiro era bom demais para recusar. E o inverno estava chegando outra vez.

— Até onde você conseguiu chegar? — perguntou Laila.

— Não muito longe — ele respondeu, rindo, meio que se desculando, envergonhado. — Não cheguei nem até o ônibus. Mas eu achei que era imune, sabe, que estava seguro. Como se houvesse um contador lá em cima em algum lugar, um sujeito com um lápis atrás da orelha que registrava essas coisas, que fazia as contas e que olharia pra mim e diria: “Sim, sim, ele pode ficar com isso, vamos deixar passar. Ele já pagou algumas dívidas, esse aí”.

O haxixe estava nas costuras e se espalhou na calçada quando a polícia enfiou uma faca no casaco.

Tariq riu outra vez quando disse isso, uma risada alta e trêmula, e Laila lembrou como ele costumava rir daquele jeito quando os dois eram pequenos, para disfarçar o constrangimento, para abrandar coisas estúpidas ou escandalosas que tinha feito.

* * *

— Era um manco — disse Zalmi.

— Será que *é* quem eu estou pensando?

— Ele só passou para fazer uma visita — falou Mariam.

— Cale a boca, você — disparou Rasheed, levantando um dedo. Virou para Laila. — Ora, quem diria? Laili e Majnoon reunidos. Como nos velhos tempos. — A expressão se imobilizou. — E você deixou ele entrar. Aqui. Na minha casa. Você deixou ele entrar. Ele esteve aqui com o meu filho.

— Você me enganou. Você mentiu pra mim — disse Laila, cerrando os dentes. — Fez aquele homem sentar na minha frente e... Você sabia que eu iria embora se soubesse que ele estava vivo.

— E VOCÊ TAMBÉM NÃO MENTIU PRA MIM? — rugiu Rasheed. — Acha que eu não percebi? Sobre a sua *harami*? Você acha que eu sou bobo, sua puta?

Quanto mais Tariq falava, mais Laila temia o momento em que parasse. O silêncio que se seguiria, o sinal de que era a vez de ela fazer o relato, enunciar o porquê, o como e o quando, tornar oficial o que por certo ele já sabia. Sentia uma leve náusea cada vez que ele fazia uma pausa. Evitava olhar para ele. Olhava para as mãos dele, para os pelos hirsutos e escuros que cresceram no dorso das mãos durante todo aquele tempo.

Tariq não falou muito dos anos que passou na prisão, a não ser que aprendeu a falar urdu lá. Quando Laila perguntou, ele meneou a cabeça com impaciência. Naquele gesto, Laila viu grades enferrujadas e corpos sujos, homens violentos e corredores apinhados, tetos apodrecendo com depósitos de musgo. Leu na expressão dele que era um lugar de humilhação, degradação e desespero.

Tariq disse que a mãe tentou visitá-lo quando estava preso.

— Ela veio três vezes. Mas não conseguiu me ver — resumiu.

Escreveu uma carta a ela e outras tantas depois, ainda que duvidasse de que ela as recebesse.

— E escrevi pra você.

— Escreveu?

— Oh, *volumes* — confirmou. — Seu amigo Rumi teria invejado a minha produção. — Depois riu de novo, dessa vez uma gargalhada, como se estivesse ao mesmo tempo assustado com a própria ousadia e envergonhado por ter se revelado.

Zalmai começou a chorar no andar de cima.

— Como nos velhos tempos, então — disse Rasheed. — Vocês dois. Suponho que tenha deixado ele ver o seu rosto.

— Deixou, sim — confirmou Zalmai. Depois, para Laila: — Você deixou, mami. Eu vi.

— Seu filho não gosta muito de mim — disse Tariq quando Laila voltou do andar de cima.

— Desculpe — ela respondeu. — Não é isso. Ele... Não ligue pra ele.

Mas logo mudou de assunto, pois se sentia perversa e culpada de pensar daquela forma a respeito de Zalmai, que era só uma criança, um garotinho que adorava o pai, cuja aversão instintiva a esse estranho era legítima e compreensível.

E escrevi para você.

Volumes.

Volumes.

— Há quanto tempo você está em Murree?

— Menos de um ano — respondeu Tariq.

Fez amizade com um homem mais velho na prisão, relatou, um sujeito chamado Salim, um paquistanês, ex-jogador de hóquei que passou anos

entrando e saindo da prisão e que cumpria dez anos por esfaquear um policial disfarçado. Todas as prisões têm um homem como Salim, explicou Tariq. Sempre existia alguém esperto e bem relacionado, que conhecia o sistema e arranjava coisas para você, alguém que emanava uma atmosfera de oportunidade e perigo ao redor. Foi Salim quem conseguiu notícias da mãe dele, foi Salim que sentou ao seu lado e contou, numa voz suave e paternal, que ela tinha morrido de frio.

Tariq passou sete anos na prisão do Paquistão.

— Eu saí fácil — contou. — Tive sorte. Por acaso o juiz que cuidava do meu caso tinha um irmão casado com uma mulher afegã. Talvez ele tenha sido clemente. Não sei.

Quando Tariq acabou de cumprir sua sentença, no início do inverno de 2000, Salim deu o endereço do irmão e um número de telefone. O nome do irmão era Sayeed.

— Ele disse que Sayeed era dono de um hotelzinho em Murree — continuou Tariq. — Vinte quartos e um saguão, um lugarzinho para receber turistas. Falou para eu dizer que Salim tinha me mandado.

Tariq gostou de Murree assim que desceu do ônibus: os pinheiros cheios de neve; o ar frio e límpido; os chalés com janelas de madeira, fumaça subindo das chaminés.

Era um lugar, pensou Tariq ao bater na porta de Sayeed, não apenas a um mundo de distância das desgraças que ele conhecia, mas que também tornava a ideia de tristezas e infelicidades parecer de alguma forma obscena, inimaginável.

— Eu disse a mim mesmo que era um lugar onde uma pessoa podia seguir em frente.

Tariq foi contratado como zelador e faz-tudo. Saiu-se bem, contou, no período de experiência de um mês, recebendo metade do salário normal que Sayeed pagava. Enquanto Tariq falava, Laila via Sayeed, que imaginou com olhos pequenos e um rosto curtido, olhando pela janela da recepção enquanto Tariq cortava madeira e retirava a neve da calçada. Imaginou-o debruçado sobre as pernas de Tariq, observando, enquanto Tariq entrava embaixo da pia para consertar um cano vazando. Viu-o verificando a caixa registradora para ver se não faltava dinheiro.

A casa de Tariq ficava atrás do pequeno bangalô da cozinha, ele explicou. A cozinha era uma matrona velha e viúva chamada Adiba. As duas casas eram afastadas do hotel, separadas do prédio principal por amendoeiras esparsas, um banco de madeira e uma fonte de pedra em forma de pirâmide que, no verão, borbulhava água o dia inteiro. Laila visualizou Tariq em sua casa, sentado na cama, olhando o mundo de folhas pela janela.

No término do período de experiência, Sayeed passou a pagar o salário integral a Tariq, disse que as refeições eram gratuitas, deu de presente um novo casaco de lã e providenciou uma nova perna mecânica. Tariq disse que chorou com a bondade do homem.

Com o primeiro mês de salário no bolso, Tariq foi até a cidade e comprou Alyona.

— A pelagem dela é perfeitamente branca — disse Tariq, sorrindo. — Algumas manhãs, quando neva a noite toda, você olha pela janela e só vê os dois olhos e o focinho.

Laila aquiesceu. Seguiu-se mais um silêncio. Lá em cima, Zalmai começou a quicar a bola nas paredes outra vez.

— Eu achei que você tinha morrido — falou Laila.

— Eu sei. Você me contou.

A voz de Laila falhou. Teve de limpar a garganta, se aprumar.

— O homem que veio dar a notícia, ele pareceu tão sincero... Eu acreditei nele, Tariq. Gostaria de não ter acreditado, mas acreditei. Depois me senti tão sozinha e assustada. Não fosse isso, eu não teria concordado em casar com Rasheed. Eu não teria...

— Você não precisa fazer isso — ele observou em tom suave, evitando os olhos dela. Não havia nenhuma repreensão disfarçada, nenhuma recriminação na forma como falou. Nenhuma insinuação de culpa.

— Preciso, sim. Porque havia uma razão maior para me casar com ele. Uma coisa que você não sabe, Tariq. *Alguém*. Eu preciso contar.

— Você também conversou com ele? — perguntou Rasheed a Zalmai.

Zalmai não respondeu. Laila viu hesitação e incerteza em seus olhos agora, como se tivesse acabado de perceber que o que havia revelado era bem maior do que imaginava.

— Eu fiz uma pergunta, garoto.

Zalmai engoliu em seco. Os olhos não paravam quietos.

— Eu estava lá em cima, brincando com Mariam.

— E a sua mãe?

Zalmai olhou para Laila com uma expressão culpada, à beira do choro.

— Tudo bem, Zalmai — disse Laila. — Diga a verdade.

— Ela ficou... aqui embaixo, conversando com o homem — respondeu numa voz fina, pouco mais audível que um sussurro.

— Entendi — disse Rasheed. — Trabalho de equipe.

Quando já estava saindo, Tariq falou:

— Eu quero encontrar com ela. Quero conhecer a menina.

— Eu vou combinar — disse Laila.

— Aziza. Aziza. — Tariq sorriu, saboreando a palavra. Sempre que Rasheed pronunciava o nome da filha dela, parecia a Laila algo imoral, quase vulgar. — Aziza. É lindo.

— Ela também. Você vai ver.

— Vou ficar contando os minutos.

Quase dez anos haviam se passado desde a última vez que os dois se

viram. O pensamento de Laila buscou todas as vezes que tinham se encontrado na viela, beijando-se em segredo. Pensou em como ele a estaria vendo agora. Será que ainda a achava bonita? Ou estaria parecendo definhada, diminuída, digna de dó, como uma velha trôpega e assustada? Quase dez anos. Mas, por um momento, ali ao lado de Tariq sob o sol, era como se aqueles dez anos não tivessem acontecido. A morte dos pais dela, o casamento com Rasheed, as matanças, os foguetes, o Talibã, as surras, a fome, até os filhos, tudo aquilo parecia um sonho, um desvio bizarro, um mero interlúdio entre aquela última tarde em que estiveram juntos e esse momento.

Foi então que a expressão de Tariq mudou, ficou mais grave. Ela conhecia aquela expressão. O mesmo olhar que viu no rosto dele naquele dia, tantos anos antes, os dois ainda crianças, quando ele desafivelou a perna e atacou Khadim. Tariq ergueu uma das mãos e tocou no canto do lábio inferior dela.

— Foi ele que fez isso em você? — perguntou num tom frio.

Àquele toque, Laila relembrou mais uma vez o frenesi daquela tarde, quando Aziza foi concebida. A respiração dele no pescoço, os músculos de seu quadril flexionando, o peito encostado em seus seios, as mãos entrelaçadas.

— Eu gostaria de ter levado você comigo — disse Tariq quase num sussurro.

Laila teve de baixar os olhos, tentando não chorar.

— Sei que você agora é uma mulher casada e mãe. E aqui estou eu, depois de todos esses anos, depois de tudo o que aconteceu, aparecendo na sua porta. Provavelmente não é apropriado, nem justo, mas viajei tanto para ver você e... Ah, Laila, eu queria nunca ter deixado você.

— Não — ela arquejou.

— Eu deveria ter feito mais. Devia ter casado com você quando tive a oportunidade. Tudo teria sido diferente.

— Não fale assim. Por favor. Dói.

Tariq anuiu, deu um passo na direção dela, parou.

— Eu não quero fazer nenhuma suposição. Não quero virar sua vida de cabeça pra baixo, aparecendo assim do nada. Se quiser que eu vá embora, se quiser que eu volte para o Paquistão, é só dizer, Laila. É sério. É só dizer que eu vou embora. Nunca mais vou incomodar você. Eu...

— Não! — A resposta foi mais intensa do que Laila pretendia. Percebeu que o pegou pelo braço, apertou. Tirou a mão. — Não. Não vá embora. Não. Por favor, fique.

Tariq aquiesceu.

— Ele trabalha do meio-dia às oito. Volte amanhã à tarde. Eu levo você até Aziza.

— Eu não tenho medo dele, sabe?

— Eu sei. Volte amanhã à tarde.

— E depois?

— E depois... não sei. Preciso pensar. Isso é...

— Eu sei que é — ele concordou. — Eu entendo. Desculpe. Desculpe por um monte de coisas.

— Não. Você prometeu que ia voltar. E voltou.

Os olhos dele marejaram.

— É bom ver você, Laila.

Laila ficou olhando enquanto ele se afastava, tremendo. *Volumes*, pensou, sentindo-se perpassada por mais um tremor, uma corrente de alguma coisa triste e desesperada, mas também cheia de ansiedade e de esperança temerária.

QUARENTA E CINCO

Mariam

— EU ESTAVA LÁ EM CIMA, brincando com Mariam — disse Zalmai.

— E a sua mãe?

— Ela ficou... aqui embaixo, conversando com o homem.

— Entendi — disse Rasheed. — Trabalho de equipe.

Mariam viu o rosto dele relaxar, distender. Viu as rugas sumirem da testa. A desconfiança e a malícia abandonarem seus olhos. Ficou sentado ereto e, por um breve momento, pareceu apenas pensativo, como o capitão de um navio informado sobre um iminente motim ponderando sem pressa o que fazer a seguir.

Olhou para cima.

Mariam começou a dizer alguma coisa, mas ele levantou a mão e, sem olhar para ela, disse:

— É tarde demais, Mariam.

Para Zalmai, ele falou friamente:

— Você pode subir, garoto.

Mariam viu alarme no rosto de Zalmai. Nervoso, ele olhou ao redor, para os três. Sentia agora que sua atitude linguaruda tinha provocado alguma coisa grave na sala — grave e adulta. Lançou um olhar desacorçoado e contrito para Mariam, depois para a mãe.

Numa voz enérgica, Rasheed falou:

— Já!

Pegou Zalmai pelo cotovelo. Zalmai mansamente se deixou levar escada acima.

As duas ficaram imóveis, Mariam e Laila, olhos no chão, como se olhar uma para a outra confirmasse a maneira como Rasheed via as coisas, que enquanto ele abria portas e carregava malas para pessoas que nem sequer o olhavam, uma conspiração lasciva se formava às suas costas, em sua casa, na presença de seu amado filho. Nenhuma das duas disse uma palavra. Ficaram ouvindo os passos no corredor acima, uns pesados e agourentos, outros leves como o de um animalzinho assustado. Ouviram palavras abafadas, uma súplica choramingada, uma resposta rápida, uma porta fechando, o matraquear de uma chave sendo girada. Depois passos voltando, agora mais impacientes.

Mariam viu os pés dele martelando os degraus enquanto desciam. Viu-o

guardando a chave no bolso, viu seu cinto, a extremidade perfurada enrolada na mão. A fivela de falso latão arrastada atrás, quicando nos degraus.

Tentou detê-lo, mas ele deu um empurrão e passou por ela. Sem dizer uma palavra, bateu com o cinto em Laila. O movimento foi tão rápido que ela não teve tempo de fugir ou se esquivar, nem mesmo de se proteger com o braço. Laila levou os dedos à têmpora, viu o sangue, olhou para Rasheed, atônita. Durou só um momento, esse olhar incrédulo, antes de ser substituído por uma expressão cheia de ódio.

Rasheed atacou com o cinto de novo.

Dessa vez, Laila se protegeu com o antebraço e tentou agarrar o cinto. Não conseguiu, e Rasheed bateu nela novamente. Laila quase agarrou o cinto antes de Rasheed puxar o couro e bater nela outra vez. Em seguida Laila estava correndo pela sala, com Mariam gritando e correndo atrás, implorando a Rasheed, correndo atrás de Laila, enquanto ele bloqueava seu caminho e estalava o cinto. A certa altura, Laila se esquivou e conseguiu dar um soco na orelha dele, o que o fez xingar e persegui-la de forma mais implacável. Alcançou Laila, jogou-a contra a parede e bateu com o cinto muitas vezes, a fivela acertando seu peito, o ombro, os braços erguidos, os dedos, tirando sangue de onde atingisse.

Mariam perdeu a conta das vezes que o cinto estalou, quantas palavras súplices gritou para Rasheed, quantas vezes rodeou o incoerente emaranhado de dentes e punhos e cinto, antes de ver dedos cravados no rosto de Rasheed, unhas lascadas arranhando sua mandíbula, puxando os cabelos e arranhando a testa. Demorou um pouco até perceber, ao mesmo tempo chocada e aliviada, que eram os dedos dela.

Rasheed largou Laila e virou-se para Mariam. De início, olhou para ela sem vê-la, depois os olhos se estreitaram, avaliaram Mariam com interesse. A expressão mudou de perplexidade para choque, depois repreensão, até desapontamento, permanecendo assim por um instante.

Mariam se lembrou da primeira vez que tinha visto os olhos dele, sob o véu do casamento, no espelho, com Jalil supervisionando, como seus olhares deslizaram pelo espelho e se encontraram, o dele, indiferente, o dela, dócil, cedente, quase se desculpando.

Desculpando.

Mariam via agora naqueles mesmos olhos o quanto tinha sido tola.

Por acaso tinha sido uma esposa infiel?, perguntou a si mesma. Uma esposa relapsa? Uma mulher desonrosa? Desacreditada? Vulgar? Que mal havia feito conscientemente àquele homem para merecer tanta maldade, suas contínuas agressões, o prazer com que a atormentava? Não tinha cuidado dele quando ficava doente? Feito comida para ele e os amigos, limpado toda a sujeira com a maior presteza?

Não tinha dado sua juventude para esse homem?

E por que só merecera sua maldade?

O cinto fez um baque quando Rasheed o largou no chão e avançou para

ela. Alguns trabalhos, dizia aquele baque, eram melhores se feitos à mão.

Mas quando ele estava quase sobre ela, Mariam viu Laila atrás dele pegar alguma coisa do chão. Viu a mão de Laila subir acima da cabeça, se abater no lado do rosto dele. Vidro se estilhaçou. Os cacos que restaram do copo choveram no chão. Havia sangue na mão de Laila, sangue escorrendo do corte aberto na face de Rasheed, sangue no pescoço, na camisa. Ele se virou, os dentes arreganhados, os olhos ardentes.

Os dois caíram no chão, Rasheed e Laila, rolando. Ele ficou por cima, as mãos já enlaçadas no pescoço de Laila.

Mariam o unhava. Batia no ombro dele. Jogava-se contra ele. Fez força para abrir os dedos que apertavam o pescoço de Laila. Mordeu-o. Mas as mãos continuavam firmes no pescoço de Laila, e Mariam viu que Rasheed pretendia levar aquilo até o fim.

Pretendia estrangular Laila, e não havia nada que qualquer uma pudesse fazer a respeito.

Mariam recuou e saiu da sala. Ouviu umas batidas no andar de cima, mãozinhas esmurando uma porta trancada. Andou depressa pelo corredor. Abriu a porta da frente. Atravessou o quintal.

Mariam pegou a pá no barracão.

Rasheed não percebeu quando ela voltou à sala. Ainda estava por cima de Laila, os olhos arregalados e enlouquecidos, as mãos agarradas ao pescoço dela. O rosto de Laila já estava azulado, os olhos revirando. Mariam viu que ela não estava mais lutando. *Ele vai matar Laila*, pensou. *Ele quer mesmo fazer isso*. E Mariam não podia, não deixaria isso acontecer. Ele tinha tirado tanto dela naqueles vinte e sete anos de casamento. Não ia ficar olhando enquanto tirava Laila dela também.

Mariam firmou os pés e ajustou a pegada no cabo da pá. Ergueu a pá. Falou o nome dele. Queria que ele olhasse.

— Rasheed.

Ele olhou.

Mariam desferiu o golpe.

Acertou na têmpora. A pancada o tirou de cima de Laila.

Rasheed tocou a cabeça com a palma da mão. Viu o sangue na ponta dos dedos, olhou para Mariam. Ela achou que a expressão dele suavizou. Imaginou que algo se transmitira entre os dois, que talvez ela tivesse literalmente aberto a cabeça dele. Talvez ele tivesse visto algo no rosto dela também, pensou Mariam, algo que o fez hesitar. Talvez tenha visto algum vestígio de sua abnegação, de todos os sacrifícios, tudo o que tinha tirado dela na vida em comum em todos aqueles anos, com suas ameaças e violência constantes, sua mesquinha e suas repreensões. Terá sido respeito que ela viu nos olhos dele? Arrependimento?

Mas em seguida o lábio superior de Rasheed se contorceu num esgar desdenhoso, e Mariam percebeu então a futilidade, talvez até a irresponsabilidade de não acabar com aquilo. Se o deixasse levantar agora,

quanto tempo até ele subir para pegar a arma no quarto onde havia trancado Zalmi? Se tivesse certeza de que ele só atiraria nela, que havia uma chance de poupar Laila, talvez Mariam tivesse largado a pá. Mas ela via nos olhos de Rasheed o assassinato das duas.

E Mariam levantou de novo a pá, o mais alto que podia, mudando o ângulo para acertar na nuca. Virou o cabo para deixar a lâmina na vertical e, enquanto fazia isso, passou pela sua cabeça que era a primeira vez que estava decidindo o curso da própria vida.

E, com isso, Mariam desceu a pá. Dessa vez, dando tudo o que tinha.

QUARENTA E SEIS

Laila

LAILA TINHA CONSCIÊNCIA DO ROSTO EM CIMA DELA, todo dentes e tabaco e olhos furiosos. Tinha uma leve consciência, também, de Mariam, uma presença atrás do rosto dele, de seus punhos se agitando. Acima deles estava o teto, e era para o teto que Laila se sentia atraída, as marcas escuras de fungo se espalhando como tinta numa roupa, a rachadura no reboco formando um sorriso impassível ou um muxoxo, dependendo de que lado da sala se olhava. Laila pensou em todas as vezes que tinha atado um pano na ponta de um cabo de vassoura e limpado as teias de aranha do teto. As três ocasiões em que ela e Mariam tinham passado uma demão de tinta branca por cima. Agora a rachadura não era mais um sorriso, mas um olhar de esgelha e zombaria. E estava se afastando. O teto estava encolhendo, subindo, afastando-se dela em direção a um ponto fugaz e embaçado. Subindo até assumir a dimensão de um selo postal, branco e preto, com tudo ao redor se fechando, borrado pela escuridão. No escuro, o rosto de Rasheed parecia uma mancha solar.

Pequenos clarões de luz ofuscante piscavam diante de seus olhos, como estrelinhas prateadas explodindo. Formas geométricas bizarras na luz, vermes, coisas ovaladas, subindo e descendo, passando de lado, fundindo-se umas nas outras, separando-se, transformando-se em outra coisa, depois desaparecendo, cedendo lugar à escuridão.

Vozes abafadas e distantes.

Atrás das pálpebras, os rostos dos filhos brilhavam e tremeluziam. Aziza, alerta e preocupada, consciente, sigilosa. Zalmai, olhando para o pai com uma ansiedade trêmula.

Então era assim que terminaria, pensou Laila. Que final patético.

Mas depois a escuridão começou a desanuviar. Teve a sensação de se levantar, de ser puxada. O teto voltou devagar, se expandiu, e agora Laila conseguia divisar outra vez a rachadura, e era o velho sorriso opaco.

Estava sendo chacoalhada. *Você está bem? Responda, você está bem?* O rosto de Mariam, eivado de arranhões, contraído e preocupado, pairava sobre Laila.

Laila tentou respirar. Queimava a garganta. Tentou outra inspiração. Dessa vez queimou mais ainda, não só a garganta, mas também o peito. Em seguida estava tossindo, engasgando. Arquejando. Mas respirando. O ouvido

bom zunia.

A primeira coisa que viu quando se levantou foi Rasheed. Deitado de costas, olhando para o nada sem piscar, com uma expressão de peixe morto. Um pouco de espuma, levemente rosada, escorria da boca pela bochecha. A braguilha da calça estava molhada. Olhou para a testa dele.

Depois viu a pá.

Um grunhido saiu de sua boca.

— Oh! — exclamou, trêmula, mal conseguindo emitir uma voz. — Oh, Mariam!

Laila andava de um lado para o outro, batendo as mãos uma na outra, enquanto Mariam sentava ao lado de Rasheed, mãos no colo, calma e imóvel. Mariam não disse nada por um longo tempo.

Laila sentia a boca seca, gaguejava as palavras, o corpo todo tremendo. Fazia força para não olhar para Rasheed, o ricto de sua boca, os olhos abertos, o sangue coagulado no côncavo da omoplata.

Fora, a luz estava diminuindo, as sombras se aprofundavam. O rosto de Mariam parecia magro e chupado sob a luz, mas ela não parecia agitada ou com medo, mas meramente preocupada e pensativa, tão absorta que nem prestou atenção quando uma mosca pousou no seu queixo. Ficou parada, o lábio inferior para fora, como fazia quando estava perdida em pensamentos.

Finalmente, falou:

— Sente-se, Laila *jo*.

Laila obedeceu.

— Nós temos que tirar ele daqui. Zalmai não pode ver isso.

Mariam pegou a chave do quarto no bolso de Rasheed antes de ele ser enrolado num lençol. Laila o segurou pelas pernas, na dobra dos joelhos, e Mariam o pegou por baixo dos braços. Tentaram levá-lo, mas ele era muito pesado, e as duas tiveram de arrastar o corpo. Quando passaram pela porta a caminho do quintal, o pé de Rasheed enroscou no batente e a perna virou de lado. Tiveram de voltar e tentar de novo, e aí alguma coisa emitiu um baque no andar de cima e as pernas de Laila cederam. Largou Rasheed. Desabou no chão, tremendo e soluçando, e Mariam teve de ficar na frente dela, mãos nos quadris, dizendo que ela precisava se controlar. Que o que estava feito estava feito.

Após algum tempo, Laila levantou e enxugou o rosto e elas carregaram Rasheed para o quintal sem mais incidentes. Colocaram o corpo no barracão. Deixaram atrás da bancada de trabalho, onde estava seu serrote, alguns pregos, um formão, um martelo e um bloco de madeira cilíndrico que Rasheed queria usar para fazer alguma coisa para Zalmai mas nunca chegou a começar.

Depois disso, voltaram para a casa. Mariam lavou as mãos, ajeitou o cabelo, respirou fundo e falou:

— Agora deixa eu cuidar dos seus ferimentos. Você está toda cortada, Laila jo.

Mariam disse que precisava pensar sobre o assunto durante a noite. Organizar os pensamentos e elaborar um plano.

— Existe uma saída — falou. — Eu só preciso descobrir.

— Nós precisamos fugir! Não podemos ficar aqui — disse Laila com a voz rouca e entrecortada. De repente pensou no som que a pá devia ter feito ao atingir a cabeça de Rasheed e seu corpo teve uma convulsão. Bile subiu pelo peito.

Mariam esperou pacientemente até Laila se sentir melhor. Depois fez Laila se deitar e, enquanto acariciava sua cabeça em seu colo, Mariam disse para não se preocupar, que ia dar tudo certo. Disse que as duas iriam embora — ela, Laila, as crianças e Tariq também. Saiariam daquela casa, daquela cidade implacável. Abandonariam de vez esse país de desespero, disse Mariam, passando as mãos pelos cabelos de Laila, e iriam para algum lugar distante e seguro onde ninguém as encontraria, onde poderiam esquecer o passado e encontrar refúgio.

— Um lugar cheio de árvores — explicou. — Isso. Com um monte de árvores.

Morariam numa casinha no limite de alguma cidade de que nunca ouviram falar, disse Mariam, num vilarejo remoto onde a estrada era estreita e de terra e ladeada por plantas e arbustos dos mais diversos. Talvez houvesse uma trilha para caminhar, uma trilha que levasse a um campo gramado onde as crianças pudessem brincar, ou talvez uma estrada de cascalho que as levasse a um lago azul e límpido, onde trutas nadavam e juncos despontavam da superfície. Criariam ovelhas e galinhas, fariam pão e ensinariam as crianças a ler. Construiriam uma vida nova para si mesmas — vidas pacatas e solitárias —, livrando-se do peso de tudo que tinham aguentado e seriam merecedoras de toda a felicidade e prosperidade simples que conseguissem.

Laila murmurava, encorajadora. Seria uma existência cheia de dificuldades, ela via, mas de certa forma prazerosa, dificuldades de que poderiam se orgulhar, possuir, valorizar, como se fosse uma relíquia de família. A voz maternal de Mariam continuou, trouxe certo consolo. *Existe uma saída*, dizia, e, de manhã, Mariam diria o que devia ser feito e elas fariam, e talvez amanhã a essa hora as duas já estivessem a caminho dessa nova vida, uma vida plena de possibilidades e alegria, mas de dificuldades previsíveis. Laila sentiu-se grata por Mariam estar no comando, lúcida e sóbria, capaz de resolver aquela situação para as duas. Sua cabeça era uma desordem de tremedeira e torpor.

Mariam levantou.

— Agora você precisa cuidar do seu filho. — A expressão era a mais

chocante que Laila já tinha visto num rosto humano.

* * *

Laila encontrou o filho no escuro, encolhido no lugar da cama onde Rasheed dormia. Entrou debaixo das cobertas ao lado dele e puxou o cobertor para cobrir os dois.

— Você está dormindo?

Sem se virar para o lado dela, Zalmai respondeu:

— Eu não posso dormir. Baba ainda não fez as orações do *Babalu* comigo.

— Talvez eu possa fazer isso hoje à noite.

— Você não sabe fazer como ele.

Laila apertou o ombro dele. Beijou sua nuca.

— Eu posso tentar.

— Onde está *baba jan*?

— *Baba jan* foi embora — respondeu Laila, com a garganta fechando outra vez.

E lá estava, enunciada pela primeira vez, a grande e maldita mentira. Quantas vezes mais ela teria de contar a mesma mentira, ponderou Laila, sentindo-se infeliz. Quantas vezes mais Zalmai teria de ser enganado? Visualizou Zalmai correndo em suas jubilosas recepções para cumprimentar Rasheed quando ele chegava em casa, Rasheed o pegando pelos cotovelos e balançando de um lado para o outro até que as pernas dele se esticavam, depois os dois rindo, quando Zalmai cambaleava ao redor como um bêbado. Pensou em seus jogos misteriosos e nos risos barulhentos, nos olhares cúmplices.

Uma mortalha de vergonha e pesar pelo filho desceu sobre Laila.

— Aonde ele foi?

— Não sei, meu amor.

— Quando ele vai voltar? Será que *baba jan* vai trazer um presente quando voltar?

Ela fez as orações com Zalmai. Vinte e uma *Bismallah-e-rahman-e-rahims* — uma para cada junta de sete dedos. Viu quando o filho botou as mãos em concha no rosto e soprou, depois levou as mãos à testa e as afastou, murmurando *Babalu, saia daqui, não volte para Zalmai, ele não tem nada a ver com você. Babalu, vai embora*. Depois, para encerrar, os dois disseram *Allahu-akbar* três vezes. E depois, bem depois naquela noite, Laila se assustou com uma voz abafada: *Baba jan foi embora por minha causa? Pelo que eu disse, sobre você e o homem lá embaixo?*

Laila se debruçou sobre ele, querendo reconfortá-lo, querendo dizer: *Não teve nada a ver com você, Zalmai. Não. Nada disso é culpa sua*. Mas ele estava dormindo, o peitinho subindo e descendo.

Quando Laila foi se deitar, sua cabeça estava confusa, entorpecida, incapaz de formular um pensamento racional. Mas quando acordou, ao chamado do muezim para as orações da manhã, boa parte da opacidade tinha passado.

Sentou e ficou observando Zalmai dormindo por algum tempo, com o punho fechado sob o queixo. Laila imaginou Mariam entrando no quarto no meio da noite enquanto ela e Zalmai dormiam, observando os dois, a cabeça cheia de planos.

Laila saiu da cama. Foi difícil ficar em pé. O corpo todo doía. O pescoço, os ombros, as costas, os braços, as coxas, todas as marcas deixadas pela fivela do cinto de Rasheed. Fazendo uma careta, ela saiu do quarto.

No quarto de Mariam, a luz tinha um tom pouco mais escuro que o cinza, o tipo de luz que Laila sempre associava a galos cantando e orvalho escorrendo de folhas de grama. Mariam estava sentada num canto, sobre um tapete de orações em frente à janela. Lentamente, Laila abaixou-se para sentar em frente a ela.

— Você deveria ir visitar Aziza agora de manhã — disse Mariam.

— Eu sei o que você pretende fazer.

— Não fale nada. Pegue o ônibus, você vai se misturar. Táxis são suspeitos. Você vai ser parada por estar sozinha.

— O que você prometeu ontem à noite...

Laila não conseguiu terminar. As árvores, o lago, as aldeias sem nome. Uma ilusão, percebeu. Uma adorável e tranquilizadora mentira. Como cantar para uma criança aflita.

— Eu estava falando sério — disse Mariam. — Estava falando sobre *you*, Laila *jo*.

— Eu não quero nada daquilo sem você — esganiçou Laila.

Mariam abriu um sorriso abatido.

— Eu quero que seja exatamente como você disse, Mariam, todos nós juntos, você, eu, as crianças. Tariq tem um lugar no Paquistão. A gente pode se esconder lá por um tempo, esperar as coisas acalmarem...

— Isso não é possível — replicou Mariam pacientemente, como um pai falando com um filho com boas intenções, porém equivocado.

— Nós vamos cuidar uma da outra — disse Laila, as palavras entrecortadas, os olhos molhados de lágrimas. — Como você disse. Não. Eu vou tomar conta de *you*, para variar.

— Ah, Laila *jo*.

Laila continuou sua arenga entrecortada. Barganhou. Prometeu. Ela cuidaria de toda a limpeza, falou, e cozinaria também.

— Você não precisa fazer nada. Nunca mais. Vai descansar, dormir, cuidar de um jardim. O que você quiser, é só pedir que eu faço pra você. Não faça isso, Mariam. Não me abandone. Não deixe Aziza magoada.

— Eles deceparam mãos por roubar pão — falou Mariam. — O que você acha que vão fazer quando descobrirem um marido morto e duas mulheres desaparecidas?

— Ninguém vai saber — arquejou Laila. — Ninguém vai nos achar.

— Vão, sim. Cedo ou tarde. São uns mastins. — A voz de Mariam era baixa, cautelosa; fazia as promessas de Laila parecerem fantasiosas, batidas, bobas.

— Mariam, por favor...

— Quando descobrirem, vão considerar você tão culpada quanto eu. Tariq também. Eu não quero que vocês dois vivam se escondendo, como fugitivos. O que vai acontecer com os seus filhos se você for apanhada?

Os olhos de Laila estavam transbordando, ardendo.

— Quem vai cuidar deles? O Talibã? Pense como uma mãe, Laila *jo*. Pense como mãe. Eu estou pensando.

— Não posso.

— Mas é preciso.

— Não é justo — tremulou Laila.

— É justo. Vem cá. Deita aqui.

Laila se encolheu ao lado e deitou a cabeça no colo de Mariam. Lembrou-se de todas as tardes que passaram juntas, trançando o cabelo uma da outra, Mariam escutando pacientemente seus pensamentos aleatórios e suas histórias banais com um ar de gratidão, com a expressão de uma pessoa tendo um privilégio especial e querido.

— É justo — repetiu Mariam. — Eu matei o nosso marido. Privei o seu filho do pai. Não é justo que eu fuja. Não *posso* fazer isso. Mesmo se eles nunca nos pegarem, eu nunca... — Os lábios dela tremeram. — Eu nunca vou me livrar da tristeza do seu filho. Como vou olhar para ele? Como vou conseguir olhar para ele, Laila *jo*?

Mariam pegou uma mecha de cabelo de Laila, desfez um nó teimoso.

— Para mim, termina aqui. Eu não quero mais nada. Tudo que desejei quando era menina você já me deu. Você e os seus filhos me fizeram muito feliz. Está tudo bem, Laila *jo*. Está tudo bem. Não fique triste.

Laila não conseguia encontrar uma resposta razoável para nada que Mariam dizia. Mas continuou resmungando, incoerente, infantil, sobre árvores frutíferas que esperavam para ser plantadas e galinhas esperando para ser criadas. Continuou falando de casinhas em aldeias desconhecidas, de caminhadas até lagos cheios de trutas. E, no final, quando as palavras secaram, as lágrimas continuaram, e Laila só pôde se render e soluçar como uma criança vencida pela lógica irrefutável de um adulto. Só conseguiu se enrodilhar e enterrar o rosto uma última vez no calor receptivo do colo de Mariam.

Mais tarde, naquela manhã, Mariam embrulhou um pequeno lanche para Zalmai com pão e figos secos. Para Aziza ela também embrulhou alguns figos e alguns biscoitos em forma de animais. Pôs tudo num saco de papel e entregou a Laila.

— Dê um beijo em Aziza por mim — falou. — Diga que ela é a *noor* dos

meus olhos e a rainha do meu coração. Você faz isso por mim?

Laila concordou, os lábios fechados.

— Tome o ônibus, como eu disse, e mantenha a cabeça abaixada.

— Quando a gente vai se ver de novo, Mariam? Eu quero ver você antes de prestar o meu testemunho. Vou dizer a eles como aconteceu. Vou explicar que não foi culpa sua. Que você teve de fazer isso. Eles vão entender, não vão, Mariam? Eles vão entender.

Mariam olhou-a com doçura.

Depois se abaixou para ficar da altura de Zalmai. Ele usava uma camiseta vermelha, calça cáqui puída e botas de vaqueiro de segunda mão que Rasheed tinha comprado para ele em Mandaii. Segurava a nova bola de basquete com as duas mãos. Mariam beijou sua bochecha.

— Seja um garoto bom e forte — recomendou. — Trate bem a sua mãe. — Cobriu o rosto dele com a mão. Ele recuou, mas ela insistiu. — Desculpe, Zalmai *jo*. Acredite em mim, desculpe por toda sua dor e sua tristeza.

Laila saiu da casa levando Zalmai pela mão. Pouco antes de virarem a esquina, ela olhou para trás e viu Mariam na porta. Mariam estava com um lenço verde na cabeça, um suéter azul-escuro abotoado na frente e calças de algodão brancas. Uma mecha de cabelo grisalho caía sobre sua testa. Faixas de sol recortavam seu rosto e os ombros. Mariam fez um aceno amigável.

Eles viraram a esquina, e Laila nunca mais viu Mariam.

QUARENTA E SETE

Mariam

DE VOLTA À *kolba*, ao que parecia, depois de tantos anos.

A prisão para mulheres de Walayat era uma construção quadrada e pardacenta em Shar-e-Nau, perto da rua das Galinhas. Ficava no centro de um complexo maior, que abrigava prisioneiros homens. Uma porta trancada a cadeado separava Mariam e as outras mulheres dos homens. Mariam contou cinco celas. Eram recintos sem móveis, com paredes sujas e descascadas e janelas pequenas que davam para o pátio interno. As janelas eram gradeadas, embora as portas das celas ficassem abertas e as mulheres pudessem circular livremente pelo pátio. As janelas não tinham vidro nem cortinas, o que significava que os guardas talibãs que perambulavam pelo pátio podiam ver o interior das celas. Algumas mulheres reclamavam de que os guardas ficavam fumando e espiando perto das janelas, com olhos vermelhos e sorrisos de conquistadores, murmurando piadas obscenas sobre elas uns com os outros. Por causa disso, a maioria das mulheres usava burca o dia todo, tirando-as só depois do cair da noite, quando os portões principais eram trancados e os guardas abandonavam seus postos.

À noite, a cela que Mariam dividia com cinco mulheres e quatro crianças ficava escura. Nas noites em que havia eletricidade, elas erguiam Naghma, uma garota baixinha de peito chato e cabelos pretos e crespos, até o teto. Havia um fio descoberto lá. Naghma enrolava o fio na base da lâmpada para fechar o circuito.

Os banheiros eram do tamanho de um armário, o piso de cimento rachado. Havia um pequeno buraco retangular no chão, um monte de fezes no fundo. Moscas entravam e saíam voando do buraco.

No centro da prisão havia um pátio aberto e retangular e, no meio do pátio, um poço. O poço não tinha drenagem, o que significava que o pátio normalmente era um pântano e a água tinha um gosto podre. Cordas de varais, cheias de meias e fraldas lavadas à mão, estendiam-se pelo pátio. Era lá que as detentas recebiam visitas, onde cozinhavam o arroz trazido pelas famílias — a prisão não fornecia comida. O pátio era também o playground das crianças — Mariam ficou sabendo que muitas crianças tinham nascido em Walayat, não conheciam o mundo fora daquelas paredes. Mariam ficava olhando as crianças correndo umas atrás das outras, os pés descalços chapinhando na lama. Elas corriam o dia inteiro, inventando brincadeiras

animadas, indiferentes ao fedor de fezes e urina que permeava Walayat e seus próprios corpos, despercebidas dos guardas talibãs até que um deles batesse nelas.

Mariam não recebia visitas. Foi a primeira e a única coisa que pediu aos guardas talibãs da prisão. Não quero visitas.

Nenhuma mulher na cela de Mariam havia sido presa por crime violento — estavam todas lá pela ofensa trivial de “fugir de casa”. Por essa razão, Mariam ganhou alguma notoriedade entre elas, tornando-se uma espécie de celebridade. As mulheres a olhavam com uma expressão reverente, quase de admiração. Ofereciam suas cobertas. Competiam para dividir a comida com ela.

A mais ávida era Naghma, sempre de braços dados com ela, seguindo Mariam aonde ela fosse. Naghma era o tipo da pessoa que achava divertido divulgar notícias infelizes, fosse de outros ou de si própria. Disse que o pai a havia prometido a um alfaiate quase trinta anos mais velho que ela.

— Ele fede como *goh* e tem menos dentes que dedos — dizia Naghma do alfaiate.

Tentou fugir para Gardez com um rapaz por quem tinha se apaixonado, filho de um mulá local. Eles mal chegaram a sair de Cabul. Quando foram apanhados e mandados de volta, o filho do mulá foi açoitado até se arrepender e dizer que foi seduzido por Naghma e seus encantos femininos. Ela o tinha enfeitado, falou. Prometeu voltar a se dedicar ao estudo do Corão. O filho do mulá foi libertado. Naghma foi condenada a cinco anos.

Tudo bem, dizia ela, estar aqui na prisão. O pai tinha jurado cortar sua garganta no dia em que saísse da cadeia.

Ouvindo Naghma, Mariam se lembrava do brilho fosco de estrelas frias e nuvens esfiapadas cor-de-rosa sobre as montanhas de Safid-koh naquela manhã distante em que Nana disse a ela: *Assim como a agulha de uma bússola aponta para o norte, o dedo acusador dos homens sempre encontra uma mulher. Sempre. Lembre-se disso, Mariam.*

O julgamento de Mariam tinha acontecido uma semana antes. Sem advogado de defesa, sem um julgamento público, sem acareações em busca de provas, sem apelação. Mariam declinou de seu direito de depor. A coisa toda durou menos de quinze minutos.

O juiz do centro, um talibã eriçado, era o líder. Era de uma magreza chocante, com a pele amarela esticada e uma barba crespa e avermelhada. Usava óculos que aumentavam seus olhos e mostravam o quanto o branco dos olhos era amarelo. O pescoço parecia fino demais para aguentar o intrincado turbante em sua cabeça.

— Você admite isso, *hamshira*? — ele perguntou mais uma vez com uma voz cansada.

— Admito — respondeu Mariam.

O homem aquiesceu. Ou talvez não. Era difícil dizer; as mãos e a cabeça tinham um pronunciado tremor que fazia Mariam lembrar dos tremores do mulá Faizullah. Quando tomava o chá, ele não pegava a xícara. Fazia um gesto para o homem de ombros largos à sua esquerda, que respeitosamente levava a xícara aos seus lábios. Depois, o talibã fechava os olhos com delicadeza, num gesto silencioso e elegante de agradecimento.

Mariam detectou uma característica afável nele. Quando falava, era com uma mescla de dissimulação e ternura. O sorriso era paciente. Não olhava para Mariam com desprezo. Não se dirigia a ela com desdém ou de forma acusadora, mas com um suave tom de compreensão.

— Você entende totalmente o que está dizendo? — perguntou o talibã de rosto anguloso à direita do juiz, não o que servia o chá. Era o mais jovem dos três. Falava rápido e enfaticamente, com uma confiança arrogante. Ficou irritado com o fato de Mariam não falar pashtun. Mariam o via como o tipo de jovem briguento que se deleitava com sua autoridade, que via ofensas por toda parte, que pensava ser seu direito de nascença pronunciar veredictos.

— Entendo — respondeu Mariam.

— Que coisa — disse o jovem talibã. — Deus nos fez diferentes, vocês mulheres e nós homens. Nossos cérebros são diferentes. Vocês não conseguem pensar como nós. Os médicos ocidentais e sua ciência já provaram isso. É por isso que requeremos apenas testemunhas do sexo masculino, e não de mulheres.

— Eu admito o que fiz, irmão — disse Mariam. — Mas, se eu não tivesse feito isso, ele a teria matado. Ele a estava estrangulando.

— É o que você diz. Mas, até aí, as mulheres juram por qualquer coisa a todo o momento.

— É a verdade.

— Você tem testemunhas? Alguém além da sua *ambagh*?

— Não — respondeu Mariam.

— Pois é. — Abriu os braços e deu uma risadinha.

Foi o talibã doentio quem falou em seguida.

— Eu tenho um médico em Peshawar — disse. — Um bom sujeito, um jovem paquistanês. Estive com ele um mês atrás e outra vez na semana passada. Eu disse, diga a verdade, amigo, e ele me respondeu, três meses, mulá sahib, talvez seis, no máximo, dependendo da vontade de Deus, é claro.

Fez um leve gesto de cabeça para o homem de ombros largos à esquerda e tomou outro gole de chá. Limpou a boca com as costas da mão trêmula.

— Não me assusta deixar esta vida que meu filho único deixou cinco anos atrás, esta vida que insiste em que suportemos tristezas e mais tristezas até não aguentarmos mais. Não, acredito que vou me despedir com alegria quando o momento chegar. O que me assusta, *hamshira*, é o dia em que Deus me chamar diante Dele e perguntar: *Por que você não fez o que eu disse, mulá? Por que não obedeceu às minhas leis?* Como vou me explicar para Ele,

hamshira? Qual será minha defesa por não cumprir as ordens Dele? Tudo que podemos fazer, o que todos nós podemos fazer, no tempo que nos é agraciado, é seguir obedecendo as leis que Ele estabeleceu para nós. Quanto mais claro me parece o meu fim, *hamshira*, quanto mais perto estou do dia do meu julgamento, mais determinado me sinto para obedecer a Sua palavra. Por mais doloroso que seja.

Ajeitou-se na almofada com uma careta.

— Acredito quando você diz que seu marido era um homem de temperamento desagradável — retomou, olhando fixo para Mariam através dos óculos, o olhar ao mesmo tempo severo e compassivo. — Mas não posso deixar de me sentir perturbado pela brutalidade de sua ação, *hamshira*. Me incomoda o que você fez; me incomoda que um garotinho estivesse chorando pelo pai no andar de cima quando você fez isso.

“Eu estou cansado, moribundo e quero ser piedoso. Quero perdoar. Mas quando Deus me chamar e disser: *Mas não era para perdoar, mulá*, o que eu vou dizer?”

Seus companheiros aquiesceram e olharam para ele com admiração.

— Algo me diz que você não é uma mulher má, *hamshira*. Mas fez uma coisa má. E deve pagar por essa coisa que fez. A Shari’a não é vaga a esse respeito. Diz que devo mandar você ao lugar para onde estou prestes a ir. Você está entendendo, *hamshira*?

Mariam olhou para as próprias mãos. Disse que entendia.

— Que Alá a perdoe.

Antes de ser conduzida para fora, Mariam recebeu um documento, e pediram para que assinasse embaixo de sua declaração e da sentença do mulá. Sob os olhares dos três talibãs, Mariam escreveu seu nome — o *meem*, o *reh*, o *yah* e o *meem* — lembrando a última vez que tinha assinado o nome num documento, vinte e sete anos antes, na mesa de Jalil, sob o olhar vigilante de outro mulá.

Mariam passou dez dias na cadeia. Ficava perto da janela da cela, observando a vida da prisão no pátio. Quando o vento de verão soprava, ela via pedaços de papel navegando nas correntes num movimento frenético e retorcido, como se fossem jogados de um lado para o outro, bem acima dos muros da prisão. Observava os ventos agitarem a poeira, açoitando-a em violentas espirais que atravessavam o pátio. Todo mundo — os guardas, os detentos, as crianças, a própria Mariam — enterrava a cabeça nos braços, mas a poeira não podia ser evitada. Escondia-se nos canais auditivos e nas narinas, nas pestanas e nas dobras da pele, no vão entre os molares. Só ao anoitecer o vento diminuía. E quando soprava a brisa noturna, era de forma muito tímida, como que para compensar os excessos do seu irmão diurno.

No último dia de Mariam em Walayat, Naghma deu a ela uma tangerina. Depositou-a na palma da mão de Mariam e fechou seus dedos ao redor. Depois rompeu em lágrimas.

— Você é a melhor amiga que eu já tive — falou.

Mariam passou o resto do dia perto da janela gradeada observando as detentas abaixo. Alguém preparava uma refeição, um fluxo de fumaça cheirando a cominho entrava com o ar quente pela janela. Mariam podia ver as crianças brincando de cabra-cega. Duas garotinhas cantavam uma cantiga, e Mariam se lembrou de sua própria infância, se lembrou de Jalil cantando para ela sentado numa pedra pescando no regato.

*Lili lili passarinho,
Sentada perto de um ninho,
Peixinho subiu na beira e bebeu,
Escorregou, e pela água desceu.*

Mariam teve sonhos desconexos na noite anterior. Sonhou com pedregulhos, doze pedregulhos, dispostos verticalmente. Jalil, jovem outra vez, sorriso animado e dobras no queixo e manchas de suor, paletó jogado no ombro; afinal, vinha para levar a filha para um passeio em seu cintilante Buick Roadmaster preto. Mulá Faizullah dedilhando o rosário de contas, andando com ela ao longo do riacho, as sombras gêmeas planando na água e nas margens gramadas salpicadas de íris silvestre azul-lavanda que, no sonho, tinha cheiro de cravo-da-índia. Sonhou com Nana na porta da *kolba*, a voz baixa e distante, chamando-a para jantar, enquanto Mariam brincava na grama fresca e emaranhada onde formigas passeavam, besouros perambulavam e gafanhotos assumiam os mais diversos tons de verde. O rangido de um carrinho de mão percorrendo um caminho de terra. Sinetes de vacas tocando. Ovelhas balindo numa encosta.

A caminho do estádio de Ghazi, Mariam sacudia na carroceria do caminhão que derrapava em poças de lama e cuspiu pedregulhos. Os solavancos machucavam seu cóccix. Um jovem talibã armado vinha sentado à sua frente, olhando para ela.

Mariam conjecturava se seria ele, esse jovem de aparência amistosa, olhos fundos e brilhantes e rosto levemente pontudo, com a unha do indicador suja de tamborilar na carroceria do caminhão.

— Está com fome, mãe? — ele perguntou.

Mariam abanou a cabeça.

— Eu tenho um biscoito. É bom. Pode comer se estiver com fome. Eu não me incomodo.

— Não. *Tashakor*, irmão.

O jovem anuiu, olhando para ela com uma expressão benigna.

— Está com medo, mãe?

Um nó fechava a garganta de Mariam. Numa voz trêmula, ela disse a verdade.

— Sim. Estou com muito medo.

— Eu tenho uma foto do meu pai — falou o jovem. — Eu não me lembro dele. Consertava bicicletas, até onde sei. Mas não me lembro como ele era, sabe, como ria ou o som da voz dele. — Olhou para o outro lado, depois voltou a Mariam. — Minha mãe dizia que ele era o homem mais corajoso que conhecia. Como um leão, ela dizia. Mas me disse que chorou como um bebê no dia em que os comunistas o prenderam. Estou dizendo isso para que saiba que é normal ter medo. Não há do que se envergonhar, mãe.

Pela primeira vez naquele dia, Mariam chorou um pouquinho.

Milhares de olhos voltavam-se para ela. Nas arquibancadas repletas, pescoços se esticavam em busca de uma visão melhor. Línguas estalavam. Um murmúrio percorreu o estádio quando ajudaram Mariam a descer do caminhão. Mariam imaginou cabeças abanando quando anunciaram o seu crime. Mas não olhou para ver se estavam meneando de reprovação ou de piedade, de condenação ou de pena. Mariam não queria ver nada disso.

Mais cedo, naquela manhã, ela sentiu medo de se comportar mal, de se transformar num espetáculo de súplica e choradeira. Teve medo de gritar, vomitar ou talvez até de se urinar, que em seus últimos momentos fosse traída pelo instinto animal ou por indisposições corporais. Mas, quando a fizeram descer do caminhão, as pernas de Mariam não fraquejaram. Os braços não penderam inertes. Ela não teve de ser arrastada. E quando sentia vacilar, pensava em Zalmai, de quem tinha arrebatado o amor de sua vida, cujos dias agora seriam moldados pela tristeza do desaparecimento do pai. Então o passo de Mariam se firmava e ela conseguia andar sem percalços.

Um homem armado se aproximou e disse para ela andar em direção ao gol do lado sul. Mariam sentiu a multidão retinir de antecipação. Não olhou para cima. Manteve os olhos no chão, ou na própria sombra, ou na sombra de seu carrasco que acompanhava a sua.

Embora tivesse havido belos momentos, Mariam sabia que a vida não tinha sido boa com ela. Mas, ao percorrer os vinte passos finais, não conseguiu deixar de desejar mais tempo de vida. Gostaria de poder ver Laila mais uma vez, gostaria de ouvir o som de sua risada, sentar com ela outra vez em frente a um bule de *chai* e sobras de *halwa* sob um céu estrelado. Lamentava não poder ver Aziza crescer, não conhecer a linda jovem que seria um dia, não poder pintar as mãos dela com hena e jogar doce de *noql* no seu casamento. Nunca brincaria com os filhos de Aziza. Gostaria muito de fazer isso, de envelhecer e brincar com os filhos de Aziza.

Perto do gol, o homem atrás dela fez com que parasse. Mariam parou. Através da teia da burca, viu as sombras dos braços erguerem a sombra de um Kalashnikov.

Mariam desejou tanto naqueles últimos momentos. Mas, quando fechou os olhos, não sentiu mais tristeza; e uma sensação de paz abundante a envolveu. Pensou em sua chegada a este mundo, a filha *harami* de uma pobre

aldeã, uma coisa não intencional, um acidente penoso e lamentável. Uma erva. E lá estava ela saindo do mundo como uma mulher que tinha amado e sido amada. Saindo do mundo como uma amiga, uma companheira, uma guardiã. Uma mãe. Uma pessoa importante afinal. Não. Não era tão ruim, pensou Mariam, morrer dessa forma. Não tão ruim. Era um final legítimo para uma vida que teve um começo ilegítimo.

Os últimos pensamentos de Mariam foram umas poucas palavras do Corão, que recitou em voz baixa.

Ele criou os céus e a terra com a verdade; Ele faz a noite encobrir o dia e faz o dia superar a noite, e Ele fez o Sol e a Lua subservientes; cada um cumpre sua missão; mas por certo Ele é o Poderoso, o Grande Perdoador.

— Ajoelhe-se — disse o talibã.

Oh, meu senhor! Perdoe-me e tenha piedade, pois és o melhor entre os piedosos.

— Ajoelhe aqui, *hamshira*. E olhe para baixo.

Pela última vez, Mariam fez o que foi mandado.

PARTE QUATRO

QUARENTA E OITO

Agora Tariq tem dores de cabeça.

Algumas noites, Laila acorda e o encontra na beira da cama, balançando, a camiseta cobrindo a cabeça. As dores começaram em Nasir Bagh, ele diz, depois pioraram na prisão. Às vezes o fazem vomitar, turvam a visão de um olho. Ele diz que sente como se uma faca de açougueiro cravada na têmpora se retorcesse pelo cérebro, até sair do outro lado.

— Sinto até gosto de metal, quando elas começam.

Às vezes Laila molha um pedaço de pano e aplica na testa dele, o que ajuda um pouco. Os pequenos comprimidos brancos que o médico de Sayeed receitou para Tariq também ajudam. Mas algumas noites, Tariq só consegue segurar a cabeça e gemer, os olhos injetados de sangue, o nariz escorrendo. Laila senta ao seu lado quando ele está nesse estado, esfrega sua nuca, pega suas mãos, sente o frio do metal da aliança na palma da mão.

Eles se casaram no dia em que chegaram a Murree. Sayeed pareceu aliviado quando eles disseram que iam se casar. Não teria de discutir com Tariq a delicada questão de um casal não casado morando em seu hotel. Sayeed não é absolutamente como Laila imaginava, de rosto gordo e olhos de ervilha. Tem um bigode grisalho cujas extremidades ele enrola numa ponta fina, e longos cabelos cinzentos que penteia para trás. É um homem bem-educado e de fala mansa, com um discurso cadenciado e movimentos graciosos.

Foi Sayeed quem chamou um amigo e um mulá para a *nikka* naquele dia. Sayeed puxou Tariq de lado para lhe dar algum dinheiro. Tariq não queria aceitar, mas Sayeed insistiu. Tariq foi então até o shopping e voltou com duas alianças simples e fininhas. Os dois se casaram naquela mesma noite, depois que as crianças foram dormir.

No espelho, debaixo do véu verde que o mulá jogou sobre suas cabeças, os olhos de Laila encontraram os de Tariq. Não houve lágrimas, nem sorrisos de dia de casamento, nem votos de amor murmurados para sempre. Em silêncio, Laila olhou para o reflexo dos dois, os rostos muito velhos para a idade, as bolsas, as rugas e a flacidez que agora marcavam as expressões outrora joviais. Tariq abriu a boca para começar a dizer alguma coisa, mas assim que começou, alguém puxou o véu, e Laila não soube o que ele ia dizer.

Naquela noite, eles se deitaram na cama como marido e mulher, enquanto as crianças roncavam nos colchões no chão. Laila lembrou a

facilidade com que o espaço entre os dois era preenchido com palavras, entre ela e Tariq, quando eram mais jovens, o fluxo do discurso inconsequente e rápido, sempre interrompido pelo outro, um agarrando no colarinho do outro para enfatizar uma questão, a risada rápida, a presteza para o deleite. Tanta coisa tinha acontecido desde aqueles dias da infância, tanta coisa precisava ser dita. Mas naquela primeira noite a enormidade de tudo subtraiu as palavras de Laila. Naquela noite, já era bom demais estar ao lado dele. Era bom demais saber que ele estava ali, sentir o calor de seu corpo próximo ao dela, estar com ele, as cabeças encostadas, a mão direita dele enlaçando sua mão esquerda.

No meio da noite, quando Laila acordou com sede, viu que suas mãos ainda estavam enlaçadas, as juntas esbranquiçadas, com a mesma ansiedade com que crianças se agarram aos cordões de um balão.

Laila gosta das manhãs nubladas e frescas de Murree e de seus estonteantes crepúsculos, a luminosidade pesada do céu à noite; do verde dos pinheiros e do marrom suave dos esquilos subindo e descendo os grandes troncos; das súbitas chuvaradas que fazem os consumidores do shopping correrem em busca da cobertura dos toldos. Gosta das lojas de souvenir, dos diversos hotéis que hospedam turistas, mesmo que os habitantes locais resmunguem contra as constantes construções, a expansão da infraestrutura que dizem estar devorando a beleza natural de Murree. Laila acha estranho que as pessoas lamentem a *construção* de prédios. Em Cabul, eles comemoram.

Ela gosta de ter um banheiro, não uma casinha no quintal, mas um banheiro de verdade, com um vaso com descarga, um chuveiro e uma pia também, com duas torneiras iguais das quais pode extrair, numa torção de pulso, água quente ou fria. Gosta de acordar ao som de Alyona balindo de manhã, e da intratável porém inofensiva cozinheira, Adiba, que faz maravilhas na cozinha.

Às vezes, quando Laila observa Tariq dormindo, quando os filhos resmungam e se agitam durante o sono, surge um grande nó de gratidão em sua garganta que faz seus olhos marejarem.

De manhã, Laila segue Tariq de quarto em quarto. Chaves tilintam de uma argola presa na cintura dele e uma garrafa de limpador de vidros pende dos passadores de seu jeans. Laila o acompanha com um balde cheio de panos, desinfetante, uma escova de toalete e um pulverizador de cera para os armários. Aziza vem atrás, um esfregão na mão, a boneca recheada de feijão que Mariam fez para ela na outra mão. Zalmai segue relutante, cabisbaixo, sempre alguns passos atrás.

Laila passa o aspirador, faz as camas e tira o pó. Tariq lava as pias e as banheiras, limpa o chão do banheiro e o linóleo do piso. Renova as prateleiras com toalhas limpas, garrafinhas de xampu e sabonetes com perfume de amêndoas. Aziza se atribuiu a função de lavar as vidraças. A boneca nunca fica longe do lugar onde ela trabalha.

Laila contou a Aziza sobre Tariq alguns dias depois da *nikka*.

É estranho, pensa Laila, quase inquietante, o que se passa entre Aziza e Tariq. Aziza já termina as frases que ele fala, e ele as dela. Atende a pedidos que ele ainda não fez. Sorrisos cúmplices são trocados na mesa de jantar como se os dois não fossem estranhos, mas sim companheiros reunidos depois de uma longa separação.

Aziza olhou pensativa para as próprias mãos quando Laila contou.

— Eu gosto dele — falou, depois de uma longa pausa.

— Ele *ama* você.

— Ele disse isso?

— Nem precisa dizer, Aziza.

— Me conta o resto, mami. Para eu poder saber.

E Laila contou.

— Seu pai é um homem bom. É o melhor homem que já conheci.

— E se ele for embora? — perguntou Aziza.

— Ele nunca irá embora. Olha pra mim, Aziza. Seu pai nunca vai magoar você e nunca irá embora.

O alívio na expressão de Aziza partiu o coração de Laila.

Tariq comprou um cavalo de balanço para Zalmai, construiu uma carroça para ele. Com um detento na prisão, ele aprendeu a fazer animais de papel, e dobrou, cortou e ajustou incontáveis folhas de papel em forma de leões e cangurus para Zalmai, cavalos e pássaros de penas coloridas. Mas essas tentativas de aproximação são rejeitadas por Zalmai sem cerimônia, às vezes com maldade.

— Você é um jumento! — ele brada. — Eu não quero os seus brinquedos!

— Zalmai! — repreende Laila.

— Tudo bem — diz Tariq. — Laila, tudo bem. Deixa.

— Você não é meu *baba jan*! Meu verdadeiro *baba jan* está viajando, e quando voltar ele vai te dar uma surra! E você não vai conseguir fugir, porque ele tem duas pernas e você só tem uma!

À noite, Laila abraça Zalmai contra o peito e recita as orações do *Babalu*. Quando ele pergunta, Laila diz a mentira mais uma vez, diz que seu *baba jan* viajou e ela não sabe quando vai voltar. Ela abomina essa tarefa, se abomina por mentir desse jeito para uma criança.

Laila sabe que essa vergonhosa mentira terá de ser contada ainda muitas e muitas vezes. Isso porque Zalmai vai fazer a mesma pergunta ao sair de um balanço, ao despertar de uma soneca à tarde e, depois, quando tiver idade para amarrar os cordões do sapato, para andar sozinho até a escola, essa mentira terá de ser dita de novo.

Em algum momento, Laila sabe, as perguntas secam. Lentamente, Zalmai vai parar de se perguntar por que o pai o abandonou. Não vai mais ver o pai nos sinais de tráfego, em velhos curvados andando na rua ou tomando

chá em casas de samovar nas calçadas. E um dia vai perceber, andando na margem de algum rio sinuoso, ou olhando um campo de neve imaculado, que o desaparecimento do pai não é mais uma ferida aberta e dolorosa. Que se transformou em outra coisa, algo mais ameno e indolente. Como um mito. Algo a ser reverenciado, mistificado.

Laila está feliz aqui em Murree. Mas não é uma felicidade fácil. Não é uma felicidade sem um preço.

Nos dias de folga, Tariq leva Laila e as crianças até o shopping, próximo a uma igreja anglicana construída na metade do século XIX, onde há lojas que vendem badulaques. Tariq compra *kebabs* de *chapli* temperados dos vendedores de rua. Passeiam no meio de multidões de habitantes locais, os europeus e seus celulares e câmeras digitais, os punjabis que vêm aqui para fugir do calor das planícies.

Em algumas ocasiões, eles pegam um ônibus para Kashmir Point. De lá, Tariq mostra o vale do rio Jhelum, as encostas acarpetadas de pinheiros e as florestas densas e verdejantes das montanhas, onde ele diz que se podem ver macacos pulando de galho em galho. Vão também para Nathia Gali, cheia de árvores de bordo, a cerca de trinta quilômetros de Murree, onde Tariq segura a mão de Aziza e eles caminham pela estrada sob a sombra das árvores até a casa do governador. Param no antigo cemitério britânico, ou pegam um táxi até o alto da montanha para uma vista do verdejante vale coberto de névoa abaixo.

Às vezes nesses passeios, quando passam pela vitrine de uma loja, Laila vê o reflexo da família. Homem, mulher, filha, filho. Para estranhos, ela sabe, eles devem parecer a mais comum das famílias, sem segredos, mentiras ou arrependimentos.

Aziza tem pesadelos dos quais acorda gritando. Laila tem de deitar ao lado dela na cama, enxugar suas bochechas com as mangas, acalmá-la para voltar a dormir.

Laila também tem seus sonhos. Neles, ela está sempre de volta a casa de Cabul, andando pelo corredor, subindo a escada. Está sozinha, mas atrás das portas ouve o chiado rítmico de um ferro de passar, roupas de cama estalando, depois se dobrando. Às vezes ouve uma mulher cantarolando em voz baixa uma velha canção herati. Mas quando entra, o quarto está vazio. Não há ninguém ali.

Os sonhos deixam Laila abalada. Ela acorda suada, os olhos pinicando de lágrimas. É devastador. Todas as vezes, é sempre devastador.

QUARENTA E NOVE

NUM DOMINGO DAQUELE SETEMBRO, Laila acomodava Zalmai, que estava resfriado, para tirar uma soneca quando Tariq entra afobado no bangalô.

— Você já soube? — pergunta, meio ofegante. — Eles o mataram. Ahmad Shah Massoud. Ele foi morto.

— O quê?

Ainda na porta, Tariq conta o que ficou sabendo.

— Dizem que ele deu uma entrevista para dois jornalistas que alegavam ser belgas provenientes do Marrocos. Enquanto conversavam, uma bomba escondida na câmara de vídeo explodiu matando Massoud e um dos jornalistas. Eles mataram o segundo quando ele tentava fugir. Agora estão dizendo que provavelmente os jornalistas eram homens da Al-Qaeda.

Laila se lembra do pôster de Ahmad Shah Massoud que mami afixara na parede do quarto. Massoud inclinado para a frente, uma sobranceira erguida, o rosto enrugado de concentração, como se estivesse ouvindo alguém respeitosamente. Laila lembra o quanto mami era grata a Massoud por ele ter dito uma prece no túmulo no enterro dos filhos, como ela contava isso para todo mundo. Mesmo depois da guerra irrompida entre a facção dele e as outras, mami se recusou a culpá-lo. *Ele é um homem bom*, costumava dizer. *Ele quer a paz. Quer reconstruir o Afeganistão. Mas eles não deixam.* Para mami, até o fim, mesmo depois de tudo dar terrivelmente errado e Cabul estar em ruínas, Massoud ainda era o Leão de Panjshir.

Laila não é tão condescendente. O fim violento de Massoud não lhe traz nenhuma alegria, mas ela se lembra muito bem dos bairros arrasados em sua gestão, dos corpos arrastados dos escombros, das mãos e dos pés de crianças encontrados nos telhados e nos galhos altos de algumas árvores dias depois do enterro. Lembra-se muito claramente da expressão de mami instantes antes de o foguete atingir a casa e, por mais que tente esquecer, do tronco sem cabeça de babi caindo perto dela, da ponte desenhada na sua camiseta sobressaindo da névoa espessa e em sangue.

— Vai haver um funeral — Tariq estava dizendo. — Tenho certeza. Provavelmente em Rawalpindi. Vai ser grande.

Zalmai, que estava quase dormindo, agora está sentado, esfregando os olhos com os punhos.

Dois dias depois, eles estão limpando um quarto quando ouvem uma comoção. Tariq larga o esfregão e sai correndo. Laila vai atrás.

O barulho vem do saguão do hotel. Há uma área de convivência à direita

do balcão de recepção, com diversas cadeiras e dois sofás forrados de veludo bege. No canto, diante dos sofás, há uma televisão, e Sayeed, o proprietário, e vários hóspedes estão reunidos em frente.

Laila e Tariq abrem passagem.

A tv está ligada na BBC. Na tela, um edifício, uma torre, fumaça negra subindo dos andares superiores. Tariq diz alguma coisa a Sayeed e Sayeed começa a responder quando surge um avião no canto da tela. Colide com a torre ao lado, explodindo numa bola de fogo que empalidece qualquer bola de fogo que Laila já tinha visto. Uma exclamação coletiva sai da boca de todos no saguão.

Em menos de duas horas, as duas torres desabaram.

Logo todas as emissoras de tv estão falando do Afeganistão e do Talibã e de Osama bin Laden.

— Você ouviu o que o Talibã disse? — pergunta Tariq. — Sobre Bin Laden?

Aziza está sentada na cama na frente dele, observando o tabuleiro. Tariq ensinou-a a jogar xadrez. Ela franze a testa e dedilha o lábio inferior, imitando a linguagem corporal usada pelo pai quando está decidindo uma jogada.

Zalmi está um pouco melhor do resfriado. Está dormindo, e Laila esfrega expectorante no peito dele.

— Ouvi — ela responde.

O Talibã anunciou que não entregaria Bin Laden porque ele é um *mehman*, um hóspede que encontrou santuário no Afeganistão, e extraditar um hóspede é contra o código *Pashtunwali* de ética. Tariq dá uma risada amarga, e Laila ouve naquele riso que ele está revoltado com essa distorção de um honorável código pashtun, uma deturpação dos modos de seu povo.

Alguns dias depois do ataque, Laila e Tariq estão no saguão do hotel outra vez. Na tela da tv, George W. Bush está discursando. Há uma grande bandeira americana atrás dele. A certa altura, a voz falseia, e Laila acha que ele vai chorar.

Sayeed, que fala inglês, explica para eles que Bush acabou de declarar guerra.

— Contra quem? — pergunta Tariq.

— Contra o seu país, para começar.

— Talvez não seja uma coisa tão ruim — diz Tariq.

Eles acabaram de fazer amor. Tariq está deitado ao lado dela, a cabeça em seu peito, o braço descansando na barriga. Nas primeiras vezes em que tentaram, houve dificuldade. Tariq era todo pedido de desculpas. Laila era toda garantias. Ainda havia dificuldades, não físicas, mas sim logísticas. A casa em que moram com as crianças é pequena. As crianças dormem em camas debaixo deles e por isso a privacidade é restrita. A maior parte das vezes, Laila e Tariq fazem amor em silêncio, com uma paixão muda e

controlada, totalmente vestidos embaixo das cobertas como precaução, no caso de interrupções das crianças. Estão sempre atentos ao farfalhar de lençóis, molas da cama rangendo. Mas, para Laila, estar com Tariq vale essas apreensões. Quando fazem amor, Laila se sente ancorada, se sente abrigada. Suas ansiedades de que aquela vida em comum seja uma bênção temporária, que logo vai se romper novamente em tiras e trapos, são aliviadas. Desaparecem seus temores de uma separação.

— Como assim? — ela pergunta.

— O que está acontecendo no nosso país. Pode não ser tão ruim, afinal.

Bombas estão caindo de novo no nosso país, dessa vez bombas americanas — Laila tem visto imagens da guerra todos os dias na televisão enquanto troca roupas de cama e passa o aspirador. Os americanos voltaram a armar os chefes de guerra, convocaram ajuda da Aliança do Norte para expulsar o Talibã e localizar Bin Laden.

Laila fica irritada com o que Tariq está dizendo. Tira a cabeça bruscamente do peito dele.

— Não é tão ruim? Gente morrendo? Mulheres, crianças, velhos? Lares destruídos de novo? Não é tão ruim?

— *Shh*. Você vai acordar as crianças.

— Como você pode dizer isso, Tariq? — dispara. — Depois do chamado fiasco em Karam? Cem pessoas inocentes! Você mesmo viu os cadáveres!

— Não — replica Tariq. Levanta-se sobre o cotovelo, olha para Laila. — Você me entendeu mal. O que estou dizendo é que...

— Você não sabe — diz Laila. Percebe que seu tom de voz está aumentando, que estão tendo a primeira briga como marido e mulher. — Você foi embora quando os mujahidin começaram a lutar, lembra? Fui eu quem fiquei lá. Eu. Eu *sei* o que é uma guerra. Perdi os meus pais na guerra. Os meus *pais*, Tariq. E agora ouço você dizer que esta guerra não é tão ruim?

— Desculpe, Laila. Desculpe. — Põe as mãos em concha no rosto dela. — Você tem razão. Me perdoe. O que eu quis dizer é que talvez haja esperança do outro lado desta guerra, que talvez pela primeira vez em um longo tempo...

— Eu não quero mais falar sobre isso — diz Laila, surpresa com sua agressividade.

Não é justo, ela sabe, o que disse a ele — a guerra também não tinha tirado os pais dele? —, e fosse o que fosse que a irritara já está se acalmando. Tariq continua a falar com meiguice, e, quando a abraça, ela se deixa abraçar. Quando ele beija sua mão, depois a testa, ela deixa. Sabe que provavelmente ele tem razão. Sabe o que queria dizer com seu comentário. Talvez isso *seja* necessário. Talvez ressurjam *esperanças* quando as bombas de Bush pararem de cair. Mas não consegue admitir isso, não quando o que aconteceu com babi e mami está acontecendo agora no Afeganistão, não quando algum garoto ou garota insuspeito acaba de se tornar órfão por um foguete, como ela. Laila não consegue admitir aquilo. É difícil comemorar. Parece hipócrita,

perverso.

Naquela noite, Zalmai acorda tossindo. Antes de Laila conseguir se mexer, Tariq joga as pernas para o lado da cama. Afivela a prótese e vai até Zalmai, pegando-o nos braços. Da cama, Laila vê a silhueta de Tariq andando para a frente e para trás na escuridão. Vê o contorno da cabeça de Zalmai no ombro de Tariq, as mãos na nuca dele, os pezinhos balançando ao lado dos quadris de Tariq.

Quando Tariq volta para a cama, nenhum dos dois fala nada. Laila estende o braço e toca no rosto dele. As faces de Tariq estão molhadas.

CINQUENTA

Para Laila, a vida em Murree é confortável e tranquila. O trabalho não é enfadonho, e nos dias de folga ela e Tariq levam as crianças para passear no teleférico do monte Patriata, ou vão ao promontório de Pindi, onde, num dia claro, pode-se ver até Islamabad e o centro da cidade de Rawalpindi. Lá em cima, eles estendem uma coberta no gramado e comem sanduíches de almôndegas com pepinos tomando ginger ale gelado.

É uma vida boa, Laila diz a si mesma, uma vida para se agradecer. Na verdade, é precisamente o tipo de vida que ela costumava sonhar para si própria nos dias mais sombrios com Rasheed. Todos os dias, Laila faz questão de se lembrar disso.

Então, numa noite quente de julho de 2002, ela e Tariq estão na cama conversando em voz baixa sobre todas as mudanças no Afeganistão. Houve tantas. As forças de coalizão expulsaram o Talibã de todas as maiores cidades, forçando-o para além das fronteiras com o Paquistão e para as montanhas no sul e no leste do Afeganistão. A ISAF, uma força internacional de paz, foi mandada para Cabul. O país tem agora um presidente interino, Hamid Karzai.

Laila decide que chegou a hora de contar a Tariq.

Um ano antes, ela teria, com prazer, dado um braço para sair de Cabul. Mas, nos últimos meses, percebeu que sente saudade da cidade da sua infância. Sente falta do burburinho do Shor Bazaar, dos Jardins de Babur, do chamado dos carregadores de água com seus odres de pele de cabra. Sente falta dos mercadores de roupas na rua das Galinhas e dos vendedores de melão em Karteh-Parwan.

Mas não é apenas saudade de casa ou nostalgia que Laila vem sentindo tanto por Cabul nesses dias. Laila sente-se atormentada pela inquietação. Ouve falar de escolas construídas em Cabul, estradas sendo asfaltadas, mulheres voltando ao trabalho, e sua vida em Murree, mesmo que agradável, por mais agradecida que se sinta, parece... insuficiente para ela. Inconsequente. Pior ainda, desperdiçada. Nos últimos tempos, ela começou a ouvir a voz de babi na cabeça. *Você pode ser o que quiser, Laila*, ele diz. *Eu sei isso sobre você. E também sei que, quando esta guerra acabar, o Afeganistão vai precisar de você.* Laila ouve a voz de mami também. Lembra a resposta de mami a babi quando ele sugeria que saíssem do Afeganistão. *Quero estar lá quando isso acontecer, quando o Afeganistão estiver livre, para que os garotos também vejam. Eles vão ver através dos meus olhos.* É essa parte de Laila que agora quer voltar a Cabul, por mami e babi, para eles verem através dos olhos

dela.

E também o que mais a impele é Mariam. Será que Mariam tinha morrido por isso, ela se perguntava? Tinha se sacrificado para que ela, Laila, fosse uma dona de casa num país estrangeiro? Talvez não importasse a Mariam o que Laila fizesse desde que ela e as crianças estivessem seguras e felizes. Mas importava para Laila. De repente, importava muito.

— Eu quero voltar — ela diz.

Tariq senta na cama e olha para ela.

Laila novamente se surpreende com o quanto ele é bonito, a curva perfeita da testa, os músculos esguios dos braços, os olhos pensativos e inteligentes. Um ano se passou, e ainda há ocasiões, em momentos como esse, em que Laila não consegue acreditar que eles se encontraram de novo, que ele está realmente ali, com ela, que é o seu marido.

— Voltar? Para Cabul? — ele pergunta.

— Mas só se você também quiser.

— Você está infeliz aqui? Você parece feliz. As crianças também.

Laila se senta. Tariq se arruma na cama, abre lugar para ela.

— Eu *estou* feliz — diz Laila. — Claro que estou. Mas... para onde nós vamos daqui, Tariq? Quanto tempo vamos ficar? Aqui não é a nossa casa. Cabul é o nosso lar, e tem tanta coisa acontecendo por lá, muita coisa boa. Eu quero fazer parte de tudo isso. Quero *fazer* alguma coisa. Quero contribuir. Você entende?

Tariq aquiesce devagar.

— Então é isso o que você quer? Tem certeza?

— É o que eu quero, sim, tenho certeza. Mas é mais do que isso. Eu sinto que *preciso* voltar. Ficar aqui não me parece mais certo.

Tariq olha para as próprias mãos, depois de novo para ela.

— Mas só... somente... se você também quiser ir.

Tariq sorri. As rugas do cenho relaxam, e por um breve instante ele é o antigo Tariq outra vez, o Tariq que não tinha dores de cabeça, que uma vez disse que na Sibéria o muco virava gelo antes de cair no chão. Pode ser apenas imaginação, mas Laila acredita que tem visto esse antigo Tariq com mais frequência ultimamente.

— Eu? — ele replica. — Eu vou seguir você até ao fim do mundo, Laila.

Ela o abraça e beija seus lábios. Acredita que nunca o amou mais do que nesse momento.

— Obrigada — diz, a testa encostada na dele.

— Vamos para casa.

— Mas, antes, eu quero ir a Herat — ela fala.

— Herat?

Laila explica.

As crianças precisam ser tranquilizadas, cada uma do seu jeito. Laila precisa se sentar com uma agitada Aziza, que ainda tem pesadelos, que se assustou e

até chorou na semana anterior quando alguém disparou tiros de festim para o alto numa festa de casamento ali perto. Laila precisa explicar a Aziza que quando eles voltarem a Cabul, o Talibã não vai estar lá, que não vai haver batalhas, que ela não vai voltar para o orfanato.

— Nós vamos morar todos juntos. O seu pai, eu, Zalmai. E você, Aziza. Você nunca, nunca mais vai se separar de mim outra vez. Prometo. — Sorri para a filha. — Isto é, até o dia que *you* quiser. Quando se apaixonar por algum homem e quiser se casar com ele.

No dia em que eles partem de Murree, Zalmai está inconsolável. Abraça o pescoço de Alyona e não quer largar.

— Eu não consigo separar ele da cabra, mami — diz Aziza.

— Zalmai. Nós não podemos levar a cabra no ônibus — explica Laila outra vez.

Só quando Tariq se ajoelha ao seu lado e promete a Zalmai que vai comprar outra cabra igualzinha a Alyona em Cabul é que Zalmai cede, relutantemente.

As despedidas de Sayeed também são chorosas. Para desejar boa sorte, ele segura um Corão na porta para Tariq, Laila e as crianças beijarem três vezes, depois levanta para eles passarem por baixo. Ajuda Tariq a carregar as duas malas para o porta-malas do seu carro. É Sayeed quem os leva até a estação, que fica na calçada acenando enquanto o ônibus parte resfolegando.

Quando vira para trás e observa Sayeed se afastando pela janela traseira do ônibus, Laila ouve a voz da dúvida sussurrando em sua cabeça. Será que eles estão sendo tolos, reflete, em deixar para trás a segurança de Murree? Voltar para o país onde seus pais e irmãos pereceram, onde a fumaça das bombas está apenas baixando?

Então, das espirais escurecidas de sua lembrança, surgem dois versos de poesia, a ode de despedida de babi a Cabul:

*Não se pode contar as luas que brilham sobre os telhados,
Nem os mil esplêndidos sóis que se escondem atrás das paredes.*

Laila recosta-se no banco, piscando para secar a umidade nos olhos. Cabul está esperando. Precisando. Essa jornada para casa é a coisa certa a fazer.

Mas, antes, há uma última despedida a ser feita.

As guerras no Afeganistão devastaram as estradas que ligavam Cabul, Herat e Kandahar. O trajeto mais fácil para Herat agora passa por Mashad, no Irã. Laila e a família ficam lá só uma noite. Dormem num hotel, e, na manhã seguinte, tomam outro ônibus.

Mashad é uma cidade populosa e movimentada. Laila observa os parques, mesquitas e restaurantes de *chelo kebab* passando pela janela. Quando o ônibus passa pelo túmulo do imane Reza, o oitavo imane xiita,

Laila estica o pescoço para ver melhor o teto luminoso, os minaretes, o magnífico domo dourado, tudo preservado de forma imaculada e adorável. Pensa nos Budas de seu país. Agora viraram grãos de poeira, soprados pelo vento pelo vale de Bamiyan.

A viagem de ônibus até a fronteira entre o Irã e o Afeganistão leva quase dez horas. O terreno fica mais desolado, mais agreste, à medida que se aproximam do Afeganistão. Pouco antes de cruzarem a fronteira para Herat, eles passam por um campo de refugiados afegão. Para Laila, parece um borrão de poeira amarela, tendas pretas e estruturas esparsas feitas de folhas de metal corrugado. Ela estende o braço e segura na mão de Tariq.

Em Herat, a maioria das ruas é asfaltada, ladeada por pinheiros perfumados. Existem parques municipais e bibliotecas sendo construídos, praças ajardinadas, edifícios recém-pintados. Os sinais de trânsito funcionam, e, mais surpreendente para Laila, a eletricidade é estável. Laila ouviu dizer que o chefe de guerra de Herat, no estilo feudal, Ismail Khan, ajudou a reconstruir a cidade com os rendimentos recolhidos da aduaneira na fronteira entre o Afegão e o Irã, dinheiro que Cabul diz não pertencer a ele, mas sim ao governo central. Há um misto de reverência e medo no tom em que o taxista que os leva ao hotel Muwaffaq menciona o nome de Ismail Khan.

A estadia de duas noites no Muwaffaq vai custar a eles quase um quinto de suas economias, mas a viagem desde Mashad foi longa e cansativa, e as crianças estão exaustas. O recepcionista mais velho na portaria diz a Tariq, enquanto entrega as chaves do quarto, que o Muwaffaq é muito frequentado por jornalistas e funcionários de ONGs.

— Bin Laden dormiu aqui uma vez — ele se gaba.

O quarto tem duas camas e um banheiro com água corrente fria. Há um quadro na parede entre as camas com um poema de Khaja Abdullah Ansary. Da janela, Laila tem uma vista da movimentada rua abaixo e de um parque do outro lado, com caminhos de tijolo em tom pastel recortando densas touceiras de flores. As crianças, que se acostumaram à televisão, ficam desapontadas por não haver uma no quarto. Mas logo estão dormindo. Em seguida, Tariq e Laila também adormecem. Laila dorme profundamente nos braços de Tariq e só acorda uma vez no meio da noite com um sonho que não consegue lembrar.

Na manhã seguinte, depois de um desjejum de chá com pão fresco, geleia de marmelo e ovos quentes, Tariq chama um táxi para ela.

— Tem certeza de que não quer que eu vá junto? — pergunta Tariq. Aziza está segurando a mão dele. Zalmai, não, mas está em pé ao lado, o ombro encostado no quadril de Tariq.

— Tenho.

— Eu fico preocupado.

— Não vai acontecer nada — replica Laila. — Prometo. Leve as crianças ao mercado. Compre alguma coisa para elas.

Zalmai começa a chorar quando o táxi se afasta e, quando Laila olha para trás, vê que ele procura Tariq. O fato de ele estar começando a aceitar Tariq ao mesmo tempo tranquiliza e entristece o coração de Laila.

— Você não é de Herat — diz o motorista.

O cabelo dele é escuro e caído nos ombros — um desaforo comum ao Talibã ausente, Laila descobriu — e há uma espécie de cicatriz interrompendo o bigode no lado esquerdo. Há uma foto colada no para-brisa ao seu lado. É de uma jovem com bochechas rosadas e o cabelo repartido ao meio em duas tranças iguais.

Laila diz que esteve no Paquistão durante os últimos dois anos, que está voltando a Cabul.

— Deh-Mazang.

Pelas janelas, ela vê serralheiros soldando alças de latão em jarros, fabricantes de selas estendendo tiras de couro para secar ao sol.

— Faz tempo que você mora aqui, irmão? — ela pergunta.

— Oh, a vida toda. Eu nasci aqui. Eu já vi de tudo. Lembra o levante?

Laila diz que sim, mas ele continua.

— Foi em março de 1979, uns nove meses antes da invasão dos soviéticos. Alguns heratis furiosos mataram uns assessores soviéticos, por isso os soviéticos mandaram tanques e helicópteros bombardearem este lugar. Durante três dias, *hamshira*, eles dispararam na cidade. Destruíram prédios, abateram um dos minaretes, mataram milhares de pessoas. *Milhares*. Perdi duas irmãs nesses três dias. Uma delas tinha doze anos. — Ele bate na foto no para-brisa. — Esta aqui.

— Sinto muito — diz Laila, admirada com o fato de que todas as histórias do Afeganistão são marcadas por mortes, perdas e infelicidades inimagináveis. E assim mesmo ela vê as pessoas arranjando um jeito de sobreviver, de seguir em frente. Laila pensa na própria vida e em tudo o que aconteceu a ela, e fica surpresa de ter sobrevivido também, de estar viva e sentada nesse táxi ouvindo a história desse homem.

Gul Daman é um vilarejo de poucas casas cercadas, entre *kolbas* achatadas construídas de barro e palha. Fora das *kolbas*, Laila vê mulheres queimadas de sol cozinhando, os rostos suando no vapor que sobe de grandes caldeirões enegrecidos sobre grelhas improvisadas no fogo. Mulas comem de manjedouras. Crianças que perseguem galinhas começam a correr atrás do táxi. Laila vê homens empurrando carrinhos de mão cheios de pedras. Eles param para observar o carro passando. O motorista faz uma curva, e eles passam por um cemitério com um desgastado mausoléu no centro. O motorista diz que o sufi da aldeia está enterrado ali.

Há um moinho também. Na sombra de seu cata-vento ocioso e cor de ferrugem, três garotinhos brincam agachados na lama. O motorista estaciona e põe a cabeça pela janela. O que parece mais velho dos três é quem responde. Aponta uma casa mais adiante na rua. O motorista agradece e engata a marcha no carro.

Estaciona na porta de uma casa térrea cercada. Laila vê o dossel das figueiras acima dos muros, alguns dos galhos caindo para o lado.

— Eu não vou demorar — diz ao motorista.

O homem de meia-idade que abre a porta é baixo, magro, de cabelo avermelhado. A barba é marcada por listras grisalhas paralelas. Usa um *chapan* sobre seu *pirham-tumban*.

Os dois trocam *salaam alaykums*.

— Esta é a casa do mulá Faizullah? — pergunta Laila.

— Sim. Eu sou o filho dele, Hamza. Algo em que possa ajudar, *hamshira*?

— Venho da parte de uma velha amiga do seu pai, Mariam.

Hamza pisca os olhos. Uma expressão de surpresa passa pelo seu rosto.

— Mariam...

— A filha de Jalil Khan.

Hamza pisca de novo. Em seguida põe a palma da mão na face e a expressão se ilumina com um sorriso que revela dentes faltando e estragados.

— Ah! — diz. Soa como um *Ahhhhh*, como uma expiração. — Ah! Mariam! Você é filha dela? Ela... — Vira a cabeça, olhando por cima de Laila com ansiedade, procurando. — Ela está aqui? Faz tanto tempo! Mariam está aqui?

— Ela faleceu, sinto muito.

O sorriso desaparece do rosto de Hamza.

Por um momento, os dois ficam ali, perto da porta, Hamza olhando para o chão. Um jumento zurra em algum lugar.

— Entre — diz Hamza, abrindo a porta. — Entre, por favor.

Eles se sentam no chão de uma sala esparsamente mobiliada. Um tapete herati no chão, almofadas brocadas para sentar e uma foto emoldurada de Meca na parede. Acomodam-se perto de uma janela aberta, um de cada lado de uma alongada faixa de luz do sol. Laila ouve vozes de mulheres sussurrando em outro quarto. Um garotinho descalço serve uma bandeja com chá verde e doce de pistache *gaaz*. Hamza faz um sinal para ele.

— Meu filho.

O garoto sai em silêncio.

— Então me conte — diz Hamza com a voz cansada.

Laila conta. Conta tudo. Demora mais tempo do que imaginava. Perto do fim, ela luta para manter a compostura. Não é fácil, um ano depois, falar sobre Mariam.

Quando termina, Hamza não diz nada por um longo tempo. Gira lentamente a xícara de chá no pires para um lado, depois para o outro.

— Meu pai, que descanse em paz, gostava muito dela — diz afinal. — Foi ele que cantou a *azan* para ela quando nasceu, sabe? Visitava Mariam toda semana, nunca deixava de ir. Às vezes me levava junto. Era o tutor dela, sim, mas era um amigo também. Era um homem muito caridoso, o meu pai. Quase desmoronou quando Jalil Khan a levou embora.

— Sinto muito pelo seu pai. Que Deus o perdoe.

Hamza aquiesce ao agradecimento.

— Ele viveu bastante. Viveu mais que Jalil Khan, aliás. Nós o enterramos no cemitério da aldeia, não longe de onde a mãe de Mariam foi enterrada. Meu pai era um homem muito, muito querido, certamente merece o céu.

Laila larga a xícara.

— Posso pedir uma coisa?

— É claro.

— Você pode me mostrar onde Mariam morava? — pergunta. — Pode me levar até lá?

O motorista concorda em esperar um pouco mais.

Hamza e Laila saem da aldeia e descem pela colina até a estrada que liga Gul Daman a Herat. Depois de uns quinze minutos, ele aponta para uma passagem estreita no mato alto que flanqueia a estrada dos dois lados.

— É por aqui que a gente chega lá — ele diz. — Tem um caminho ali.

O caminho é difícil, sinuoso e pouco iluminado, abaixo da vegetação e dos arbustos. O vento faz o mato alto açoitar as canelas de Laila enquanto ela e Hamza sobem a encosta, fazem as curvas. Dos dois lados desponta um caleidoscópio de flores silvestres balançando ao vento, algumas altas com pétalas recurvadas, outras baixas, de folhas largas. Aqui e ali alguns ranúnculos espiam entre os arbustos mais baixos. Laila ouve os trinados das andorinhas acima e o cantarolar frenético dos grilos abaixo.

Os dois seguem subindo a encosta uns duzentos metros ou mais. Depois o caminho se alinha, abrindo-se num terreno plano. Eles param, recuperando o fôlego. Laila enxuga a testa com a manga e afasta um enxame de mosquitos que pairam em frente ao seu rosto. Daqui ela vê as montanhas atarracadas no horizonte, alguns choupos, alguns cedros, vários arbustos silvestres dos quais não sabe o nome.

— Antes tinha um riacho aqui — diz Hamza, um pouco sem fôlego. — Mas já secou há muito tempo.

Ele diz que vai esperar ali. Fala para ela atravessar o leito seco do riacho e andar na direção das montanhas.

— Eu fico esperando aqui — anuncia, sentando numa pedra embaixo de um cedro. — Você pode continuar.

— Eu não...

— Não se preocupe. Não tenha pressa. Pode ir, *hamshireh*.

Laila agradece. Atravessa o leito seco, pisando de pedra em pedra. Avista garrafas quebradas de soda no meio das rochas, latas enferrujadas e um contêiner metálico coberto de limo com uma tampa de zinco meio enterrada no chão.

Anda em direção às montanhas, rumo a salgueiros-chorões que agora consegue enxergar, os longos galhos pendentes balançando com cada lufada de vento. No peito seu coração bate depressa. Constatava que os salgueiros estão dispostos como Mariam falou, num círculo com uma clareira no meio. Laila anda mais depressa, quase correndo agora. Olha para trás e vê que Hamza é uma figura minúscula, o *chapan* explodindo em cores contra o fundo marrom dos troncos das árvores. Tropeça numa pedra e quase cai, mas recupera o equilíbrio. Percorre depressa o resto do caminho com as pernas das calças arregaçadas. Está arquejando quando chega aos salgueiros.

A *kolba* de Mariam continua lá.

Ao se aproximar, Laila vê que o único vidro da janela está quebrado e que a porta não existe mais. Mariam tinha mencionado um galinheiro e um *tandoor*, e também uma casinha de madeira fora da casa, mas Laila não vê sinal dessas coisas. Dá uma parada na entrada da *kolba*. Ouve moscas zumbindo lá dentro.

Para entrar, ela precisa desviar de uma grande teia de aranha esvoaçante. Está escuro lá dentro. Laila precisa acostumar os olhos por um tempo antes de enxergar. Quando os olhos se ajustam, vê que o interior é ainda menor do que tinha imaginado. Só metade de uma prancha apodrecida e farpada continua no piso. O resto, imagina, foi arrancado para servir de lenha. O chão agora está atapetado de folhas secas, garrafas quebradas, embalagens de chiclete descartadas, cogumelos silvestres, velhas bitucas de cigarro amareladas. Mas principalmente por mato, alguns rasteiros, outros subindo impudentes pelas paredes.

Quinze anos, pensa Laila. Quinze anos neste lugar.

Laila senta-se com as costas apoiadas na parede. Ouve o vento passando pelos salgueiros. O teto também está cheio de teias de aranha. Alguém pintou alguma coisa com spray em uma das paredes da sala, mas a maior parte está descascada, e Laila não consegue decifrar o que diz. Então percebe que são caracteres russos. Há um ninho de passarinho abandonado num canto e um morcego pendurado de cabeça para baixo em outro, onde a parede encontra o teto baixo.

Laila fecha os olhos e fica ali por um tempo.

No Paquistão, às vezes era difícil se lembrar de detalhes do rosto de Mariam. Havia ocasiões em que, assim como uma palavra na ponta da língua, o rosto de Mariam a eludia. Mas agora, aqui neste lugar, é fácil fechar os olhos e visualizar Mariam: o brilho sutil de seu olhar, o queixo longo, a pele áspera do pescoço, o sorriso de lábios apertados. Aqui, Laila pode encostar a face na maciez do colo de Mariam outra vez, pode sentir Mariam balançando para a frente e para trás, recitando versos do Corão, consegue

sentir as palavras vibrando pelo corpo de Mariam, até os joelhos, depois para seus ouvidos.

Então, de repente, o mato começa a recuar, como se alguma coisa o puxasse pelas raízes abaixo do solo. Afundam cada vez mais até a terra da *kolba* ter engolido as últimas folhinhas. As teias de aranha se desfazem como que por magia. O ninho do passarinho desmonta, os galinhos se partindo um a um, numa revoada para fora da *kolba*. Um apagador invisível limpa a pichação em russo da parede.

As tábuas do assoalho ressurgem. Laila vê duas camas agora, uma mesa de madeira, duas cadeiras, uma estufa de ferro batido no canto, prateleiras pelas paredes, abrigando panelas e caldeirões de barro, uma chaleira enegrecida, xícaras e colheres. Ouve galinhas cacarejando lá fora, o distante gargarejo de um riacho.

Uma jovem Mariam está sentada à mesa fazendo uma boneca à luz mortíça de um lampião a óleo. Ela cantarola alguma coisa. A expressão é suave e jovial, o cabelo está lavado, penteado para trás. Tem todos os dentes.

Laila fica observando Mariam colando palhetas de algodão na cabeça da boneca. Daqui a poucos anos, essa garotinha vai ser uma mulher com poucas exigências na vida, que nunca será um peso para os outros, que nunca dirá que também tem suas tristezas, decepções, sonhos que foram ridicularizados. Uma mulher que será como uma rocha no leito de um rio, resistindo sem reclamar, com uma graça não maculada pela turbulência que passa por ela, mas sim *reforçada*. Laila já vê algo atrás dos olhos dessa garotinha, uma coisa profunda em seu cerne, que nem Rasheed nem o Talibã serão capazes de romper. Alguma coisa tão dura e resistente como um bloco de calcário. Alguma coisa que, no final, será o ocaso dela e a salvação de Laila.

A garotinha ergue os olhos. Larga a boneca. Sorri.

Laila jo?

De repente os olhos de Laila se abrem. Toma um susto e o corpo dá um salto para a frente. Espanta o morcego que voa de uma extremidade à outra da *kolba*, as asas batendo como as páginas farfalhantes de um livro, antes de sair voando pela janela.

Laila fica de pé, espana as folhas mortas de suas calças. Ela sai da *kolba*. Lá fora, a luz mudou levemente. Um vento sopra, fazendo o capim farfalhar e os galhos do salgueiro estalarem.

Antes de deixar a clareira, Laila dá uma última olhada na *kolba* onde Mariam dormira, comera, prendera o fôlego por Jalil. Nas paredes desmoronadas, os salgueiros lançam sombras tortas que mudam a cada sopro do vento. Um corvo pousou no telhado plano. Ele bica alguma coisa, guincha, sai voando.

— Adeus, Mariam.

E, com isso, sem perceber que está chorando, Laila começa a correr pela grama.

Encontra Hamza ainda sentado na pedra. Quando a avista, ele levanta.

— Vamos voltar — diz ele. — Eu tenho algo para dar a você.

* * *

Laila espera por Hamza no jardim, perto da porta da casa. O garoto que serviu o chá está atrás da figueira segurando uma galinha, observando-a impassível. Laila vê dois rostos, de uma senhora e uma jovem, as duas de *hijab*, observando-a acanhadas de uma janela.

A porta da casa se abre e Hamza sai. Está trazendo uma caixa.

Entrega para Laila.

— Jalil Khan deu isso ao meu pai um mês antes de morrer — diz Hamza.

— Pediu que meu pai guardasse até Mariam vir buscar. Meu pai guardou por dois anos. Depois, pouco antes de falecer, ele me deu, pedindo para guardar para Mariam. Mas ela... como você sabe, nunca voltou.

Laila olha para a caixa de metal ovalada. Parece uma antiga caixa de chocolate. Cor de oliva, com inscrições douradas esmaecidas em volta da tampa. Está um pouco enferrujada dos lados e tem duas reentrâncias na frente da tampa. Laila tenta abrir a caixa, mas a fechadura está trancada.

— O que tem dentro? — pergunta.

Hamza põe uma chave em sua mão.

— Meu pai nunca a abriu. Nem eu. Imagino que fosse a vontade de Deus que você a abrisse.

De volta ao hotel, Tariq e as crianças ainda não retornaram.

Laila senta na cama, a caixa no colo. Parte dela quer deixar a caixa fechada, deixar que a intenção de Jalil permaneça em segredo, fosse qual fosse. Mas, no fim, a curiosidade é mais forte. Introduz a chave. É preciso jeito, mas ela abre a caixa.

Dentro, encontra três coisas: um envelope, um saco de estopa e uma fita de videocassete.

Laila pega a fita de vídeo e vai até a recepção. Fica sabendo com o recepcionista mais velho que os atendeu no dia anterior que o hotel só tem um aparelho de videocassete, na maior suíte. A suíte está vaga no momento, e ele concorda em levá-la até lá. Deixa um jovem de terno e bigode, que está falando num telefone celular, em seu lugar na recepção.

O velho recepcionista conduz Laila até o segundo andar, a uma porta no final de um longo corredor. Abre a fechadura, deixa Laila entrar. Os olhos dela veem a tv no canto. Não registram nada mais na suíte.

Ela liga a tv, liga o videocassete. Introduz a fita e aperta o botão PLAY. A tela fica escura por uns instantes, e Laila começa a pensar por que Jalil Khan se deu ao trabalho de enviar uma fita em branco para Mariam. Mas depois ouve uma música, e imagens começam a surgir na tela.

Laila contrai o cenho. Continua assistindo por um ou dois minutos.

Depois aperta o botão STOP, adianta a fita para a frente, e aperta PLAY outra vez. É o mesmo filme.

O velho a observa com uma expressão zombeteira.

O filme passando na tela é *Pinóquio* de Walt Disney. Laila não compreende.

Tariq e as crianças voltam ao hotel pouco depois das seis horas. Aziza corre para Laila e mostra os brincos que Tariq comprou para ela, de prata com uma borboleta gravada em cada um. Zalmai está agarrado a um golfinho inflável que guincha quando o nariz é apertado.

— Como você está? — pergunta Tariq, passando o braço em torno dos seus ombros.

— Tudo bem — responde Laila. — Depois eu te conto.

Eles vão até uma casa de *kebab* próxima para comer. É um lugar pequeno, com toalhas de mesa de vinil engordurado, barulhento e esfumaçado. Mas o carneiro é macio e succulento e o pão, quente. Depois, ficam andando pelas ruas por um tempo. Tariq compra sorvete de água-de-rosas para as crianças num quiosque de rua. Eles comem sentados num banco, a silhueta das montanhas atrás contra o fundo vermelho-escarlate do crepúsculo. O ar está quente, cheio de fragrâncias de cedro.

Laila tinha aberto o envelope mais cedo, quando voltou ao quarto depois de assistir à fita de vídeo. Era uma carta, escrita à mão em tinta azul numa folha de papel amarelo pautado.

Dizia:

13 de maio de 1987

Minha querida Mariam,

Rezo para que esta carta a encontre em boa saúde.

Como já sabe, fui a Cabul um mês atrás para falar com você. Mas você não me recebeu. Fiquei desapontado, mas não posso culpá-la. No seu lugar, eu teria feito o mesmo. Perdi o privilégio de suas boas graças muito tempo atrás e só tenho a mim para culpar. Mas se estiver lendo esta carta, deve ter lido a carta que deixei na sua porta. Você leu e veio ver o mulá Faizullah, como pedi para fazer. Sinto-me grato por ter vindo, Mariam jo. Grato por esta oportunidade de dizer algumas palavras a você.

Por onde começar?

Seu pai conheceu muitas tristezas desde que nos falamos pela última vez. Sua madrasta Afsoon foi morta no primeiro dia da insurreição de 1979. Uma bala perdida matou sua irmã Niloufar no mesmo dia. Ainda posso vê-la, minha pequena Niloufar, plantando bananeira para impressionar os convidados. Seu irmão Farhad entrou para a jihad em 1980. Os soviéticos o mataram em 1982, perto de Helmand. Não consegui ver o corpo. Não sei se você tem filhos, Mariam jo, mas se tiver, rezo para que Deus cuide deles e a poupe da dor que tenho

sentido. Ainda sonho com eles. Ainda sonho com meus filhos mortos.

Também tenho sonhos com você, Mariam jo. Sinto saudade, sinto falta do som da sua voz, da sua risada. Sinto falta de ler para você, e de todas as vezes que pescamos juntos. Lembra de todas as vezes que pescamos juntos? Você era uma boa filha, Mariam jo, e não consigo pensar em você sem sentir vergonha e arrependimento. Arrependimento... Em relação a você, Mariam jo, eu tenho oceanos disso. Arrependimento de não ter recebido você quando veio até Herat. De não ter aberto a porta e deixado você entrar. Arrependimento de não ter assumido você como filha, de deixar você morando naquele lugar todos aqueles anos. E por quê? Medo de perder a pose? De manchar o meu suposto bom nome? Como essas coisinhas perderam a importância depois de tudo o que perdi, de todas as coisas terríveis que vi nessa amaldiçoada guerra. Mas agora, claro, é tarde demais. Talvez seja o castigo para os que não têm coração, só entender quando nada mais pode ser desfeito. Agora só posso dizer que você foi uma boa filha, Mariam jo, e que eu nunca te mereci. Agora só posso pedir o seu perdão. Então me perdoe, Mariam jo. Me perdoe. Me perdoe. Me perdoe.

Não sou mais o homem rico que você conheceu. Os comunistas confiscaram grande parte das minhas terras e todo o meu comércio também. Mas é mesquinharia se queixar, pois Deus — por razões que não compreendo — ainda me abençoou com muito mais do que a maioria. Desde que voltei de Cabul, consegui vender o que restava das minhas terras. No envelope está sua parte da herança. Você vai ver que não é uma fortuna, mas é alguma coisa. É alguma coisa. (Vai notar também que tomei a liberdade de trocar o dinheiro em dólares. Acho melhor assim. Deus sabe qual o destino de nossa sitiada moeda.)

Espero que não pense que estou tentando comprar o seu perdão. Espero que acredite que sei que seu perdão não está à venda. Nunca esteve. Estou apenas dando, ainda que atrasado, o que foi seu de direito o tempo todo. Não fui um pai diligente em vida. Talvez na morte eu consiga ser.

Ah, morte. Não vou sobrecarregar você com detalhes, mas a morte está à vista para mim agora. Coração fraco, diz o médico. É uma maneira apropriada de morrer, acho, para um homem fraco.

Mariam jo, ousou, ousou me permitir a esperança de que, depois de ler isto, você seja mais caridosa comigo do que jamais fui para você. Que consiga encontrar no seu coração a vontade de ver seu pai. Que bata na minha porta mais uma vez e me dê a chance de abri-la, de receber e abraçar você, minha filha, como devia ter feito todos esses anos atrás. É uma esperança tão fraca quanto meu coração. Isso eu sei. Mas vou ficar esperando. Esperando ouvir você bater na porta. Vou ter esperança.

Que Deus dê a você uma vida longa e próspera, minha filha. Que Deus lhe dê muitos filhos bonitos e saudáveis. Que consiga encontrar a felicidade, a paz e a aceitação que não dei a você. Fique bem. Deixo você nas mãos do amor de Deus.

Seu pai, que não a merece,

Jalil

Naquela noite, ao voltarem para o hotel, depois de as crianças brincarem e irem dormir, Laila contou a Tariq sobre a carta. Mostrou o dinheiro no saco de estopa. Quando ela começou a chorar, ele beijou seu rosto e ficou abraçado com ela.

CINQUENTA E UM

Abril de 2003

A SECA TERMINOU. Nevou nesse último inverno, até os joelhos, e agora está chovendo há dias. O rio Cabul flui outra vez. As inundações da primavera escoaram Titanic City.

Agora há lama nas ruas. Sapatos guincham. Carros encalham. Jumentos carregados de maçã se arrastam pesadamente, os cascos espirrando lama das poças de chuva. Mas ninguém está se queixando da lama, ninguém chora por Titanic City. *Precisamos que Cabul fique verde outra vez*, dizem as pessoas.

Ontem, Laila viu seus filhos brincarem na chuvarada, pulando de uma poça à outra no quintal debaixo de um céu cor de chumbo. Ficou olhando da janela da cozinha da casinha de dois quartos que alugaram em Deh-Mazang. Há uma romãzeira no quintal e uma densa touceira de rosas amarelas. Tariq consertou as paredes e construiu para as crianças um escorregador, um balanço e uma área cercada para a nova cabra de Zalmai. Laila observa a chuva escorrendo pelo couro cabeludo de Zalmai — ele pediu para raspar a cabeça, como Tariq, que agora é o encarregado das orações do *Babalu*. A chuva achatou os cabelos compridos de Aziza, transformando-os em cachos ensopados que espirram água em Zalmai quando ela mexe a cabeça.

Zalmai está com quase seis anos. Aziza com dez. Comemoraram o aniversário dela na semana anterior, levando-a ao Cinema Park, onde, finalmente, *Titanic* estava sendo exibido para a população de Cabul.

* * *

— Vamos, crianças, nós vamos chegar atrasados — chama Laila, arrumando os lanches numa sacola de papel.

São oito horas da manhã. Laila acordou às cinco. Como sempre, foi Aziza quem a despertou para a *namaz* da manhã. As orações, Laila sabe, são uma forma de Aziza se manter ligada a Mariam, sua maneira de manter Mariam próxima mais um pouco, antes que o tempo siga o seu curso, antes de arrancar Mariam do jardim de sua memória como uma erva puxada pela raiz.

Depois da *namaz*, Laila voltou para a cama, e ainda dormia quando Tariq saiu de casa. Lembra-se vagamente dele beijando-a no rosto. Tariq arrumou um emprego com uma ONG francesa que fornece membros protéticos para

sobreviventes e amputados por minas terrestres.

Zalmai entra na cozinha correndo atrás de Aziza.

— Vocês dois estão com os cadernos? Os lápis? Livros?

— Tudo aqui — responde Aziza, erguendo a mochila. Mais uma vez, Laila nota que a gagueira dela está diminuindo.

— Então vamos.

Laila sai com as crianças da casa, tranca a porta e eles saem na manhã amena. Hoje não está chovendo. O céu está azul, e Laila não vê aglomerados de nuvens no horizonte. De mãos dadas, os três caminham até o ponto de ônibus. As ruas já estão movimentadas, fervilhando com o fluxo constante de riquixás, táxis, caminhões da ONU, ônibus, jipes da ISAF. Comerciantes com cara de sono estão destrancando portas de lojas que foram fechadas durante a noite. Vendedores se acomodam atrás de torres de pacotes de cigarros e goma de mascar. As viúvas já ocuparam seus pontos nas esquinas, pedindo moedas para os passantes.

Laila acha estranho estar de volta a Cabul. A cidade mudou. Agora todos os dias ela vê gente plantando mudas, pintando antigas casas, carregando tijolos para construir novas. Escavam bueiros e poços. Nas janelas, Laila vê vasos de flores feitos com cápsulas vazias dos velhos foguetes dos mujahidin — flores de foguetes, como os habitantes de Cabul as chamam. Recentemente, Tariq levou Laila e as crianças aos Jardins de Babur, que estão sendo reformados. Pela primeira vez em anos, Laila ouve música nas esquinas de Cabul, *rubab* e *tabla*, *dootar*, harmônio e *tamboura*, antigas canções de Ahmad Zahir.

Laila gostaria que mami e babi estivessem vivos para ver essas mudanças. Mas, assim como a carta de Jalil, a penitência de Cabul chegou tarde demais.

Laila e as crianças estão prestes a atravessar a rua até o ponto de ônibus quando, de repente, um Land Cruiser preto com vidros escurecidos passa na frente. Desvia no último instante e por pouco não atropela Laila. Espirra água de chuva cor de chá na camisa das crianças.

Laila puxa os filhos para a calçada, o coração batendo na garganta.

O Land Cruiser acelera pela rua, buzina duas vezes e faz uma curva acentuada à esquerda.

Laila fica parada no lugar, tentando recuperar o fôlego, os dedos agarrados aos pulsos dos filhos.

Laila se sente mortificada. Mortificada por terem permitido que os chefes de guerra voltassem a Cabul. Que os assassinos de seus pais morem em casas de luxo com jardins murados, que tenham sido nomeados ministros disso e secretários daquilo, que andem impunemente em seus utilitários à prova de balas pelos bairros que destruíram. Mortificada.

Mas Laila decidiu não se deixar abater pelo ressentimento. Mariam não aprovaria. *Qual o sentimento?*, ela perguntaria com um sorriso ao mesmo tempo sábio e inocente. *Que bem isso vai fazer, Laila jo?* E assim Laila se resignou a

seguir em frente. Para seu próprio bem, pelo bem de Tariq, pelos filhos. E por Mariam, que ainda visita Laila em seus sonhos, que nunca está a mais de um ou dois suspiros de sua consciência. Laila seguiu em frente. Porque afinal ela sabe que é só o que pode fazer. Isso e ter esperança.

Zaman está pronto para o arremesso, quicando uma bola de basquete. Passa instruções a um grupo de garotos com camisas iguais formando um semicírculo na quadra. Zaman avista Laila, põe a bola embaixo do braço e acena. Diz alguma coisa aos garotos, que também acenam e gritam:

— *Salaam, moalim sahib!*

Laila responde ao aceno.

O playground do orfanato agora tem uma fileira de brotos de macieiras ao longo do muro de face leste. Laila está pensando em plantar mais uma na face sul, assim que acabar de ser reconstruída. Há um novo balanço, novas barras e um novo trepa-trepa.

Laila entra na sede por uma porta de tela.

Tanto o exterior como o interior do orfanato foram pintados. Tariq e Zaman consertaram todas as goteiras do telhado, rebocaram as paredes, substituíram as janelas, atapetaram os quartos onde as crianças dormem e brincam. No inverno passado, Laila comprou algumas camas para os dormitórios das crianças, e travesseiros também, e cobertores de lã apropriados. Instalou estufas de ferro batido para o inverno.

O *Anis*, um dos jornais de Cabul, publicou uma matéria no mês anterior sobre a reforma do orfanato. Tiraram fotos também, de Zaman, Tariq, Laila e um dos ajudantes, em pé numa fila atrás das crianças. Quando Laila viu o artigo, pensou nas amigas de infância, Giti e Hasina, e Hasina dizendo: *Quando eu e Giti tivermos vinte anos, nós já estaremos com uns quatro ou cinco filhos. Mas você, Laila, vai nos deixar muito mais orgulhosas. Você vai ser alguém. Sei que um dia vou pegar um jornal e ver sua fotografia na primeira página.* A foto não saiu na primeira página, mas lá estava ela, como Hasina havia previsto.

Laila dá meia-volta e passa pelo mesmo corredor onde, dois anos antes, ela e Mariam entregaram Aziza a Zaman. Laila ainda se lembra de como teve de tirar os dedos de Aziza de seu braço. Lembra de ter saído por esse corredor, contendo um uivo, Mariam a chamando, Aziza gritando em pânico. Agora as paredes do corredor estão cobertas de pôsteres de dinossauros, de personagens de quadrinhos, dos Budas de Bamiyan e com uma exposição de desenhos dos órfãos. Muitos desenhos retratam tanques esmagando casebres, homens brandindo AK-47, tendas de campos de refugiados, cenas da jihad.

Laila vira uma curva no corredor e vê as crianças, esperando na porta da sala de aula. Aprecia seus lenços, as cabeças raspadas cobertas de casquetes, as figuras miúdas e magras, a beleza de seu desmazelo.

Quando avistam Laila, as crianças vêm correndo. Correndo a toda. Laila

é enameada. São saudações aos gritos, vozes agudas, tapinhas, agarrões, puxões, apalpões e empurrões umas na outras para subir nos braços dela. Mãozinhas esticadas com apelos por atenção. Algumas a chamam de mãe. Laila não as corrige.

Esta manhã Laila tem certo trabalho para acalmar as crianças, levá-las a formar uma fila, encaminhar todas para a sala de aula.

Foram Tariq e Zaman que construíram a sala de aula, derrubando uma parede entre dois quartos adjacentes. O piso ainda está bem rachado e faltam lajotas. Por enquanto, está coberto por uma lona, mas Tariq já prometeu colocar algumas novas lajotas e acarpetar a sala em breve.

Um cartaz retangular está pregado acima da porta da sala de aula, que Zaman pintou de branco brilhante. Na superfície, com um pincel, Zaman escreveu quatro versos de poesia, sua resposta, Laila sabe, aos que resmungam que o dinheiro de ajuda ao Afeganistão não está chegando, que a reconstrução está demorando demais, que existe corrupção, que o Talibã já está se reorganizando e vai voltar para se vingar, que o mundo vai se esquecer de novo do Afeganistão. Os versos são de um dos seus *ghazals* favoritos de Hafez:

*José voltará a Canaã, não lamentem,
Cabanas se transformarão em canteiros de rosa, não chorem.
Se houver uma enchente, afogando tudo o que vive,
Noé é nosso guia no olho do furacão, não chorem.*

Laila passa sob o cartaz e entra na sala. As crianças estão ocupando seus lugares, ajeitando cadernos e lápis, conversando. Aziza conversa com uma garota na fila ao lado. Um aviãozinho de papel flutua através da sala num arco elevado. Alguém o joga de volta.

— Abram o livro de persa, crianças — diz Laila, depositando seu livro na mesa.

Sob um coro de páginas se abrindo, Laila vai até a janela sem cortinas. Através do vidro, vê os garotos no playground fazendo fila para praticar seus lances livres. Acima deles, sobre as montanhas, o sol da manhã está subindo. Reflete no aro metálico da cesta de basquete, nos elos de metal dos tirantes do balanço, no apito pendurado no pescoço de Zaman, em seus novos óculos. Laila apoia a palma das mãos no vidro morno. Fecha os olhos. Deixa a luz do sol tocar suas faces, as pálpebras, a testa.

Quando eles voltaram a Cabul, Laila ficou aflita de não saber onde o Talibã tinha enterrado Mariam. Gostaria de poder visitar o túmulo de Mariam, ficar um pouco ao seu lado, deixar uma ou duas flores. Mas agora Laila percebe que não tem importância. Mariam nunca está muito longe. Está aqui, nessas paredes que eles pintaram, nas árvores que plantaram, nos cobertores que mantêm as crianças agasalhadas, nos travesseiros, nos livros e nos lápis. Está no riso das crianças. Está nos versos que Aziza recita e nas orações que murmura quando se debruça para o oeste. Mas, principalmente,

Mariam está no coração de Laila, onde reluz com a radiação explosiva de mil sóis.

Alguém está chamando o seu nome, Laila percebe. Ela se vira, inclinando instintivamente a cabeça, expondo um pouco mais o ouvido bom. É Aziza.

— Mami? Tudo bem com você?

A sala está em silêncio. As crianças olham para ela.

Laila está prestes a responder quando de repente perde a respiração. Estende os braços. As mãos tocam no ponto onde, um momento antes, ela sentiu uma onda passar por seu ventre. Espera um pouco. Mas não há mais nenhum movimento.

— Mami?

— Sim, meu amor. — Laila sorri. — Está tudo bem. Sim. Muito bem.

Ao andar até a mesa na frente da classe, Laila pensa no jogo de nomes que jogaram durante o jantar na noite anterior. Tornou-se agora um ritual noturno, desde que Laila comunicou a notícia a Tariq e às crianças. Eles vão e voltam, cada um defendendo sua escolha. Tariq gosta de Mohammad. Zalmai, que há pouco tempo assistiu a *Superman* no vídeo, fica intrigado por que um rapaz afegão não pode se chamar Clark. Aziza faz uma intensa campanha por Aman. Laila gosta de Omar.

Mas o jogo só envolve nomes de homem. Pois, se for menina, Laila já tem um nome para ela.

POSFÁCIO

HÁ QUASE TRÊS DÉCADAS, a crise dos refugiados afegãos tem se mostrado uma das mais graves do mundo. Guerra, fome, anarquia e opressão forçaram milhões de pessoas a abandonar suas casas e fugir do Afeganistão para se estabelecer nos países vizinhos Paquistão e Irã. Sob o peso desse êxodo, cerca de oito milhões de afegãos vivem atualmente no exterior como refugiados. De acordo com o Relatório de Tendências Globais Sobre Refugiados da ONU referente ao ano de 2011, o Afeganistão continua a ser a maior fonte mundial de refugiados, com dois milhões e setecentos mil cidadãos que deixaram seu território naquele ano.

Desde 2002, quase cinco milhões de refugiados voltaram para casa com o apoio da Agência da ONU para Refugiados, ACNUR. Em 2007 e 2009, visitei alguns deles no Afeganistão. Conheci famílias que viviam com menos de um dólar por dia. Elas passavam todo o inverno confinadas em buracos subterrâneos. Visitei vilarejos onde era comum que as famílias perdessem de dez a quinze crianças graças às intempéries todos os invernos e verões. As pessoas que conheci bebiam água de rios barrentos e morriam por doenças de fácil prevenção. Elas tinham dificuldade para conseguir abrigo e nenhum acesso a hospitais, escolas, alimento ou empregos. Fiquei devastado.

A Fundação Khaled Hosseini foi criada como resultado dessa jornada que mudou a minha vida. Com a fundação, esperamos fazer uma diferença significativa e duradoura. Desde 2009, a fundação tem colaborado com a ACNUR e custeou a construção de abrigos para os refugiados sem-teto. Também firmamos parcerias com escolas norte-americanas por meio do Programa Estudantil de Apoio a Abrigos, que encoraja a filantropia entre os adolescentes e os convoca a levantar verbas para a construção de albergues para os refugiados que retornam ao Afeganistão. Os fundos da Fundação Khaled Hosseini são destinados prioritariamente a esses projetos que beneficiam refugiados, em especial mulheres e crianças, dois grupos que sofreram mais do que nenhum outro em um Afeganistão sitiado e que são a espinha dorsal do futuro do país.

As necessidades de reconstrução do Afeganistão são imensas, e conter a horda de seres humanos que sofrem em seu território é uma tarefa de proporções hercúleas. Para saber mais sobre a Fundação Khaled Hosseini, por favor, visite www.khaledhosseinifoundation.org.

Obrigado.

AGRADECIMENTOS

ALGUNS ESCLARECIMENTOS ANTES DOS AGRADECIMENTOS. A aldeia de Gul Daman é um lugar fictício — até onde eu sei. Os que conhecem a cidade de Herat terão notado que tomei algumas pequenas liberdades ao descrever a geografia ao redor. Por último, o título deste romance vem de um poema escrito por Saeb-e-Tabrizi, um poeta do século xvii. Os que conhecem o poema no original em persa sem dúvida perceberão que a tradução do verso contendo o título não é literal. Mas é uma tradução no geral aceita pela dra. Josephine Davis, e eu a considero adorável. Sou grato a ela.

Gostaria de agradecer Qayoum Sarwar, Hekmat Sadat, Elyse Hathaway, Rosemary Stasek, Lawrence Quill e Haleema Jazmin Quill pela assistência e apoio.

Especiais agradecimentos ao meu pai, *baba*, por ler este manuscrito, por suas opiniões e, como sempre, por seu amor e apoio. E a minha mãe, cujo espírito gentil e altruísta permeia esta história. Você é a minha razão, mãe *jō*. Meus agradecimentos aos parentes mais próximos pela generosidade e extrema gentileza. Ao restante da minha maravilhosa família, continuo em débito e grato a todos e a cada um de vocês.

Desejo agradecer minha agente, Elaine Koster, por sempre, sempre acreditar, e Jody Hotchkiss (Adiante!), David Grossman, Helen Heller e ao incansável Chandler Crawford. Sou grato ainda a todo o pessoal da Riverhead Books. Em particular, quero agradecer a Susan Petersen e Kennedy Geoffrey Kloske por sua fé nesta história. Minha gratidão mais sincera também vai para Marilyn Ducksworth, Mih-Ho Cha, Catharine Lynch, Craig D. Burke, Leslie Schwartz, Honi Werner e Wendy Pearl. Agradecimentos especiais para meu editor de texto de olhos atentos, Tony Davis, que não perde nada e, por último, à minha talentosa editora, Sarah McGrath, pela paciência, visão e orientação.

Finalmente, agradeço a você, Roya. Por ler esta história vezes e mais vezes, por lidar com minhas pequenas crises de confiança (o mais importante), por nunca duvidar. Este livro não existiria sem você. Eu te amo.

**Confira nossos lançamentos,
dicas de leituras e
novidades nas nossas redes:**



@globolivros



<https://www.facebook.com/globolivros>



@GloboLivros

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Título original: *A thousand splendid suns*

Editora responsável: Amanda Orlando

Editora assistente: Elisa Martins

Preparação de texto: Erika Nogueira

Revisão: Huendel Viana e Ana Maria Barbosa

Diagramação: Eduardo Amaral

Capa: Renata Zucchini

Imagens de capa: Martin Harvey/Alamy/Latinstock e AHDDesignConcepts/Thinkstock

Editora de livros digitais: Ludmila Gomes

Produção do e-book: Ranna Studio

1ª edição, 2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H21c

Hosseini, Khaled, 1965-

A cidade do sol / Khaled Hosseini ; tradução Claudio Carina. 1. ed. - São Paulo : Globo, 2017.

Tradução de: *A thousand splendid suns*

ISBN impresso: 978-85-250-6030-3

ISBN digital: 978-65-598-7102-5

1. Família - Ficção. 2. Afeganistão - Ficção. 3. Romance afegão. I. Título.

17-39012

CDD 891.593

CDU: 821.411.21(581)-3

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S. A.
Rua Marquês de Pombal, 25 — 20230-240 — Rio de Janeiro, RJ

www.globolivros.com.br